

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SILMARA A. CONCHÃO

MASCULINO E FEMININO: A PRIMEIRA VEZ
A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SILMARA A. CONCHÃO

MASCULINO E FEMININO: A PRIMEIRA VEZ

A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Eva Alterman Blay.

Eva Alterman Blay

São Paulo

2008

SILMARA A. CONCHÃO

MASCULINO E FEMININO: A PRIMEIRA VEZ

A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores (as):

Profa. Dra. Eva Alterman Blay
DS-FFLCH/USP
Orientadora

Prof. Dr. Júlio Assis Simões
DA-FFLCH/USP

Profa. Dra. Vera Facciolla Paiva
DPST-Instituto Psicologia/USP

São Paulo, 14 de outubro de 2008.

Ao Lucas, meu filho, pelo exemplo de coragem, de fé e de paixão pela vida. Obrigada por estar aqui hoje!

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meu apreço e admiração à Profa. Dra. Eva Alterman Blay, minha orientadora e amiga, por sua solidariedade no momento mais difícil da minha vida, e principalmente, por me orientar com dedicação, competência e firmeza.

À minha amiga Marilda, quem me pegou na mão certo dia e me disse: “*vamos para a USP, é importante que as mulheres estudem muito... sempre*”! E junto com ela aceitei o desafio de transformar o sonho em realidade.

À escola Dr. Américo Brasiliense: à Diretora, quem me autorizou a desenvolver os grupos focais. À Digníssima Professora Júlia, uma profissional especial que faz a diferença na vida dos (as) alunos (as) e contribuiu muito na pesquisa de campo. Mas principalmente aos (às) 27 adolescentes participantes, pela disposição, confiança, seriedade e respeito com o tema. Aprendi muito com vocês!

À Prefeitura de Santo André, em especial ao Prefeito João Avamileno, pela grande oportunidade durante estes anos de conciliar o mestrado e meu trabalho nesta gestão.

Ao Celso Daniel (in memoriam) nosso eterno mestre em administração pública. Foi prefeito por três vezes em Santo André e implementou a política de gênero na sua gestão em 1989.

À Ivete Garcia, atual vice-prefeita de Santo André, que em 1992 me levou para o movimento de mulheres e em 2001 me convidou para coordenar a Assessoria dos Direitos da Mulher. Através dela descobri que a luta das mulheres é digna, apaixonante e necessária.

Ao CEP de Santo André, que é o Comitê de Ética em Pesquisa da cidade, pela atenção e apoio.

À Dra. Vânia, Dr. Homero, Dra. Noêmia, Malu, Dra. Adelaide, Eduardo, Márcia, Rodrigo, Dinorá, Fátima e tantos outros (as) da Secretaria de Saúde pela confiança e apoio neste período. Em especial à Dra. Ieda, Maria Inês e Dr. Nivaldo.

À minha equipe do Programa de Saúde da Juventude e da Rede de Saúde para Atenção à Violência e Abuso Sexual: Karla, Vânia, João Batista (o Dentinho), Valéria, Ana Paula, Natália, Fábio e Daniel, por cuidar de tudo na minha ausência, o que me proporcionou tranquilidade e possibilidades de concentração.

Ao Departamento de Indicadores Sócio–Econômicos (DISE), da prefeitura, ao Sérgio Vital e Amélia Okabayashi, pelos dados que caracteriza a adolescência em Santo André.

Ao Milton e Daniel, da Secretaria de Educação e Formação Profissional, pelos dados do ProJovem.

À Márcia e Ana, da Secretaria de Inclusão Social, pelos dados do ProJovem Adolescente.

Ao “mestre com carinho”, André, meu professor de inglês, pela atenção, solidariedade e apoio de sempre.

À Arlene minha amiga da USP, que conheci no curso de Promotoras Legais Populares em Ribeirão Pires, obrigada pelos textos, livros, dicas e pela força de sempre.

Ao NEMGE – Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, pela dedicação em apoiar pesquisas na perspectiva de gênero, e às minhas amigas orientandas da Profa. Eva, pelas orientações nos seminários de projetos.

Às minhas amigas do Fé Minina e do Proleg - Movimento de Mulheres de Santo André.

À Branca, pela paixão contagiante em acreditar num mundo melhor e sem violência.

À Rose, ao Júlio, ao Gui, a Bárbara, ao Lucas, a Livia e ao Ricardo, pelos momentos de descontração, festinhas, comilança e preguiça.

Ao Jesus Carlos meu amigo, quem me deu valiosas dicas em momentos de quase desespero.

À Ana Spiassi, por me passar várias bibliografias. E à Ana Chong, pelos dados da Aids em Santo André.

Aos Profs. Marcos Alvarez, Ricardo Musse, Sérgio Micelli, profa. Nadya Guimarães, Flávio Pierucci, do Departamento de Sociologia da USP.

À banca de qualificação que me orientou para a reta final. Obrigada Profas. Eva Blay, Simone Grilo Diniz e Maria Helena Oliva Augusto.

Às mulheres da ONG Católicas pelo Direito de Decidir, pela garra e coragem contagiante.

Ao CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente) de Santo André pelo apoio, trocas e confiança.

A todo o Departamento de Pós Graduação da Sociologia – USP pela atenção de sempre.

À Diva e à Fran, pelo capricho, atenção e solidariedade nos últimos retoques da dissertação.

À Juliane M. Manzini, pesquisadora de São José dos Campos, pela tamanha força que me deu. Esteve em Santo André para desenvolver outra pesquisa, nos encontramos e a partir desse único contato, me fez acreditar mais em minha pesquisa.

À Karla Xavier pela disposição, amizade, compromisso e apoio no trabalho de campo.

Ao Carlos Rizzo e a Val pelo apoio na reta final da dissertação.

À minha mãe Marina, minha melhor amiga e confidente, pela compreensão e cumplicidade de sempre. A doce Mariana, minha linda sobrinha, e à minha irmã Silvana.

Ao meu pai Angelin (in memoriam), o qual tenho muitas lembranças e saudades. Ensinou-me a amar a natureza. Foi bom rememorar nossa passagem em minha adolescência. Se estivesse entre nós, estaria vaidoso por este momento. Onde estiver você é parte importante dessa história.

Por fim, ao Alberto, super pai do Lucas, meu companheiro, pelo apoio de sempre e pela força que me fez acreditar desde o começo que era possível chegar até aqui.

Lista de figuras e tabelas

Figura 1. Mapa do município de Santo André - Região do Grande ABC.....	33
Figura 2. Mapa que caracteriza as regiões da cidade de Santo André, SP, 2007.....	34
Tabela 1 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por idade.....	35
Tabela 2 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por sexo.....	36
Tabela 3 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por cor ou raça.....	36
Tabela 4 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por religião.....	37
Tabela 5 - Distribuição da população de 15 a 19 anos segundo a relação com o responsável pelo domicílio.....	37
Tabela 6 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por faixa de tempo de moradia no município.....	38
Tabela 7 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e se sabe ler e escrever.....	38
Tabela 8 - Distribuição da população de 15 a 19 anos segundo frequência à escola	39
Tabela 9 - Distribuição da população de 15 a 19 anos segundo faixa de anos de estudo....	39
Tabela 10 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e que vive com cônjuge ou companheiro.....	40
Tabela 11 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e por estado civil.....	40
Tabela 12 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e por trabalho remunerado.....	40
Tabela 13 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por total de rendimentos (em salários mínimos).....	41
Tabela 14 - Distribuição da população feminina de 15 a 19 anos e por filhos tidos.....	41
Tabela 15 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e por tipo domicílio.....	42
Tabela 16 - Distribuição da população de 15 a 19 e por condição de ocupação do domicílio.....	42
Tabela 17 - Distribuição da população de 15 a 19 e por faixas de rendimento mensal domiciliar (em salários mínimos).....	43
Tabela 18 - Distribuição da população de 15 a 19 e por renda per capita.....	44

Lista de Abreviaturas

ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CE – Contracepção de Emergência

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONJUVE – Conselho Nacional da Juventude

DISE – Departamento de Indicadores Sócio-Econômico

ECA – Estatuto da Criança e Adolescente

ECOS – Comunicação em Sexualidade

F – Feminino

FFLCHUSP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

FSPUSP – Faculdade de Saúde Pública da USP

GLBT – Gays, lésbicas, bissexuais e travestis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDJ – Índice de Desenvolvimento Juvenil

M – Masculino

MS – Ministério da Saúde

OIJ – Organização Ibero-Americana de Juventude

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Panamericana de Saúde

PEA – População Economicamente Ativa

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PROSAD - Programa de Saúde do Adolescente

PSA – Prefeitura de Santo André

RENAJU – Rede Nacional de Juventude

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SM – Salário Mínimo

SPM – Secretaria de Políticas para as Mulheres

SS – Secretaria de Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

UNAIDS – Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e Aids

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

Resumo

Esta pesquisa identificou como as relações de gênero modulam a sexualidade dos (as) adolescentes atualmente, e o que eles (as) contam sobre suas vivências no contexto social no qual estão inseridos. São adolescentes de 18 e 19 anos, que freqüentam o ensino médio noturno de uma escola pública localizada no centro da cidade de Santo André (SP – Brasil).

Busquei articular as questões de gênero e sexualidade para obter uma melhor compreensão do contexto a partir dos quais os (as) adolescentes elaboram sua visão de mundo. Compreender melhor em que circunstâncias tomaram certas atitudes e, longe de verificar sob um ponto de vista especulativo, a idéia foi observar na interação entre fatos e explicações, os valores e as formas de se relacionarem sexualmente.

Como estratégia desenvolvi a escuta a partir da narrativa sobre minha experiência no processo de iniciação sexual na fase adolescente, em meados da década de 1980, o que serviu como ponto de partida para a mediação do diálogo nos grupos focais.

Portanto, a fala dos (as) adolescentes nessa pesquisa qualitativa, constituiu o objeto central de interesse. Foi possível verificar que falar de sexualidade está se tornando menos constrangedor, mas faltam diálogos mais abertos, sem hipocrisia, e que questionem as imposições das igrejas.

A sociedade de modo geral, não reconhece que a sexualidade é parte do desenvolvimento e das relações entre os (as) adolescentes. Os conceitos de amor, sentimentos, emoções, intimidade e desejo não se incluem nas intervenções dos serviços de saúde e educação.

A realidade se revelou e nela verificam-se novos desafios, bem como velhos padrões sócio-culturais. Adolescentes não são reconhecidos socialmente como pessoas sexuadas, livres e autônomas, o que os submetem às situações de constrangimento e vulnerabilidade.

É preciso superar a moralidade que impede toda a rede social de adotar uma ampla e aberta discussão sobre assuntos que envolvem a sexualidade. Só assim é possível garantir os direitos sexuais e reprodutivos na adolescência, que implica a decisão livre e com responsabilidade, sobre a reprodução, o acesso à informação adequada e o direito de exercer sem discriminação ou coerção a sexualidade.

Palavras Chaves: adolescência, gênero, sexualidade, direitos e poder.

Abstract

This research identified the way gender relations set the adolescents sexuality nowadays and what they (male or female) tell about their lifetime in the social context they are. They are adolescents between 18 and 19 years old who attend high school at a public school placed in Santo André downtown (Brazil).

I tried to articulate gender subjects and sexuality to obtain a better comprehension of the context from where the adolescents established their world vision.

To comprehend better in which circumstances certain attitudes were taken and far from verifying under a speculative point of view, the idea was to observe the interaction between facts and explanations, the values and the ways of their sexual relationship.

As a strategy I developed a hearing from a narrative under my experience in the sexual initiation process in the youth, in the middle 1980 decade, which was useful as a beginning to mediation of the dialog in the focus groups.

Therefore, the speech of the adolescents (males and females) in this qualitative research, constituted the central object of interest. It was possible to verify that speaking of sexuality is becoming less embarrassing, but there is a lack of dialogs more opened, without hypocrisy, and which question churches impositions.

The society in general, does not recognize that the sexuality is part of the development of the relations between the adolescents (males and females). The conceits of love, feelings, emotions, intimacy and desire do not include themselves in the interventions of health service and education.

The reality shows itself and in it are verified new challenges, as well as old social and cultural standards. Adolescents are not socially recognized as sexual people, free and autonomous, which submit them to constraint and vulnerability.

It is need to overtake the morality that prevents all social net to adopt a broad and opened speech about subjects related to sexuality. Only this way is possible to assure sexual and reproductive rights in youth that leads to free decision with responsibility, about reproduction, the access to adequate information and the right to carry out without discrimination or constraint the sexuality.

Sumário

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

ABREVIATURAS E SIGLAS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	1
1. REVISÃO DE LITERATURA	4
1.1. A perspectiva de gênero como um caminho investigativo.....	4
1.2. Políticas públicas de gênero, em Santo André.....	7
1.3. Masculino, feminino e a sexualidade que pulsa na adolescência.....	13
1.4. Breve panorama da adolescência no Brasil.....	18
1.5. Políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva para adolescentes.....	21
1.6. Adolescência, direitos sexuais e reprodutivos.....	27
2. O CONTEXTO DA PESQUISA E A SUA METODOLOGIA	33
2.1. Um breve retrato de Santo André.....	33
2.2. Retrato dos (as) adolescentes de Santo André.....	35
2.3. Delineando o problema.....	46
2.3.1. Objetivo geral e específicos.....	50
2.4. Procedimentos de coleta de dados.....	51
2.4.1. Aspectos éticos.....	54
2.4.2. Justificativa financeira.....	55
2.4.3. Olhares sobre os sujeitos e seu contexto a partir da minha primeira vez.....	55
3. ANÁLISE DE CONTEÚDO	59
3.1. “Quando você volta aqui, professora?”: As primeiras impressões após o campo.....	59
3.1.1. “Ser mãe não é brincar de boneca”: A gravidez na vida dos (as) adolescentes.....	62
3.1.2. “Sem camisinha é melhor” (?): O amor como proteção da Aids.....	69

3.1.3. A (des) igualdade dos sexos na busca do prazer.....	73
3.1.4. <i>“a coisa está mais aberta, todo mundo vê, todo mundo sabe”</i> : A informação e a sexualidade adolescente.....	74
3.1.5. <i>“tem pai que vive na idade da pedra”</i> : Relações familiares e a sexualidade adolescente.....	79
3.1.6. Saúde e educação entre “nós”.....	86
3.1.7. <i>“na hora lá você não vai pensar na religião”</i> : A Religião e a sexualidade adolescente.....	92
3.1.8. <i>“Onde é que este mundo vai parar?”</i> : A homossexualidade e o cotidiano adolescente.....	97
3.1.9. <i>“se o álcool que é uma droga é aceito pela sociedade porque o aborto não pode ser?”</i> : A polêmica do aborto entre os (as) adolescentes.....	108
3.1.10. Virgindade: <i>“acho que é uma coisa que não tem nada a ver”</i>	121
3.1.11. <i>“hoje em dia não se encontra fácil uma pessoa pra casar”</i> : O discurso adolescente sobre as diversas maneiras de pensar, se divertir e amar.....	124
CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXOS	154
I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	154
II – Consentimento.....	155
III – Roteiro para os grupos focais com adolescentes.....	156
V - Transcrição dos grupos focais	157
IV – Aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Santo André.....	203
VI – Diário do Grande ABC, setembro de 2007: <i>“Santo André quer que meninas solicitem prescrição ao médico”</i>	204

“Se hoje em dia existem novos pontos de vista democráticos relativos à igualdade na diferença, isso se deve, principalmente, à coragem dos movimentos feministas, grupos de mulheres e de diversidade sexual, assim como outros movimentos democráticos que, ao longo do século XX, romperam com a idéia de que a exclusão e a discriminação de todas as expressões sexuais diferentes da norma estabelecida são algo legítimo e natural”. (Campanha pela Convenção dos Direitos Sexuais e Reprodutivos, 2008)

Introdução

“(…) o ponto essencial não é saber o que dizer ao sexo, sim ou não, formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo, mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, quando e de onde fala? Quais são suas atitudes, percepções e pontos de vistas? (...) Buscar as instâncias de produção discursiva (que também organiza silêncio), de produção de poder (que algumas vezes tem a função de interditar), das produções de saber. Fazer a história dessas instâncias e de suas transformações”. (FOUCAULT, 1988)

A presente pesquisa busca identificar como as relações de gênero modulam a sexualidade dos (as) adolescentes atualmente e o que eles (as) contam sobre o contexto social no qual estão inseridos. A idéia é desconstruir os aspectos individualizados e revelar quais os fatores sociais que hoje influenciam suas atitudes e opiniões sobre as formas de se relacionarem sexualmente.

Considerei como público, adolescentes de 18 e 19 anos, estudantes do ensino médio do período noturno, de uma escola pública, localizada no centro da cidade de Santo André (SP – Brasil). Interessam-me as concepções e razões apresentadas pelos sujeitos acerca de suas decisões e atitudes no momento da iniciação sexual.

Busquei articular as questões de gênero e sexualidade na adolescência, para obter uma melhor compreensão do contexto a partir do qual esse público elabora sua visão de mundo. Compreender em que circunstância tomaram certas atitudes e, longe de verificar sob um ponto de vista especulativo, a idéia é observar na interação entre fatos e explicações as diversas expressões da sexualidade.

Como metodologia utilizei a técnica de grupos focais. Para iniciar a discussão, contei uma história envolvendo-os (as) no tema sexualidade. Não utilizei uma ficção, mas um fato real ocorrido na fase de minha adolescência, no processo de iniciação sexual, em meados da década de 1980. A estratégia serviu para “quebrar o gelo” e principalmente como ponto de partida para a mediação do diálogo entre os (as) participantes.

Optei pelo município de Santo André como campo de pesquisa, cidade de minha origem, onde vivo até o presente momento. Iniciei minha atividade profissional como professora na rede

municipal de ensino. Em 1992 fui “batizada” no Movimento de Mulheres de Santo André¹; e a partir desta experiência, fui convidada a coordenar a Assessoria dos Direitos da Mulher, na gestão local, administrada pelo então prefeito Celso Daniel, no período de 2001 a 2004.

Atualmente coordeno o Programa de Saúde da Juventude e a Rede de Saúde para Atenção à Violência e Abuso Sexual, ambos da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Santo André, o que tem facilitado o acesso a documentos, banco de dados e informações através da coordenação e da participação em diversas atividades na cidade referentes ao tema da pesquisa.

Portanto, minha experiência à frente da Assessoria dos Direitos da Mulher e a participação no Movimento de Mulheres contribuíram para minha percepção e inquietação sobre a dinâmica social entre os sexos. Isto somado à minha função atual no Programa de Saúde da Juventude procurei despertar reflexões sobre a adolescência, considerando-a como um período de vida importante, de intensas transformações biológicas, afetivas e sociais. Essas e outras questões levaram-me a orientar a análise segundo a perspectiva de gênero, para desvelar significados atribuídos às relações sociais e aos comportamentos individuais.

Vale considerar que estou me referindo a adolescentes que nasceram na época em que no Brasil, foi aprovada a Constituição Federal; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e surgiram as Assessorias ou Coordenadorias da Mulher. E especialmente a Assessoria dos Direitos da Mulher de Santo André, que foi a primeira a ser criada no país em 1989. Isto, na época, significou um grande avanço com o reconhecimento das desigualdades entre os sexos nas pautas de planejamento das políticas públicas na cidade. Um organismo da gestão municipal que, em Santo André, foi criado por reivindicação do Movimento de Mulheres.

Apesar da necessidade de contextualizar a pesquisa desenvolvendo um breve levantamento sobre a agenda de gênero e políticas públicas na cidade, e levantar as preocupações hoje apontadas nos documentos oficiais internacionais e nacionais mediante o diagnóstico das vulnerabilidades dos (as) adolescentes frente à sexualidade, a fala do nosso público adolescente constitui objeto central de interesse da dissertação.

Interessa-me desvelar sob quais formas e canais, fluindo através de que discursos, as relações de gênero conseguem chegar às mais tênues e individualizadas condutas nos

¹ Fé-Minina

relacionamentos sexuais na adolescência contemporânea. Conhecer bem de perto esta realidade numa era onde nunca circulou tanta informação.

Verificar através deste estudo os novos desafios, bem como os velhos dilemas de um sistema pautado por práticas de poder. Este, por sua vez, obedece a um padrão conservador de moralidade e promove a violação dos direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. Tal realidade tem provocado mortes que poderiam ser evitadas como as causadas pelas práticas de aborto inseguro, a mortalidade materna, a homofobia e por fim, tem alimentado práticas discriminatórias inaceitáveis.

1. REVISÃO DE LITERATURA

A perspectiva de gênero como um caminho investigativo

Gênero tem sido uma categoria de análise para a compreensão do que representam as desigualdades entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino em determinada sociedade e período histórico.

Porém, gênero é mais do que uma categoria analítica, juntamente com raça/etnia e classe social, opera na realidade empírica como categoria histórica que permite a compreensão da organização das relações sociais. A historiadora Joan Scott, nas diferentes áreas de conhecimento, é referência dessa perspectiva entre os estudos de gênero no Brasil. Suas idéias oferecem pistas para uma compreensão do modo como as sociedades representam o gênero e o apreendem, estabelecendo as regras das relações sociais².

Segundo Scott (1995, p.12), gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais. É a organização social da diferença sexual. O saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determinam univocamente como a divisão social será definida.

Desse modo, Scott desestabiliza o determinismo biológico de algumas vertentes e nesta direção, em sua clássica definição de gênero, considera a existência e necessidade de uma conexão integral entre duas proposições básicas: gênero seria, tanto “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, quanto “uma forma de dar significado às relações de poder”³.

A partir dessa definição, gênero passaria a ser compreendido, com diferentes implicações, como constitutivo de (e constituído por) múltiplas relações sociais de poder, o que envolve deslocar a análise que poderia evocar a idéia reduzida de construção social de papéis/funções do masculino e do feminino para uma abordagem muito mais ampla, que permita examinar tanto “as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder, que através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e

² UNBEHAUM, 2000, p. 19.

³ SCOTT, 1995, p. 86.

dos símbolos, constituem hierarquias sociais, justificadas e legitimadas a partir de (ou pela articulação de) supostas diferenças/identidades entre os sexos⁴.

Compreender a construção social de gênero nas diferentes culturas ao longo da história nos coloca na proposta metodológica de Joan Scott, de estudar sistematicamente os processos que produzem “os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, os processos políticos através dos quais esses significados são criados e criticados, a instabilidade e a maleabilidade das categorias 'mulheres' e 'homens' e os modos pelos quais essas categorias se articulam uma em termos da outra, embora de maneira não consistente, ou da mesma maneira, em cada momento”⁵.

No entanto, transportar essas reflexões para uma análise sociológica, como Scott observa, só é possível se gênero não for considerado meramente uma categoria descritiva das relações entre homens e mulheres, mas sim, um conceito que permite visualizar como, em tempos históricos distintos e em sociedades distintas, os significados construídos para as diferenças sexuais corroboram o conjunto das relações sociais⁶.

Uma das dificuldades em enxergar a questão de gênero para além do discurso sobre as diferenças sexuais, está no fato de que muitas teorias, mesmo afirmando o caráter de construção social das diferenças entre homens e mulheres, utilizam o corpo, os fatores biológicos, a natureza, enfim, para estabelecer generalizações para as sociedades em geral e explicar os significados do que é socialmente compreendido como masculino e feminino⁷.

De acordo com Heilborn (1992) em muitas sociedades ocorre a distribuição das tarefas entre os sexos como uma espécie de extensão das diferenças procriativas entre homens e mulheres. A atribuição às mulheres da responsabilidade pelo cuidado dos filhos, estabelecida como “natural” nas sociedades ocidentais está, em parte, fundamentada na capacidade que elas têm de engravidar, dar à luz e amamentar, e na suposição decorrente de que elas são mais ternas, mais carinhosas e habilitadas para cuidar da prole.

A identidade feminina é influenciada pela centralidade da função reprodutora na vida das mulheres, e que, por intermédio de mecanismos ideológicos, tende a se estender a outros campos da vida social. E a identidade masculina, por sua vez, teria como fundamento de sua elaboração

⁴ MEYER, 1999, p. 114.

⁵ SCOTT, 1995, p. 25.

⁶ Idem, 1995.

⁷ NICHOLSON, 1994 apud UNBEHAUM, 2000, p. 19.

uma dimensão mais social (moral, prestígio e poder) e menos biológica. Heilborn (1992) ressalta a assimetria valorativa entre mulheres e homens, fundada na diferença sexual e cultural e simbolicamente reelaborada. As relações de gênero não se estabelecem, portanto, a partir de uma simples extensão das diferenças biológicas; são resultado de um processo de aprendizagem que ocorre na interação social.

Interessa-nos em contribuir com o estudo das especificidades de gênero, de acordo com Duque-Arrazola (1997; p. 351),

“vivenciado como processo diferenciado de aprendizados e experiências de vida que perpassa o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O feminino e o masculino são construídos, interpretados e internalizados, portanto personalizados, dependendo das características específicas da sociedade em que homens e mulheres vivem, do ciclo de suas vidas e de suas vivências subjetivas como homens e mulheres.”

É nos espaços de convivência cotidiana, mais particularmente a família e a vizinhança, que meninos e meninas aprendem e internalizam seu gênero, de acordo com aquilo que a sociedade local exige que sejam. Nesse sentido, o cotidiano da família é fortemente influenciado pela organização de gênero que, vigorando para além do espaço doméstico, manifesta-se de forma marcante nas relações intrafamiliares. Assim, a hierarquização de gênero perpassa tempos e rotinas, jogos e brincadeiras, perspectivas e projetos de futuro, reproduzindo os papéis de gênero vigentes no grupo social ao qual pertencem os sujeitos implicados⁸.

Nas palavras de Lavinias (1997), “o sexo social – portanto, o gênero, é uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo e determina, ao longo de sua vida, oportunidades, escolhas, trajetórias, vivências, lugares, interesses.” Nesta perspectiva, as relações de gênero permeiam dinamicamente todo o tecido social, manifestando-se de formas específicas nos diferentes grupos sociais, ainda que mantendo, geralmente, a hierarquização como marca.

Segundo Blay (2002, p.09), “a história das mulheres no mundo capitalista e socialista, ocidental e oriental, é marcada pela discriminação. Diferenças sexuais foram pretextos para definir relações hierárquicas, homens na posição de dominação e mulheres subordinadas. Esta relação de dominação-subordinação, marcada pela condição de gênero, repete-se entre e dentro das classes sociais, nos grupos étnicos e entre gerações.”

⁸ TRAVESSO – YÉPEZ; PINHEIRO, 2005, p. 147.

A necessidade de se pensar o desenvolvimento humano e, particularmente, a adolescência, considerando o contexto sócio-cultural em que se inscreve e apontando os determinantes de gênero sobre as manifestações nessa fase, já foi ressaltada por várias autoras, especialmente aquelas ligadas ao movimento feminista⁹.

O desafio é conhecer e problematizar a rede de conhecimentos, instituições e relações sociais que produz, normatiza e controla as formas e os lugares nos quais mulheres e homens adolescentes se relacionam. Os modos que exercitam e regulam sua sexualidade, suas relações afetivas e amorosas, seus conflitos e confrontos. É com esta perspectiva que iremos investigar o processo de iniciação sexual na fase da adolescência.

1.2. Políticas públicas de gênero, em Santo André

“Lembrou-se de que mulher é mais que o amigo de um homem, mulher era o próprio corpo do homem. Com um sorriso doloroso, (...) olhou em torno: o mundo era masculino e feminino”.
(Clarice Lispector. *Aprendendo a Viver*, 2005, p. 91)

Uma conquista importante do movimento de mulheres em vários países da América Latina e do Caribe foi colocar no debate e na agenda pública, não somente as principais demandas das mulheres, mas também a necessidade de uma institucionalidade¹⁰ estatal responsável por atendê-las. A proposta passou a fazer parte das agendas de governo desses países e levou à criação de uma nova institucionalidade, onde sua localização dentro da estrutura orgânica do poder Executivo, as funções que lhe são reconhecidas e os recursos que lhes são destinados, condicionam seu desempenho e grau de influência. Na maioria dos casos, foi-lhe atribuída a responsabilidade de coordenar, com as demais áreas, o esforço de incluir e considerar,

⁹ DESSER, 1993; LAVINAS, 1997; MADEIRA, 1997; HEILBORN, 1997; ARRAZOLA, 1997.

¹⁰As denominações da nova institucionalidade são variadas: Oficina da Mulher, Serviço Nacional da Mulher, Subsecretaria de Assuntos de Gênero, entre outros, denominações que exprimem os processos que lhes deram surgimento e a compreensão do tema. GUSMÁN, 1998.

na elaboração das políticas públicas¹¹, as demandas, as necessidades e as potencialidades das mulheres¹².

Sob impacto da democratização e da luta de movimentos feministas e de mulheres, desde os anos 80, tem ocorrido, no Brasil, um processo gradual de incorporação da problemática das desigualdades de gênero pela agenda governamental. O eixo de uma ação governamental orientada pela perspectiva de gênero consiste na redução das desigualdades sociais entre homens e mulheres. Falar em reduzir desigualdades de gênero não significa negar a diversidade, trata-se de reconhecer a diversidade e a diferença entre homens e mulheres, mas atribuindo a ambos igual valor, reconhecendo que suas necessidades específicas e nem sempre iguais devem ser igualmente contempladas pela sociedade e pelo governo¹³.

A experiência da administração pública, em Santo André, há quase duas décadas, tem considerado enquanto uma de suas metas de gestão, a dimensão de gênero no planejamento de ações que visam a redução das desigualdades entre mulheres e homens sob os aspectos do desenvolvimento econômico, social e urbano município.

A iniciativa da gestão local da cidade de Santo André iniciou-se com a criação da Assessoria dos Direitos da Mulher, por reivindicação do Movimento de Mulheres¹⁴, em 15 de maio de 1989. Dar significado às relações de gênero nas políticas dirigidas às mulheres começa por considerar que as conseqüências das relações desiguais entre homens e mulheres, são derivadas de uma construção histórica e social, que se expressa na desigualdade de tratamento e oportunidades entre os sexos em função da valorização do masculino sobre o feminino.

“Nossa administração quer combater a violência sofrida pelas mulheres tanto nas ruas, no trabalho, como em suas casas, porque entende que se trata de uma questão de caráter social e político, e que, portanto, deve ser objeto de ação do governo. As pesquisas nos trazem a marca da violência e da discriminação cotidiana vivida pelas mulheres. Quando esta administração defende o “Direito à Cidade”, é porque quer estabelecer uma outra forma de relacionamento entre o poder público e os cidadãos e cidadãs, que privilegie os direitos sociais e garanta uma nova cultura política em direção ao reforço da cidadania de todas as pessoas”.

(Pronunciamento público de Celso Daniel ex-prefeito de Santo André 1990¹⁵).

¹¹ Define-se as declarações oficiais de intenção de agir sobre determinados problemas. Podem ainda assumir múltiplas formas: legislação, recomendações oficiais e desenvolvimento de projetos. LEICHTER, 1979 apud STROMQUIST, 1996.

¹² GUSMÁN, 1998.

¹³ FARAH, 2002.

¹⁴ Este Movimento de Mulheres em 1992 foi batizado como “Fé minina”.

¹⁵ Prefeitura de Santo André. Relatórios da Assessoria dos Direitos da Mulher, 2003.

Este organismo tinha o objetivo de executar, articular e coordenar políticas no combate à discriminação que afeta a vida das mulheres e a responsabilidade de concretizar, no âmbito da gestão local, as reivindicações do Movimento de Mulheres. Assim sendo, empenhou-se na criação da 1ª Delegacia de Defesa da Mulher de Santo André e do ABC em 1990, na criação de um Serviço de Atendimento Social e Jurídico especializado, inaugurou uma Casa de Apoio às Mulheres Vítimas de Violência e organizou o histórico “1º Encontro de Mulheres de Santo André” em 1991.

No Brasil nessa época, crescia o número de Delegacias de Defesa da Mulher espalhadas pelos Estados e, iniciavam-se experiências de Casas de Apoio à Mulher Vítima de Violência, como a que acabava de ser inaugurada pela prefeitura de Santo André. Portanto a criação da Assessoria dos Direitos da Mulher em 1989, lotada no Gabinete do Prefeito, significou o reconhecimento da discriminação vivida pelas mulheres, intensificando a busca da superação dessa realidade como meta de ação governamental na cidade.

De acordo o que pude vivenciar na cidade e que hoje é parte de minha história, publicada na revista Mulheres de Santo André em Destaque (2004, p.10), da qual tive participação na elaboração, o período de 1993 a 1996 foi demarcado por um retrocesso, no âmbito do governo municipal, quando as políticas públicas para as mulheres, implementadas até então na cidade, foram excluídas da agenda local.

A Assessoria dos Direitos da Mulher e todos os serviços de atendimento específicos foram extintos. Vale destacar que o fato não foi apenas a extinção da Assessoria dos Direitos da Mulher, mas o descumprimento da Lei Orgânica Municipal¹⁶. O movimento de mulheres reagiu com denúncias, plenárias, elaboração de informativos específicos, manifestações e pedidos de audiência à administração municipal, jamais atendidos naquela gestão.

De acordo com a revista Mulheres de Santo André em Destaque (2004), o ano de 1997 traz ao cenário político local o retorno da Assessoria dos Direitos da Mulher na Prefeitura Municipal, enquanto órgão articulador das políticas para as mulheres, numa nova administração¹⁷.

¹⁶ Art. 278 de 8 e abril de 1990: “Fica garantido, na estrutura administrativa do Executivo, órgão destinado a elaborar, coordenar, executar e fiscalizar políticas públicas, de forma integrada com todos os órgãos da administração pública direta e indireta, que garanta o atendimento das necessidades específicas e enfrente as diferentes formas de discriminação da mulher, no próprio Poder Público e no município”. Mulheres de Santo André em Destaque, 2004, p. 10.

¹⁷ Novamente comandada pelo prefeito Celso Daniel.

Um período também de muitas conquistas no âmbito de políticas públicas de gênero, estendendo-se na esfera regional¹⁸.

Além da atuação na esfera regional, o fortalecimento institucional da Assessoria dos Direitos da Mulher nesse período, resultou no respeito e apoio de diversos países e universidades para os projetos aqui desenvolvidos; como exemplo, vale destacar a parceria com a Universidade British Columbia de Vancouver – Canadá, na implementação da perspectiva de gênero no trabalho de Gerenciamento Participativo para as Áreas de Mananciais (GEPAM)¹⁹. Várias ações criadas nessa época merecem destaque, dentre elas o Vem Maria, que é o centro de apoio à mulher em situação de violência. O Vem Maria existe até hoje, sendo lei municipal regulamentada em 2004.

Em 2001, com a reeleição de Celso Daniel, as políticas de gênero continuaram com suas metas no município. No ano de 2002, o Programa “Gênero e Cidadania no Santo André Mais Igual”, desta prefeitura, recebeu o prêmio Dubai (ONU Habitat) de boas práticas em gestão pública, por considerar a desigualdade de gênero e a integração das políticas em projetos de habitação popular. Este programa conquistou o título entre as 10 melhores práticas do mundo e concorreu com 554 projetos de diversos países.

“A melhoria na qualidade de vida das mulheres dentro do Programa Santo André Mais Igual recebeu prêmio da Organização das Nações Unidas, em Dubai, cidade dos Emirados Árabes. O município foi o único do Brasil a conquistar o troféu nesta edição. O Programa Gênero e Cidadania faz parte do Santo André Mais Igual, desenvolvido pela administração com a integração de diversas secretarias. A premiação corresponde a 30 mil dólares; além disto, as ações consideradas melhores práticas passam a integrar um banco de dados, no qual as informações são compartilhadas com outras entidades internacionais”²⁰.

Como esse projeto que ganhou o prêmio Dubai²¹, outras ações que se iniciaram na gestão anterior consolidaram-se na de 2001 a 2004, como o curso de Promotoras Legais Populares²²; o

¹⁸ A região do Grande ABC foi pioneira na implantação de novos processos de articulação intermunicipal: poderes públicos com os agentes sociais e econômicos locais, com a criação do Consórcio Intermunicipal das Bacias do Alto Tamanduateí e Billings (1990). Mulheres de Santo André em Destaque, 2004, p:10.

¹⁹ Idem, 2004, p. 11.

²⁰ Diário Regional do ABC. Nov. 2002.

²¹ O prêmio foi entregue ao então Prefeito de Santo André, João Avamileno no Emirados Árabes.

²² Com o Departamento de Assistência Judiciária, curso que forma mulheres multiplicadoras para a promoção da justiça social e compreensão das desigualdades de gênero.

Elo Mulher²³ e a Frente Regional de Combate à Violência à Mulher²⁴ (estes dois iniciados na 1ª gestão de 1989 a 1992); o Fórum Lilás²⁵; a finalização do GEPAM; a condução do Grupo de Trabalho Gênero e Raça²⁶ do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, que lançou em 2003 o Plano Regional do ABC de Combate à Violência à Mulher, e oficializou com a assinatura dos sete prefeitos da região, a Casa Abrigo Regionalizada, de apoio às mulheres em risco de morte por violência doméstica²⁷.

Nessa época também deu-se continuidade à Pesquisa/Intervenção – Gestão Local, Empregabilidade e Equidade de Gênero e Raça (com apoio da FAPESP e OIT), criada na gestão anterior, onde, na fase de sua efetivação na cidade, pode-se encaminhar a proposta ao Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, através de um Plano de Trabalho construído com a participação de gestoras públicas das sete cidades. Foi possível desenvolver um amplo processo de capacitação de gestores e ONGs e lançar uma campanha regional²⁸ contra a discriminação de gênero e raça na região.

Tal experiência garantiu-se a participação dos movimentos sociais e dos representantes de diversas áreas do poder público na sua formulação, implementação e avaliação. Desenvolveu-se formação com mais de 100 gestores e lideranças dos movimentos da região, materiais de campanha para sensibilização da sociedade quanto ao tema pró-diversidade de gênero e raça, e uma publicação dessa experiência, que foi lançada no Consórcio em 2005. Vale destacar o apoio técnico e financeiro fundamental, novamente, da OIT²⁹ e do Governo Federal, em especial da SEPPIR³⁰ e da SPM³¹, em 2005.

A partir da atuação de diversas mulheres, a gestão local em Santo André, ao longo de sua experiência tem procurado desenvolver estratégias para que a questão de gênero seja considerada por todas as áreas do governo no momento de planejar políticas públicas. Tem atuado também, com uma dinâmica que integra as políticas em torno de um só objetivo para alcançar resultados

²³ Grupo de trabalho intersecretarial para integrar as políticas de gênero nas diversas áreas do governo local.

²⁴ Atuação entre as cidades do ABC para o combate à violência à mulher na região.

²⁵ Fórum de Mulheres de Luta Andreense – criado e batizado a partir do 1º curso de Promotoras Legais Populares de Santo André em 2002.

²⁶ Antes de 2003, chamado de Grupo de Trabalho de Combate à Violência à Mulher da região do ABC.

²⁷ Primeiro equipamento regional de política pública criado na época no Brasil, onde diversos município participam de sua gestão e manutenção através de um Conselho Gestor composto por representantes dos 7 municípios do Grande ABC.

²⁸ De nome “As diferenças são naturais... as desigualdades, não” (2005).

²⁹ Organização Internacional do Trabalho.

³⁰ Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Governo Federal, criada em 2003.

³¹ Secretaria de Políticas para as Mulheres – Governo Federal, criada no início de 2003.

mais efetivos. Busca utilizar no cotidiano de sua gestão, conceitos como: “matricialidade”³² e “transversalidade”³³, enquanto princípios de trabalho e estratégia de ação para o desenvolvimento dos projetos e programas, principalmente os de combate à exclusão social.

Com esta concepção, após uma reforma administrativa em 2005, a administração da prefeitura de Santo André extinguiu a Assessoria dos Direitos da Mulher, e as outras, como a da Comunidade Negra, do Idoso, da Juventude e da Pessoa com Deficiência e criou o Núcleo de Políticas de Gênero, Raça, Geração e Pessoa com Deficiência, junto à Secretaria de Governo, com o propósito de atuar para “fortalecer”³⁴ a transversalidade desses temas em todas as áreas do governo.

O fato de esse Núcleo estar num local estratégico de poder dentro da administração, na Secretaria de Governo, não garantiu sucesso nas suas ações. Sua concepção provocou uma mudança contraditória aos estudos feministas já acumulados sobre o tema de gênero nas políticas públicas. A desconsideração das experiências desenvolvidas anteriormente na cidade também não ajudou para que este organismo desse conta de ir além do que as Assessorias dos Direitos da Mulher haviam implementado nas gestões anteriores, provocando uma fragilidade nas ações que já estavam em andamento, e um distanciamento dos movimentos sociais. E, por fim, desarticulou as políticas de gênero entre as áreas do governo, com a extinção em 2006, do grupo de trabalho intersecretarial Elo Mulher, criado em 1989.

Sabemos que os organismos criados até então dentro dos governos e a sua proximidade com os movimentos sociais tornam estas instituições mais sensíveis às reivindicações das mulheres, mais criativas e inovadoras. Diferentemente dos outros setores do poder executivo, que têm áreas de responsabilidade claramente definida, com normas, rotinas e procedimentos bem estabelecidos, a institucionalidade tem de se coordenar com os outros setores e promover políticas integrais. Precisa mostrar seus produtos, seus resultados e seu impacto sobre as

³² “Matricialidade: Esta estratégia de gestão é muito difícil e desafiadora, por exigir tanto a ruptura com formas setorializadas e verticalizadas de produção e oferta de serviços sociais, quanto uma integração de objetivos, metas e procedimentos de diversos órgãos e secretarias de governo. Esta forma de gestão além de acabar com o paralelismo acaba também com a pulverização das ações, estas são duas das maiores deficiências das gestões atuais.” - Extraído do documento de apresentação do Núcleo de Políticas de Gênero, Raça e Geração da Secretaria de Governo - prefeitura de Santo André; 2005.

³³ “Considera-se a transversalidade como o modo adequado para o tratamento da questão de gênero nas políticas públicas. A perspectiva de gênero não deve se constituir em apenas uma área, mas permear todas as Secretarias. Exige um trabalho sistemático, contínuo e abrangente no decorrer de toda a gestão” - Extraído do documento de apresentação do Núcleo de Políticas de Gênero, Raça e Geração da Secretaria de Governo - prefeitura de Santo André; 2005.

³⁴ Grifo meu.

desigualdades de gênero. No entanto, uma avaliação de seu alcance deve considerar as ações de outros setores que podem favorecer ou dificultar seu próprio funcionamento³⁵.

1.3. Masculino, feminino e a sexualidade que pulsa na adolescência

“A minha alma está quebrantada pelo desejo”.
(Clarice Lispector. *Aprendendo a Viver*, 2005, p. 49)

Muitas pessoas acreditam que a sexualidade é simplesmente algo inato, natural e particular, uma manifestação humana, mas o estudo da sexualidade encontra-se subordinado ao estudo das relações sociais. Embora a sexualidade apareça como fonte de nossa identidade, enquanto pessoas de um sexo, homens ou mulheres, podemos reconhecer, em nossa própria experiência, as pressões sociais para que nossa sexualidade se realize conforme o que se espera.

Preconceitos e crenças estão presentes no exercício da sexualidade. Compreender a sexualidade como uma construção social assemelha-se a dizer que os desejos são também construídos culturalmente, dependendo das concepções e costumes vigentes. O sistema da sexualidade refere-se a um conjunto de normas definidas a partir da religião, da biomedicina e das demais instituições sociais que produzem, reproduzem e transformam continuamente as representações sobre sexualidade.

Nos anos 20, idéias inovadoras têm lugar, inclusive defendidas por feministas como Berta Lutz. Reivindica-se educação sexual, mas com o objetivo de proteção à infância e à maternidade. Em 1928, o Congresso Nacional aprova proposta de educação sexual nas escolas. Mas desse período até os anos 50, houve retrocessos, perseguições pela mídia e até judicial contra defensores da educação sexual nas escolas, principalmente por influência da igreja (CASTRO, ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 35).

A sexualidade não é somente uma questão hormonal e/ou de impulsos, nem se resume a possibilidades corporais de vivência, prazer e afeto. Ela é também uma construção. Envolve um processo contínuo de construção do conhecimento, por meio do qual elaboramos a percepção de quem somos e do quê somos, processo esse de aprendizado que se desdobra em meio a condições

³⁵ GUZMÁN, 1998.

históricas, sociais e culturais específicas. Nascemos com um sexo biológico (machos ou fêmeas) e todo o resto se desenvolve, se modifica, se constrói e vai se formando ao longo da vida, e é por isso que as expressões da sexualidade humana podem ser tão diversas.

As pesquisas sociológicas sobre sexualidade objetivam absorver esse caráter mutável da escolha das práticas sexuais realizadas, buscando distinguir particularidades que expressam marcas de pertencimento social, de trajetória biográfica, afiliação religiosa e, sobretudo a influência das determinações de conduta para homens e mulheres, o que iremos considerar com maior ênfase em nossos estudos. No entanto, a sexualidade está extremamente relacionada com o que se espera do comportamento de um homem e de uma mulher.

Segundo Simões (2007),

“em nossa sociedade, a expectativa é de que o homem deve desejar a mulher e a mulher deve desejar o homem. Somente o homem e a mulher podem se unir em casamento e formar uma família, onde crescerão os futuros homens e mulheres, criados para se sentirem masculinos e/ou femininos, que por sua vez devem repetir todo o ciclo e, assim, reproduzir a sociedade. Isso corresponde ao que é certo e normal. Acontece, porém, muito mais freqüentemente do que se pensa, que corpos, desejos, sentimentos e comportamentos não são convergentes e não se ajustam a tais expectativas do que se imagina ser “natural”, “certo” e “normal””.

A fase da iniciação sexual é destacada como um rito de passagem, envolvendo distintos trânsitos entre a infância, a adolescência e a juventude. Em tal caminho se dá a afirmação da virilidade, modelagens sobre feminilidade e a busca por autonomia, o que no senso comum se traduz com o “tornar-se homem” e “fazer-se mulher”, perpassando, portanto, sentidos identitários diversos, como o que se entende por masculino e feminino e as realizações das trocas afetivas. (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p.67)

Entretanto, devemos levar em conta, segundo Araújo e Calazans (2006), que é fundamental considerar que os conteúdos, a duração e a atribuição de significados sociais aos diferentes momentos de vida são culturais e históricos. Não foi sempre, nem em qualquer lugar ou cultura, que se dividiu a vida da maneira como estamos acostumados a dividir. Nesse sentido, a idéia de que existem períodos na vida de uma pessoa denominados de infância, adolescência, juventude e idade adulta, é uma construção social e não um fenômeno natural.

De acordo com León (2005, p. 10), o conceito de “adolescência corresponde a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes. Este conceito em uma perspectiva conceitual, também inclui outras dimensões de caráter cultural, possíveis de evoluir de acordo com as mesmas transformações que experimentam as sociedades em relação a suas visões sobre este conjunto social.”

Levando em consideração as diferentes concepções que podem existir em torno da adolescência – clássica e contemporânea, podemos encontrar alguns traços freqüentes, seja do ponto de vista biológico e fisiológico, ou do desenvolvimento físico. Durante a adolescência alcança-se a etapa final do crescimento, com o começo da capacidade de reprodução, podendo dizer-se que a adolescência se estende desde a puberdade³⁶ até o desenvolvimento da maturidade reprodutiva completa. Não se completa a adolescência até que todas as estruturas e processos necessários para a fertilidade, concepção, gestação e lactação tenham terminado de amadurecer³⁷.

Na teoria sociológica, adolescência é o resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social, fundamentalmente relacionado com o processo de socialização por que passa o sujeito e a aquisição de papéis sociais. A adolescência pode compreender-se primordialmente a partir de causas sociais externas ao sujeito, sendo resultado da interação entre fatores sociais e individuais³⁸.

Segundo Pimenta (2006, p.140) adolescência e juventude não são sinônimas, “elas não têm a mesma relação com a idade adulta, portanto não são sinônimas. O que faz sentido é a oposição entre adolescente e adulto. O jovem não se opõe ao adulto, podendo conjugar o outro. Nesse sentido, uma pessoa pode ser jovem e adulta ao mesmo tempo e, ocasionalmente, ainda manter alguns hábitos e comportamentos “adolescentes”, mas não se conceber como um adulto/adolescente, isto é, um misto dos dois³⁹.”

³⁶ Conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência. (FERREIRA, 1986)

³⁷ FLORENZANO, 1997 apud LEÓN, 2005.

³⁸ DEVAL, 1998, p. 550.

³⁹ O conceito de juventude na tese de Pimenta (2006, p. 144), nas sessões de seus grupos focais, aparece com essa compreensão: juventude é um “estado de espírito” que “não tem nada a ver com a idade”. Uma vez que é “algo que está na sua cabeça”. É mais bem entendido como um modo particular de pensar, sentir e agir que pode ser encontrado em qualquer idade e fase da vida. Segundo Pimenta, a idéia é que qualquer pessoa pode e deve ter um “espírito jovem” e isto significa um modo de viver, como a própria expressão sugere, pode ser incorporado pelo sujeito. Ao ser incorporada, a juventude prescinde do próprio corpo, e não é preciso ter ou parecer ter um corpo jovem para sentir-se jovem. Na medida em que o conceito está livre de quaisquer limites etários, abre-se espaço para

Os modelos tradicionalmente utilizados em pesquisas em diversas áreas do conhecimento, partem do pressuposto de que a juventude constitui uma categoria que estaria situada, a grosso modo, entre a adolescência e a idade adulta. No entanto, uma das principais dificuldades advindas desses modelos é justamente precisar os limites entre adolescentes, jovens e adultos. (PIMENTA, 2006, p. 144).

Segundo Heilborn (2006, p. 35),

“a adolescência caracteriza-se por diversas transições, sendo a passagem à sexualidade com o parceiro (a) a de maior repercussão. O aprendizado da sexualidade, contudo, não se restringe àquele da genitalidade, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo, que se acelera na adolescência. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual.”

Complementarmente, as técnicas corporais classificáveis como ato sexual ou sexo, consideramos como objeto de definições sócio-históricas que variam no tempo e no espaço cultural. Produto de um processo de atribuição de significados, não pode ser debitado à natureza ou aos ditames da reprodução biológica. Entre as técnicas corporais encontram-se modalidades variadas de contatos para produção/obtenção de prazer, que não se restringem ao coito genital⁴⁰.

De acordo com Simões (2007), “sexo”, quer dizer várias coisas ao mesmo tempo,

“a palavra pode designar uma prática – “fazer sexo”, “manter relações sexuais com alguém”, assim como a posse de um conjunto de atributos fisiológicos, órgão e capacidades reprodutivas que permitem classificar e definir categorias distintas de pessoas “do mesmo sexo”, “do sexo oposto”, segundo características específicas atribuídas a seus corpos, atitudes, e comportamentos. O sexo remete aos prazeres do corpo e dos sentidos, ao desejo, à sensualidade. Imaginamos o sexo como uma energia que provém de nosso corpo, como um impulso físico fundamental que exige satisfação. Vivenciamos nossas necessidades e desejos sexuais como se estivessem arraigados em nós, como parte fundamental de nossa individualidade. Ao mesmo tempo, tememos essa energia, que parece remeter à nossa “animalidade” natural, que nos envolve e, de certo modo, nos ultrapassa. Inventamos regras para manter o sexo sob controle, e consideramos tais regras necessárias e imprescindíveis, não apenas para nosso bem-estar pessoal, mas também para organização da vida em sociedade.”

novas identidades plurais, dotadas de múltiplos sentidos, como “jovens adultos” ou “adultos jovens”, ou ainda “jovens da terceira idade”. Esse “estado de espírito” compreende uma postura diante da vida e um conjunto de práticas que descrevem uma atitude muito valorizada, que todos deveriam adotar sempre (ou quase sempre).

⁴⁰ HEILBORN; CABRAL; BOZON, 2006, p. 236.

Sexo provoca a atenção e o controle social. A família, a escola, a religião, a ciência, a lei e o governo se esforçam para determinar o que o sexo é e o que ele deve ser, quando, como, onde, e com quem se pode fazer. Essas determinações são transmitidas de geração a geração e justificadas em nome de uma ordem social. Desse modo muitas regras que são ensinadas e impostas como verdade, são construções sociais, pois desde crianças somos ensinados (as) que o modo natural de fazer sexo é através do relacionamento entre duas pessoas de sexo oposto, e não entre pessoas de mesmo sexo.

Essas determinações ou prescrições, como descreve Simões (2007),

“supõe uma conexão necessária entre ser biologicamente macho ou fêmea, isto é, ter órgãos genitais e as capacidades reprodutivas apropriadas a cada sexo (corpos, capacidades reprodutivas, diferenças fisiológicas entre homens e mulheres); incorporar uma identidade de gênero masculina ou feminina, isto é, ter a convicção interior de ser homem ou mulher conforme os atributos, comportamentos e papéis convencionalmente estabelecidos para cada sexo (modos de ser masculino e de ser feminina, senso de pertencer a um grupo ou gênero); ter uma predisposição inata para a orientação sexual heterossexual, isto é, eleger necessariamente pessoas do sexo oposto, como objetos de desejo e parceiros de afeto”.

Na sua amplitude a sexualidade é uma articulação, segundo Simões, entre o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual, sendo estes,

“manifestações da sexualidade, a suposta fonte interna e natural de nosso senso de identidade pessoal. E culmina na naturalização⁴¹ do intercurso genital entre homens e mulheres, que pode formar a família e assim, reproduzir não só a espécie, mas também a vida social. Daí decorre concepções igualmente naturalizadas a respeito do comportamento masculino e feminino, do que pode ser considerado como família e do que é legítimo em termos de desejos, sentimentos e relacionamentos, como por exemplo, a suposição de que o casamento só pode unir legalmente pessoas de sexo oposto, ou a de que o ideal para uma criança é sempre viver numa família composta por um pai e uma mãe”.

Portanto, podemos dizer que a “sexualidade” nos remete a um universo onde tudo é muito relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. É o traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo. O contexto influi diretamente na sexualidade de cada um. A noção de sexualidade como busca de prazer, descoberta das sensações proporcionadas pelo contato ou

toque, atração por outras pessoas (de sexo oposto e/ou mesmo sexo) com intuito de obter prazer pela satisfação dos desejos do corpo, entre outras características, é diretamente ligada a fatores genéticos, mas principalmente culturais.

A sexualidade é algo exercitado ou experimentado pelas pessoas e não necessita de relação exacerbada com o sexo, uma vez que se define pela busca de prazeres, sendo estes não apenas os sexuais. Existem diferentes abordagens do tema que variam de acordo com percepções, entendimento e crenças convenientes a cada um (a) ou a cada grupo. Em muitos momentos pode-se encontrar visões preconceituosas sobre o assunto. Em outros, é discutido de forma livre e com grande aceitação de diferentes olhares ao redor do termo.

1.4. Breve panorama da adolescência no Brasil

De acordo com o “Marco Teórico e Referencial de Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens” (2006), as fronteiras cronológicas são referências para a delimitação de políticas para o Ministério da Saúde, e considera que na vida concreta e na experiência singular de adolescentes e jovens, tais fronteiras não estão dadas de um modo homogêneo e fixo. A população de adolescentes e jovens do Brasil compreendia, em 2001, o contingente de 51 milhões de brasileiros na faixa etária dos 10 a 24 anos de vida ou 1/3 da população brasileira.

A população masculina e feminina é praticamente igual nesta faixa de idade. Têm-se observado transformações na composição etária brasileira: aumenta o número de adolescentes de 15 a 19 anos e há um decréscimo entre jovens de 20 a 24 anos⁴². Grande parte desta população vive nos grandes centros urbanos. A população adolescente no Brasil, aquela na faixa etária entre 10 e 19 anos, corresponde a 21% da população nacional, segundo o último censo do IBGE. Trata-se de um grupo com grande expressividade populacional. São 35.302.872 adolescentes, dos quais 50,4% homens e 49,5% mulheres. Segundo dados do IBGE, 49% destes adolescentes são negros e 50% definem-se como brancos⁴³.

⁴¹ “Naturalização” para Simões é o modo como as idéias, valores e regras sociais (produzidas por homens e mulheres em contextos históricos) são transmitidas, justificadas e adotadas como se existissem independentes da ação humana, como se fossem imposições externas que não se pode evitar, combater ou modificar.

⁴² As chamadas “causas externas” que são os homicídios e acidentes no trânsito representam 2/3 das mortes ocorridas entre adolescentes e jovens. Os acidentes no trânsito e a violência na cidade tem atingido de forma marcante jovens do sexo masculino, causando forte impacto demográfico a médio e longo prazo. Plano Municipal de Saúde da Juventude de Santo André, 2006, p. 12.

⁴³ Marco Teórico e Referencial de Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens, 2006.

De acordo com Simões (2007), nos últimos anos, questões como a epidemia da Aids e a gravidez na adolescência colocaram a sexualidade na ordem do dia no conjunto de preocupações mais amplas como o direito à informação, à autodeterminação pessoal, à consideração para com o outro e ao respeito às diferenças. A sexualidade também está no centro de grandes controvérsias contemporâneas que dizem respeito ao futuro das relações sociais de gênero, do casamento e da família.

De acordo com o Marco Teórico, as transformações na vida sociocultural nas últimas décadas têm como uma de suas conseqüências o início da vida sexual de adolescentes cada vez mais cedo, caracterizando uma mudança do padrão de comportamento social e sexual. Essa vivência ocorre em condições desiguais por adolescentes e jovens: as desigualdades de gênero, entre distintas condições socioeconômicas e culturais, quanto à raça/cor, às relações de poder entre gerações e às discriminações pela orientação sexual.

Vale salientar que o Brasil é um país de dimensões continentais, com grandes disparidades regionais, por exemplo, entre áreas urbanas e rurais. As diferenças socioculturais, econômicas e outras existentes entre o modo de vida urbano e rural podem implicar em necessidades de saúde diferenciadas para adolescentes e jovens de ambos os contextos. O acesso aos serviços de saúde é, por exemplo, mais limitado às pessoas residentes em áreas rurais, pelas lacunas na cobertura e pela maior dificuldade de deslocamento nestas áreas⁴⁴.

As desigualdades baseadas no sexo, na cor/raça e na etnia precisam ser consideradas na implementação das políticas. A saúde da população adolescente, especialmente no que toca à saúde sexual e reprodutiva, exige estratégias que assegurem o acesso aos serviços e ao direito à saúde, com respeito aos valores, crenças e normas culturais destes jovens e suas comunidades.

Segundo o IBGE⁴⁵, a população adolescente negra responde por quase metade desta população. Apesar desta expressividade populacional, a produção de informações e estudos sobre a vida sexual e reprodutiva desse segmento populacional e, conseqüentemente, sobre sua relação com os serviços de saúde, ainda é ínfima. Além do mais, o fato é que a desigualdade, com base em raça/etnia tem relação direta com a vulnerabilidade social, e a situação de saúde dessa população não tem sido suficientemente enfocada pelas políticas públicas de um modo geral e

⁴⁴ Idem, 2006.

⁴⁵ Censo 2000 apud Marco Teórico, 2006.

pelas políticas de saúde, em particular. Enquanto aproximadamente 40% dos adolescentes brancos estão em famílias cuja renda mensal é superior a cinco salários mínimos, apenas 18% dos adolescentes não brancos vivem em família com essa situação de rendimento.

Um aspecto importante que o documento aponta é que a orientação sexual tem sido uma dimensão marcada por forte reprodução de preconceitos, que muitas vezes se revertem em violência institucional, perpetrada por agentes públicos. A livre expressão da sexualidade tem sido negada como um direito humano e a homofobia tem-se revelado uma das formas de violação de direitos reproduzida no cotidiano, colocando-se como obstáculo ao acesso e exercício dos direitos sociais por homossexuais e bissexuais, homens e mulheres.

As relações de gênero permeiam as questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva, em todas as camadas sociais. Os principais problemas relacionam-se às adolescentes e mulheres jovens. Isto se deve ao fato da responsabilização cultural e social das mulheres pela reprodução e pelos cuidados de saúde da família.

Essa situação reflete as desigualdades de poder nas relações de gênero e o menor poder das mulheres termina por expô-las à gravidez não planejada e aos riscos de infecções sexualmente transmissíveis, bem como a distintas formas de violência que afetam sua saúde, afirma o Marco Teórico do Ministério da Saúde.

Por outro lado, os adolescentes e jovens masculinos não têm sido atendidos em suas necessidades de saúde relacionadas à sexualidade e à reprodução. Os serviços de saúde encontram dificuldades em atender a esse público, o que é constatado em estudos, pesquisas e ações envolvendo profissionais de saúde. Os adolescentes também não são reconhecidos como partícipes da vida sexual e da vida reprodutiva, e em seu direito como, por exemplo, assumir a paternidade, reconhece o documento.

Além das questões que compõem o contexto mais amplo da situação de saúde sexual e reprodutiva, situações particulares de vida de adolescentes e jovens brasileiros requerem atenção específica. Trata-se de uma população com vida sexual ativa, inclusive com filhos e em algumas situações, mantendo relações estáveis e desprovidos de serviços adequados de saúde e de educação.

1.5. Políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva para adolescentes no Brasil

Em consonância com a Constituição Federal de 1988, que elegeu como um de seus princípios norteadores a garantia dos direitos humanos e, dentro destes direitos, preconizou a saúde como um direito de todos (as), em 1989, o Ministério da Saúde instituiu no Brasil o “Programa de Saúde do Adolescente” (PROSAD), para a faixa etária de 10 a 19 anos que foi implantado em todo o território nacional.

Suas bases programáticas abordavam, a partir do quadro epidemiológico nacional, as áreas prioritárias: crescimento e desenvolvimento, sexualidade, saúde bucal, saúde mental, saúde reprodutiva, saúde do escolar adolescente e prevenção de acidentes, cujas ações deveriam se desenvolver em todos os níveis de atenção, por equipes multidisciplinares de saúde. Havia, uma ênfase nas ações educativas e na participação dos adolescentes como multiplicadores de saúde.

Em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe a prioridade absoluta na atenção integral a essa faixa etária, reassegurando o direito à vida e à saúde, “mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitissem o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso em condições dignas de existência”. Em 1993 foram lançadas as primeiras “Normas de Atenção à Saúde Integral do Adolescente”, com a finalidade de orientar as equipes de saúde na atenção ao adolescente, tendo como pano de fundo os princípios e as diretrizes do Sistema Único de Saúde recentemente implantado. Estas foram enviadas aos serviços de saúde de todos os Estados, recomendando-se a capacitação específica das equipes de saúde para esse atendimento.

A realização da “Reunião Mundial de Ministros da Juventude”, em Portugal, em 1998, que contou com a presença do Secretário dos Direitos Humanos do Brasil e de enviados pelo Ministério da Saúde, trouxe um novo olhar sobre a vulnerabilidade deste grupo etário – 15 a 24 anos – às repercussões sobre o processo saúde-doença advindas das determinações socioeconômicas e políticas da Reforma do Estado no Brasil. Sendo assim, em 1999 o Ministério da Saúde ampliou a especificidade no atendimento em saúde à faixa etária de 10 a 24 anos, elaborando, ainda, uma agenda nacional sobre a saúde de adolescentes e jovens, abordando os principais agravos à saúde trazidos pelos dados epidemiológicos e por pesquisas nacionais⁴⁶, na

⁴⁶ Como a Pesquisa Nacional sobre Desenvolvimento e Saúde da População Brasileira de 1996.

procura de integrar ações intra e inter governamentais para a atenção integral à saúde desse grupo populacional⁴⁷.

O ano 2004 trouxe horizontes promissores para a atenção integral à saúde na adolescência, com a criação do grupo de trabalho interministerial no poder executivo. Nesse mesmo ano foi realizada uma oficina com representação nacional para a elaboração do “Marco Teórico-Referencial da Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens”, em Brasília, no mês de novembro.

Esse debate reuniu gestores locais, estaduais e nacionais da área da educação e da saúde, organizações da sociedade civil com atuação no campo da sexualidade e saúde de adolescentes e jovens, organismos internacionais e garantiu a participação de adolescentes e jovens de grupos organizados de todo o país, representados em sua diversidade de classe, sexo, raça/etnia e orientação sexual⁴⁸.

Em 2005, o Ministério da Saúde, por meio da Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem, lança a cartilha “Saúde Integral de Adolescentes e Jovens – Orientações para Organização de Serviços de Saúde”, para subsidiar o atendimento à saúde desse público.

Nesse cenário, o Ministério da Saúde deu continuidade às discussões para elaboração de uma política nacional que respondesse às necessidades de saúde e aos anseios dos adolescentes e jovens brasileiros de ambos os sexos. Para isto convocou coordenadores estaduais e municipais responsáveis pela saúde de adolescentes e jovens, profissionais de saúde, universidades, conselhos profissionais, áreas de interface no Ministério da Saúde, ONGs e grupos organizados de adolescentes e de jovens, para desenvolver o processo de elaboração desta política, terminado no final de 2005, após consulta pública.

⁴⁷ Prefeitura de Santo André. Texto preliminar da pré-conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2007. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Tema: Sexualidade e Reprodução na Adolescência: Uma questão de direitos – Desenhando uma proposta de ação.

⁴⁸ Neste mesmo ano de 2004 é realizada a I Conferência Nacional da Juventude pela Câmara dos Deputados, onde foi lançado o IDJ pela UNESCO, que é a análise dos índices de desenvolvimento da juventude para uma avaliação mais precisa e específica da realidade nesta fase. Nesse período, também foi criado o Fórum Nacional de Movimentos e Organizações Juvenis e a Rede Nacional de Juventude (RENAJU). Foi também apresentado na Câmara dos Deputados em Brasília o projeto de Lei do Plano Nacional de Juventude, do Estatuto dos Direitos da Juventude e da proposta de emenda constitucional que propõe a inclusão do termo “juventude” na Constituição de 1988. Todo este movimento culminou, em 2005, no lançamento pelo Governo Federal, da Política Nacional de Juventude com a criação da Secretaria Nacional da Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, onde o Ministério da Saúde tem assento, como mecanismos para identificar e articular as ações para atender às necessidades mais prementes da juventude brasileira. Criado também o ProJovem que é o programa de inclusão social para jovens (Lei n. 11.129/2005). E finalizado o texto da Convenção Ibero-americana dos Direitos dos Jovens, pela Organização Ibero-americana de Juventude (OIJ).

Em 2006, deu-se início à discussão junto aos gestores estaduais e municipais do SUS, para posterior aprovação da política, tendo em vista a garantia do direito constituído de adolescentes e jovens à saúde no âmbito do SUS. Também nesse período, os três gestores, Ministério da Saúde, estados e municípios, desenvolveram uma ampla revisão do arcabouço normativo, tendo em vista, que transcorridas quase duas décadas do processo de institucionalização do Sistema Único de Saúde, a sua implantação e implementação evoluíram muito, especialmente em relação aos processos de descentralização e municipalização das ações e serviços de saúde.

O processo de descentralização ampliou o contato do Sistema com a realidade social, política e administrativa do país e com suas especificidades regionais, tornando-se mais complexo e colocando os gestores a frente de desafios que busquem superar a fragmentação das políticas e programas de saúde através da organização de uma rede regionalizada e hierarquizada de ações e serviços e da qualificação da gestão⁴⁹.

Em 2006, o Ministério da Saúde lançou a versão preliminar do Marco Teórico e Referencial de Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens. O documento afirma que a garantia dos direitos sexuais e direitos reprodutivos é uma prioridade do governo brasileiro e norteia a formulação e implementação de ações relativas à saúde sexual e reprodutiva para adolescentes e jovens de ambos os sexos.

Para o governo brasileiro, segundo o Marco Teórico, adolescência e a juventude são etapas fundamentais do desenvolvimento humano. Trata-se de uma etapa de descobertas e desafios, de vivências e expectativas sociais diversas, presentes e concretas. Nesse sentido, o Estado compromete-se com o desenvolvimento de ações que permitam a adolescentes e jovens constituírem seus projetos de vida e desenvolver as condições para o exercício da autonomia. A

⁴⁹ Prefeitura de Santo André. Texto preliminar da pré-conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2007. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Tema: Sexualidade e Reprodução na Adolescência: Uma questão de direitos – Desenhando uma proposta de ação. Dessa mesa foram tirados os seguintes apontamentos a serem levados para a conferência final: “É direito do adolescente não sofrer discriminação; isto inclui, o direito de receber orientação sexual e saber como tratar sua saúde sexual, e de como prevenir DST e gravidez indesejada; O ECA não garante o direito do adolescente em relação à privacidade e sigilo em seus atendimentos e consultas médicas. No currículo escolar não estão incluídas informações sobre sexo, como ajuda a mais para orientação do adolescente. Deveriam incluir como prevenir DSTs e gravidez, mas estas teriam que ser aulas dadas por profissionais da saúde e com a linguagem do adolescente. Sendo Santo André uma cidade pioneira em relação aos Direitos da Criança e do Adolescente, deveríamos levar aos órgãos competentes uma proposta de política pública de saúde garantindo a privacidade e a confidencialidade dos adolescentes, proporcionando um atendimento saudável de modo que estes não saíssem do atendimento com dúvidas em relação à sua saúde sexual”.

tarefa é oferecer os direitos necessários à afirmação de sujeitos capazes de construir a cidadania e consolidar a democracia em bases mais justas e participativas no País.

Vemos que o Estado tem tido iniciativas importantes nos últimos anos e assume pretensiosamente o compromisso de “desenvolver ações que permitam os (as) adolescentes a constituírem seus projetos de vida e desenvolver as condições para o exercício da autonomia”, o que seria fundamental para a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos nessa fase.

Sem negar a importância e a legitimidade do Marco Teórico e de seu processo participativo de discussão para sua elaboração, devemos reconhecer que há um grande distanciamento entre a recomendação da política nacional para todo o território brasileiro e o cotidiano dos (as) adolescentes. Esse distanciamento se dá quando, por exemplo, uma adolescente procura um serviço de saúde e encontra profissionais que calcados em concepções técnicas, e em seus princípios morais e éticos, preferem manter uma postura distante e autoritária, como se isto fosse suficiente para que a adolescente seguisse à risca suas orientações de prevenção e anticoncepção. Isto quando ela consegue ser atendida sem a presença de uma pessoa responsável.

Segundo o texto de introdução desse documento do Ministério da Saúde (2006), a inclusão de adolescentes e jovens nas políticas de saúde, especialmente naquelas voltadas para a saúde sexual e reprodutiva, requer novas perguntas sobre a realidade desses sujeitos. Requer que tais perguntas sejam feitas a esses sujeitos, respeitando e considerando seus olhares, opiniões e propostas. A capacidade criativa e o potencial de participação social devem ser resguardados e promovidos nas práticas e políticas de saúde, assim como pelas demais políticas sociais.

A saúde sexual e a saúde reprodutiva ocupam lugar importante na construção da igualdade de gênero e na construção de autonomia dos adolescentes e jovens, princípio fundamental na formação de pessoas saudáveis e responsáveis. É necessário reconhecer, no entanto, que as condições de construção da autonomia estão mais ou menos colocadas conforme as relações e estruturas sociais em que adolescentes e jovens estão inseridos, marcadas por muitas formas de desigualdades, reconhece o relatório.

O grande desafio para uma política nacional de atenção integral à saúde de adolescentes e jovens, é implementar ações de saúde que atendam às especificidades dessa população, respondendo às demandas colocadas pelas condições de vida dos (as) adolescentes. Essas ações devem considerar as desigualdades de gênero, de cor/raça, de classe e a orientação sexual, e

assim contribuir para a sua superação. É preciso considerar, também, as diferenças culturais entre as diferentes regiões do País e seu impacto na saúde e na organização das ações.

De acordo com o Marco Teórico do Ministério da Saúde, reorganizar serviços em uma perspectiva de acolhimento das demandas específicas desta população, e de forma que o acesso às ações, aos serviços e aos insumos de saúde seja garantido sem as limitações atualmente impostas, requer uma reflexão sobre o papel dos diversos atores envolvidos no atendimento dessa população no setor Saúde e nos demais setores que desenvolvem políticas de atenção à adolescência e juventude.

Documentos do Ministério da Saúde (2008) reforça que a “Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens” compreende que promover a saúde de adolescentes e jovens exige compreender que os comportamentos iniciados nessa idade são cruciais para o restante da vida, porque repercutem no desenvolvimento integral da pessoa humana. A saúde nessas faixas etárias está diretamente relacionada à promoção da participação juvenil no exercício da cidadania, em especial, no fortalecimento dos seus vínculos familiares e comunitários e por meio de ações de educação em saúde e prevenção de agravos. Está em consonância com a Constituição Brasileira, que elegeu, como um de seus princípios norteadores, a prevalência dos direitos humanos. Outro pilar que a sustenta é o Estatuto da Criança e do Adolescente, onde crianças e adolescentes são reconhecidos como sujeitos sociais com direitos, independentes de seus pais e/ou familiares e do próprio Estado⁵⁰.

Recentemente, em 2007, o Ministério da Saúde, por meio da Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem, lançou o Marco Legal – Saúde um Direito de Adolescente que trouxe instrumentos legais de proteção aos direitos dessa população, notadamente aqueles de garantia do pleno exercício de seu direito fundamental à saúde, em âmbito nacional e internacional. Apontou os principais documentos internacionais e nacionais no que tange à previsão legal dos direitos de adolescentes aos instrumentos de proteção e aos mecanismos de controle e monitoramento do cumprimento dos direitos reconhecidos, entre outros⁵¹.

As orientações do atual governo apontam para as políticas locais a necessidade de um novo olhar sobre esse segmento etário. Apresenta uma realidade atual e uma idéia abrangente de saúde que inclui intervenções capazes de promover o desenvolvimento saudável dessa população;

⁵⁰ Ver mais em <http://portal.saude.gov.br/saude>. Secretaria de Atenção à Saúde – Ação programática Estratégica – Área de Saúde do Adolescente e Jovem. 2008.

⁵¹ Ver mais em <http://www.saude.gov.br/editora>.

um arcabouço teórico que estimula a construção de novos conhecimentos sobre saúde na adolescência; e o respaldo legal para iniciativas locais que buscam garantir os direitos sexuais e reprodutivos na fase da adolescência.

O cotidiano dos (as) adolescentes não se alterará se as iniciativas locais não se apropriarem desses documentos para aprimorar suas práticas com esse público. O que vemos é um distanciamento entre as políticas propostas pelo Estado e as ações de educação e saúde nas comunidades. Os manuais técnicos elaborados pelo Ministério da Saúde são subsídios atuais e orienta o desenvolvimento do trabalho, a questão é saber se são utilizados na prática.

Vivemos um momento na história deste país em que se tenta transformar o Estado numa ferramenta eficiente para o exercício da cidadania, mas as relações de poder ultrapassam o Estado e se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado. Em nossa sociedade impera uma rede de poderes e o Estado é um instrumento específico de todo um sistema pautado por práticas de poder (FOUCAULT, 1978).

Essa relativa independência das redes de micro-poder significa que as transformações não estão necessariamente ligadas às mudanças ocorridas no âmbito do Estado. As relações de poder moldam as redes sociais. Vemos a existência de formas de exercício de poder diferentes do Estado, articuladas de maneiras variadas e que mantém a sua sustentação e atuação eficaz⁵².

Nossa sociedade é permeada por relações de poder. Foucault (1978) utiliza o termo relações de poder, que quer dizer que estamos uns em relação aos outros. Trata-se de uma luta que não é simétrica, onde a situação de poder não é a mesma, mas que participamos desta luta. Basta que qualquer um de nós se eleve sobre o outro, e o prolongamento dessa situação pode determinar a conduta a seguir, influenciar o outro. Não somos presos no interior dessa relação, temos sempre a possibilidade de mudar a situação, mas em nenhum lugar estamos livres de toda a relação de poder. Mas somos livres, pois, há sempre a possibilidade de mudar as coisas.

Verificamos no conteúdo da pesquisa de campo que a relação de poder do adulto encontrada no âmbito familiar, nos serviços de saúde, na escola e na igreja, sobre os (as) adolescentes caminha na contramão das práticas sexuais contemporâneas. Essas instituições não reconhecem a sexualidade adolescente como algo legítimo e um direito. De modo geral, mantém o assunto em silêncio como algo proibido.

Por mais que os documentos nacionais apontem que as mudanças nos comportamentos sexuais e reprodutivos na adolescência são legítimas, os (as) adolescentes encontram obstáculos de todas as ordens para o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos a partir das relações de poder advindas de seu contexto social.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz “não”, mas que de fato ele permeia, produz valores, atitudes e discursos, induz ao prazer e forma saberes. Poder não é algo que se detém como uma propriedade, que se possui ou não. O poder não existe; o que existe são práticas ou relações de poder. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o campo social, muito mais que uma instância que tem função de reprimir⁵³.

É preciso recuperar a origem mais politizada dos grupos educativos. Politizar significa olhar além do nosso espelho narcísico (...), superar a culpa de não seguir os guias para ser, culpa inconsciente das condições históricas que produziram maior vulnerabilidade e a exclusão. Dependemos da emancipação, de poder fazer história, de fortalecer alianças políticas. Politizar nos obriga a cultivar mais plasticidade com as soluções definitivas e prontas, porque temos que nos comunicar e negociar. Politizar significa negociar soluções a dois, mais “poder de” e não ter mais poder “sobre”⁵⁴.

1.6. Adolescência, Direitos Sexuais e Reprodutivos

Como vimos, na medida em que os (as) adolescentes crescem a sociedade em geral vai criando expectativas diferenciadas para eles e elas. As diferenças culturalmente instituídas entre os sexos influenciam, com frequência, a vida destes adolescentes nos campos da sexualidade, da saúde e da inserção social.

Em diversos contextos sociais, os mais tradicionais, as moças estão condicionadas a se casar e a serem donas de casa, enquanto que os rapazes são formados pra serem os provedores da família. O uso da imagem da mulher pela mídia, como símbolo sexual, dentre outros fatores, contribui para fortalecer tal desigualdade. As desigualdades sociais e a pobreza também são

⁵² FOUCAULT, 1978.

⁵³ Idem, 1978.

⁵⁴ PAIVA, 2002, p. 36.

fatores importantes para aprofundar as iniquidades de gênero. Essas diferenças de expectativas e papéis sociais são incorporadas e internalizadas por crianças e adolescentes, refletindo em seus comportamentos, principalmente no que diz respeito à sexualidade, às relações pessoais, com namorados e cônjuges.

Por outro lado, os serviços de saúde não ajudam quando deixam de organizar uma política de atendimento dirigida especificamente aos (às) adolescentes. Isto se torna um problema porque, ao mesmo tempo em que não colabora para aprofundar um debate mais específico sobre essa questão, contribui para inibir uma atitude de maior autonomia das (os) adolescentes privando-os de seus direitos sexuais e reprodutivos.

Segundo Mattar (2007), especificamente os direitos de decidir de forma livre e com responsabilidade, sobre a reprodução e de ter acesso à informação e meios para tomada de decisões, dizem respeito aos direitos reprodutivos. Por sua vez, o direito de exercer, sem discriminação ou coerção a sexualidade e a reprodução, diz respeito aos direitos sexuais.

Tais direitos não se restringem ao campo da saúde, mas se expressam e se realizam em diferentes dimensões da vida social, que afetam a expressão da sexualidade e a experiência da reprodução. O que deveria ser um tema intrínseco ao desenvolvimento e crescimento de crianças e adolescentes, freqüentemente se torna silenciado, distante, constrangedor ou proibido. Essas concepções refletem atitudes moralistas e preconceituosas que cerca o aprendizado da sexualidade e nada contribui para a saúde dos (as) adolescentes.

No Brasil a Constituição de 1988 reconheceu, no artigo 227, que:

“é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com prioridade absoluta, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

A Constituição reconhece os aspectos que envolvem a proteção especial à criança e ao adolescente. Os responsáveis pelas políticas e pelas leis os vêem como uma categoria social, com necessidades específicas demonstradas no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), mas em termos práticos, as políticas públicas para adolescentes ainda são muito tímidas.

Em 1990, foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que define que:

“todas as crianças e adolescentes têm direito à proteção integral e que são sujeitos com direitos especiais porque são pessoas em processo de desenvolvimento. O ECA determina que o atendimento das necessidades e dos direitos das crianças (até 12 anos) e adolescentes (de 12 a 18 anos) seja prioridade absoluta das políticas públicas do País. Também define meios de participação da população no estabelecimento e na fiscalização dessas políticas, através dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e dos Conselhos Tutelares.”

O ECA prevê que todas as crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, nas mais diferentes condições sociais e individuais, e que a condição de pessoa em desenvolvimento não os priva de gozar esses direitos. Entretanto, não especifica os direitos em relação ao exercício da sexualidade.

De acordo com Ventura (2005, p. 34),

“a ausência de dispositivos legais claros em âmbito nacional, que disponham sobre o direito de o/a adolescente exercer pessoalmente, sem anuência dos responsáveis, alguns dos seus direitos, como por exemplo, na assistência à saúde, vem gerando dificuldades e interpretações equivocadas, que violam o direito humano fundamental à saúde deste segmento. Este entendimento não está expresso na nossa legislação, e a limitação legal imposta aos/às adolescentes para o exercício de determinados direitos, impede que profissionais da área da saúde e outros, garantam a autonomia, condicionando à anuência dos responsáveis pelo/a adolescente o direito à privacidade, ao sigilo, à educação sexual, à informação e à assistência à saúde reprodutiva.”

Um dos avanços principais em relação à sexualidade e reprodução surgiu através da IV Conferência Internacional sobre a Mulher, realizada em Pequim em 1995, foi definir como diretriz a “prevenção das restrições de direito que favorecem a vulnerabilidade das pessoas”⁵⁵. Assim, avançou-se nessa Conferência a definição dos direitos reprodutivos e direitos sexuais como direitos humanos. Além disso, foi dada maior visibilidade aos direitos sexuais, que foram expressos em sua definição de maneira mais autônoma em relação aos direitos reprodutivos, ao mesmo tempo em que estes direitos são afirmados como condições para a conquista da igualdade de gênero.

⁵⁵ Marco Teórico Referencial em Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens, 2006.

Através desta Conferência, os direitos sexuais e direitos reprodutivos foram definidos como:

“Direito de controle e decisão, de forma livre e responsável, sobre questões relacionadas à sexualidade, incluindo-se a saúde sexual e reprodutiva, livre de coerção, discriminação e violência. A igualdade entre mulheres e homens no que diz respeito à relação sexual e reprodução, incluindo-se o respeito à integridade, requer respeito mútuo, consentimento e divisão de responsabilidades pelos comportamentos sexuais e suas conseqüências.”

Ainda no cenário internacional, a Conferência sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994, na cidade do Cairo, a saúde e os direitos reprodutivos de jovens receberam destaque especial no parágrafo E, do capítulo VII, que inclui temas como gravidez indesejada, aborto inseguro e DST/ AIDS. Representantes de mais de 175 países de todo o mundo assinaram documento endossando essas recomendações. O governo brasileiro também é signatário do Programa de Ação do Cairo, tendo se comprometido com a implantação de políticas voltadas à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes⁵⁶.

A Organização das Nações Unidas realizou uma série de eventos a fim de promover um balanço sobre as iniciativas de implementação das resoluções incluídas no Programa de Ação do Cairo. Dentro desse processo foi realizado, em fevereiro de 1999, em Haia (Holanda), um Fórum Internacional do qual participaram representantes de 177 países, de órgão da ONU, organização não governamental⁵⁷. Em relação aos (às) adolescentes a preocupação maior esteve relacionada com a sua saúde reprodutiva, uma área na qual ainda há muita resistência por parte de pais, mães, professores (as) e grupos religiosos⁵⁸.

Durante a Reunião da mesa Diretora Ampliada do Comitê Especial de População e Desenvolvimento, em Santiago do Chile, 2004, foi referendando o Programa de Ação da Conferência de População e Desenvolvimento (CIPD, Cairo, 1994), e também foi emitida uma Declaração assinada por 37 dos 38 países presentes (exceto EUA). Esta declaração, a de Santiago reafirma a Plataforma do Cairo e os resultados do Cairo +5. Um importante avanço neste documento é a inclusão de um item específico para os adolescentes: “respeito aos direitos de

⁵⁶ DOSSIÊ Adolescentes Saúde Sexual e reprodutiva. Rede Feminista de Saúde, 2004, p. 32.

⁵⁷ Idem, 2004.

⁵⁸ Idem, 2004.

adolescentes em termos de serviço e informação, com respeito à privacidade e confidencialidade”. Este documento é resultado do esforço de jovens que se fizeram presentes e atuantes⁵⁹.

Os direitos sexuais e os direitos reprodutivos são uma questão de cidadania e dizem respeito tanto às condições físicas dos indivíduos, quanto às questões sociais. Têm importância para a garantia e ampliação dos direitos humanos porque proporcionam a vivência plena e consciente da sexualidade, gerando uma vida mais digna tanto para os indivíduos quanto para as coletividades. Quando reconhecemos a legitimidade dos direitos sexuais e reprodutivos, implicitamente estamos pressionando uma reformulação no campo dos Direitos, para que sejam consideradas também as diferenças de gênero, etnia, idade e livre orientação sexual⁶⁰.

Ao assumir as diferenças que existem na vida real, o Direito estaria se adequando aos princípios que contemplam efetivamente os direitos sexuais e direitos reprodutivos como Direitos Humanos de todos. A concepção de direitos sexuais exige uma articulação maior entre os direitos sociais – como saúde, educação e trabalho e os direitos individuais – como o direito à vida, à liberdade e à inviolabilidade da intimidade. Esta interação favorece o exercício pleno da sexualidade, que também implica uma perspectiva de igualdade e equidade nas relações sociais e pessoais – essencial para possibilitar aos indivíduos escolhas conscientes⁶¹.

O exercício dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos permite reduzir as violações à autonomia pessoal, integridade física e psicológica de que são alvos indivíduos e coletividades, garantir os meios necessários para o ser humano alcançar seu bem-estar sexual e reprodutivo. Alguns desses direitos são: direito de decidir sobre a reprodução, sem sofrer discriminação, coerção, violência ou restrição ao número de filhos, e intervalo entre seus nascimentos; direito de ter acesso à informação e aos meios para o exercício saudável e seguro da reprodução e sexualidade; direito de ter controle sobre seu próprio corpo; direito de exercer a orientação sexual sem sofrer discriminações ou violência⁶².

Vale novamente lembrar que o Ministério da Saúde em 2007, lançou o Marco Legal com o objetivo de subsidiar os profissionais de saúde, gestores estaduais e municipais, órgãos e instituições que atuam na área de saúde do adolescente, de modo a fornecer elementos essenciais para o processo de tomada de decisões para elaboração de políticas públicas, para o atendimento

⁵⁹ DOSSIÊ Adolescentes Saúde Sexual e reprodutiva. Rede Feminista de Saúde, 2004, p.33.

⁶⁰ Idem, 2004.

⁶¹ ECOS, 2003 apud DOSSIÊ Adolescentes Saúde Sexual e reprodutiva. Rede Feminista de Saúde, 2004.

⁶² Rede Feminista de Saúde, 2004.

nos serviços de saúde, de modo que os direitos dos (as) adolescentes sejam garantidos, amplamente divulgados e discutidos pela sociedade⁶³.

Esse novo documento é a sistematização do respaldo legal como suporte para os serviços e programas de saúde que buscam garantir os direitos sexuais e reprodutivos dos (as) adolescentes. Sabemos que a falta de uma norma legal dá margem a posturas conflituosas dos profissionais de saúde, que acabam por criar obstáculos para que os (as) adolescentes usufruam dos serviços disponíveis. E isso é uma questão de direitos: adolescentes precisam de informações objetivas e esclarecedoras, sem julgamento de valor, pois só assim é possível um diálogo onde as dúvidas sejam colocadas abertamente e sem medo ou constrangimento.

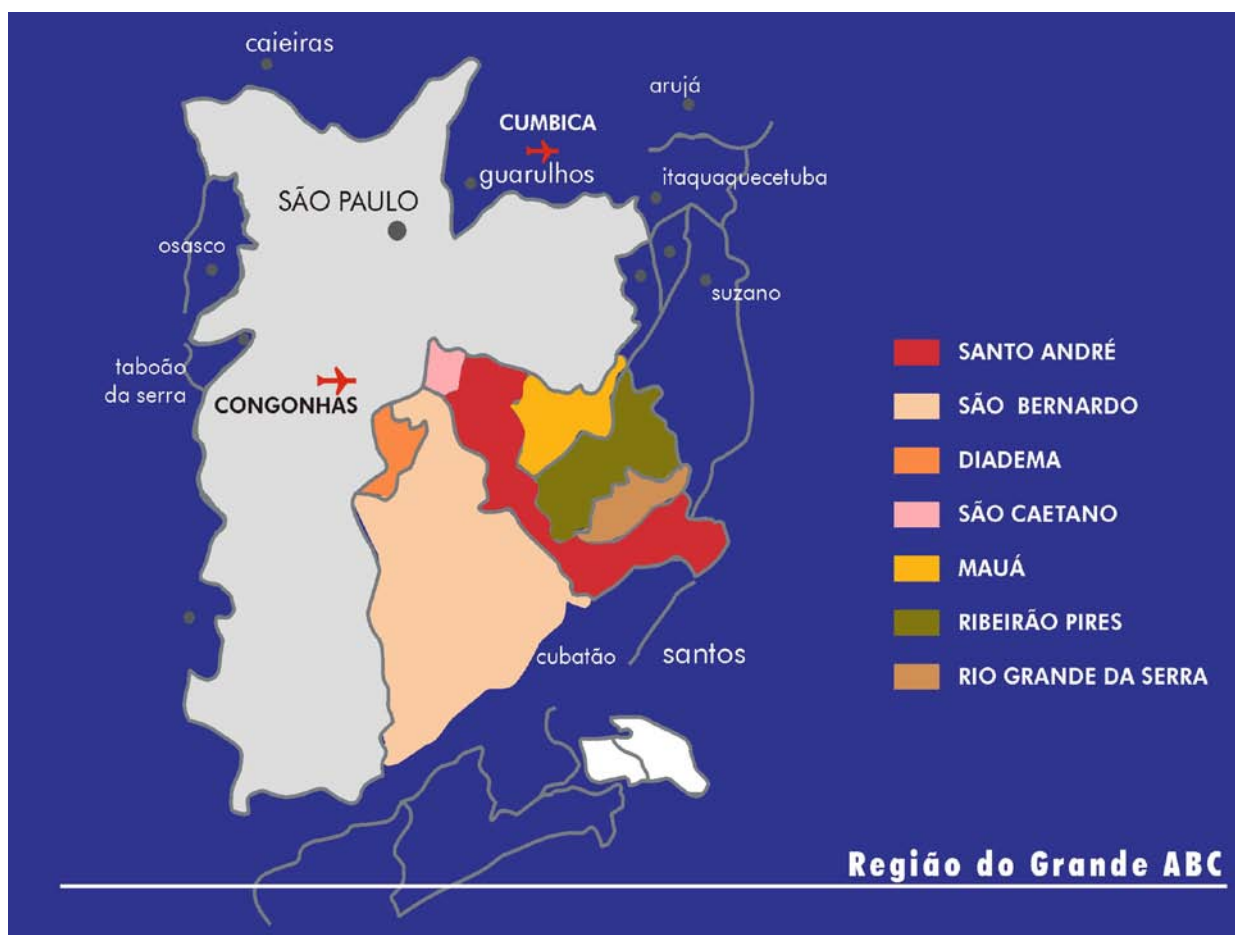
A carência de programas de prevenção e atendimento à saúde sexual e reprodutiva na fase da adolescência; a ausência de capacitação de como os (as) profissionais da saúde e da educação deve proceder diante das diversas expressões da sexualidade nessa fase; e as redes de micro-poder constituídas historicamente como prática social, que coloca os (as) adolescentes em situação desvantajosa no exercício da sua sexualidade e cidadania, são causas importantes que priva esse público de seus direitos e coloca em situação de vulnerabilidade a sua saúde.

⁶³ Ver em <http://portal.saude.gov.br/saude>

2. O CONTEXTO DA PESQUISA E A SUA METODOLOGIA

2.1. Um breve retrato de Santo André

Figura 1. O Mapa de Santo André - Região do Grande ABC



Santo André é uma das cidades que compõem o grande ABC, em conjunto com São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Situada na área metropolitana da Grande São Paulo, com aproximadamente 650.000 habitantes (BRASIL. IBGE, 2000, p.3) ⁶⁴. Ocupa uma extensão de 174,38 Km², divididos em 45% de área urbana e 55% em área de proteção de mananciais. Em termos de saneamento básico, 98%

⁶⁴ SOUZA, 2005.

possuem rede de água e 95% rede de esgoto. Sua atividade econômica é voltada para a indústria metalúrgica e de plásticos, petroquímica, área de comércio e serviços.

Santo André vive economicamente um período de transição, que teve início na década de 90, ou seja, seu forte passado industrial cede lugar à convivência entre indústrias remanescentes, que se modernizam poupando mão-de-obra e um setor terciário em expansão. Embora seu conjunto apresente razoáveis indicadores econômicos – o PIB municipal per capita é de aproximadamente US\$ 9,8 mil – e de qualidade de vida – Índice de Desenvolvimento Humano é de 0,8739, a cidade reproduz os contrastes marcantes entre riqueza e pobreza, característicos do Brasil. (SOUZA, 2005)

Figura 2 – Mapa que caracteriza as regiões da cidade de Santo André, SP, 2007



2.2. Retrato dos (as) adolescentes de Santo André

As tabelas abaixo trazem um diagnóstico que caracteriza a adolescência andreense e revela a distribuição sócio-econômica e demográfica da população de 15 a 19 anos. A partir de dados censitários procurou-se montar um retrato que ofereça uma visão global da situação desse público no município. É importante lembrar que o Censo Demográfico⁶⁵ do IBGE é realizado com periodicidade decenal, portanto, o levantamento feito em 2000 é considerado referência válida para a década. As tabelas 1 a 18 possuem fontes de micro dados da amostra do Censo 2000/IBGE. A elaboração é do Departamento de Indicadores Sociais e Econômicos, da Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo (Prefeitura de Santo André).

Neste estudo priorizou-se a organização e análise dos indicadores de demografia, escolaridade, trabalho, renda e pobreza. Espera-se que estes dados, além de alimentar reflexões acadêmicas, possam contribuir para as discussões sobre a questão da adolescência no âmbito municipal, visando, sobretudo, o planejamento de políticas e definição de ações voltadas para a superação das desigualdades e promoção da cidadania adolescente.

Tabela 1 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por idade (em anos) – Santo André – 2007

Idade em anos	Nº	%
15	12.053	19,0
16	11.588	18,3
17	13.264	20,9
18	13.436	21,2
19	12.980	20,5
Total	63.320	100,0

Como vimos na tabela 1 acima, a população andreense de 15 a 19 anos, foco de observação da pesquisa, representa 9,48% de um total de 650.000 habitantes. Temos na cidade 63.320 adolescentes, sendo 31.660 do sexo feminino e o mesmo para o sexo masculino, de acordo com a tabela 2 abaixo.

⁶⁵ Estudo estatístico das populações.

Tabela 2 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por sexo - Santo André – 2007

Sexo	Nº	%
Masculino	31.660	50,0
Feminino	31.660	50,0
Total	63.320	100,0

A tabela 3 traz a distribuição da população de 15 a 19 anos subdividida por raça/etnia: daqueles (as) que se declararam brancos, vemos um predomínio de 76,6% do total dos 63.320 adolescentes. Esta tabela também nos mostra que a população negra⁶⁶ adolescente de Santo André detém 21,9% do total. Aponta-nos também um pequeno percentual de 0,9 de adolescentes que se declararam amarelos e 0,1 indígenas.

Tabela 3 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por cor ou raça - Santo André – 2007

Cor ou raça	Nº	%
Branca	48.503	76,6
Preta	1.963	3,1
Amarela	570	0,9
Parda	11.904	18,8
Indígena	63	0,1
Ignorado	317	0,5
Total	63.320	100,0

A tabela 4 apresenta a distribuição proporcional de adolescentes por religião declarada. Vale ressaltar a significativa maioria de católicos (as) com registro de 68,8% do total, por outro lado o percentual dos (as) “sem religião” apresenta 9,2%. Este grupo só perdeu para os (as) que se declararam evangélicos, representando 18,5% .

⁶⁶ De acordo com o DISE, para fins de análise, com recorte de etnia, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: agrupamento das classificações preta e parda – dando origem a denominação negra. Tal procedimento é comumente utilizado em estudos demográficos: do IPEA, IDH, dentre outros.

Tabela 4 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por religião - Santo André 2007

Religião	Nº	%
Católica	43.572	68,8
Evangélica	11.708	18,5
Espírita	1.290	2,0
Outras religiões	759	1,2
Sem religião	5.815	9,2
Não declarada	176	0,3
Total	63.320	100,0

Os dados referentes à relação com o responsável pelo domicílio da tabela 5, revelaram que 85,6% dos adolescentes eram filhos (as), 3,4% cônjuges e 1,3% os próprios responsáveis pela família. Outras relações como irmã (o), agregado (a) e outro parente apareceram em porcentagens baixas.

Tabela 5 - Distribuição da população de 15 a 19 anos segundo a relação com o responsável pelo domicílio - Santo André – 2007

Relação com responsável pelo domicílio	Nº	%
Pessoa responsável	848	1,3
Cônjuge, companheiro (a)	2166	3,4
Filho (a), enteado (a)	54173	85,6
Neto (a), bisneto (a)	2147	3,4
Irmão, irmã	1000	1,6
Outro parente	2516	4,0
Agregado (a)	266	0,4
Pensionista	34	0,1
Empregado (a) doméstico (a)	102	0,2
Individual em domicílio coletivo	67	0,1
Total	63.320	100,0

No que se refere à permanência no município de Santo André, 70,4% nasceram e sempre moraram no município. Os 29,6% restantes migraram de outras cidades do país. Conforme a tabela 6 abaixo.

Tabela 6 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por faixa de tempo de moradia no município - Santo André – 2007

Faixa tempo moradia no município	Nº	%
Não migrantes	44.577	70,4
Menos de 11 anos	12.664	20,0
11 a 20 anos	6.079	9,6
Total	63.320	100,0

Na tabela 7 abaixo, apresenta-se a distribuição proporcional de adolescentes se sabiam ou não ler e escrever. Do total 99,2% declararam que sabiam ler e escrever, por outro lado o percentual dos (as) que não sabiam ler e escrever apresentava 0,8%. Portanto, vimos um total de 507 adolescentes de 15 a 19 anos que não sabiam ler e escrever.

Tabela 7 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e se sabe ler e escrever - Santo André – 2007

Sabe ler e escrever	Nº	%
Sim	62.813	99,2
Não	507	0,8
Total	63.320	100,0

Abaixo a tabela 8 apresenta a situação dos (as) adolescentes segundo frequência à escola. O percentual de adolescentes que se declarou estar fora do sistema de ensino em Santo André chegava a 28,3% do total, destes, 0,6% nunca haviam frequentado uma escola. Ou seja, 17.920 adolescentes de 15 a 19 anos se encontravam fora do sistema regular de ensino. Dos que estavam na escola, 54,1% na rede pública e 17,6% na rede particular.

Tabela 8 - Distribuição da população de 15 a 19 anos segundo frequência à escola - Santo André – 2007

Freqüenta escola ou creche	Nº	%
Sim, rede particular	11.144	17,6
Sim, rede pública	34.256	54,1
Não, já freqüentou	17.540	27,7
Nunca freqüentou	380	0,6
Total	63.320	100,0

Entre os (as) adolescentes de 15 a 19 anos o atraso escolar apresentou-se conforme a tabela 9, em 5,7%, ou seja, 6.631 estavam nessa situação. E destes, 1,2% ou 765 adolescentes estavam sem instrução alguma e/ou com menos de um ano de estudo. Vimos também 17 adolescentes em cursos de alfabetização de jovens e adultos. Por outro lado 93,7% estavam no sistema de ensino com permanência nos estudos que varia de 5 a 12 anos.

Tabela 9 - Distribuição da população de 15 a 19 anos segundo faixa de anos de estudo - Santo André – 2007

Anos de estudo	Nº	%
Sem instrução ou menos de um ano	765	1,2
1 a 4	2.866	4,5
5 a 8	25.088	39,6
9 a 11	32.887	51,9
Mais de 12	1.390	2,2
Alfabetização de adultos	17	0,0
Não determinado	307	0,5
Total	63.320	100,0

Conforme a tabela 10, do total de adolescentes, 93,6% nunca viveram com cônjuges ou companheiros. Já 5,4% viviam e 1,0%, ou 633 adolescentes já viveram, mas não vivem mais.

Tabela 10 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e que vive com cônjuge ou companheiro - Santo André – 2007

Vive com cônjuge ou companheiro	Nº	%
Sim	3.419	5,4
Não, mas viveu	633	1,0
Nunca viveu	59.268	93,6
Total	63.320	100,0

Os resultados sobre o estado civil da tabela 11 revelaram a predominância dos (as) adolescentes solteiros (as) com 97,8%. Os (as) casados (as) com 2,1%, ou seja, 1.330 adolescentes. E os desquitados (as) ou separados (as) judicialmente representavam 0,1%. Não foi encontrado nenhum viúvo (a).

Tabela 11 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e por estado civil - Santo André – 2007

Estado civil	Nº	%
Casado (a)	1.330	2,1
Desquitado (a) ou separado (a) judicialmente	63	0,1
Viúvo (a)	0	0,0
Solteiro (a)	61.927	97,8
Total	63.320	100,0

A tabela 12 nos mostra os resultados referentes ao trabalho: 19.819 adolescentes, o que corresponde a 31,3% trabalhavam e 43.501 (68,7%) não trabalhavam.

Tabela 12 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e por trabalho remunerado - Santo André – 2007

Trabalho remunerado	Nº	%
Sim	19.819	31,3
Não	43.501	68,7
Total	63.320	100,0

Em relação à faixa total de rendimentos em todos os trabalhos em salários mínimos⁶⁷ predominou a faixa de 1 a 3 salários mínimos com 25,5% conforme a tabela 13. Já os (as) sem rendimentos representam 64,6% do total geral. Os (as) adolescentes que estão no mercado de trabalho recebem salários baixos, se somarmos o de até um salário mínimo com os de 1 a 3 salários mínimos chega a 30,6% do total.

Tabela 13 - Distribuição da população de 15 a 19 anos por total de rendimentos (em salários mínimos) - Santo André – 2007

Total de rendimentos em salários mínimos	Nº	%
Sem rendimento	40.932	64,6
Até 1SM	3.221	5,1
1 a 3SM	16.141	25,5
3 a 5SM	2.240	3,5
5 a 8SM	625	1,0
8 a 11SM	80	0,1
11 a 14SM	45	0,1
14 a 20SM	14	0,0
30 a 50SM	20	0,0
Total	63.320	100,0

Na tabela 14, 90,2% das adolescentes não possuíam filhos e 9,6% possuíam, destas 7,8% com 1 e 1,8% com 2 filhos, sendo esta última parcela representando 570 adolescentes.

Tabela 14 - Distribuição da população feminina de 15 a 19 anos e por filhos tidos - Santo André – 2007

Filhos tidos	Nº	%
Nenhum	28.557	90,2
1	2.469	7,8
2	570	1,8
3	0	0,0
Total	31.660	100,0

⁶⁷ Valor do salário-mínimo na data de referência do Censo: R\$151,00

Abaixo a tabela 15 apresenta a distribuição da população de 15 a 19 anos por tipo domicílio. O percentual de adolescentes que viviam em casa representa 90,0% do total. Os (as) que moravam em apartamento representavam 8,2%. E aqueles (as) (443) que viviam em 1 cômodo representando 0,7%.

Tabela 15 - Distribuição da população de 15 a 19 anos e por tipo domicílio - Santo André – 2007

Tipo domicílio	Nº	%
Casa	56.988	90,0
Apartamento	5.192	8,2
Cômodo	443	0,7
Não se aplica	697	1,1
Total	63.320	100,0

Segundo a condição de ocupação do domicílio 67,5% possuíam casa própria já quitada e 16,0% moravam em moradias alugadas. Conforme a tabela abaixo 5,2% ocupava terreno próprio ainda pagando. Se somarmos os cedidos por empregador, os cedidos de outra forma e os de outra condição resultam num total de 10,2%, ou seja, 6.458 adolescentes moravam em condições precárias.

Tabela 16 - Distribuição da população de 15 a 19 e por condição de ocupação do domicílio - Santo André – 2007

Condição de ocupação do domicílio	Nº	%
Próprio já pago	42.741	67,5
Próprio ainda pagando	3.293	5,2
Alugado	10.131	16,0
Cedido por Empregador	380	0,6
Cedido de outra forma	4.242	6,7
Outra Condição	1.836	2,9
Não se aplica	697	1,1
Total	63.320	100,0

Quanto aos níveis de renda familiar a tabela 17 contém a proporção de adolescentes nas respectivas faixas de renda. Mesmo com maior concentração na faixa de 5 a 8 salários mínimos (20,8%), convém ressaltar que a soma dos resultados dos patamares inferiores de renda (sem nenhum rendimento, até 1 salário mínimo, de 1 a 3 salários mínimos e de 3 a 5 salários mínimos) é de 28,9%, ou seja, quase 30% dos (as) adolescentes andreenses estavam em famílias com menor poder aquisitivo. Na medida em que vai aumentando a renda mensal domiciliar vai caindo a distribuição da população de 15 a 19 anos. E somente na última faixa de renda, a de mais de 20 salários mínimos vemos uma ascendência nos números, que representa 16,6% do total de adolescentes viviam em camada social mais elevada. Mesmo assim, pode-se deduzir que a grande maioria dos (as) adolescentes pertencia a famílias trabalhadoras (e bem menos estão na pequena classe média).

Tabela 17 - Distribuição da população de 15 a 19 e por faixas de rendimento mensal domiciliar (em salários mínimos) - Santo André – 2007

Rendimento mensal domiciliar em salários mínimos	Nº	%
Não se aplica	76	0,1
Sem rendimento	1.769	2,8
Até 1SM	634	1,0
1 a 3SM	6.996	11,0
3 a 5SM	8.912	14,1
5 a 8SM	13.144	20,8
8 a 11SM	8.162	12,9
11 a 14SM	5.773	9,1
14 a 17SM	4.130	6,5
17 a 20SM	3.195	5,0
Mais 20SM	10.528	16,6
Total	63.320	100,0

A tabela 18 mostra a distribuição da população de 15 a 19 e por renda per capita. Se somar os sem rendimento com os que possuíam a renda per capita de até 1 salário mínimo, vemos uma porcentagem de 25,4% de adolescentes de 15 a 19 anos (16.094) viviam em situação de pobreza na cidade. Devemos considerar que a renda abaixo do patamar de 1 salário mínimo per capita, é suficientemente baixa e expõe os (as) adolescentes a uma situação de vulnerabilidade social. Na tabela se sobressaem os (as) adolescentes que se encontram na faixa de 1 a 3 salários mínimos representando 43,9% do total. Na medida em que a renda vai subindo, novamente vemos nitidamente a ausência de adolescentes nestes patamares.

Tabela 18 - Distribuição da população de 15 a 19 e por renda per capita - Santo André – 2007

Renda per capita	Nº	%
Não se aplica	76	0,1
Sem rendimento	1.769	2,8
Até 1SM	14.325	22,6
1 a 3SM	27.826	43,9
3 a 5SM	10.027	15,8
5 a 10SM	6.779	10,7
11 a 20SM	2.127	3,4
21 a 50SM	334	0,5
Mais 50SM	55	0,1
Total	63.320	100,0

Grande parte dos (as) adolescentes reside em áreas periféricas da cidade envoltas por mananciais e 61% dos assentamentos precários da cidade estava localizado neste grupo, o que demonstra a dificuldade de acesso a serviços e bens de consumo.

Muitas administrações governamentais têm buscado alternativas para diminuir as desigualdades de oportunidades que enfrentam adolescentes e jovens moradores de bairros periféricos. A prefeitura de Santo André, como muitos outros municípios brasileiros, através da área da educação, implementou em 2007 o “Programa Nacional de Inclusão de Jovens, o ProJovem” do Governo Federal. Seus destinatários (as) são adolescentes e jovens de 18 a 24 anos

que terminaram a quarta série, mas não concluíram a oitava série do ensino fundamental e não têm vínculos formais de trabalho⁶⁸.

Em 2008, a área de inclusão social da prefeitura implementou o “Programa ProJovem Adolescente”, também em parceria com o Governo Federal, que integra o “Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem”, como modalidade exclusivamente destinada à faixa da juventude compreendida entre os 15 e 17 anos⁶⁹.

Segundo informações da Secretaria de Educação e Formação Profissional do município em 2007, 429 adolescentes e jovens de 18 a 24 anos freqüentaram o ProJovem. Em 2008, 101 estão participando do Programa. Segundo informações da Secretaria de Inclusão Social, 650 adolescentes de 15 a 17 anos estão inseridos no ProJovem Adolescente em 2008.

Estas são ações importantes para aumentar os indicadores do nível de escolaridade e para a reinserção social dos (as) adolescentes. Sem negar a legitimidade de programas como estes, não farão diferença na vida dessa população, se o trabalho sócio-educativo não for pautado na escuta e valorização dos sujeitos, enquanto princípios básicos das práticas entre educadores (as) e alunos (as). Muitas vezes, profissionais calcados em concepções tradicionais de ensino e em seus princípios morais, preferem manter uma postura distante e autoritária diante dos (as) adolescentes.

Há que se cuidar seriamente da formação e do acompanhamento destes profissionais que estão todos os dias com os (as) adolescentes. Prepará-los para o desafio de lidar com esses grupos, caso contrário, as boas e tão necessárias intenções do ProJovem ou de qualquer outro programa parecido jamais sairão do papel.

⁶⁸ Componente da Política Nacional de Juventude, sob a coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República em parceria com o Ministério da Educação, do Trabalho e Emprego e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Oferece oportunidades de elevação da escolaridade, de qualificação profissional e de planejamento e execução de ações comunitárias de interesse público. Cada aluno (a) como forma de incentivo recebe um auxílio de cem reais por mês, desde que tenha 75% de freqüência nas atividades programadas. Ver mais em www.projovem.gov.br/2008

⁶⁹ Destina-se a adolescentes pertencentes às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família; egressos de medidas socio-educativas de internação ou em cumprimento de outras medidas socio-educativas; em cumprimento ou egressos de medidas de proteção; egressos do PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil; egressos ou vinculados a programas e serviços de combate ao abuso e à exploração sexual. O Programa busca instituir mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária e criar condições para a inserção ou reinserção, e permanência do jovem no sistema educacional. Ver mais em www.mds.gov.br

De acordo com Paiva (2002, p.34),

“os estudos sistemáticos dos programas educativos, especialmente os conduzidos entre jovens, têm enfatizado que programas que usam uma linguagem simples (...) são os que garantem os melhores resultados. Essas iniciativas são desenvolvidas em grupos chamados de “oficinas” e reconhecem sua inspiração na tradição inaugurada por Paulo Freire, de educação como prática da liberdade. Essa “pedagogia do oprimido”, cunhada originalmente nos anos sessenta, participa até hoje em várias partes do mundo como tarefa - auxiliar dos movimentos sociais contra a pobreza e outras formas de exclusão. Nessa tradição, ter acesso à educação é em si mesmo um passo crucial, mas apenas quando a linguagem popular e os temas relevantes da vida dos oprimidos são valorizados. Só tem sentido e eficácia as ações educativas que conseguirem quebrar o silêncio e a invisibilidade social dos que hoje são chamamos de excluídos.”

2.3. Delineando o Problema

Pudemos acompanhar no final de 2005, que a Secretaria de Saúde da cidade de Santo André, com a participação da população, organizou a IX Conferência Municipal de Saúde⁷⁰. “SUS: um compromisso de todos” foi o tema central dessa conferência, que teve como principal objetivo estabelecer diretrizes políticas para a saúde na cidade, a partir do debate sobre cinco eixos temáticos: acesso e qualidade no serviço de saúde, humanização, participação e controle social, gratuidade e direito à saúde, e qualidade de vida⁷¹.

Pudemos observar que jovens do hip hop, dança de rua, grafite, teatro, circo, partidos políticos, movimentos estudantis e representantes das comunidades de Santo André tiveram destacada atuação, tanto na Pré – Conferência de Saúde para a Juventude, quanto na IX Conferência Municipal de Saúde 2005. Provocaram o debate e referendaram propostas específicas que já fazem parte do Plano Municipal de Saúde para a cidade e ainda conseguiram eleger na ocasião, sua representação para compor o Conselho Municipal de Saúde.

A juventude de Santo André tem uma participação histórica na interação estabelecida entre o governo democrático de administrações locais da região do grande ABC, focando com mais rigor a experiência gestada pelo governo da Prefeitura de Santo André. (ALMEIDA, 2001).

Das propostas que os (as) jovens levaram para a IX Conferência Municipal de Saúde de Santo André, todas foram aprovadas em plenária com mais de 400 pessoas. A participação da

⁷⁰ Esta Conferência de 2005 recebeu o nome de **Maria José Santos Stein** (in memoriam), como uma homenagem a esta mulher que de forma marcante, atuou em movimentos sociais e na Prefeitura de Santo André, em defesa dos direitos da mulher, da participação cidadã e da humanização na saúde.

⁷¹ Texto final do Plano Municipal de Saúde – 2005.

juventude na discussão sobre saúde e a preocupação do poder público com as demandas imediatas deste segmento, fizeram com que, em novembro de 2006, a Secretaria Municipal de Saúde, lançasse publicamente o Plano Municipal de Saúde da Juventude, documento que atualmente orienta as ações do novo Programa de Saúde da Juventude.

Em 2008, mais uma vez, a participação da juventude também se legitimou na II Conferência Municipal de Políticas Públicas de Juventude, onde foi organizada uma mesa expositora que subsidiou as discussões nos grupos de formulação de propostas, tratando de três temas: Juventude e Trabalho, Qualidade de Vida do Jovem, Participação e Cidadania.

Importante ressaltar que a juventude aproveitou o processo da Conferência 2008, na qual fui expositora convidada para o tema Qualidade de Vida do Jovem, e categoricamente reivindicou a retomada da Assessoria da Juventude, extinta em 2005, quando o governo criou o Núcleo de Políticas de Gênero, Raça, Geração e Pessoa com Deficiência. Avaliou-se que a mudança de “Assessoria da Juventude” para “Núcleo de políticas de Gênero, Raça, Geração e Pessoa com Deficiência”, fragilizou a articulação das políticas de juventude, bem como, as ações já conquistadas em épocas anteriores, como o Centro de Referência da Juventude criado em 1998, o conhecido “CRJ” de Santo André. Em 2008 criou-se o Conselho Municipal da Juventude na cidade, outra conquista desse público, a partir da participação organizada na conferência. Já a reivindicação pela retomada da Assessoria da Juventude não foi atendida nessa gestão.

Enquanto coordenadora do Programa de Saúde da Juventude, ao desenvolver um estudo diagnóstico no mês de abril de 2007, apliquei um questionário a 42 adolescentes de ambos os sexos, com perguntas abertas, organizado para aprofundar o conhecimento sobre suas práticas sexuais, com o intuito de conhecê-los (as) melhor e, posteriormente, desenvolver oficinas sequenciais para a formação de jovens multiplicadores em saúde.

Organizei esse material com base em três pesquisas desenvolvidas no Brasil recentemente: “Juventude e Sexualidade” da UNESCO (2004); “Adolescentes, Saúde Sexual e Reprodutiva” da Rede Feminista de Saúde (2004), e “O Aprendizado da Sexualidade” do Centro de Estudos e Pesquisa de Saúde Coletiva (2006). Ao sistematizar o questionário pude observar que as questões de gênero têm se mostrado importantes nas atitudes e valores dos (as) adolescentes. Prescreve condutas adequadas para homens e mulheres e intervém de maneira evidente no cenário de iniciação sexual.

As políticas públicas voltadas para adolescentes e jovens desconsideram os diversos aspectos da sexualidade, na medida em que não reconhecem que a sexualidade é parte do desenvolvimento e das relações entre as pessoas e os conceitos de amor, sentimentos, emoções, intimidade e desejo não se incluem nas intervenções sobre saúde sexual e reprodutiva. Nesta perspectiva, adolescentes não são reconhecidos socialmente como pessoas sexuadas, livres e autônomas, o que os tem submetido a situações de vulnerabilidade, no plano pessoal, social e institucional.

Entendemos que vulnerabilidade pode ser social, programática e individual. É a síntese conceitual e prática das dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais associadas às diferentes suscetibilidades de indivíduos, grupos populacionais e até mesmo nações, a agravos e/ou adoecimentos⁷².

A maior ou menor vulnerabilidade dos diferentes segmentos populacionais só pode ser compreendida se levarmos em conta um conjunto amplo de aspectos que poderíamos agrupar em três esferas: a individual (podem ser incluídos os aspectos cognitivos e comportamentais), a programática (relacionada com as políticas de saúde e com a maneira como estão organizadas as instituições na comunidade), e a social (fatores coletivos, sociais).

Segundo Ayres (1996), a noção de vulnerabilidade foi explorada inicialmente nos Estados Unidos, por ser considerada uma estratégia de aproximação preventiva à epidemia da AIDS, por causa do preconceito em relação aos chamados grupos de risco ou à injustificável despreocupação de quem não tinha “comportamento de risco”.

Os (as) adolescentes estão hoje mais vulneráveis à gravidez não planejada e à infecção da AIDS, supondo que este fato é resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam situações distintas entre os homens e as mulheres. Mas as representações correntes sobre adolescência carregam estereótipos como “fase problemática da vida”, “existência de uma personalidade específica”, cuja leitura principal é a noção de “crise”⁷³ e desconsidera o contexto sócio-cultural.

⁷² AYRES, 1996.

⁷³ HEILBORN, 2006, p. 39.

De acordo com Abramo (1997), podemos supor que a juventude seja um barômetro das mudanças sociais, pois a reconhecemos como uma geração responsável pela transmissão de valores ou pela ruptura de determinados padrões. Desse modo, ela pode ser tomada como responsável pela transgressão de mecanismos que presidem a integração social. Mais que isso, ela é usualmente analisada a partir da ótica de “problema social” quando se afasta das expectativas sociais nela depositadas.

Muitas vezes, é veiculado o discurso de que atualmente os (as) jovens e adolescentes são irresponsáveis, imediatistas, individualistas, incapazes de estabelecer planos para o futuro. Outras vezes, afirma-se de modo genérico que as pessoas dessa faixa etária estão às voltas com um turbilhão hormonal que as torna mais impulsivas, rebeldes e irresponsáveis. Todos esses discursos têm em comum o fato de individualizarem os problemas, isto é, atribuírem-nos a características e comportamentos individuais e mais grave do que isso, produzirem rótulos danosos⁷⁴.

Quantas vezes não ouvimos afirmações que lançam mão de rótulos para explicar a maior susceptibilidade de adolescentes e jovens à Aids, à gravidez não planejada? Um exemplo, que com frequência ouvimos dos adultos: “a juventude de hoje é um desastre!”⁷⁵. Entretanto, tais rótulos não nos dão instrumentos para lidar com o problema, além disso, retiram a responsabilidade dos diferentes setores da sociedade em relação a essa questão.

Os dados mostram que a construção de elementos que irão ao encontro das necessidades do público adolescente e, mais especificamente, meios para a prevenção da Aids e da gravidez não planejada, não só dependem da ampliação do acesso dos indivíduos à informação e aos recursos para se protegerem, mas principalmente de transformações sociais mais profundas, relacionadas ao contexto no qual estão inseridos.

Portanto, para desvelar os principais fatores sócio-culturais que determinam as atitudes e valores e permeia a sexualidade na adolescência contemporânea, a pesquisa girou em torno das seguintes questões:

- Como as questões de gênero modulam a sexualidade dos (as) adolescentes?

⁷⁴ Pesquisa “**Juventude: cultura e cidadania**”. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2001. Núcleo de Opinião Pública (NOP).

⁷⁵ Afirmação de um membro do Conselho Municipal de Saúde de Santo André, em reunião realizada em outubro de 2006 sobre o Plano Municipal de Promoção à Saúde da Juventude.

- Como as diversas instituições sociais atualmente lidam com a questão da sexualidade a partir da perspectiva dos (as) adolescentes?

2.3.1. Objetivo Geral

Conhecer de que forma, fluindo através de que discursos, as relações de gênero e as instituições sociais, conseguem influenciar os valores e as atitudes dos (as) adolescentes no modo de se relacionarem sexualmente.

Objetivos específicos

- Desenvolver um breve levantamento sobre aspectos demográficos, sociais e de saúde dos/as adolescentes no Brasil.
- Verificar como se apresentam as políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva no Brasil.
- Aprofundar o conhecimento sobre direitos sexuais e reprodutivos na adolescência.
- Levantar as percepções dos (as) adolescentes de Santo André em relação às instituições de seu cotidiano.
- Conhecer os fatores principais que facilitam ou dificultam o sexo seguro e com prazer.
- Conhecer como os/as adolescentes de camadas populares vivem o processo de iniciação sexual.
- Compreender como as questões de gênero modulam as práticas sexuais e reprodutivas entre adolescentes atualmente.
- Desconstruir os aspectos individualizados e revelar os fatores sociais que hoje influenciam as atitudes e opiniões dos (as) adolescentes sobre as formas de se relacionarem sexualmente.

2.4. Procedimento de coleta de dados

Com o objetivo de conhecer mais sobre as diversas práticas e opiniões dos (as) adolescentes sobre sexualidade atualmente, minha pesquisa qualitativa procurou levantar um material que permite dialogarmos com um universo denso, proporcionando várias oportunidades de reflexão e relativizando a visão de senso comum relacionada à sexualidade nessa fase. Visão esta que coloca no campo individual, questões que já há alguns anos causam preocupações e têm sido tratadas como “problemas sociais”, por exemplo, a gravidez precoce não planejada e a incidência da infecção da Aids no público adolescente.

Um aspecto importante é que procurei garantir uma atenção aos dois sexos na pesquisa em assuntos comumente considerados pela visão feminina. Como já vimos em capítulos anteriores, estamos considerando a adolescência como um processo, a sexualidade e as relações de gênero como um aprendizado das diversas formas de se relacionar e de ser homem ou mulher na sociedade.

Para isto utilizei a técnica com grupos focais que me propiciou ao término desta experiência, a certeza de que esta escolha foi importante, dada a característica da pesquisa, o tema e o grupo pesquisado. Não sabia ao certo como seria a reação dos (as) adolescentes, por se tratar de assunto ainda silenciado. Nesta direção, ao mesmo tempo em que me instigava a idéia de desenvolver este tipo de pesquisa em grupo, tinha dúvida se o diálogo, a interação entre eles e elas iria de fato ocorrer sem constrangimentos. No entanto, tive que rever as perguntas, pois, no início a técnica estava com aspecto de entrevista coletiva, mais do que técnica de grupo focal, e as questões eram de cunho muito pessoal como, por exemplo: “quem já transou”⁷⁶?

O grupo focal é uma técnica de interação na qual os membros de um grupo ou comunidade narram e discutem visões e valores sobre eles próprios e o mundo que os rodeia. É composto geralmente de 6 a 12 pessoas que são estimuladas a dialogar umas com as outras. Os grupos focais têm-se revelado um dos principais instrumentos dos métodos de “indagação rápida”, desenvolvidos para obter uma informação ágil, pouco onerosa, em profundidade e com um volume significativo de informação qualitativa. A utilização da técnica requer a seleção aleatória dos membros para, controlando alguns denominadores comuns, como sexo, idade, e

⁷⁶ Utilizei em vários momentos estrategicamente o termo “transou” quando referia-me ao ato sexual, com intuito de me aproximar da linguagem deles (as).

posição social e institucional dos respondentes, formar grupos que possibilitem obter uma maior pluralidade de opiniões⁷⁷.

Na qualificação da pesquisa fui alertada para aprofundar meus estudos nesta técnica, o suficiente para rever a dinâmica que estava utilizando inicialmente, mais parecida com uma entrevista coletiva. Criei uma estratégia inicial para envolver o grupo no tema, perseguindo a possibilidade de conhecer suficientemente a vida sexual e afetiva nessa fase por mais íntima que ela se apresentasse. O importante era deixá-los à vontade para falar e também com desejo de falar, garantindo assim, que a interação acontecesse como era esperado.

Inicialmente pensei em utilizar um trecho de filme, de uma música, um jogo, uma matéria de revista ou jornal relacionada ao tema; no final, decidi que uma história poderia ser interessante para que o grupo se sentisse instigado a interagir. Decidi então reconstituir uma passagem de minha adolescência, e por coincidência (talvez) há 20 anos estudava nesta mesma escola onde desenvolvi a pesquisa. Uma escola muito conhecida e localizada no centro de Santo André, pública, de ensino fundamental e médio, que existe há 60 anos, onde estudam alunos de diversos bairros da cidade.

Quanto a minha história, consegui resgatar detalhes do que ocorreu comigo naquela ocasião, deixando transparecer como, na época, o contexto em que estava inserida, se apresentou diante do episódio daquele domingo. Verifiquei quais valores e atitudes permearam aquele universo, mas este não era o meu objeto de estudo, meu interesse foi verificar os avanços e as contradições vinte anos depois. É bom lembrar que naquela época havia um silêncio total em relação ao tema. Não havia as Assessorias ou Coordenadorias da Mulher nas gestões governamentais, nem as DDMs (Delegacias de Defesa da Mulher). Em nosso país não vigorava a ação dos Conselhos de Direitos, a Constituição de 1988, nem o Estatuto da Criança e Adolescente.

A estratégia funcionou bem, criando inclusive um ambiente de cumplicidade e respeito pela história de cada um, começando então pela minha, que causou uma enorme surpresa no grupo e garantiu a concentração e interesse de todos para participação na pesquisa.

⁷⁷ CASTRO; ABAMOVAY; SILVA, 2004.

A possibilidade dos (as) participantes criarem situações inverídicas não estava descartada, embora com a dinâmica inicial, buscássemos estabelecer vínculos e acordos previamente estabelecidos quanto ao sigilo das informações ali relatadas.

Houve certa diferença no tom do debate que vale lembrar, perceptível nos grupos separados por sexo, ocorreu certo desabafo, críticas direcionadas ao sexo oposto que surgiram nos dois grupos, no dos rapazes e no das moças, com destaque às críticas deles ao comportamento atirado delas. Já no grupo misto, uma harmonia pairou, um clima aparentemente mais sério e de respeito mútuo: estavam frente a frente. Mas tal como proposto, a técnica buscou relações de confiança e de princípio ético, ao mesmo tempo a distância entre a mediação por mim representada e os (as) participantes. Todos (as) falaram muito de sexo, de suas intimidades, sem que incorressem tons pejorativos.

Entrar na escola depois de tantos anos foi muito instigante. Fui recebida por uma funcionária que me pediu para voltar outro dia para falar com a vice-diretora que cuidava dos estúdios. Por mais que eu explicasse que não era fazer estágio o meu objetivo, não adiantava, principalmente quando falei que o tema era sexualidade; a funcionária se pronunciou: “*vai ser difícil, aqui tem muito crente*”. Enfim, fui embora, mas não desisti; e por sorte conhecia uma professora daquela escola, que, animada quando contei sobre a pesquisa, facilitou minha entrada me colocando em contato direto com a diretora para que eu pudesse avançar nesse processo.

Fui enfim recebida pela Diretora, que na ocasião estava com visita de duas supervisoras de ensino, apresentei a pesquisa sem muitos detalhes. Tive a impressão, no momento, que quanto mais eu falasse, mais seria difícil entrar na escola, senti que meu tema realmente causava preocupações. Elas me fizeram diversas perguntas e, no final, me autorizaram a desenvolver os grupos focais, mesmo porque, minha pesquisa tinha sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da cidade.

Ao todo aconteceram três rodas de conversa, com dinâmica de duas horas, em média, para cada grupo. Um total de 27 adolescentes: um grupo masculino, um feminino e o outro misto. No primeiro, 10 moços participaram; no segundo grupo 11 moças e, por último 6, sendo 3 moços e 3 moças. Não conhecia nenhum dos componentes, uns já se conheciam, mas grande parte não, pois a pesquisa foi realizada num período inicial de ano letivo e alguns vieram de outras escolas, além de não serem todos da mesma sala de aula. Utilizei um método aleatório de seleção, em que a professora fez o convite, o que a meu ver, pôde contribuir um pouco mais para a originalidade dos relatos.

Pude contar com uma assistente que me ajudou na gravação e transcrição, uma participação fundamental num momento importante da pesquisa. Avaliamos, eu e minha assistente psicóloga, que considerando o tema sexualidade, mais observadores na sala, talvez não fosse adequado e causasse certo constrangimento na participação de alguns adolescentes. Na dúvida, optamos em somente nós duas darmos conta da técnica para que eles (as) se sentissem mais à vontade. Levamos dois gravadores, o que garantiu transcrever as falas já que na roda de conversa, a empolgação, os risos, e principalmente o excesso de gírias e as palavras tomadas de assalto eram constantes, e quase prejudicou a escuta posterior de pontos importantes ali levantados.

Este é um estudo qualitativo, uma leitura de um universo de atitudes e valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações e dos processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Uma análise de um grupo de adolescentes moradores de diversas regiões da cidade.

De acordo com Pimenta (2007, p.40) é importante enfatizar que os valores não são estáticos, mas sujeitos a mudanças no decorrer da vida, conforme os indivíduos interagem com outros grupos sociais e aprendem com novas experiências. É importante ter em mente que, diferentemente das normas, os valores não constituem regras concretas para a conduta e implicam também as noções de conhecimento e crença. Além disso, também se organizam em padrões e podem ser hierarquizados e, no que diz respeito à sua abrangência e grau de aderência, variam radicalmente entre sociedades diferentes e dentro de uma mesma sociedade.

2.4.1. Aspectos Éticos

Quanto aos aspectos éticos, a presente investigação foi cadastrada no Comitê de Ética e Pesquisa de Santo André para análise e posteriormente aprovada. Foi utilizado o consentimento informado previamente à coleta de dados (Anexo 1).

Cuidou-se de outros procedimentos de natureza ética, a saber:

- Garantiu-se suporte assistencial e de orientação aos casos identificados de adolescentes em situação de risco no que diz respeito à saúde sexual e reprodutiva.
- Tratou-se a pesquisa como um momento de educação e valorização dos direitos humanos, tanto do consentimento pós-informação, elaborado com os cuidados éticos e informativos,

quanto por meio da entrega de materiais educativos que disseminaram noções e informações quanto aos direitos sexuais e reprodutivos na adolescência, como forma de estímulo e engajamento no tema.

- Cuidou-se para que todos os grupos focais fossem realizados em ambiente propício ao sigilo e privacidade dos (as) participantes que podiam interromper o diálogo a qualquer momento.
- Cuidou-se para que o consentimento informado de adolescentes menores de 18 anos também fosse assinado por seus responsáveis, o que na realidade não foi necessário, pois tinham entre 18 e 19 anos.
- Garantiu-se na finalização da investigação, que os resultados do estudo fossem disponibilizados à Secretaria de Saúde de Santo André e demais instâncias competentes para ampliar o conhecimento sobre os/as adolescentes, bem como para o aprimoramento das políticas.

2.4.2. Justificativa Financeira

Não houve despesas financeiras destinadas especificamente ao projeto. Os recursos utilizados foram técnicos e humanos, sendo fundamentais para a execução e finalização da pesquisa, sem acarretar, dessa forma, prejuízos à instituição e aos sujeitos submetidos à investigação.

2.4.3. Olhares sobre os sujeitos e seu contexto a partir da minha primeira vez

Santo André (SP), meados da década de 1980, estava em plena adolescência, cursava o magistério e, aos 14 anos, iniciei um namoro “em casa” com um rapaz de 17. Apaixonei-me de maneira devastadora; lembro-me como se fosse hoje. Os bailinhos na garagem, os flertes, as músicas lentas, o perfume, a dança bem agarradinha, que dava para sentir o coração bater, sem saber direito o dono, os cinemas no Centro da cidade, Tangará, Studio Center (hoje ocupados por igrejas evangélicas), os passeios de moto aos domingos. Tudo isto acabou em namoro sério, de

aliança de compromisso e tudo, apesar de minha mãe e meu pai acharem que era muito cedo para eu namorar daquele jeito e que eu deveria me preocupar com outras coisas.

Era um rapaz vizinho e as famílias se conheciam, moço trabalhador. E o tempo foi passando e fomos aprendendo juntos as descobertas do corpo e das práticas sexuais. Os locais da nossa intimidade variavam, um dia era na minha casa, no carro do meu pai na garagem, outro dia na casa dele, não perdíamos as chances nos momentos em que estávamos a sós. Minha família freqüentemente viajava para um sítio, e assim fui aprendendo a me virar sozinha. E a família dele não perdia a oportunidade de criticar minha mãe e meu pai: “*vocês dão muita moleza, deixam a menina muito sozinha*”, “*vocês confiam demais nela*”. Fruto daquela antiga idéia “segura suas cabras, pois meu bode está solto”, conhecem?

Ficamos noivos de aliança de ouro por nossa conta mesmo, fomos jantar só nós dois, tenho as fotos até hoje. Jurávamos amor eterno e casamento próximo, de véu e grinalda. Eu já estava com 15 anos e ele com 18. Lembro-me também com detalhes as expectativas dele em relação a mim, coisas que ele me dizia: “*quando a gente casar, não precisaremos nunca de faxineira ou empregada doméstica, veja a minha mãe, ela faz tudo*” ou “*não precisará fazer faculdade, nem sei se irá trabalhar fora!*”; “*no clube? Nem com sua mãe*”; “*mini saia é horrível, pega mal*”. Estas colocações me incomodavam muito, mas na época não sabia direito o que fazer com elas, achava que era assim mesmo, mas me incomodava.

A família dele comprou um terreno grande para ser dividido entre ele e o irmão; desmanchamos a casa velha, tijolo por tijolo, para construir naquele local duas casas novas. Um futuro bem promissor para quem achava que o casamento era a melhor empreitada na vida de uma moça.

Nesta mesma idade, aos 15 anos num domingo, a família dele viajou dizendo que voltaria somente no outro dia. Nós dois aproveitamos e fomos curtir música e namorar na residência dele. Começamos a trocar carinhos, toques, ficamos nus. Eu era virgem e já transava há um tempo com ele. Era curiosidade recheada pelo prazer da descoberta.

Para nosso azar o pai e a mãe dele resolveram voltar antes do prometido e, quando escutamos o barulho deles subindo as escadas, era tarde demais. Eu corri para o banheiro e carreguei parte de minhas roupas, somente a blusa e o sutiã. Ele correu para o quarto, carregou tudo e saiu completamente vestido.

Do banheiro eu ouvia as vozes da escada: “oi, você está aí?”; “estou mãe”; “está sozinho?”. Neste momento, ele correu até a sala e jogou almofadas por cima de minhas roupas que ali ficaram, tentando escondê-las. Ela percebeu e gritou: “o que é isto? O que vocês estão fazendo?”. E começou a gritar: “não acredito, o que estão fazendo? Que vergonha! Onde ela está? No banheiro? Abra a porta agora!”

Eu abri, com a minha blusa e sutiã, e a toalhinha de rosto do banheiro cobrindo minhas partes íntimas. Meu namorado foi até a sala, correu e jogou-me a calça e a calcinha; quando eu fui agachar para pegar, entrou em cena o pai dele que, num salto, pulou na frente e me arrancou grotescamente as roupas da minha mão. Neste percurso, a toalhinha de rosto caiu no chão e eu fiquei nua. Um flagrante inesquecível!

Aquela mulher, que seria minha futura sogra, continuava a gritar e, como se não bastasse, de posse de minhas roupas, pegou o telefone, ligou para minha casa, chamando minha mãe e meu pai: “estou ligando, pois preciso de vocês aqui, precisamos ter uma conversa”. Para minha sorte, minha mãe foi sozinha, tínhamos visita em casa e meu pai ficou “fazendo sala”.

Quando minha mãe chegou e viu todo o cenário: meu namorado chorando, eu no banheiro, de posse da toalhinha de rosto que me cobria, o pai dele com minhas roupas na mão e a mãe dele dizendo “veja o que sua filha foi capaz de fazer. Como agora ela terá coragem de entrar na igreja de vestido branco? Como vão se casar agora? Não disse que vocês davam muita moleza? Onde está o pai dela para ver a filha que tem?”.

Eu não chorava, só queria minhas roupas e tirar a minha mãe dali, daquela cena.

Depois da confusão, devolveram-me a roupa, meu namorado só chorava. Eu fechei a porta do banheiro, me vesti e fui para a casa com minha mãe. No caminho ela me disse, me lembro como se fosse hoje: “Veja, vamos chegar em casa e eu vou ter que contar o que aconteceu para seu pai, não vou segurar esta sozinha, eles humilharam a todos nós e seu pai precisa saber para vermos juntos o que iremos fazer a partir de agora”. Eu concordei calada.

Chegamos em casa e contamos tudo a ele; eu não chorava ainda, fui chorar somente dias depois. Meu pai chorou. Uma das raras vezes que vi meu pai chorando; ele me disse: “que pena que foram namorar na casa deles. Porque não ficaram aqui, pois se eu chegasse e visse vocês pelados, passaria em silêncio, esperaria vestirem as roupas e depois íamos conversar. Vamos amanhã ao médico, conversaremos com ele e depois iremos até a casa deles, eu e sua mãe, para

mostrar que você não é a mulher que eles disseram ser. Ainda acho que não deve reatar com ele”.

No outro dia fomos ao médico, o médico que me trouxe ao mundo. Contaram o ocorrido e queriam um exame para comprovar minha virgindade. Ali estava a prova para mostrar àquela família que eu não era nenhuma vagabunda: “o atestado de virgindade”.

O médico solicitou que meus pais se retirassem da sala para conversar a sós comigo. Meu pai e minha mãe saíram. Ele me examinou, conversou comigo de forma descontraída para me ver mais a vontade; perguntou se eu ainda era virgem, eu afirmei, ele conferiu e me disse sorrindo: *“você sabe o que faz e fala, e mesmo se não fosse mais virgem, eu não falaria a seus pais, esta é uma questão sua e de mais ninguém.* Eu o olhava bem aliviada, não esperava aquilo, mas de qualquer forma, me sentia bem, segura talvez.

O médico chamou meu pai e minha mãe e disse: *“é normal o que ocorreu na fase dela e do namorado, o que não é normal foi a atitude da família do rapaz. Podem acreditar nela, ela é virgem, sabe o que faz e vejam, não darei papel algum que comprove isto. Penso, sim, que devem ir até a casa da família do rapaz para esclarecimentos sobre o quanto eles exageraram na dose quando fizeram tudo aquilo, mas vocês não têm que provar nada para ninguém. Eles, sim, precisam rever as suas condutas.”*

Voltamos num outro clima, fomos orientados e acalmados por uma pessoa de confiança, um profissional competente, uma autoridade para nós, que fortaleceu nossos laços de cumplicidade, solidariedade e confiança. Só hoje percebo isto, embora no momento sentisse um alívio no peito.

Jantamos juntos em casa naquela noite, eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. Estava convencida, como meus pais, que não deveria mais continuar o namoro, até porque, depois que eles estiveram na casa do rapaz para a tal conversa, a mãe e o pai dele fizeram questão de armar todo o “cenário do crime”: *“quando chegamos na sala, aqui estava a almofada jogada, aqui estava a calça dela e calcinha ali”.* Meus pais tentaram desconstruir a idéia de que tínhamos cometido um crime.

Fiquei um bom tempo longe do rapaz, que insistia em voltar o namoro. Com o passar do tempo comecei a sentir falta dele e voltamos; minha família me orientava que não. Teimeei e, no fim, respeitaram minha decisão, voltamos. Mas nada mais era como antes, não superei a mágoa dos pais dele e aí as brigas eram muitas entre eu e o rapaz. Nessa época a construção da nossa

casa já estava quase terminada e eu já tinha comprado fogão de seis bocas, máquina de lavar roupa e geladeira, pois tinha terminado o magistério e já era uma professora aos 19 anos.

Olhei para aquela casa linda, com três quartos, suítes e até hidromassagem (ele ganhava bem, trabalhava numa empresa e era ferramenteiro). Olhei para minha vida e vi dois caminhos: casar-me, estabilizar-me economicamente e ter filhos, ou ir para a faculdade em busca da minha autonomia e liberdade. Sofri, me encorajei e escolhi a última, fui para a faculdade. Prestei vestibular, passei, terminei o namoro, vendi o fogão, a geladeira e a máquina de lavar roupa, comprei uma moto e fui para a faculdade.

Não pensem que isto é uma ficção!

E foi a partir da escuta atenta e silenciosa dessa dramatizada narrativa, que os (as) adolescentes participantes dos três grupos falaram por mais de duas horas sobre suas intimidades, experiências, desejos e pensamentos.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO

3.1. “*Quando você volta aqui, professora?*”: As primeiras impressões após o campo

Embora a técnica de grupos focais apresente concepções diferenciadas sobre suas formas de desenvolvimento, recomenda-se que o grupo seja de seis a doze pessoas e deve privilegiar a rede de interações⁷⁸. Na análise de conteúdo procurei incluir as observações após a transcrição do diálogo entre os (as) participantes, que foi o objeto principal do estudo na busca de explicações sociológicas para o problema da pesquisa. Verifiquei que foi mais produtivo o grupo de seis componentes, do que o de dez e o de onze. A interação foi mais tranquila e garantiu a participação absoluta de todos (as) os (as) adolescentes.

Para minha surpresa a dinâmica inicial que utilizei como “quebra gelo” e estratégia para que os (as) adolescentes entrassem no assunto, propiciou grande interesse, pois em alguns momentos até “brigavam” para falar. Percebi logo de início o quanto sentiram prazer em participar, e no final me perguntaram: “*quando você volta aqui, professora?*”. Isto porque tive o máximo de cuidado em não pronunciar minha opinião, ou seja, quase não falei com eles (as), contei minha

⁷⁸ GATTI, 2005, p. 22

experiência logo de início e no decorrer da roda de conversa, às vezes provocava a discussão, mas principalmente ouvia atentamente o que tinham a dizer.

Não houve recusa na participação em momento algum, pelo contrário, queriam falar, e muito, o que nos leva a afirmar que há facilidade nessa fase, em se tratar do tema com seriedade e envolvimento. E aqui, reforço um ponto importante a ser observado: a necessidade que adolescentes têm de serem ouvidos.

Podemos refletir também se as falas exprimem o que é socialmente adequado enunciar, ou se são realmente opiniões e valores da realidade vivida. A meu ver, de modo geral, foi possível perceber e/ou conhecer a pluralidade de sentidos que os (as) adolescentes atribuem às situações vividas, bem como, as relações diversas em seu contexto social.

Nos grupos era revelado através deles (as) a afirmação que a informação está ao alcance de todos (as), mas dá para notar em algumas falas que não são adequadas, muitas delas, incorretas e advindas do senso comum: “*ouvi dizer...*” ou “*minha amiga me disse...*”.

Outro aspecto me chamou a atenção logo de início: os risos constantes, traços de constrangimento e vergonha, por se tratar de um assunto de cunho íntimo e ainda pouco tratado socialmente, a não ser em momentos com seus pares e em raras exceções com professores. Já com relação à família mesmo com dificuldades, estão buscando um diálogo mais aberto sobre a questão da sexualidade no âmbito doméstico.

Estão preocupados (as) com a gravidez não planejada nessa fase da vida. Foi polêmico este ponto, principalmente no grupo feminino, embora observasse taxas significativas de gravidezes neste recorte etário, o que demonstra que na prática, em muitos casos, há sexo sem proteção e assim, recorrem regularmente à contracepção de emergência, mais conhecida por elas como “pílula do dia seguinte”, e também às tentativas de interrupção da gravidez.

Sobre a questão da Aids eles e elas têm informação (embora superficiais) e têm acesso a preservativos, mas ao mesmo tempo se arriscam quando revelam que em situações de namoro estável ou não, fazem sexo sem camisinha, comentam, acham graça e/ou normal que isto aconteça. Preocupam-se mais com a gravidez não planejada, por parecer mais perto da realidade deles (as) e menos com a infecção da Aids, o que aparenta ainda para este público, uma questão que atinge “os outros”.

Para estes grupos “Deus” é mais importante que qualquer religião, ou a fé, como disseram também, e não adianta a igreja querer cuidar destas questões pregando idéias ou proibições, ou

“*dogmas religiosos*” como um deles reforçou por mais de uma vez. Não concordam e nem obedecem, por exemplo, com a abstinência sexual antes do casamento. Um deles se declarou ateu, inclusive puxou o assunto sobre aborto e homossexualidade como nenhum outro o fez. Pronunciou-se com diversos argumentos de defesa da interrupção da gravidez indesejada, e do livre exercício da homossexualidade, o que veremos adiante.

Ainda na questão da interrupção da gravidez opiniões diversas dividiam o grupo que, preocupado, buscava uma solução para a problemática da ilegalidade do aborto no país, discutindo critérios e princípios éticos. Apontam a incidência da prática clandestina muito próxima do cotidiano deles (nosso). Uma prática bem escondida, silenciada, cara e arriscada, onde as moças, em muitos momentos, arriscam a vida, se sentem solitárias, discriminadas, culpadas e dependentes economicamente dos rapazes ou amigas quando decidem recorrer ao aborto.

Sobre o tema homossexualidade as moças pareciam ter uma compreensão maior sobre esta questão e se pronunciaram menos que os rapazes. Contraditoriamente, alguns diziam não ter preconceito, mas que não tinham coragem de andar ao lado de um homossexual. Mas um rapaz para a surpresa do grupo, se declarou bissexual e falou da sua experiência com um outro rapaz e da sua dificuldade e necessidade em assumir publicamente sua orientação sexual.

O grupo misto superou minha expectativa. Equivocadamente pensava que eles na frente delas, ou vice-versa, ficassem constrangidos (as) ou extrovertidos (as) demais, querendo chamar a atenção. Quebrando também meus preconceitos a interação foi extremamente significativa, pois levaram a sério aquele momento e se abriram com respeito, maturidade e espontaneidade. Há que se considerar que este foi o último grupo tinha menos participantes e eu estava bem mais à vontade na mediação. Nos outros grupos fiquei ansiosa e interferi desnecessariamente em alguns momentos.

No geral, tinham 18 e 19 anos, estudam à noite e já estão no fim do ensino médio. Isso facilitou que eles (as) assinassem o termo de consentimento, não precisando da autorização de responsáveis. Estão no final da adolescência e assim puderam trazer mais conteúdo sobre o assunto e relatar diversas experiências.

A maioria já teve relação afetiva com compromisso do tipo namoro e também do tipo ficar⁷⁹, se relacionaram ou se relacionam sexualmente buscando prazer, com boas doses de

⁷⁹ Termo que designa um estágio de relacionamento entre jovens que implica certo grau de intimidade corporal, mas distingue-se do namoro – categoria fortemente enraizada no imaginário das relações amorosas – pela ausência de projeto de continuidade ou compromisso público entre os parceiros. (HEILBORN, 2006, p.47)

aventura e de curiosidade. Nenhuma revelação foi feita sobre violência sexual. Nas falas deles (as) pude perceber que na adolescência, a questão da sexualidade ainda traz nitidamente marcas das desigualdades de gênero sob vários aspectos, seja, nas relações familiares onde essa questão aparece fortemente, nas relações entre amigos (as), entre os serviços disponíveis (saúde e educação), nas práticas sexuais e afetivas, nas opiniões e valores, o que iremos verificar mais adiante.

Os assuntos foram tratados abertamente e revelou-me episódios diversos, o que permitiu conhecer mais sobre esta realidade. Iluminar os relacionamentos afetivos, sexuais e reprodutivos que interagem com espaços públicos, escolares, familiares e conjugais, verificando as influências que modulam a maneira de ser homem e mulher adolescente.

3.1.1. “Ser mãe/pai não é brincar de boneca”: A gravidez na vida das (os) adolescentes

*[...] o que acaba acontecendo: muitos jovens hoje em dia, acabam nunca pensando com a cabeça de cima e sim com a cabeça de baixo, por isso que muitas vezes: “que burrada que eu fiz, a minha namorada tá grávida”. Muitos pulam fora; alguém aqui, fale francamente vai, quem não pularia fora em uma situação como esta? (M)*⁸⁰

Também tem gente que não pensa no momento, se vai acontecer, vai, tá lá no bem bom pá, aí esquece e na hora que acontece não pensa nem na camisinha... (M)

... sua namorada tá grávida, sua namorada tá grávida, seus pais são contra o seu namoro, certo?! E você ainda tá desempregado. Estilo eu. (M)

...ele vai saber que tem que trabalhar para sustentar ele e a família, porque mesmo se ele não casar o filho é dele. Isso deveria acontecer, mas como ele falou, tem situação que o cara vai embora... (M)

Ela perde as coisas dela por quê? Por causa de meia hora, sendo que, na boa, vai ter que cuidar do filho, cuidar de casa, lavar roupa... Mas tem muitas meninas que tem também o apoio do pai e da mãe, hoje pode dizer que a maioria tem apoio do pai e da mãe. Às vezes, porque o pai e a mãe sabem que, com 16 anos, não vai saber cuidar um filho, sem experiência sem nada, aí acaba

⁸⁰ Utilizei a inicial “M” ao final da fala masculina, e “F” ao final da fala feminina.

ajudando a filha, e a mãe e o pai (os avós) acabam criando o filho. Mas isso pode ser meio psicológico entendeu?! Pô, isso é o que a gente acaba vendo hoje em dia, uma menina que vai ter um filho cedo, ela se fecha naquilo que, se eu tiver um filho é só isso, eu vou virar dona de casa e só iss; e não é isso. Você pode fazer sua faculdade e ter seu filho, eu conheço uma menina que é assim, teve filho cedo só que ela cuida da filha sozinha, trabalha, faz faculdade e tá aí, fazendo suas coisas, por isso que é meio psicológico entendeu, então o que vai garantir é da vida da pessoa. (M)

... eu posso citar um fato que aconteceu comigo uns anos atrás. Eu descobri que uma ex-namorada minha [...] tava grávida, meu! É um choque que você nem imagina o quanto... eu vou ser pai agora?! [...] e isso acabou afetando nos meus estudos, no meu trabalho [...], eu acabei sofrendo um acidente, sofri um acidente [...]. Ah, mas pó! Isso vai ter a ver com o acidente? Isso acaba mexendo com o psicológico do homem... Você fica abalado. Na hora você sente uma emoção tão grande tipo pó! Vou ser pai, legal, beleza, o tempo vai passando e a responsabilidade vai caindo porque vai chegando e a atenção vai ter que ser total em cima da mulher, o carro que você vai ter [...] para poder levar ela no médico, o acompanhamento médico, os pais de um lado vai tá cobrando e muito... entendeu? Então tudo isso daí envolve o homem. A mulher vai perder algumas coisas? Vai. Ela vai perder, ela vai perder o quê? Ela vai ficar um pouco mais vaidosa, entendeu? Ela vai ficar bem mais carente, tudo isso que vai pedir o auxílio do outro homem entendeu? E o quê que acontece? O homem ele acaba se sobrecarregando entendeu, vai chegar uma hora em que o homem vai falar: Pó! chega, não agüento mais... Só que infelizmente comigo, não vou falar que eu não queria, nem também que eu queria, mas já que veio ao mundo, foi Deus que deu, então, vamos abraçar, então abracei aí com os dois braços, a mão, o pé, só que infelizmente quando chegou aos quatro meses ela perdeu o bebê, acabou perdendo o bebê e enfim, continuamos a nossa vida [...] Terminamos o namoro né, hoje estamos grandes amigos e às vezes a gente se encontra e começa a comentar o assunto, passam algumas cenas na nossa cabeça [...] e a gente pára pra pensar que tudo poderia ter sido diferente [...]. (M)

A mina grávida perde a adolescência inteira, perde os amigos, ela tem que sustentar um filho, tem que cuidar de um filho, ela tem que ver como ela vai fazer para sustentar uma família, e o pai não dá apoio. Isso se o pai não abandona, se o pai não assume, aí tem que ser mãe, pai... (F)

Mas é muito difícil os meninos hoje em dia assumir né. Eles não querem nem saber, eles não querem se prender, porque se você for ver hoje em dia, casamento... não vale a pena mais nada, hoje em dia é só se juntar, aí já era. (F)

É sempre a mesma coisa. Meu? Meu filho? Eles falam: você dá pra todo mundo... (F)

A camisinha estourou! A camisinha estourou, é a desculpa mais esfarrapada que eu já escutei. (F)

Ah, também acho. (F)

Ah, eu acho que eles (os rapazes) não sofrem com isto não. (F)

Eu acho que com certeza quando você falar pra ele que você tá grávida, um sustinho ele vai tomar... (F)

Quando eu comecei a transar com o meu namorado, não era sempre, não era com frequência, a gente transava com camisinha, a gente não tomava remédio nenhum, mas eu achava que tava grávida. (F)

Nossa, igualzinho. (F)

...tem um caso de uma amiga da minha irmã, ela tem 14 anos, ela fez 15 agora, mas ela engravidou com 14 anos... Ah, eu acho assim, ela sabe as conseqüências, cada um faz o que quer, mas eu acho que estragou a vida da menina. A mãe dela a pôs pra fora de casa, aí ela foi morar na Bahia com o menino, mas depois voltou, agora a mãe já perdoou ela, e ela tá assim, com aquele nenenzinho, e é tão desproporcional, ela é tão miudinha com aquele nenenzinho... (F)

Quanto mais você fica com isso na cabeça, mais atrasa a menstruação. (F)

Atrasa um dia e você já tá... (F)

Quanto mais você pensa ah tô grávida, vai desregular. Você nunca tomou nada deste tipo e esta pílula é uma bomba de hormônio que você vai ingerir; então com certeza vai desregular. (F)

Ah, tô grávida então tipo assim, ah, vai da consciência de cada um... (F)

É sério meu, teve uma amiga minha que ficou grávida, a mãe dela foi fazer café e eles foram lá e ela ficou grávida. (F)

Tinha uma menina que namorava há três anos, o cara falou pára de tomar remédio e vamos fazer sem camisinha. Ela confiava nele; aí, depois de 9 meses... ele chutou a bunda dela e chamou ela de burra. (F)

Coitada da menina. (F)

Só que ninguém vê que o líquido que sai antes do esperma... ele também engravida. (F)

Ah, engravida. [...] Não, não, vamos fazer, só que quando tiver na hora de eu gozar, você pega aí “thum”... aí tira e beleza (imitando os garotos). (F)

Aí a mina fica grávida na escola e aí começa: também mó vaca, aí tem que pensar em tudo, tem que ter um pouco de estabilidade pra criar um filho neste momento, nas coisas que você vai enfrentar porque o preconceito é muito na nossa idade, tudo que te zoam, tudo que te alopram, Também vai ter um cara pro resto da sua vida. (F)

Tipo assim, fala um pro outro: Aquela mina é mô bonita. Então ela tem um filho. Credo meu, sai fora mano, enrosco. (F)

E outra, o preconceito quando a mulher fica grávida não vem tanto dos moleques, vem mais das meninas. (F)

É porque as meninas adoram difamar as outras, quando não conhece, nem conhece, mas nossa, ela é chata hein, olha a cara da menina... (F)

É o preconceito, nem tanto dos meninos, mas das meninas, elas falam assim: Aquela menina ali tá grávida. Também, ela dá pra todo mundo, fica com a escola inteira... (imitando outra garota falando). (F)

Mas não é só neste assunto, é em todos, se tem uma sala cheia de mulher e outra cheia de homem, a do homem é mil maravilhas a da mulher é uma... Ah, porque ela não sei o quê, porque aquele cabelo, olha como ela se veste... (F)

Porque, primeiro assim, porque eu te amo (imitando os rapazes) e vai ser eterna a nossa amizade e não sei o quê... mal sabe ela, mal sabe ela... Por isso que amizade é com a minha prima e só. (F)

Na maioria das vezes a menina é assim, eu vou perder a virgindade com ele porque gosto dele. Agora os caras, não! Eu convivo com uma pá de meninos e eles falam: Ah, eu fiz naquela ali. que era virgem né, aí ficava mó pressão... Ah, você é virgem, você é otário porque as minas, e não sei o quê, aí o que ele fez, foi, catou a mina e nem gostava dela, ele foi por pressão, ela gostando dele, mas tipo ele não gostava dela, foi por pressão, acabou se ferrando, que os dois eram virgem e a menina ficou grávida. (F)

A mina não é daqui, ela veio passar o carnaval aqui, sei lá, faz tempo já. Tipo, todo mundo lá já não era mais virgem e só falavam do menino, e não sei o quê [...], ficava uma pressão em cima dele, aí ele acabou fazendo bosta, a menina foi embora e sei lá que fim que deu. (F)

E por outro lado, [...] se homem tem filho este mora com a mulher, não mora com ele, agora mulher não, o cara vai ter que assumir a mulher e o filho. (F)

Eu conheço uma menina que tava com um cara que era mó galinha, galinha mesmo, e ela só ficava com ele, um dia os moleques chegaram pra ele e falaram Parabéns! Ele perguntou: Parabéns por quê? É... você vai ser pai. Mas zoando, na brincadeira, ela nem sabia, aí um belo dia ele falou: Meu... esta menina é mó vaca, esta menina dá pra todo mundo.(F)

Eu tenho uma visão muito por onde eu moro. Onde eu moro, as menininhas, tipos 17 anos já estão grávidas. Tem uma que tá de gêmeos, tá grávida. Não tem uma condição. Eu vou falar para você, hoje em dia o alto índice de criminalidade tá aumentado, mas por quê? Mas por quê? A pessoa não tem estrutura para ter um filho. Igual você, tá pensando em ter um filho, mas já tem uma estrutura, tá comprando um carro, tá construindo uma casa, tipo vai dar uma estrutura para o seu filho. Mas e essas meninas aí? Mora na favela, não tem nem onde cair morta, não tem o que comer. (M)

Como meu camarada que tem um filho, não tem o que comer, o moleque não tem fralda, não tem dinheiro nem para comprar uma fralda. Me fala uma coisa, como esse moleque vai ter uma estrutura? Para ele conseguir um ritmo legal. Por que hoje em dia só pelo governo, já não tem uma estrutura, e as escolas são extremamente ruins. Por isso é que, eu acho que devia ser mais dialogado. Tipo remédio, camisinha, esses negócios, a gente não tem tipo muita coisa. Agora tá entrando, agora tá começando. Se eu quero fazer um planejamento, tão dando aula na escola. Querendo dizer que você tem que ter uma estrutura para criar teu filho, para dar certo... Planejar certinho por que hoje em dia ninguém tem planejamento de nada...(M)

A partir das colocações dos grupos organizei algumas observações sobre o tema da gravidez não planejada na adolescência. Vale lembrar que estou olhando neste momento para a gravidez “não planejada” na fase adolescente, pois foi o que surgiu na discussão entre os (as) participantes da presente pesquisa. Entretanto nos serviços de saúde, especificamente no Programa Municipal DST/Aids da Prefeitura de Santo André, através do Núcleo de Prevenção, desde 2006, profissionais estão observando e investigando a questão da gravidez planejada nesta fase, dada suas recentes proporções.

Devemos considerar que a maternidade ainda é um componente muito valorizado da feminilidade. Nesse cenário de atitudes e de papéis claramente designados a cada sexo, as relações sexuais entre homens e mulheres são vividas como fruto da espontaneidade: é culturalmente pouco provável que uma primeira relação sexual seja discutida ou preparada⁸¹.

Foi perceptível que entre os (as) participantes, a gravidez não planejada na adolescência não é creditada à falta de informação. Para os meninos acontece pelo desejo sexual intenso e para as meninas pela falta de diálogo franco e aberto na família, à imaturidade ou falta de responsabilidade dos meninos e/ou à ingenuidade das meninas em acreditar no método tradicional do coito interrompido.

É vista pelo grupo de modo geral, como um problema, um peso para o resto da vida, pois ocorrem mudanças importantes na vida das mães adolescentes e no cotidiano de sua família que assume o compromisso de cuidar do bebê. Os rapazes também têm consciência deste fato, embora não o suficiente para assumir a paternidade em grandes proporções e demonstram se assustar com a idéia, alegando que este medo de assumir um filho está relacionado, segundo eles, com a falta de recursos econômicos, de perspectivas de emprego, com o desejo de estudar e ainda do filho não ser deles.

A perversa estigmatização das jovens mães solteiras individualiza o problema quando responsabiliza única e exclusivamente as moças. Os rapazes ainda parecem esquecidos neste processo, quando o primeiro comentário sempre se dá na direção das mulheres, a partir do conhecimento dos casos de gravidez nesta fase: *“ela não se cuidou”*; *“ela é um enrosco”*; *“ela acreditou nele”*; *“ela dá pra todo mundo”*. No entanto, esconde realidades sociais distintas e suas possíveis conseqüências danosas relacionadas às relações de gênero, criando um estigma em torno do público feminino quando atribui à elas a ingenuidade, a promiscuidade e a ignorância.

A pílula do dia seguinte, ou melhor, a contracepção de emergência vem sendo utilizada cada vez mais como método anticoncepcional pelas adolescentes, e é de fácil acesso nas farmácias. Nesse aspecto, vemos as meninas vulneráveis à infecção das DSTs/Aids com a não utilização do preservativo.

⁸¹ HEILBORN, 2006, p.77

Tais afirmações representam que a informação que chega a esse público, muitas vezes, não trata adequadamente a questão, e a garantia ao acesso desses adolescentes aos meios de anticoncepção e/ou de prevenção ainda é um desafio para as políticas públicas de saúde, dada a falta de compreensão da necessidade emergente de garantir os direitos sexuais e reprodutivos na adolescência.

O sexo sem proteção nesta fase levanta a reflexão sobre a maternidade e a paternidade precoce. Segundo o Projeto Juventude (2004), entre adolescentes de 15 a 17 anos, o casamento ocorre para 5%. Do total de adolescentes no Brasil 4% têm filhos, sendo 7% das moças e 1% dos rapazes. De acordo com o painel de indicadores do Sistema Único de Saúde (SUS) de 2006, adolescentes de 10 a 19 anos de idade responderam por 22% de cerca de 670 mil partos ocorridos em 2003. As mães de 10 a 14 anos foram cerca de 30 mil em todo o país. Entre 2002 e 2004, nota-se uma pequena tendência de queda da gravidez na adolescência nas regiões Centro- Oeste, Sul e Sudeste, e uma relativa estabilidade no Norte e no Nordeste.

Na faixa etária dos 15 aos 19 anos, entre 1998 a 2006, houve um crescimento de 13% do total de casos de gravidez em todo o país. Essa expansão corresponde a mais de 60 mil bebês nascidos de mães com menos de 19 anos⁸².

Segundo o Plano Municipal de Saúde da Juventude, a gravidez na adolescência em Santo André aparece em maiores proporções em alguns bairros periféricos da cidade como a Vila Luzita, Centreville, Humaitá, Cidade São Jorge, Jardim Irene, Jardim Carla, Parque Miami, Jardim Irene II, Recreio da Borda do Campo e Espírito Santo⁸³. Recentemente (2006) verificamos a queda dos índices de gravidez nessa fase na cidade, bem como, em toda região do ABC⁸⁴, dados que merece um estudo mais aprofundado.

A gravidez nesta fase se sobressai em relação a outras faixas etárias e ganha visibilidade em razão da maior proporção de gravidez e nascimento neste período que, na maioria dos casos, ocorre fora do casamento. Socialmente não é legítimo que isto ocorra, pois, existe uma expectativa para esse público relacionada ao aumento de escolaridade e à diminuição da evasão

⁸² REVISTA Carta Capital, 09 de julho de 2008, p. 25.

⁸³ MENDONÇA, S. M. Diagnóstico da Gravidez na Adolescência no município de Santo André, 2006 apud Plano Municipal de Saúde da Juventude – SS/ PSA, 2006.

⁸⁴ DIÁRIO do Grande ABC - 12/09/2007 – Caderno Sete Cidades.

escolar. A experiência de “parentalidade”⁸⁵ na adolescência é considerada um evento que atrapalha o desenvolvimento ideal dessa etapa de vida, sendo assim, a gravidez na adolescência é encarada como um problema social.

3.1.2. “Sem camisinha é melhor (?)”: O amor como proteção da Aids

Sem camisinha é melhor... (M)

...fazer sexo sem camisinha é muito melhor. (M)

É igual chupar bala com papel... (M)

Mas olha, em relação a fazer sexo com camisinha ou sem camisinha, é minha opinião, falar assim "olha não tem diferença", é mentira, tem sim diferença, mas é melhor usar camisinha do que pegar uma doença tipo a Aids. (M)

[...] o cara não está nem aí, o cara tá lá e pam, mas ele não sabe se ele tá tendo uma doença. Por que, tipo, eu vou direto no urologista, e ele fala para mim assim: "nas preliminares, já tá exposto, por que você não sabe se ela tem doença, por que não é somente introduzindo, nas preliminares já pega". Tipo, você tem que tomar muito cuidado, se você colocar seu órgão sexual no órgão sexual dela já pega. (M)

Nós usamos (camisinha) durante um tempo. Depois quando a gente resolveu largar a camisinha, ele fez exame, eu sempre fiz exames, de seis em seis meses. Desde que minha mãe me levou lá, eu sempre fiz. Aí, depois que saiu o resultado, eu comecei a tomar o remédio... (F)

No médico eu vou sozinha, quando meu namorado não vai comigo eu vou sozinha, não tem problema nenhum. (F)

[...] tem uma mina ela nunca usou nada, mas assim, pra ela era normal chegar aqui assim, pra todo mundo na sala e: “nossa meninas fui com quatro e não sei o quê e não sei o quê...” Todo dia ela tinha alguma coisa pra contar. E ela era tipo zuada, zuada na escola, e ela ainda passava assim, se achando... (F)

⁸⁵ Engloba a idéia de maternidade e paternidade. O neologismo visa suprir a ausência de uma palavra em português correspondente a *parenthood* na língua inglesa (HEILBORN, 1993).

Em relação à camisinha, eu acho assim, que no carnaval, que é uma época que querendo ou não incentiva muito o sexo, essa é a hora que todo mundo tá entregando camisinha, como se fosse o único momento no ano que todo mundo decidisse fazer sexo, tudo ao mesmo tempo. E já não é bem assim que acontece. [...]. E o carnaval incentiva muito. Eu acho que o povo pensa assim: carnaval, ninguém é de ninguém, então vamos, é nós, e pronto. (F)

Eu vou ter que concordar com ela que é bem assim mesmo. Só que, funciona. Eu só uso camisinha no carnaval. (M)

Ai, que horror! (F)

Eu sei que tem esse lance de Aids, eu tenho medo também. Mas é assim, porque, [...] você foi na primeira, você só tem duas camisinhas, depois vem a segunda, você vai para a terceira, aí você não tem mais camisinha. Você sai andando e pronto. (M)

É ridículo isso, velho... (F)

Não precisa nem ser a Aids, você pode pegar um monte de coisa por aí. (M)

[...] esse mesmo cara que agora é pai ele me disse "desencana, a primeira gonorréia a gente nunca esquece". Ai, que horror. Por que, mano, você sai com a menina. De repente você começa a ter uma coceira uns dias depois. Você não tem o que fazer, ou você se mata ou você vai ter mó vida sem graça. Por que você sabe o que é errado para você, você é o culpado. E ela por não ter falado assim "eu tenho gonorréia"... (M)

Só no corrimento da mina você pega... (M)

É... se você não tiver com o protetor, né. (M)

[...] eu tive um tio gay, que por falta de informação na época, ele morreu de Aids. Por quê? Assim, não sei se foi falta de informação, por que quando ele morreu eu tinha seis meses, mas minha mãe disse que não tinha nem coquetel na época. (M)

E esse negócio de Aids também é uma coisa muito preconceituosa. (M)

Eu também acho. (M)

Por que assim, a seguinte situação: a pessoa tem Aids, tipo o Boi (amigo ao lado) tem Aids, aí só por que ele tem Aids eu não vou sentar perto dele. Por que, nossa, ele tem Aids. Entendeu? Vou me afastar dele por que ele tem Aids. Como ele tem Aids, eu não vou beber no copo dele só por que ele tem Aids. Só que a Aids não é assim que pega. Não é pelo copo, pelo contato, se você apertar a mão, não é assim. Olha só, não é falta de informação. As pessoas não querem ver que é preconceito e não querem saber da informação. (M)

É preconceito, o brasileiro é muito preconceituoso. No geral... de homossexualismo, de tudo. O brasileiro é muito preconceituoso. (M)

Todos tinham informação sobre a Aids e sabiam que usar preservativo é uma forma de evitar a doença. Observei certo silêncio por parte do grupo feminino nesse tema, e uma preocupação dos meninos que não condiz com a prática do sexo sem proteção revelada em diversos momentos.

A vulnerabilidade masculina está relacionada a aspectos da masculinidade no sentido de sentir-se forte, imune a doenças, ser impetuoso, correr riscos e achar que o desejo sexual é incontrolável. A decisão de não usar camisinha é feita pelo homem, ela tem que confiar nele. A não utilização do preservativo masculino, segundo rapazes desse grupo, é atribuída à perda de sensibilidade na relação sexual e aos impulsos incontroláveis.

Embora a Aids fosse relacionada a homossexualidade, houve também a consideração de que todos teriam chance de se contaminar, dependendo de suas ações. Sinais de autocuidado foram revelados nos grupos, quando alguns (mas) afirmaram que fazem exames e passam por consultas com urologistas ou ginecologistas. Por outro lado, situações de vulnerabilidades foram reveladas, especialmente na época do carnaval, onde descontraídos pela festa, praticam sexo com mais de um (a) parceiro (a). Quanto à campanha de prevenção da Aids no carnaval, houve o comentário que são provocados a pensar e praticar a prevenção só neste período, como se só “transassem” nessa época.

Criticaram o “*preconceito do povo brasileiro*” que, ao contrário de obter informação correta sobre as formas de contágio, na opinião deles, já discrimina a pessoa com Aids antecipadamente. Cada item observado mereceria um aprofundamento, mas farei uma análise mais geral da problemática da infecção da Aids e o público adolescente.

No que diz respeito à infecção da Aids, de acordo com a UNICEF⁸⁶, em 2001, quase a metade de todas as infecções novas aconteciam em adolescentes com menos de 18 anos e, aproximadamente, 11 milhões de jovens viviam com o vírus. Quando o Brasil começou a distribuir o coquetel anti – Aids, em 1996, a epidemia se estabilizou em uma média de 20 mil

⁸⁶ apud Dossê “Adolescentes Saúde Sexual e Reprodutiva” - Rede Nacional Feminista de Saúde, 2004.

novos casos por ano. Essa média foi mantida até 1999, quando começou a declinar sensivelmente, registrando em 2000, cinco mil casos a menos⁸⁷.

De acordo com a UNESCO (2002), a população mais afetada, desde o surgimento da epidemia no país, tem sido a de 25 a 39 anos, tendo em vista o período de incubação do vírus da Aids (de 10 a 15 anos). Nota-se que os jovens estão se infectando entre os 15 e 25 anos, em sua maioria. Entre os homens acima de 13 anos a principal forma de contaminação é a relação sexual (61,6%), dividindo-se entre as categorias heterossexual e homossexual, cada uma com 24%, e bissexual, 13,7%. Na população feminina, a principal via de contaminação ocorre por meio da relação sexual, de padrão heterossexual (85,5%)⁸⁸.

Na população masculina há discreta queda na taxa de incidência para cada 100 mil, que era de 22,5 em 1996 e foi para 21,9 em 2005⁸⁹. Nos adolescentes (13 a 19 anos) e jovens (20 a 24 anos), as reduções foram maiores no mesmo período. Nos adolescentes, a taxa caiu de 2,0 para 1,4. Nos adultos jovens, passou de 19,2 para 13,3. Nas mulheres, no entanto, a taxa de incidência saltou de 9,3 em 1996 para 14,2 em 2005. Entre elas, a transmissão heterossexual foi responsável por 94,5% dos casos registrados em 2005. Entre os usuários de drogas injetáveis, o número de casos de Aids continua caindo. Em 1996, os 4.852 casos notificados nessa população específica, considerando homens e mulheres, representavam quase um terço do total de casos de Aids registrados. Em 2005, foram registrados 1.418 casos entre essa população, o que representa uma redução de 71%. Atualmente, estima-se que aproximadamente 600 mil pessoas vivem com Aids no Brasil. Número que permanece estável desde 2000⁹⁰.

A epidemia da Aids mesmo com as vitórias acumuladas na sua assistência e no seu enfrentamento, que só foram possíveis pela atuação de inúmeras organizações governamentais e pela militância dos movimentos de luta contra a Aids, mesmo com a queda no número de óbitos em 2004 e sua relativa estabilização entre os homens homossexuais e bissexuais, a Aids vem crescendo entre as mulheres e heterossexuais.

O Sumário de Dados da cidade de Santo André (2006) nos revela que a principal via de contaminação da Aids hoje na cidade é através da relação heterossexual. O documento apresenta

⁸⁷ Fonte: www.aids.gov.br

⁸⁸ Fonte: Tabela n. 7 do Boletim Epidemiológico Aids, Ano XV, nº 01, outubro 2001/março 2002.

⁸⁹ Boletim Epidemiológico, 2006.

⁹⁰ Notícia do Portal da Terra, enviada por email em 22/11/2006.

a distribuição dos casos novos de HIV/AIDS por epidemiologia e sexo em 2004 e 2005. Do sexo masculino ocorreram 51 casos novos, do sexo feminino 80 casos novos em 2004. Em 2005 vimos 30 casos novos do sexo masculino para 47 do sexo feminino. Embora venham diminuindo os casos de novas infecções na cidade, notamos neste documento que na faixa etária de 13 a 19 anos as moças têm se infectado em maior número que os rapazes: em 2004, um caso novo do sexo masculino para cinco casos novos do sexo feminino. Em 2005 nenhum caso novo entre os rapazes e um caso novo em moça. Em 2006, de acordo com informações do Programa Municipal de DST/AIDS, um caso novo do sexo masculino para dois casos novos do sexo feminino.

O risco da infecção feminina da Aids se dá por conta das relações desiguais de gênero que se manifesta na dificuldade de se fazer o uso da camisinha no relacionamento heterossexual estável, já que a prática envolve relações de confiança, compromisso e não reconhece a possibilidade mútua de um caso extraconjugal. Quem vive relações heterossexuais estáveis acredita que não corre perigo, considera o amor e as promessas de fidelidade como suposta proteção.

Faz-se urgente que os (as) profissionais dos serviços de saúde e educação ofereçam mais do que conhecimentos sobre a epidemia da Aids aos (às) adolescentes. Não adianta somente alertá-los dos riscos, é preciso que abordem a problemática da infecção da doença pela perspectiva de gênero, ou seja, que discutam e reflitam com esse público a dinâmica social dos relacionamentos entre homens e mulheres. As ações educativas para a prevenção da Aids devem considerar a maneira como estas relações social e culturalmente estão estruturadas, criando assim, possibilidades para a revisão de valores e atitudes para o exercício livre e responsável da sexualidade adolescente.

3.1.3. A (des) igualdade dos sexos na busca do prazer

(sobre a idade ideal para a iniciação sexual) *A partir dos 16 anos, que o corpo já tá formado, já é uma mulher. (F)*

Não. Assim, a menina que, igual eu, menstruei com 9 anos; a partir do momento que menstrou, para mim já é mulher. Pode não ser na cabeça, mas o corpo é desenvolvido igual mulher. (F)

Se liga, pede a Deus, formado é onze, whisky é doze, devagar é treze, de quatorze para cima eu tô pegando... quando, assim, você gosta da pessoa, se você acha que não vai se arrepender, acho que não tem limite de idade. (M)

Mas me fala uma coisa agora, você sentiria prazer?(M)

Eu sentiria prazer com um homem, não com mulher. (F)

Um orgasmo? Com 16 anos?Você não sabe nem o quê fazer, diferente de um homem. (M)

É verdade. (M)

Por que tem muito moleque por aí... Mas quantos moleques que sabem fazer? Tem quantos moleques por aí que nem sabe fazer! (M)

Não, mas tem muito homem que se sente homem por que já catou um monte de menina, e de repente só penetrou e já sai falando "eu sou homem". (M)

Não, eu acho que a mulher procura muito um cara que satisfaça ela muito. Então no caso acho que seria mais homem e não moleque. (F)

Mas isso não tem a ver com mentalidade? (M)

A minha foi... quando eu tive meu primeiro namorado e tive meu primeiro tudo, eu estou com ele até hoje. E eu tinha o quê? Eu conheci ele faltava um mês para fazer 15, foi quando tudo aconteceu. E a gente vai fazendo coisas novas, e vai mudando... (F)

Eu falo para você, tem muita diferença. Eu só fui com duas pessoas, com meu ex-namorado, e com um cara que eu falei: "eu tenho curiosidade e eu vou". Meu namorado era super molecão, e aquele cara, um homem, já tinha 24 anos. Aí eu falei "eu quero saber se tem diferença e quem vai me mostrar é você". E tem diferença sim. (F)

Eu acho que tudo bem, você deu a sorte de pegar um cara de 24 que sabe fazer e um cara de 17 que não sabe. Mas não dá pra generalizar, dizer que todo moleque de 17 não sabe fazer. Meu ex-namorado tinha 28 anos, eu fiquei com ele acho que quase um ano, ele nunca me fez sentir prazer. Meu namorado tem 23, ele foi o primeiro cara que me fez sentir prazer. É uma coisa muito psicológica, é quando você sente confiança, quando você tem intimidade, é quando você pode se abrir com aquela pessoa, que você não sente vergonha. Tem que ter intimidade. (F)

É verdade. Por isso que eu não vou num primeiro encontro com o cara. Eu... ainda tive mó decepção com meu primeiro namorado, foi meu primeiro tudo. Mas o primeiro amor não quer dizer que foi o último. E ainda sou mais assim, procurar alguém que me passa confiança, para ficar, por que eu não sairia com qualquer um, eu não tenho coragem. Tipo aquele lance de

rolezinho, ah o cara tá querendo, eu ainda quero encontrar alguém que eu possa falar "esse é o cara". (F)

Ah, eu já encontrei. (F)

Eu ainda não, infelizmente. (F)

Eu nunca encontrei esse cara. (F)

Pude perceber no processo de iniciação sexual, a busca das meninas por uma relação estável onde elas possam “*sentir prazer, confiança, intimidade, sem sentir vergonha*”. Diferentemente das experiências dos rapazes quando transmitem falas assim: “ *muito homem se sente homem por que já catou um monte de menina*”. Essa expressão me faz refletir o conceito de reputação, como um dos ideais de masculinidade, significa ter ímpeto sexual. Em muitas sociedades é permitido aos adolescentes e jovens agir sexualmente para demonstrar sua reputação. Além do mais, os homens fortalecem sua reputação compartilhando suas proezas em ambientes masculinos⁹¹.

O ato sexual é um “lugar” identificado e permitido para o exercício e demonstração da reputação dos homens adolescentes que estão a caminho de sua maturidade. O “*catar um monte de meninas*” fortalece o ideal adulto de masculinidade nos meninos que buscam sua reputação de homem.

Nos rapazes, há também a preocupação com a questão do “saber fazer”. Nelas isto não aparece, transparecendo, neste caso, a passividade feminina, onde eles têm o domínio da ação, ou melhor, eles devem saber fazer, elas não precisam neste contexto. Neste caso há uma expectativa de ambos os lados, que o homem dê conta sexualmente das mulheres para manter sua honra masculina, legitimando a elas o poder de ser avaliado. Nesta direção Heilborn (2006, p.36), reforça que a cultura sexual brasileira é marcada fortemente por uma categorização de gênero, que reserva contrastes de atitudes e qualidades para cada um dos sexos. Desse modo, masculinidade e atividade estão associadas, por oposição, a feminilidade e passividade.

Viu-se também outra distinção nas relações entre o masculino e o feminino, quando as moças revelam, neste grupo, que na fase de iniciação sexual sonham ainda com o príncipe

⁹¹ AYRES, 2002.

encantado e, no caso deles, a preocupação grande em adquirir experiência, pois esta fase é marcada por erros, fracassos de quem busca ansiosamente o “aprender a fazer”.

Para os homens adolescentes a iniciação sexual e a formação de um casal são práticas bem distintas. Buscar uma relação estável geralmente aparece numa fase de amadurecimento social deles, bem diferente das mulheres adolescentes que prevêm a formação de um casal a partir da primeira experiência sexual. A primeira experiência sexual masculina, dificilmente acontece no contexto de uma relação sentimental ou de uma relação estável.

3.1.4. “a coisa está mais aberta, todo mundo vê, todo mundo sabe!”: A informação e a sexualidade adolescente

Tipo, antes não tinha tanta divulgação de sexo na TV, antes não podia nem falar bunda na TV que a pessoa já era processada, porque eu já vi pela Internet, e hoje em dia, novela o que mais incentiva é o cara conhecer, fazer coisas novas e tal. (M)

Até estas lojas de sex shop, aí. (M)

[...] você vê muitas prostitutas em praça, nas ruas, até mesmo à luz do dia, como diziam muitas pessoas por aí, fazendo hora extra, porque há alguns anos não tinha esta depravação, gente na rua, digamos que hoje em dia aquelas pessoas que “não se cuida” em termos de DST, Aids, ou porque a pessoa é burra ou porque ela não assiste televisão, ou porque sinceramente não tem semacol algum... (M)

As coisas mudaram pra melhor. Digamos que ficou melhor em termos, quando tava uma coisa muito fechada, muitas pessoas, o que faziam? Escondido Hoje, como tá uma coisa mais aberta, todo mundo vê e todo mundo sabe, ou seja, aquele que não quer ter informação não quer porque não quer mesmo. Informação, do jeito de hoje, jornal, revista, televisão, áudio, chega, ou seja, a pessoa que não tem informação é porque não quer. Naquele tempo, como era tudo muito fechado e reservado, o pai e a mãe em casa, então a pessoa ia lá pra descobrir e ia ver pra crer. Hoje em dia não, a gente vê e escuta na televisão e etc. (M)

Eu acho assim, a gente tem informação sim, mas eu tô vendo pela gente, foi mal se eu tô julgando errado e tal, mas pela roupa e tudo mais aqui, para ninguém falta pão. Então, todo

mundo aqui tem certo grau de informação. Todo mundo aqui pode ver TV, pode tentar ler um jornal se quiser, todo mundo pode conversar com as amigas. A gente, a gente em especial (os meninos), não tem que se preocupar 24 horas, de manhã, de tarde e de noite, em juntar dinheiro para levar para casa. Com certeza, quem trabalha ajuda em casa, mas garanto que sem isso o pai, na maior parte, salva e tal. E isso atrapalha muito. Porque se a pessoa não tem dinheiro para ela, como que ela vai comer, como que ela quer gastar dinheiro para se informar direito sobre isso aí? (M)

Ah, hoje em dia o assunto tá bem, bem divulgado. Vai falar ah, não sabia... Não sabia o caramba, todo mundo sai dando aí! (F)

...mas você tem que lembrar que a pílula do dia seguinte é um aborto e você tem todas as informações possíveis pra saber o que você pode fazer e o que você não pode fazer e se você ainda vai tomar a pílula do dia seguinte, poxa, quer dizer, eu sabia de tudo e ainda fui tomar a pílula do dia seguinte, você tem que pensar em muita coisa, muita coisa... (F)

Eu comprei quatro vezes a pílula do dia seguinte. (F)

Igual uma reportagem falando que uma menina de 17 anos; tá com os seis dela e ao total parece que são cinco filhos, por que na primeira gravidez ela ficou grávida de gêmeos e depois a segunda foi de trigêmeos. (M)

Passou onde, no Fantástico? (F)

Eu não cheguei a assistir, mas a menina [...] tava me falando. Então, uma menina dessa idade, com 17 anos, ela teve alguma orientação? Acho que não, por que se ela teve, não teria engravidado novamente, sabendo que ela já teve três. (M)

Eu acho que não é questão de consequência né, também é questão de informação, porque se a menina não tem certas informações ela pode não saber o que está acontecendo. (F)

Mas eu acho assim, que a gente vive hoje num mundo que tem muita informação, onde praticamente só engravida quem quer, por que, camisinha, tem no posto. Remédio, a pílula eles dão, você não tem condição de comprar, eles tão dando... qualquer lugar que você vá, tem orientação sexual. Eu acho que é bonito e é sagrado, sabe, você engravidar com 15, 13 anos, por que a gente vive num mundo que nada mais é escondido. [...] hoje a gente tem muito mais informação, muita, muita mesmo. (M)

Eu acho uma coisa. Eu acho que, o que adianta você tem todo o tipo de informação, globalizado, com a informação tudo, só que você não tem um diálogo com sua mãe. Principalmente menina, que é mais, o homem tem carro e tal. Não tem um diálogo pra dizer "oh mãe eu tô tendo uma relação sexual com meu namorado e tal". Não tem, mano... (M)

Podemos absorver informações de diversas ordens, como o grupo apontou, através de jornais, revistas, TV, rádio ou internet. Vivemos hoje numa sociedade com acesso facilitado à informação e atualmente o tema sexualidade está mais difundido que em épocas anteriores: *“hoje todo mundo vê, todo mundo sabe”*. Nossos participantes percebem tal realidade e um deles aponta que a *“informação globalizada”* é importante, mas não deve sobrepor a importância do diálogo em casa com a mãe e que este, deve ser garantido às filhas adolescentes, alegando que os rapazes não têm a mesma necessidade.

Um rapaz se colocou afirmando que o grupo ali presente, tem acesso à informação, pois vivem em condições dignas, mas que isto não é real na vida de muitos adolescentes pobres. Este consegue perceber que ao caracterizarmos uma realidade, esta pode ser correta para um grupo, mas que as desigualdades econômicas podem revelar distintas oportunidades e experiências entre eles (as). Este foi capaz de analisar o contexto, tirou do foco a culpa individualizada que recai sobre os (as) adolescentes, que na opinião de outros participantes simplesmente *“não têm informação quem não quer”*.

Que tipo de informação é esta que chega aos (às) adolescentes, por exemplo, quando as meninas consideram a contracepção de emergência um método abortivo? Dizem ter acesso aos métodos, mas qual é a informação que recebem? O que estão aprendendo de coisas novas nas novelas, como disseram? O que as novelas incentivam esse grupo fazer ou pensar?

O acesso aos métodos e à orientação correta deveria caminhar junto: na farmácia, na unidade de saúde, na escola, na família e a TV fazer valer o seu real papel de contribuir com a qualidade da informação enquanto meio de comunicação de massa.

Embora tenhamos presente a importância do acesso à informação, também é verdade muitas vezes que esta se revela falha na medida em que avança para temáticas relacionadas à

sexualidade. A contracepção de emergência, mais conhecida popularmente como a pílula do dia seguinte, é um recurso que pode ser utilizado pelas mulheres para evitar uma gravidez não planejada depois de uma relação sexual desprotegida. Esta tem como base o uso de pílulas com alta dose de hormônios, que devem ser ingeridas até cinco dias após a relação sexual com risco de gravidez.

Quanto mais cedo a contracepção de emergência for ingerida mais chance de evitar uma gravidez. Essa pílula não funciona se a mulher já estiver grávida, e nem causa efeitos colaterais no feto. Portanto, não é um método abortivo. A CE (contracepção de emergência) não deve substituir a pílula comum e o preservativo, pois seu uso repetitivo pode reduzir a eficácia em relação a outros métodos, além de não prevenir contra as DST/Aids⁹². Enfim, pude verificar nas conversações, que nem elas, nem eles, tinham tal informação, mas a CE já é parte do universo adolescente.

Hoje se fala demais de sexo e não de sexualidade, e de maneira nada adequada, beirando a banalização de um assunto inerente à vida das pessoas. Vemos nas produções de TV em qualquer horário que o erotismo, a nudez feminina e o sexo são bastante utilizados para ganhar pontos na disputa pela audiência. E nesse aspecto, é perceptível os padrões de gênero no comportamento dos (as) personagens, que “entram” na casa das pessoas todos os dias reafirmando costumes e maneiras tradicionais de ser mulher e homem na sociedade.

3.1.5. “tem pai que vive na idade da pedra”: Relações familiares e a sexualidade adolescente

... eu, às vezes tento falar com a minha mãe, mas ela fala: larga de ser bobo menino, você vai ficar falando isso daí pra mim. Eu falo: [...] e daí, trocar idéia. Minha mãe acha que é brincadeira. É, acha que é brincadeira; aí leva na esportiva. Aí, já emenda que foi brincadeira mesmo e nem toca no assunto de novo. Porque, quem leva mais este psicológico é meu pai, mas na verdade não é tudo. Eu prefiro falar destas coisas com meus tios, dá pra falar mais aberto e tal. (M)

⁹² Fonte: www.ecos.org.br/projetos/contracepcao/marcoreferencial.asp

Mas mãe, por mais que ela tente não ver, a mãe, sempre sabe. (M)

Não! Só uma coisa [...] em casa eu tenho uma irmã que é mais nova do que eu, e realmente é impossível ela conversar com alguém em casa. Minha mãe até tenta, ela tenta ser a melhor amiga da minha irmã e minha. Mas é mãe, é impossível contar para a minha mãe. Meu pai não tá mais em casa, ele fica sempre trabalhando na pensão. E tem minha avó, mas se minha irmã falar para minha avó: "me dá uma camisinha", minha avó dá um tapa na cara da minha irmã. Aí, eu dou graças a Deus que minha irmã fala comigo, minha irmã fala quando ela precisa falar: "ah, tá assim, assim, ele tá querendo fazer isso". Ela começa a falar, eu começo a ajudar ela. Graças a Deus que ela tem essa confiança por mim [...]. (M)

[...] foi quando eu fiquei uma semana fora de casa; aí, minha avó ligou para mim. Foi bem assim, eu saí de casa e ela me ligou. E é isso, ou eu tenho minha individualidade, ou não tenho como voltar para casa. Minha liberdade é primordial para mim. Tanto que eu quero uma coisa certa, não é minha cara ficar amarrado, ficar preso e ter que ficar dando satisfação para minha avó... Aí, depois a gente conversou, conseguimos ir para casa. Minha mãe e meu pai sempre foram extremamente abertos com relação à gravidez, DST, mas eu não conseguia muito falar com eles, sempre fui de falar bastante com meus amigos, com os médicos, sem o menor problema. Mas o único problema que eu tenho mesmo é a pegada da minha avó, tirando isso... Meu pai morava em uma pensão, aí eu fiquei com ele. (M)

A mim, (sobre a história que contei no início) chamou atenção a parte do pai do rapaz, achando que eles tinham cometido um crime, e o fato dela querer perder a virgindade com ele. Mas também tem que ver de acordo com o ano, naquela época... não é igual hoje.

Hoje, você pega uma coisa dessas... é normal. (F)

Ainda se fossem os pais dela, né... (F)

Por ser justamente naquela época. (F)

Se é meu pai que pega um negócio desses, eu não sei quem ele mata primeiro. (F)

Isso vai de acordo com cada pessoa, cada formação... (F)

Vai da educação também que os pais dão, se você é uma pessoa que o pai e a mãe criaram na liberdade, não na liberdade total, né, mas liberdade de sair, dormir na casa de amigo tal, tal, acontece uma coisa dessas você vai ter liberdade maior de chegar no seu pai e na sua mãe e

conversar. Se você tem uma educação saudável desde pequena, agora se uma mãe e um pai que: ah, mãe deixa ir ali? Não, não pode. [...] Imagina, nunca, jamais que se acontece uma coisa dessas com ela, a menina e o namorado dela, que ela vai contar pro pai dela, não vai consolar ela, e o quê que vai acontecer? (F)

É que hoje em dia, o que tem de errado é isso, sabe que o pai compreende... compreende assim, por cima, aquela orientação, porque depois fica perdido. É, o máximo que pode acontecer, é tipo assim... Fala, fala, fala, depois quando acontece é aquele drama. Ah, porque minha filha!? E não sei o quê... a filha dos outros ele até entende, mas quando é a dele mesmo...(F)

A minha, até chorou quando eu falei pra ela (que estava transando). (F)

O meu foi pior, porque eu tava na casa do meu namorado e minha mãe chegou, e eu tava onde? No quarto... por que você fez isso, porque não me contou (imitando a mãe). Mas mãe, você não ia deixar, eu falei pra você, e ela: O quê?! Aí ela falou: D. eu não esperava isso de você (D. é o namorado da garota). E não foi ele quem quis, fui eu. Aí, a gente foi pra casa... (imitando a mãe) Vai no médico. Já fui. Então vai tomar remédio. Já tomo. Nossa, tá espertinha hein?(imitando a mãe). Mas a minha mãe já é mais [...] agora meu pai é embaçado. (F)

[...] em um grupo de amigos que a gente viaja sempre, quando a gente vai... “P., vai falar pra sua mãe que você vai dormir lá em cãs. Até parece que ela não sabe o que você faz, e não sei o quê”... Aí, minha mãe: é, ela acha que eu sou boba; eu olho pra trás, meu pai: é, ela acha que eu sou idiota também – Eu lá, mó sem graça. Mas agora minha mãe conversa. (F)

Ah, mas a mãe é sempre mais amiga. (F)

Meu pai já é mais... (F)

Meu pai já é mais assim, eu tinha um namorado que morava em Curitiba e ele passava alguns dias na minha casa, e a gente dormia no mesmo quarto. Aí, minha mãe falou que ele (o pai) falou: você não acha muito estranho dois namoradinhos ficar dormindo no mesmo quarto? Aí, falou assim: você quer o quê, que eu coloque o moleque no nosso meio? E começou a brincar, mas ele é meio ciumentão... minha mãe não, minha mãe já é mais amiga, mas meu pai... (F)

Minha mãe também é um pouco mais amiga, agora meu pai é muito... (F)

Agora, minha mãe não é muito não, mas a mãe do D. vou te falar. A casa do D. é bem grande, a gente tava na parte de cima, aí, tava lá em cima né, que é onde a gente ficava. De repente, a porta abre, a gente ficou debaixo do edredom e a mãe dele: “Ah, peguei vocês”... e nós lá, né –

tipo: Mas quem é você? Sua mãe sabe? Eu falei: sabe. Mas ela falou: ah, mas eu vou ter que falar com ela... aí, não sei o quê... e eu falei com ela... (Imitando a sogra) “Ah, porque é normal na idade de vocês, só que ao mesmo tempo é constrangedor”. Ah, mas ela nem bateu na porta! (F) Já aconteceu uma situação parecida comigo, mas foi extremamente mais desconfortável. A família do meu namorado, [...] foi viajar, e eu passava muito mal, muito mal mesmo. E o que aconteceu? Eu tava com febre, e meu ex-namorado, quando eu falei que tava com febre, ele me falou "vai para debaixo do chuveiro". Aí, o quê aconteceu? Eu fui e tomei banho. Eu tava tão mal, tão mal, vomitando e tal, e ele me falou, "quer que eu te ajudo?". Aí, o que acontece, eu esqueci a porta aberta do banheiro, e a hora que eu tava me vestindo, a mãe dele chegou de viagem. A irmã dele abriu a porta, viu, e deu um grito. A mãe dele foi lá e abriu [...]. Aí, o meu ex-namorado falou para a mãe dele "ela tá passando mal". A gente pensou que falando que eu tava passando mal de verdade iria amenizar a situação, mas não. Aí, ela passou mal pensando que eu tava passando mal por que eu tava grávida. Foi um escândalo total. Eu me arrumei e peguei a mala, aí ela sentou e conversou. "O que tá acontecendo, eu não quero que você tenha muita intimidade [...]. Ela me explicou uma "pá de coisa", sabe? Mas foi constrangedor, por que eu tava muito mal e ela achou que eu tava fazendo alguma coisa dentro do banheiro. Não deu outra, eu morri de vergonha. Para ele não foi tanto, por que ele é o homem. Mas ele achou o máximo (ruim), né, a mãe dele [...] em cima de mim. Ela falou "olha, eu não quero que vocês fiquem trancados". [...] eu tinha esse costume de viajar com eles, de dormir às vezes na casa dele, [...] mas a mãe dele era totalmente contra, ela sempre falou: se ela pudesse dormir entre a gente ela dormia, não deixava a gente sozinho, ficava entre nós dois. Mas, enfim... (F)

Meu ex namorado, ele ia sempre na minha casa, e aconteceu assim, minha mãe às vezes nem desconfiava né, aí teve uma vez... assim, ele ia de madrugada, ele era DJ; então, de madrugada a gente voltava pra minha casa, porque a balada era perto da minha casa, a gente voltava a pé; aí, teve uma vez que dormiu na minha casa, a primeira vez foi tranqüilo né, aconteceu tal, foi na minha casa e ele foi embora. A gente foi fazendo isso de novo, e de novo, e uma vez, minha mãe pegou, né. O que quê ele tá fazendo aí? E o que não sei o quê... (imitando a voz da mãe) . Passou um tempo e ela, tudo bem C..., eu já sabia, mas também já estava na hora de você me contar, né?! Sempre assim... Sempre assim. (F)

[...] tem pai que vive na época da pedra. Meu pai. Por que assim, tem pai que para admitir que a sua filha, que seu bebezinho cresceu e que virou mulher, é diferente, é uma coisa assim que não

entra na cabeça, sou filha única no meio de dois homens, você imagina como é? Com o mais velho, quando a gente era pequeno, eu não podia nem sair na rua, não podia falar com ninguém, agora é diferente, mó unido nós dois, hoje em dia é diferente, quando tem alguma coisa os dois vão juntos. (F)

Meu pai compra o anticoncepcional, é ele quem compra, vai na ginecologista comigo; vai e entra, a minha ginecologista é a ginecologista da minha mãe. A primeira vez que eu contei, por mais que não pareça, foi pro meu pai, primeiro que pra minha mãe, porque assim, eu tenho mais amizade com o meu pai. Pra chegar e falar alguma coisa pro meu pai é mais fácil do que contar pra minha mãe. Ele sentou com o meu namorado na época, a gente sentou e conversou, depois a gente foi no médico, meu pai foi no médico com ele. Acho que a informação não vem só da escola, não vem só de um amigo, tem que vir de casa, porque se não partir de casa, do seu pai, da sua mãe ou de um irmão que seja, você nunca vai aprender, você sempre vai ser aquela menina insegura, sabe, “matuta” né, como se dizem, se você não carrega isso da sua casa, do seu pai e da sua mãe... (F)

E o que se vê é assim, o pai que deixou seus filhos serem mais livres, sair pra onde quer é muito mais tranqüilo; agora, os pais que prendem e falam “não você não vai sair” eu acho pior, na hora que tiver a oportunidade de sair e ver como é que é, aí vai fazer tudo de uma vez, às vezes faz até errado, e depois tem várias conseqüências. Ah, vivia dentro de casa, fazia tudo direito... aí... (F)

[...] O meu pai, quando me pegou, eu tava com a mina lá no quarto, ele abriu a porta e pegou né. Minha casa é na frente e meu quarto é no fundo, então ele chegou e pá, ele não falou nada, abriu a porta e ficou quieto, minha mãe assim, com os olhos arregalados, falou: "O que tá acontecendo aqui?" E fechou a porta. A mina entrou em choque e ficou perguntando: E agora, o que vai acontecer? Calma né, maior furo, eu ia saber que ia acontecer? Aí, minha mãe chegou: "O quê que é isso? Essa vagabunda! Quem é essa menina aí? Você não tem respeito com a sua casa... Aí, meu pai falou: Iiiiiiiiiihhh, calma M., minha mãe se chama M., relaxa M. (disse o pai). Você usou camisinha? É, usei. Mas não tinha usado, né!? Molecão não tem consciência assim, né!? [...] Aí, ela (mãe) saiu para comprar chocolate, que até hoje ela faz chocolate; voltou, me chamou para trabalhar e ficou tudo normal. Outro dia teve uma conversa, um diálogo. Aí foi sério, ela perguntou quem era a menina e eu usei camisinha, minha família sempre teve um contato pessoal, e meu pai sempre foi bem aberto. (M)

O meu pai sempre foi muito fechado para essas coisas. Quando eu comecei a namorar, depois de três meses eu comecei a dormir na casa do meu namorado [...] a mãe dele dizia para ficar, que eu não precisava ir embora para casa. Isso faz dois anos e meio, dia 19. Aí, ela sempre me chama de amiga [...]. Teve uma vez que eu falei para minha mãe, que quando a gente fez seis meses de namoro, minha sogra comprou uma cama nova para ela e me deu a dela. Eu comentei com minha mãe e ela comentou com meu pai. À noite, eu tava na casa dele (do namorado) e tocou o telefone: ele atende volta e me fala "teu pai me ligou agora, falou um monte pra mim, que você tava dormindo comigo e disse que é para você dormir no quarto da J." (a irmã dele). Eu fiquei morrendo de vergonha que meu pai ligou lá, sendo que ele não tinha nem intimidade com a família. Eu vou para lá de sexta-feira e volto de segunda de manhã [...]. A gente tá até querendo engravidar, e agora meu pai tá super convencido. No começo do mês passado nós até fomos no médico também para parar de tomar o remédio. Meu pai até perguntou como que foi no médico: "Aí quando que o médico falou que vai dá para você conseguir engravidar". [...] eu tô super feliz com isso [...]. A gente tá comprando uma casa agora, vamos começar a pagar... (F)

Poucas mudanças na socialização da sexualidade na família são perceptíveis. Uma delas é a presença de moças assumindo nas relações familiares o exercício das práticas sexuais. Alegam que as reações dos pais e/ou das mães não têm a ver com época, mas sim com a formação de cada um dentro de casa.

Logo de início deu para perceber o envolvimento maior das moças no debate sobre esse assunto, que nitidamente afeta menos o cotidiano dos rapazes. Ponto que reforça a cultura impregnada e presente da educação diferenciada para meninos e meninas e as tentativas de controle do corpo da mulher no âmbito familiar. Portanto, a influência das relações familiares aparece pulsante entre as meninas.

Outra questão é que elas apontam caminhos referentes à necessidade urgente de uma “*educação mais saudável*” dentro de casa, baseada em princípios de liberdade e confiança. Assim, elas se sentirão mais seguras e terão menos conflitos nesse ambiente. Caso contrário, com medo, falta de autonomia e de diálogo na família, acabam entrando no campo do “fazer escondido” e dessa forma, correm riscos maiores de vivenciarem possíveis conseqüências não desejadas através do exercício da sexualidade.

Vê-se que a casa deles é um local importante que em situação de namoro estável ou não, utilizam para as relações sexuais, bem como, para dormirem juntos, com ou sem o consentimento da família. Mediante essa realidade os “flagrantes”, os sustos, os gritos e as situações de constrangimento são freqüentes.

Apesar do direito ao respeito, sigilo e privacidade garantidos aos adolescentes por lei⁹³, essa norma dentro de casa, está longe de ser respeitada, quando vemos adultos invadindo o quarto de adolescentes sem bater na porta. Diante dessa evidência não podemos deixar de apontar que uma emenda que garanta os direitos sexuais e reprodutivos na adolescência devesse integrar-se ao Estatuto da Criança e do Adolescente, que nesse aspecto, deixa brechas para o livre exercício das relações desiguais de poder do âmbito familiar, privando direitos e colocando nosso público em constantes situações de constrangimento e vulnerabilidade.

A mãe se revela como amiga, mas se assusta às vezes diante das práticas sexuais de filhos (as), e não sem dificuldades e constrangimento, busca proteger e conversar. O pai aparece, mas sempre meio distante quando se trata da filha que está deixando de ser uma menina e se tornando uma mulher. Sinais de cumplicidade são revelados entre pai e filho.

Vale considerar mudanças na relação entre pai e filha. Um modelo diferente dos padrões tradicionais quando uma delas revela curiosamente que seu pai dialoga abertamente, compra pílula e a acompanha ao ginecologista. A primeira vista parece um avanço, mas pode-se também pensar se esta postura do pai poderia representar uma forma de controlar o corpo e as decisões da filha.

Pode-se ver não só a dificuldade de mães e pais em lidar com a questão da sexualidade na adolescência dos (as) filhos (as), mas o contrário também, quando nos é revelado que “*mãe não é amiga, não dá para falar certas coisas com a mãe*”. Na fase adolescente cai a importância da família na transmissão de valores, especialmente referentes à sexualidade. A influência da escola aumenta significativamente, não como disciplinadora de conduta, mas como propiciadora de trocas entre seus pares.

⁹³ Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. Estatuto da Criança e Adolescente – lei n. 8.069 de 13/7/1990

Vimos nesse universo a compreensão do pai de uma moça com a gravidez planejada da filha com o namorado. Isto representa um avanço, novos padrões de relacionamento entre pai e filha. Já para a sociedade de modo geral, uma experiência não valorizada para esta fase, pois pode ocorrer o afastamento das expectativas depositadas socialmente para esse público, que os distancia de planos futuros mais promissores relacionados à elevação dos estudos e à carreira profissional.

Estamos vivendo mudanças de padrões de comportamentos sexuais no Brasil, quando vemos inerente à vida das meninas, o exercício da sexualidade pré-conjugal, que anos atrás era privilégio dos rapazes. Hoje as práticas sexuais passaram a ser exercidas também pelas moças em contexto de namoro ou não. No entanto, permanece um silêncio sobre a expressão da sexualidade adolescente dentro da família. Não discutir essas questões é permanecer omissos diante do fato de que as relações sexuais de adolescentes se modificaram e constituem num direito.

3.1.6. Saúde e educação entre “nós”

[...] com o médico, já fui lá pra saber sobre as doenças, e ele falou: “isso aí é...” como é que é o nome mesmo? “Gonorréia...”. Mas quando fui ver não era a doença, porque começou a inchar e apareceu uma bolha. Depois quando fui ver, não era, era só puxar pra frente, porque ficou muito tempo, e quando fui ver não era nada... (M)

Eu já fui pra fazer exame da Aids. (M)

Todos os médicos orientam, não carrega a camisinha na carteira porque pode tá abafando a camisinha, ou o lubrificante que tem na camisinha pode estourar. Aí, na penetração pode estourar, romper a camisinha e enfim, pode vir um neném por aí. (M)

Tem a pílula do dia seguinte, meu. (F)

Mas toda vez que a camisinha estoura ou acontece alguma coisa, vai tomar a pílula do dia seguinte? Não. (F)

O que quê aconteceu? A gente usou camisinha, no dia seguinte tomei a pílula; aí depois de duas semanas a mesma coisa, e depois de duas semanas a mesma coisa. Eu contei pra minha ginecologista e ela disse: você está ficando louca, é um aborto, é praticamente um aborto se você toma pílula do dia seguinte, e, além disso, você pode ficar anêmica. É uma vez, duas vezes ao

ano, você não pode ficar tomando pílula do dia seguinte, porque é muito perigoso, muito perigosos mesmo. Mesmo usando camisinha, tava tudo certo, mas eu tomava a pílula do dia seguinte e minha menstruação foi desregulando. (F)

[...] só que a menina, ela tem uma vergonha de dizer para a mãe "quero tomar anticoncepcional". Eu acho que tem um monte de pessoas que tem esse problema. Porque tem mãe só, que trabalha, hoje em dia tá assim. Aí só trabalha, não sei o quê, não sei o quê. A menina precisa ir ao ginecologista, é raro uma menina novinha ir ao ginecologista. Imagina uma menina de 16 anos no ginecologista, de vez em quando. (F)

Deixa eu falar, a menina quando menstrua ela tem que ir ao ginecologista. Minha mãe sempre foi assim, eu menstruei com 9 anos, minha mãe falou "a gente vai no médico". Aí, o que aconteceu? Eu fui no médico, o médico me deu todas as informações; meu médico até hoje é o mesmo. Eu acho que deveria ser feito assim, em questão de ter gente que não tem dinheiro para se informar, a informação, gente, tá no posto. Não custa nada. Tá com dúvida? Vai lá pergunta, pega a camisinha. Tá namorando? Começou a namorar, não quer ter filho? Já começa a tomar remédio. (F)

E eu falo que não, porque ela já foi no posto de casa, pediu camisinha, e não deram. Falaram que ela era de menor e que não podiam dar para menor de idade. (F)

Mas isso eu acho errado por que: o menino que faz filho com 16 anos... Eu vi um caso de uma mulher, que ela tem mais de 40 filhos e o último que ela teve é com um menino de 16 anos. Engraçado que ele não pode registrar o filho. E por que que ele não pode registrar, por que ele tem 16 anos? Se ele pôde fazer um filho, ele pode registrar, sim. Quer dizer que uma menina de menor não tem a possibilidade de fazer um filho? Que é o que mais acontece ultimamente. (F)

O negócio é a sociedade. Vai falar isso para o governo que paga, que é o governo que paga o posto de saúde. Reclama para o governo, para o governo olhar por nós. E ninguém aqui fala que eu tô errado. (M)

Mas é a mesma coisa. Quantas vezes já aconteceu comigo de eu ter que vir aqui, passando mal, até mesmo por uma gripe ou por uma coisa, né; e eu não podia passar (no médico) por ser de menor. Era só com a minha mãe, ou a minha tia. Por que tem que ser da família. Eu tava passando muito mal, meu namorado veio comigo, e a mulher não deixou passar. Meu namorado teve que ir atrás da minha mãe, para minha mãe chegar, se não ela iria chamar o conselho tutelar. E olha que eu tava com gripe, tava com muita gripe, tava muito mal. E a mulher não quis

deixar passar, porque ia chamar o conselho tutelar, que eu tinha que estar com a minha mãe, e porque eu era de menor, que não sei o quê, não sei o quê. Porque, quando eu morava perto da Vila Luzita, eu passava lá direto, não precisava estar com a minha mãe. Porque muitas vezes, como minha mãe trabalha, quando eu ficava ruim eu ia lá. Eu pegava meu cartão do SUS e eles passavam. É uma frescura do caramba. (F)

Se isso acontece, acho que é um descaso, porque hoje eu me questiono muito, por que tanta gravidez na adolescência? Por causa disto, talvez, entendeu. Porque uma pessoa que não tem dinheiro, eu graças a Deus tenho dinheiro para comprar meu anticoncepcional, tenho dinheiro para comprar minha camisinha. Agora, a pessoa que não tem, de menor, porque com certeza deve ter menina de 9 anos grávida por aí, e às vezes nem mãe nem pai têm, e querem pegar camisinha no posto e não podem. Eu acho que, pouco não, muito sim. Descaso. (F)

Uma coisa que ele falou. Eu até peguei a minha carteirinha. [...] não sei se era em São Mateus, eu não lembro o lugar que era, mas como não era na minha cidade, eu peguei e mostrei o meu cartão do SUS e a mina foi lá e falou "você é de outra cidade, você não pode passar aqui". E se eu trabalho do lado? Eu vou ter que voltar para a minha cidade, ou... (M)

Hoje em dia tá muito assim, hoje em dia. Para qualquer coisa, independente de sexo ou não. Se você for no posto de saúde, esse aqui do centro, perto da prefeitura de Santo André. Sabe? Fui lá, tava doente, tava com febre, tava trabalhando. Ela falou assim "tem comprovante de residência que você mora em Santo André?". Eu falei "não tenho", e ela respondeu "então não vou poder te atender aqui". Olha as idéias, e se eu tivesse morrendo aqui? Ou não sei se ela tava me "tirano", não sei o quê que foi. E o que eu queria lembrar também, que é importante, é o homem também ir direto no urologista, se cuidar também. Que, às vezes, a pessoa nem sabe que tá com uma doença. Que hoje em dia, meu, você tá numa baladinha funk... (F)

(sobre a escola)

Discuti nada, não... Tem escola que sim. (M)

Mas, a escola que eu estudava lá, sempre tinha palestras assim, DSTs, no Celso Gama ali, não sei se você conhece o Celso Gama, sempre tem palestra falando sobre sexualidade, DST, tudo, tudo, tudo... (F)

A gente começa a falar de sexo na sala, tem muito aluno aqui que foram alunos da F. (uma professora), eu não tive o "privilégio", não vou dizer privilégio porque digamos assim, sorte

minha que eu não tive aula com ela, porque eu sou uma pessoa que tenho a minha opinião e ela tem a dela, e hoje em dia é tudo muito aberto, tá tudo liberado... (M)

... é tudo mais normal, hoje em dia tem muita escola particular, inclusive no estado de São Paulo que tem até mesmo uma máquina de camisinha dentro das escolas. Tudo legalizado. (M)

Mas eu acho que falta mais informação pras pessoas. Eu, por exemplo, já estudei em colégio particular; eles mandam muita informação, aqui também, muita informação, mas pra umas meninas falta um pouco isso. Por exemplo, eu, não sabia nada desta pílula do dia seguinte, já tomei várias vezes. Tomar isso direto uns dois ou três meses, eu poderia ter um piripaque, e como ia acabar isso? (F)

Ah, acho que desde a 5ª série já começa a ensinar isso daí. (sobre a pílula do dia seguinte). E tem gente que toma que nem água, ai pu – tomei, ai pu – tomei, não adianta, não vai adiantar nada. (F)

Converso estas questões em casa, com minha mãe. Na escola, qualquer um que me perguntar, eu falo a mesma coisa. É que falta interesse dos professores, dos diretores. Rola, às vezes, entre meninas, quando uma fala "ah minha amiga está querendo abortar". (F)

Eu tenho que falar que só vi duas vezes. É a terceira escola que eu estou estudando. Uma foi no Fioravante, onde, como eu disse, eu sempre fui bem aberto com meu pai e com minha mãe; a gente ficou no canto da sala, eles perguntando e eu falando, e quem sabia também falava. E a outra, foi com meu professor de filosofia, no Celso Gama, na terceira vez eu tava fazendo o segundo ano, meu professor puxou o assunto e a sala começou a debater e a sala ficou bem assim, bem meio a meio, e era em relação a anticoncepcional e aborto. Tinha uma menina que defendia o uso do sexo sem camisinha, por que camisinha é o método que atrapalhava. (M)

Fizemos um debate hoje que, na sala, a gente não consegue fazer. (M)

A construção da idéia do autocuidado juvenil é um dos grandes desafios para as políticas de educação e saúde, embora sejam perceptíveis sinais positivos de mudanças nas práticas desses adolescentes, quando nos revelam suas iniciativas espontâneas de buscar orientação sexual nestes espaços. Mas vê-se que, quando os (as) adolescentes buscam apoio na área da saúde, seja na rede pública ou na particular (convênio), raramente são atendidos sem acompanhante porque “são de menor”. Também quando fazem exigências solicitando, por exemplo, comprovante de residência

como condição para o atendimento, como foi falado, contrariando destas e de outras formas os princípios do SUS⁹⁴.

É de extrema importância que os serviços de saúde acolham e garantam o atendimento dos (as) adolescentes nas suas necessidades específicas, sem a exigência de uma pessoa adulta. Vimos obstáculos vivenciados pelos (as) participantes em tratar do tema sexualidade com a família, sendo assim, em muitos casos, seria impossível imaginar a presença da mãe e/ou do pai numa consulta ginecológica, por exemplo. E o desabafo vem à tona quando levantam o sentimento de “*descaso*” ao se depararem com as portas fechadas nos serviços de saúde mesmo para curar uma simples gripe.

Não temos respaldo legal em nosso país que garanta os direitos sexuais e reprodutivos na adolescência; sendo assim é importante resgatar no documento do Ministério da Saúde (2007), o Marco Legal (p.42), que a revelação de determinados fatos para os responsáveis legais pode acarretar conseqüências danosas para a saúde do jovem e a perda da confiança na relação com a equipe de saúde. O Código de Ética Médica não adotou o critério etário, mas o desenvolvimento intelectual, determinando expressamente respeito à opinião da criança e do adolescente, e à manutenção do sigilo profissional, desde que o assistido tenha capacidade de avaliar o problema e conduzir-se por seus próprios meios para solucioná-los⁹⁵.

A sociedade alimenta uma tendência em culpar os homens, isto não tem sido adequado para a tão necessária reorganização dos programas e serviços educacionais e de saúde. Muitas instituições se escondem atrás dos rótulos individualizando o problema e não avaliam suas práticas tradicionais desconectadas com o contexto atual. Tais rótulos reforçam estereótipos e não ajudam a aproximar os moços dos serviços de atendimento à saúde e nem contribui para que estes mudem suas práticas. Simplesmente afasta-os das suas responsabilidades e os impede de atender suas necessidades específicas relacionadas aos cuidados com sua saúde.

Existe uma idéia entre muitos profissionais de saúde que os comportamentos não preventivos, que não atendem à norma desejada do sexo seguro, devem ser punidos, e não

⁹⁴ Art. 7. As ações e serviços públicos de saúde e os privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS) são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no art. 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda os seguintes princípios: universalidade, integralidade, preservação da autonomia, igualdade, direito à informação, participação, e outros de ordem organizacional.

⁹⁵ Art. 13 – É vedado ao médico revelar segredo profissional referente a paciente menor de idade, inclusive a seus pais ou responsáveis legais, desde que o menor tenha capacidade de avaliar seu problema e de conduzir-se por seus próprios meios para solucioná-los, salvo quando a não revelação possa acarretar danos ao paciente. Código de Ética Médica.

remediados. No caso, vimos novamente que a contracepção de emergência não é disponibilizada de forma regular aos (às) adolescentes nos serviços de saúde. Tal prática se regulamentada no cotidiano das unidades públicas de saúde, poderia evitar gestações não desejadas, além da exposição das moças às práticas do aborto inseguro.

Vimos que elas têm acesso fácil à CE nas farmácias, mas existe a necessidade de incorporar esse método ao leque das opções contraceptivas oferecidas não só nos serviços de saúde, mas também nas escolas. Certamente, este reconhecimento deve não só atingir as políticas públicas, mas ampliar para outras esferas, como no âmbito familiar, comunitário e religioso, os quais têm ascendência significativa sobre os (as) adolescentes.

Nas falas surgidas verifica-se que na escola aos poucos esse assunto tem entrado em pauta, mas ainda é um tema um tanto silenciado por professores e diretores. Segundo eles (as) a socialização da sexualidade adolescente ocorre frequentemente entre seus pares. Podemos considerar que a escola é um espaço importante para as trocas desses conhecimentos e experiências e assim afirmar que pode produzir impacto no comportamento sexual e reprodutivo⁹⁶.

A educação sexual não deve se limitar a fornecer informações sobre o funcionamento do aparelho reprodutor e/ou sobre os métodos disponíveis de prevenção às DSTs e à gravidez. Deve, sobretudo, dirigir-se à formação dos adolescentes e jovens para o relacionamento entre homens e mulheres e para o convívio com a diversidade, seja de cor/raça, cultura ou orientação sexual. Isso ressalta a importância da qualificação dos educadores no sentido de serem capazes de abordar estes temas desnaturalizando os estereótipos de gênero (PAIVA, 2002).

A sexualidade é um aprendizado que se dá, dentre outros fatores, a partir da qualidade da informação e do debate público, do conteúdo da educação sexual nas escolas e do acesso a serviços de saúde mais adequados à realidade. Assim as áreas da saúde e da educação deverão desatar seus “nós”, quebrar o silêncio e encarar de frente, a sua parcela de responsabilidade, proporcionando a cada adolescente a interiorização de informações necessárias, em um mundo com mensagens fortemente erotizadas veiculadas pelos meios de comunicação.

⁹⁶ De acordo com pesquisa coordenada por Heilborn (2005), as mulheres das classes menos favorecidas são as que se iniciam sexualmente mais cedo, utilizam menos proteção na primeira relação sexual, entram em união com menor idade e apresentam maiores percentuais de gravidez antes dos 20 anos. É este o panorama tão difundido pela mídia. Contudo, a autora contrasta esse quadro com o das moças de meio social desfavorecido que atingem um maior nível de escolaridade individual. Estas apresentam percentuais mais baixos de gravidez e se distinguem de suas colegas por uma visão de mundo mais aberta acerca dos valores sobre sexualidade.

3.1.7. “... na hora, lá, você não vai pensar na religião” - A religião e a sexualidade adolescente

Na boa, na hora, lá, você não vai pensar na religião. (M)

(sobre a abstinência sexual antes do casamento) Isso é falado em qualquer religião, não é só a denominação católica, crente, evangélica, quadrangular. A igreja fala que sexo é pra se reproduzir e, se não é assim, é pecado. Tem um cara que trabalha comigo, que fala que sexo com camisinha é pecado porque não é pra reproduzir. (M)

...Isso é desculpa, eu vou ser obrigado a discordar, por que... vai, eu não quero engravidar minha esposa agora porque ela tá estudando e eu tô trabalhando, então eu não vou usar camisinha, ou então eu vou usar camisinha porque eu não quero engravidar ela. Isso daí é independente, porque na bíblia não fala isso. Depende da religião. (M)

Na igreja evangélica que eu vou, não pode transar e ter um relacionamento com a pessoa, quando você é batizado, tipo assim, [...] você une seu corpo junto a Cristo, não tô achando a palavra certa, você une seu corpo junto a Cristo entendeu? Ou seja, quando você veste as águas você morre pro mundo e renasce pra Cristo, então você tá numa nova vida, uma vida sem pecados, ou seja, na bíblia fala que o nosso corpo é o reino de Cristo, ou seja, eu vou catar e vou sair por aí comendo todas, não é nem por aí, o que na bíblia explica é que somente após o casamento, não detalha se é com camisinha de morango ou sem morango, se é com ou sem o preservativo, com vasectomia, não, isso daí é um detalhe. (M)

De menta, com lubrificante... (M)

Vaselina. (M)

... no caso, testemunha de Jeová não é considerado uma religião, é uma seita. (M)

Porque não é considerado uma religião? Quero saber o porquê ela não é considerado uma religião? (M)

É fato, não é religião. (M)

Se até Ateu é considerado uma religião? (M)

Se eles falam que é crente, e vai lá e rezam lá na frente, e tem o pastor... (M)

Ele não é pastor, é pregador né?! (M)

Só que tem muita coisa, [...] o pregador fala o que tem na bíblia, mas não consegue seguir. E também porque 50% dos que estão lá na igreja não conseguem seguir, e até o padre falou que você vai lá pra redimir seus pecados e não pra ir lá e seguir os mandamentos... (M)

...Sem Deus eu não sou ninguém. Tem muita gente que não tem religião, mas acredita em Deus. Porque a religião serve pra quê, para você ir lá e ter um revestimento, crer em Deus todo mundo crê, na hora do apelo [...]. Eu bati o carro do meu pai, aí: ai meu Deus! Você crê em quê? Em Deus, entendeu? A religião, ela serve pra quê? Pra você ter apenas um revestimento entendeu? A religião é que vai te mostrar um caminho. Um caminho pra onde? Pro bem, Deus te guia, a religião é o seu caminho. (M)

...é por que uma coisa que eu assumi há três, quatro anos, é que eu sou ateu. (M)

Mano do céu. [...] para quem é ateu, você veio como? Da terra? Da semente, da cegonha? (M)

E o que te leva a acreditar em Deus? A minha pergunta é essa, eu estudei anos para debater isso, eu posso debater com você, de boa. (M)

Mas “pêra” aí, o preconceito que eu estou falando é o seguinte: eu sofri muito por admitir que eu sou ateu, em especial em casa. Meus amigos me aceitaram, foi uma beleza, meus colegas aceitaram, gente que é especial, foi tranquilo. Mas em casa é uma tristeza, minha avó até hoje não admite. Então isso me impede, assim, de admitir que eu já fiquei com outro cara. Não é uma coisa que eu corro atrás, acontece. (M)

Eu não sou de religião nenhuma, mas eu acredito em Deus. Eu já não sou de religião nenhuma por que tem um monte de coisa da igreja evangélica que eu acho errado, e da católica então, nem se fala. É uma coisa minha, eu posso estar errada, mas eu acho errado adorar santo, esse tipo de coisa eu acho errado. Então, eu acredito que Deus é só um e eu acredito que ele existe, independente de qualquer coisa, [...] e acho que as pessoas têm que respeitar a opinião dele, de ser ateu. (F)

É lógico, cada um tem a sua vida, sua opinião. Eu acho o seguinte, nesse fato da religião, eu sou uma pessoa católica, graças a Deus. Já fui muito louco. Já dei minhas cabeçadas. Já fui muito locão... E o que me ajudou e está me ajudando é a igreja. Não sou uma pessoa de dizer, que eu vou lá, mas quando eu chego, tem os bancos de oração, os moleques já vêm, dar uma ajuda para você. (M)

Aí não vira mais um grupo de ajuda do que uma religião?(M)

Não, eu acredito muito em Deus, meu filho... eu vou lá para ouvir a palavra de Deus que serve para mim. Não para acatar o que eles estão falando. Então, você separa o que é bom para você [...]. Por que se fosse assim, de acordo com o que sua religião diz, foi Deus quem... Deus disse para um cara e esse cara escreveu na própria Bíblia. Então, cada palavra que está lá, você tem que ser coerente a ela no que você falar... (M)

Velho, vou falar uma coisa, você que é ateu... deve entender, como que os profetas, os cara lá, escreveram a Bíblia, você acha que está tudo certo?(M)

Lógico que não, nunca. (M)

Você acha que Deus botou a mão assim por cima do profeta e disse "você vai escrever isso, isso e isso"? (M)

Nunca. (M)

Por isso que eu falo, você tem que adquirir o que é bom para você o que vai fazer um bem estar para você. (M)

É o que você acredita. Igual ele acredita que não existe Deus, eu acredito que existe, mas eu não sou adepta de nenhuma religião. (F)

Eu também não sou adepta de nenhuma religião, tipo, eu vou à igreja, eu creio muito em Deus. Mas é igual esse caso que aconteceu na novela, como eu tava falando aqui, aquilo que aconteceu na novela mostra muito os crentes que são assim. Por quê? Tem muito crente que usa a palavra de Deus, para impor muita coisa. Igual esse pessoal que fala assim: Ah, eu sou de tal igreja, eu não posso cortar o cabelo, que Deus disse que eu não posso cortar o cabelo. [...] aí a menina fala assim "eu não posso usar saia por que Deus falou". É igual à filha da minha madrinha que falou, está escrito na Bíblia, foi o que me falaram por que eu não sou de ler Bíblia, que Deus falou que você tem que ir conforme os tempos. Então eu penso assim, todo mundo coloca coisas como se fosse Deus quem falou. Aí você não pode usar preto por que Deus falou... (F)

Deixa eu falar, sabe o quê que eu acho; o que está errado é a igreja... a fé não está na perna que depila, não está na axila que você depila, não está na maquiagem que você faz. (F)

Mas eu vou falar uma coisa, infelizmente o mundão está perdido e é aí que está o lance. (M)

Mas olha o que aconteceu, eu estava na Perimetral e tinha aquelas mulheres pregando, sabe? Aí, a mulher passou, eu estava passando, estava todo de preto, todo roqueiro mesmo; uma mulher passou do meu lado e disse "você, Deus vai te encaminhar". Eu respondi para ela que eu não acredito em Deus. "Não acredita? Deus não te ama, Deus me ama por que eu estou crente por

ele". Depois de escutar isto, eu fui e dei uma resposta do tipo "desculpa, Deus te ama, mas ninguém te confia". O quê que eu vou fazer. Ah meu, acho que é preconceito demais. (M)

Verificamos neste grupo que os (as) adolescentes não concordam com a abstinência⁹⁷ sexual antes do casamento, nem tão pouco a pratica. Afirmam que na hora do ato sexual nem pensam na religião. Um deles aponta que até rituais como batizados são feitos para envolvê-los numa vida “*sem pecados*”. Demonstraram interesse em discutir o assunto e suas várias vertentes e também não pouparam as críticas quando um deles revelou que quem prega (“*o pregador*” ou “*pastor*”), não cumpre, na prática com o que está falando. Pôde-se perceber que a filiação religiosa atual é pouco relevante na definição do elenco de práticas sexuais experimentadas pelos adolescentes.

É revelada no grupo a dúvida se essas idéias que estão na bíblia ou nas palavras desses pregadores são mesmo de Deus ou dos homens. E distinguem Deus da religião quando um diz que a religião é um caminho e que Deus é a fé de cada um, e está acima de qualquer religião. A igreja então, na compreensão destes, em muitos casos serve para redimir as pessoas dos seus pecados ou ainda como auto-ajuda. Esta se revela como um espaço freqüentado por uma parcela de adolescentes, que filtram o que realmente é bom para a vida deles, pois “*o que não é bom, deixa para quem está pregando*”. Vimos na fala de uma delas a crítica sobre o papel da igreja quando esta busca determinar modos e maneiras de ser e de viver: “*a igreja está errada, a fé não está na perna depilada...*”.

Curiosidade no grupo surgiu quando um deles revelou ser ateu e desabafou dizendo do preconceito que vive nas relações dentro de casa ou na rua por não se identificar com nenhuma religião e nem acreditar em Deus. Revelou também, para a surpresa do grupo, a dificuldade em assumir publicamente a sua bissexualidade. Argumentou fortemente a influência de algumas religiões que se contrapõem aos modelos de comportamento sexual que não seja o heterossexual a partir de seus “*dogmas religiosos*”.

A igreja é revelada mais uma vez como uma instituição que não quer reconhecer as mudanças e a realidade contemporânea. A relação entre religião e sexualidade atravessa distintas situações ao longo dos séculos, variando de cultura a cultura. Um exemplo da influência da

⁹⁷ Termo que tem implicações sacrificatórias e religiosas, está associado a se controlar, a não cair em tentação, não pecar. Tem conotação anti – sexo. Não é apenas não fazer sexo. (Berer, 2007 p. 10).

religião no Estado surge no embate político para as aprovações de legislações que garantem direitos civis a pessoas homossexuais ou às mulheres, é o caso da lei de união civil entre pessoas do mesmo sexo⁹⁸, a de criminalização da homofobia⁹⁹ e a que descriminaliza o aborto¹⁰⁰.

O conservadorismo das doutrinas contemporâneas traz tensões evidentes relacionadas ao exercício da sexualidade. A Rede Feminista de Saúde¹⁰¹ (2004) organizou um levantamento sobre as concepções religiosas em relação à sexualidade, sendo que estas representam um papel relevante nesse campo. No caso da igreja católica e de alguns setores evangélicos, não admitem sexo por prazer e pregam a abstinência sexual antes do casamento; ainda, o catolicismo mantém a condenação oficial de medidas abortivas e o uso de contraceptivos, como preservativos e a homossexualidade é caracterizada como “pecado” ou “anormalidade”.

Evangélicos presbiterianos acreditam que o uso da camisinha para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis é uma questão humanitária. No campo da ética e da moral cristã, insistem nos princípios bíblicos do sexo dentro do casamento, no qual os cônjuges decidem sobre o uso de contraceptivos.

Os budistas permitem o uso da camisinha, mas não realizam ações de prevenção para os jovens. Os espíritas kardecistas não incentivam o uso da camisinha, alegando que o Livro dos Espíritos condena todo tipo de contracepção, mas diante da Aids, e das hepatites B e C e de outras doenças sexualmente transmissíveis, alegam ser preferível a utilização do preservativo a aquisição dessas enfermidades.

Embora a lei judaica proíba o uso do preservativo, há um princípio básico no judaísmo que permite a revogação de qualquer lei para salvar uma vida humana. Nesse caso, o uso da camisinha é imprescindível para impedir a propagação do vírus da Aids. A umbanda e o candomblé não só permitem o uso de preservativos como também realizam palestras orientadoras para jovens e adultos sobre gravidez, Aids e demais DSTs. Foi fundada em 23 de março de 2003, a Rede de Religiões Afro-Brasileiras, em São Luis do Maranhão, com o objetivo de se tornar um espaço de troca de informações e saberes adquiridos, bem como de controle social das políticas públicas de saúde¹⁰².

⁹⁸ PL nº 1.151/95

⁹⁹ PL nº 122/2006

¹⁰⁰ PL nº 1135/91

¹⁰¹ Dossiê Adolescentes Saúde Sexual e Reprodutiva, 2004.

¹⁰² rededeterreirosaude@hotmail.com

É preciso estudar mais a influência da igreja sobre as práticas sexuais dos (as) adolescentes, considerando que as decisões de fazer sexo seguro não é meramente individual, baseada somente no conhecimento dos métodos, é também influenciada por poderosas normas impostas pelo contexto social onde as igrejas exercem fortemente o seu papel de controlar a vida das pessoas.

3.1.8. “Onde é que este mundo vai parar?”: A homossexualidade e o cotidiano adolescente

Cada um tem um ponto de vista... se o cara dá o que é dele, ele num vindo me encher... tá ótimo. Quem que o viado já não olhou, já não mexeu? Quem gosta? Ninguém gosta. Do mesmo modo também, eu não vou mexer com ele, ele lá e eu cá. (M)

Mas eu já tenho um ponto de vista diferente... hoje em dia a sociedade coloca que é preconceito se você não aceitar... hoje em dia eles fazem campanha pra liberar gay, pra liberar transexual e outras coisas, só que a igreja condena, então são pontos de vista diferentes, entendeu?(M)

Engraçado... a sociedade luta, luta assim, entre aspas, pra deixar isso como se fosse normal; que nem nos Estados Unidos, isso já é normal, os gays já andam de mão dada, já teve votação pra ver se homem pode casar na igreja, entendeu? Adotar um filho... normal, mas cada um tem preconceito na verdade, só que a igreja...vou falar a verdade pra vocês, se o cara é viado rola um preconceito, coisa de educação, você tá passando com sua filha com sua família, com seus amigos e tal, e um casal de gays beijando na boca, uma coisa que eu vi estes dias... (M)

E a coisa tá tão assim, que é engraçado, nos Estados Unidos tá liberado né, tanto casamento de cachorro quanto casamento de casal gay, lá é normal; por exemplo, lá em Tóquio tem uma galeria que você passa e são mulheres nuas em vidros e você chega e escolhe, “eu quero aquela”, dá o dinheiro pro cara e sai. Que nem esta porcaria de lei que eles colocaram agora; estenderam este código penal do usuário, ou seja, o usuário de drogas, se ele andar com menos de 200 gramas é legal, acima de 200 ele não vai mais assinar como usuário, já vai assinar tráfico, ou seja, o Brasil tem que tá proibindo algumas coisas, tem que tá sendo mais rígido com algumas coisas certo? E tá controlando algumas coisas, se não onde este mundo vai parar? Por exemplo, a homossexualidade também, porque aonde já se viu, em pleno domingo de manhã vai passear lá pelo lado da Liberdade e dois casais gay se beijando no trem e no metrô. Verdade, ou

se não você vai ali pros lados de São Caetano e da Industrial e os “veadão” com o negócio de fora lá balançando... (M)

É porque se eu tô andando na rua e vejo um cara beijando na boca de outro eu vou me sentir mal, não vou ficar xingando, mas também não vou ficar à vontade. Porque, eu trabalho em telemarketing e tem muito lá, num vou ficar xingando, mas também não vou ficar lá do lado do cara. (M)

... a mídia fala que se você tá do lado de um gay você também é. Porque se você tá do lado de um gay né, a mídia coloca assim que você é um gay também, você é julgado pelas suas companhias, mesma coisa se você tá do lado de um traficante...E assim vai, anda com bandido é bandido, anda com traficante é traficante... e assim vai, você anda com nóia você é nóia. (M)

...um casal gay se beijar na frente das pessoas isso é crime, porque às vezes tem criança, só que o governo e a sociedade impõem que é preconceito da nossa parte, entendeu? Só que é complicado, porque é como se você estivesse induzindo crianças. Eu acho que eles não deveriam namorar... Eu acho porque é uma coisa de educação, aí você tá lá com sua filha, seu filho, sua família ou alguém e...um casal de gay dá mó beijão na boca, sei lá, tem até um “baguio” que eu vi estes dias, porque eu trabalho com informática e a gente salva todos os arquivos quando a gente vai mexer na máquina; e a gente acabou salvando as fotos de um cliente nosso; e ele vai pra praia de nudismo e a gente começou a ver e dar risada, só que com criancinha e elas vê tudo isso... isso induz a pessoa também. (M)

Lógico, e a criança não vai ter a visão que você teve também. (M)

Tem um fato da escola, eu fiquei aqui na escola, de inspetor, de manhã. Oh, tinha umas aqui que, meu, uma agarrando a outra, e uma banca de mina... pra catar a outra!

Mulher com mulher... eu sou a favor. (M)

Totalmente a favor. (M)

Lógico. (M)

Hoje em dia homem vê duas mulheres se beijando, acha mó bonito. (M)

É. (M)

Seria excitante. (M)

Mas na verdade não é nem porque é tudo sapata. (M)

Agora eu não sei o que as mulheres acham de homem transando com outro homem?(M)

Aí é patifaria. (M)

Já é palhaçada, né. (M)

Homem transando com homem. Mulher é normal, agora homem com homem... (M)

Antigamente isso aí não era mostrado na TV, depois que começou a mostrar na TV mulher com mulher e homem com homem, aí os caras começou a se rebelar e se mostrar na rua um com o outro. (M)

Parada gay, meu. Putz quer coisa pior que parada gay, o cara tá lá, e é mó domingo, o cara tá lá cansado, vai ver um jogo, muda de canal e tá lá, Parada Gay... mas que patifaria meu, pára... só incentivando os outros lá, se rebelando! (M)

E se fosse uma Parada gay só de mina, você ia ficar assistindo?(M)

Aí é diferente. (M)

Uma parada GLS, por exemplo? (M)

Eu faço promoção de eventos e já trabalhei com público GLS... (M)

... eu conheço um projeto da “Fun House” aqui perto; bom, eu conheço o pessoal porque eu já cheguei a fazer evento lá, meu, o lugar onde tem mais GLS do mundo é a cidade de São Paulo você vê, as festas lotadas, não é mais a maioria de homem, se você for ver pelo menos onde eu fui tocar, é mulher. Eu fiquei, caramba meu, quanta mulher e querendo ou não, quem é gay te respeita, não falaram nada comigo, não passaram a mão, fui lá, fiz meu trabalho, toquei e fui embora. (M)

Em termos de balada, em questão, falei pra você da “Hot Boys”, eu já fui várias vezes na “Hot Boys” e nem sou gay, vai eu e minha namorada, a tia da minha namorada e o namorado da tia dela, a gente vai pra quê? Pra dançar. Conheço, você olha pessoas na fila, pessoa de terno e gravata social e você não fala: Pô aquele cara é gay, pô aquela mina ali é gay, entra lá dentro e é outra coisa porque o espaço é fechado pra eles; tem claro, gays e lésbicas mais depravados. Tem, e também tem os mais reservados... (M)

É a minoria. (M)

... tem quem sabe se soltar em lugares mais apropriados a isso. (M)

Vocês falaram que tem 18, 19, né? acho que todo mundo aqui já tem capacidade e maturidade para saber que o que tá aqui fica aqui. Eu não tenho o menor problema de falar para os meus amigos que eu já fiquei com um cara, menor problema. Só tô falando de ficar por aqui, por que na escola eu tenho medo dos outros saberem. Eu nunca transei com um cara, eu não tenho a menor vontade de fazer isso, mas essa de você ficar de besteira, de "ah é diferente". É diferente

nada, mulher também tem rabo. Foi mal, o jeito de falar, mas é do jeito que a gente fala. Tipo, mulher também tem [...]. Você falou homem de 24, homem de 25, uma mulher de 17 tá tranqüila, por que uma mulher de 17 tem o caso dela. Agora homem é mais difícil, eu concordo. Homem com homem é a mesma história, um cara de 17 que curte, vai sentir mais prazer mais com um cara de 17 do que com uma mina. Essa de heterossexual, homossexual, eu boto fé. (M)

Você acha que mais por um conhecer o lado do outro, você acha isso?(F)

Isso, e por ter as mesmas sensações. Eu falando por mim, por que eu só sinto o que eu sinto né? Mas eu acho que nem todo o homem deve ter um senso geral do que o cara gosta. Eu não sei se tem ou não. Eu sou assim com a minha namorada, só faço o que ela gosta. (M)

Mas você concorda assim que, assim... (F)

Mudou geral. (M)

[...] eu acho que tem pessoas que gostam de homem, eu não tenho nada contra, eu acho que cada um tem que buscar a felicidade, se a felicidade é ficar com homem, se você quer ficar com homem, eu não tenho nada contra. Eu sou a favor da felicidade. Mas em relação ao sexo, tem que ter os mesmos cuidados. Os mesmos, por que, eu acredito assim, Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem. Eu vou falar a real, a maioria dos homens, vocês são mulheres vão entender o que eu vou falar, o homem sempre quer sexo anal. Só que eu acho assim, a pessoa que faz sexo anal, gente vocês me desculpem, mas eu acho, é minha opinião e eu vou expressar, eu acho que o cara que quer sexo anal ele é mais propício a gostar de homem depois. Se a mulher tem a frente na mulher porque que o cara quer atrás? Isso é coisa praticamente de homem que gosta de homem... e porque você vai fazer seu sexo de acordo com o dogma que a igreja põe na sua cabeça?(M)

Eu não sou crente, eu não sou nada. Esse é um ponto que eu defendo, é minha opinião [...] o sexo anal, gente vocês não sabem, à medida que você vai tendo penetração atrás, o médico tava falando, o nervo vai estourando, fora que vai ficando largo à medida que você vai, né? Vai estourando e fica muito mais imune para você pegar uma doença. E você não sabe. (M)

Eu concordo. Uma coisa que eu sei, com o sexo anal, o canal anelar vai abrindo mesmo, isso é sem dúvida, mas não que você fique arrombado [...] (M)

A questão não é só de abrir, é que conforme você vai penetrando, vai abrindo, e os nervinhos que a gente tem vai estourando. E aí o que acontece? Fica mais imune de agente pegar uma doença, é que nem uma menina menstruada. (M)

Mas eu acho que é da hora ter, né? Entendeu, uma coisa nova. Eu acho que é legal. Mas, voltando àquela questão de homem com homem: eu não tenho nada contra, nunca tive relações com um homem, não sei, mas eu não tenho nada contra, cada um tem a sua vida independente, o cara não tá fazendo mal pra ninguém, nada contra, o problema é dele... (M)

Eu não posso falar nada por que eu conheço, é que agora este mês eles não estão juntos, mas no meu aniversário eles estavam, estavam meio brigados. Eu tirei foto deles se beijando, se beijando na minha frente, é uma opinião que eu tenho. Mas se tem muita mulher que pode, para falar o português claro, tem muita mulher que dá o cú, por que o homem também não pode? Se ele gosta. É uma forma de sentir prazer. (M)

Eu acho assim, mulher pode sentir prazer de estar se beijando, de estar se agarrando com outra pessoa, mas eu acho que mulher não tem o mesmo prazer que um homem, por que o homem está colocando, e a mulher não tem o que por. (M)

Independente, que seja, se tá sentindo prazer sexual [...]. Isso não vai influenciar o caráter da pessoa, por que tem muita gente que é homossexual, que você nem desconfia que o maluco é homossexual, e você nem sabe. (M)

Quem vai falar aqui?(M)

Quem vai falar. Independente, tipo em quatro paredes, independente de qual é o objetivo sexual dele, o que ele quer alcançar. Isso não vai mudar o caráter da pessoa, o trabalho, só por que ele é homossexual ele não serve para fazer aquela função [...]. (M)

Vai ser bem difícil achar um comentário, um comentário preconceituoso, ainda mais aqui no Américo. Onde têm lésbicas e gay para tudo quanto é lado, eles se movem sem o menor problema. É só você andar pela escola que você vai ver. (M)

[...] gente, deixa eu falar uma coisa para vocês. Na minha rua tem uma coisa muito interessante. De 100% dos homens que tem na minha rua, 65% são gays. Eu tenho muita amizade, eu tenho muito carinho por eles. Igual ele falou, eles trabalham, ele tem as coisas deles, eles falam "a gente não mexe com ninguém". Em relação a sexo, é claro que um homem vai procurar atrás em outro homem, por que não tem outro meio de fazer sexo, que outro meio ele vai fazer? (M)

Eu acho uma coisa também: que um homem, a pessoa que é homossexual, ela já nasceu com um certo dom de homossexualismo. Sabe por quê? Meu primo quando era moleque, era terrível, eu era pivetinho e eu ficava só observando, ele ia, ia, sempre fazendo confusão. Um monte de moleques iam para dentro do ônibus. Até que um certo dia o pai dele... imagina como deve ser a

dor gente? Você vai olhar o busão e uma pá de moleque comendo seu filho. Certo? Tudo bem o moleque é homossexual, o pai e a mãe aceitou. Eu não converso com ele, não tenho amizade. Não critico, não sou preconceituoso, não tenho nada. Mas eu não converso, ele vai na casa da minha avó e eu não tenho diálogo nenhum com ele [...]. Eu não tenho a intimidade que eu tenho com meu tio, de ir tomar uma breja [...]. A situação dele é isso aqui, sentar lá, é que nem mulher mesmo, cruza as pernas, conversa não sei o quê. Por que já tem, nasceu para aquilo. (M)

É verdade, concordo com ele. (F)

(sobre ter um filho homossexual) Eu iria aceitar numa boa, por que quem sou eu para falar o que ele vai ser? Não sou ninguém. Eu acho que tem que ser a pessoa que ela quer ser. Eu acho que tudo tem que ser assim, você tem que procurar ao máximo ser feliz. Eu acho que é isso. (F)

Eu iria fazer de tudo para ele não ser. (M)

Eu não aceito aquilo... se ele me tratasse assim, se eu percebesse, meio mulherzinha. (M)

...Mesmo que já fiquei com outro cara, eu tenho preconceito com bicha. É diferente do que com homossexual. (M)

Não, traveco não. Acho que é muito diferente você estar aqui comigo, por exemplo; meu, você não consegue nem imaginar. Você está conversando comigo e eu saio daqui conversando de boa. Até porque eu conheço ele há um ano, e você já imaginou alguma coisa? Nunca. Mano, agora, você está com... (M)

Por isso que eu acho que esta questão de ser homossexual nasce. Aí, as pessoas falam: aí, virou. Ninguém vira, a pessoa nasce e se descobre. Os meus amigos, eu admiro muito eles, eles são gays, porque, assim... B. eu não mexo com quem eu sei que não é do babado. Por exemplo, se eu sei que ele não gosta de homem, eu vou mexer com ele? Eu não vou. Por que eu sei que eu vou levar xingo. E isso mexe muito com o psicológico deles. Assim, teve o Hopy-Hari fechado só para gays e lésbicas, e eles foram na maior galera, mas voltaram todo mundo bêbado, todos chorando. Então eles são pessoas deprimidas, já deprimidas pela natureza deles. (M)

Sabe por que também, ao mesmo tempo independe do pai e da mãe. A pessoa é homossexual, mas assim, independente, a pessoa é homossexual, mas a mãe não sabe, nem o pai. Ele chega na casa dele assim "oi, tudo bem? Oi mãe, oi pai", aí ele sai e chora. Por quê? Não tem um diálogo. (M)

Eu tenho um broder, um amigo meu, que [...] ele está apaixonado. Vou colocar desse jeito. Ele sempre pensou em como iria ser para os pais quando eles descobrissem. Aí, ele chegou em casa chorando e o pai dele começou a brigar com ele por causa de louça, um bagulho assim. Ele gritou com o pai dele "ah, ninguém me ama nesse mundo mesmo, afinal, já briguei com meu namorado, quê que tem brigar com meu pai?" (imita com voz fina). Aí, o pai dele se tocou e foi falar com ele. A mãe dele foi um pouco indiferente, por que ele tava na saída da escola e a mãe dele foi buscar ele e, por coincidência, a mãe dele foi até lá naquele dia. (M)

Igual meu tio, mano, catou o moleque e vários malucos. Tipo no busão, em baixo do busão tem uma entrada. Vixi catou o moleque lá, o moleque de quatro. Mas olha só qual que é do moleque, desde pequeno. Tipo assim, minha prima ia brincar, eu não brincava com ela, ele já brincava de casinha, de bonequinha. (M)

Uma coisa, ela disse assim, acho que todo mundo, que já nasce com o gen do viado. Eu não boto fé. Eu nunca brinquei de boneca com minha irmã, nunca fiz nada disso. Sempre fui de jogar bola. (M) (o rapaz que revelou no grupo que já namorou um outro rapaz)

Deixa fazer uma pergunta? Eu acho que é mais uma curiosidade, acho que é mais uma fase. Na minha opinião. Escuta, deixa eu te fazer uma pergunta: você se considera gay?(F)

Bissexual. [...] mas tem uma coisa que me impede de eu falar para todo mundo que eu sou bissexual! (M)

Sabe o que eu acho? Eu acho que se você é gay, você tem que ser o que é e se aceitar, acima de qualquer coisa. (F)

Ah, tá. Mas não é uma coisa onde você vai ficar tipo "ah!!" ... (F)

Na real, pensa. O único cara que eu fiquei foi unicamente para fazer ciúmes para as minhas amigas. Pensa no que é isso. [...] Aí eu estou lá, a mina passa, sai um moleque para falar comigo, e todas as minas passam e olham para ele, "ah ele não quer ficar comigo, mas as meninas da escola inteira querem ficar com ele". Aí eu tirei ele de canto e fiquei com ele. Mas foi por curiosidade, eu achei ridículo, sei lá foi muito ruim. Mas depois, deu uma curiosidade, aí eu fiquei de novo e gostei. Eu não acho que é como ele falou, que não bate o tesão. Na hora mano, bate, é bom. (M)

Eu acho que a pessoa que já é curiosa, ela já está se descobrindo. Por que igual eu, eu tenho amigas lésbicas, mas eu nunca tive interesse nenhum de ficar com elas. Mas não é por que eu, é

por que tipo, não é para mim. Eu respeito, assim, a opinião delas, dos meus amigos gays, mas desde que eles respeitem a minha opinião também. (F)

Uma coisa que eu sempre escuto, e é a maior mentira que eu vejo, é que parada GLS não tem discriminação, ou então que parada GLS todo mundo tem respeito. Respeito nada, mano é ridículo, os caras chegam te tacam na parede e não querem saber se você tem nome não. Te arremessam e pronto, acabou, você tem que empurrar mesmo. Sabe aquelas baladas de punk que os caras chegam "e aí tem jeito?", a mesma coisa. Acho que é um preconceito, é a mesma coisa que colocar aquelas cotas na faculdade. É ridículo, é preconceito, por que meu, você vai julgar a sociedade homossexual por que você foi num lugar e te fizeram assim. Você tá aqui em São Paulo, você vê que os gays vão na cara, aí você vai para Santa Catarina e vê que os gays são mais de boa, vai para Alagoas e vê que não tem veado, ou pelo menos você não consegue ver eles. Assim, eu acho que... por que em Alagoas a coisa é mais assim, igual, em Fortaleza, esse gay que eu conheço é lá de Fortaleza, então lá eles são assim se eles souberem que tem um gay eles matam. Então lá eles não podem, como posso dizer, demonstrar. Por que, o meu amigo, ele até vai no salão onde minha mãe trabalha, ele fala que eles são mais reservados, que a balada deles é bem mais reservada, por que se sabem que ele é gay, vai lá e matam ele. Que lá em Fortaleza ainda tem muito preconceito, é por isso. (M)

O negócio não é você se aceitar, já escutou falar em Ku Klux Klan, ele não tava nem aí se você gostava de ser preto, ele te matava. É a mesma coisa que eu falo, que a família do meu pai é totalmente a favor... (M)

Mas o que eu falo é quando a pessoa que é gay não admite para si mesmo que é gay, o preconceito está com ela mesma. Eu acho assim, eu sou gay, eu vou admitir para mim que eu sou gay. (F)

Mas é igual, a mesma coisa, se você está lá na cidade onde ele mora. Você vai se admitir? Ser gay na frente de todo mundo sabendo que você pode morrer por que você é uma coisa. (M)

Por isso que eu falo, o brasileiro é extremamente preconceituoso. O brasileiro é extremamente preconceituoso, de todas as partes, é o que eu acho. Se você é favela, se você é preto, se você tem uma doença, tudo, drogado [...]. (M)

A investigação sobre esta temática permite descortinar a visão de mundo dos (as) participantes, sobretudo no que concerne à difusão da norma da heterossexualidade compulsória,

fazendo com que as opiniões sobre a homossexualidade possam se constituir como lugar elucidativo dos caminhos de modernização dos costumes ou de reservatório de preconceitos¹⁰³.

As opiniões divergiram sobre este tema: uns diziam ser totalmente a favor da homossexualidade, outros contra. Apesar deles afirmarem não ter preconceito viu-se nitidamente a contradição quando surgiram expressões do tipo: “*eu não tenho preconceito, mas não ando com gay, não converso, não critico e não tenho amizade*” ou “*se eu vejo, não vou ficar xingando, saio de perto*”.

Observou-se uma maior tolerância das moças frente à homossexualidade masculina e feminina. Foi tranqüila a reação das meninas sobre esse assunto, que com mais determinação disseram ter amizades com garotas lésbicas, afirmaram a importância das pessoas assumirem primeiro para si sua sexualidade e que em muitas vezes o exercício da homossexualidade pode ser uma fase de experimentação ou curiosidade.

As reações discriminatórias foram maiores entre os rapazes, contudo, não se pode afirmar que as opiniões são imutáveis, ou seja, por toda a vida pensarão desta forma¹⁰⁴. No grupo masculino o tema foi bem polêmico e demonstraram a necessidade de afirmarem frequentemente a masculinidade entre seus pares e/ou para si mesmos. A presença de gays nos espaços públicos, parece checar componentes da masculinidade e/ou desafiar a reputação do “macho” que se sente ofendido diante de dois homens namorando. Por outro lado, nos outros grupos, o misto e o feminino, queriam falar mais de sua sexualidade, da busca de prazer e de coisas novas, curiosidades, experiências e descobertas, enfim, julgaram menos a questão da homossexualidade, até porque um grupo era feminino e outro havia o rapaz que declarou na roda ter vivido uma experiência homossexual.

A discriminação contra homossexuais ocorre, principalmente, de forma velada, por meio de referências preconceituosas e pejorativas com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar e ameaçar. Foi apontado através de um dos rapazes o seu incômodo provocado

¹⁰³ HEILBORN, 2006, p.224.

¹⁰⁴ A pesquisa sob a coordenação de Heilborn (2006, p.225), o Aprendizado da Sexualidade, observou que no meio popular há uma menor tolerância à homossexualidade e o inverso ocorre nos meios mais abastados, ainda que em proporções distintas conforme o sexo. Observou ainda que a tolerância à homossexualidade varia também de acordo com o nível de escolaridade dos jovens, e de escolaridade das mães, somada a postura nas relações familiares.

pela Parada Gay de São Paulo, que para ele “*é um incentivo às pessoas*”. Preocupam-se com o que os outros vão falar, e por isto não andam lado a lado com um homossexual. Apontam que o governo e a sociedade pedem para não ter preconceito, mas do outro lado aparece a igreja condenando. Um deles inclusive cita o casamento gay liberado nos Estados Unidos, mas que no Brasil as leis deveriam ser mais rígidas, proibir coisas como as drogas e o exercício da homossexualidade, eis que surge a preocupação “*onde o mundo vai parar?*”.

Rapazes disseram que hoje em dia tem gay em todo o canto: na TV, na escola, no metrô, nas ruas, no trabalho, e onde tem mais gay no mundo é em São Paulo. Afirmam que a TV teve um papel fundamental para que gays fossem para as ruas como estão hoje. E por outro lado, isto não tem nada a ver com o caráter e o desempenho profissional do indivíduo. Entretanto “*estas pessoas, são deprimidas por natureza, choram muito e não tem diálogo na família*”.

Decorre dessa situação um enfrentamento conjuntural que tende a definir como administrar o estigma¹⁰⁵ social, seja pelo despistamento mais ou menos contínuo, ou seja, pela atribuição de menor significado “ao que os outros pensam”. Outra esfera de possíveis atritos é aquela que incide sobre as relações com o local de moradia e rotina doméstica representadas pela vizinhança. A presença mais ou menos constante de uma mesma pessoa, do mesmo sexo, seja em visitas ou na coabitação, provoca a especulação sobre a vida amorosa - sexual¹⁰⁶.

O constrangimento que homossexuais ou bissexuais vivem na relação com a família, com a escola, com a vizinhança e no trabalho modula o modo de administrar sua identidade sexual. Uns assumem publicamente a existência de um (a) parceiro (a) do mesmo sexo, outros tentam encobrir o vínculo, e ambas as situações requerem esforços regulares.

Quem assume a homossexualidade ou a bissexualidade se estrutura na idéia de que não se deve dar satisfações sobre com quem se mantém vínculos amorosos. E foi assim que vimos a declaração corajosa de um dos rapazes que no grupo misto revelou sua bissexualidade. Contou

¹⁰⁵ Protótipo do banido social, banido por exclusiva culpa sua. Ao defini-lo penalizaram-no colocando-o a margem da sociedade. Nesse incessante forjar de proscritos, não se cuidou sequer de perguntar por exemplo, quem verdadeiramente é o marginal: o estigmatizado que a sociedade marginaliza, ou a própria sociedade. Os que integram a “comunidade dos estigmatizados”, são indivíduos considerados engajados numa espécie de negação coletiva da ordem social. (GOFFMAN, 1975)

¹⁰⁶ HEILBORN, 1996.

sua experiência de ficar com outro rapaz, que no começo foi somente para fazer ciúmes para as meninas, “*uma besteira*”, mas depois gostou e sentiu prazer em experimentar a novidade.

Este rapaz foi o que mais se destacou no respeito à diversidade sexual, junto com as moças que admiradas com a revelação dele, uma delas parecia querer consolá-lo: “*será que isto não foi só uma fase sua?*” Até porque tal revelação surgiu de uma menina que já “ficou” com ele, segundo conversas no grupo. Esse hoje namora e frequenta boate gay com a namorada, e se diz a favor da felicidade das pessoas, pois isto é o que importa e que ninguém tem que obedecer a “*dogmas religiosos*”, “*tem sim é que buscar suas formas de sentir prazer e viver coisas novas*”.

No entanto, foi unânime para eles que a homossexualidade feminina excita e é normal, e seria muito interessante se existisse uma “*parada gay feminina*”. Em um dos grupos surgiu a dúvida se realmente elas sentem prazer, pois não tem penetração no ato sexual entre duas mulheres; o contrário dos homossexuais masculinos que, neste caso, segundo os participantes, “*devem levar vantagem*”. Como se a penetração do órgão sexual masculino, seja na mulher ou no homem, fosse a única e essencial forma de sentir prazer e/ou praticar sexo.

A sexualidade com o parceiro (a) depende de uma contínua decifração de códigos de condutas e de leitura das intenções dos envolvidos. Isto é válido tanto para as relações entre sexos opostos como aquelas que envolvem pessoas do mesmo sexo. No entanto, a dimensão deste aprendizado é bem mais consciente entre aqueles cujas trajetórias apresentam orientação homossexual, pois a homossexualidade, por ser passível de estigma e discriminação, exige por parte dos sujeitos uma vigilância que os faz mais reflexivos do que os indivíduos que exercem a sexualidade dita normal¹⁰⁷.

Dúvidas e opiniões divergentes surgiram no universo masculino, por exemplo: se a pessoa nasce homossexual ou se quem gosta de sexo anal tem tendência a ser homossexual. Referente a este ponto, a demonstração do caráter de socialização e de modelação cultural da sexualidade vem se antepor à noção, tão arraigada no senso comum e na própria tradição científica, de instinto ou de pulsão, ou seja, da sexualidade enquanto algo natural ou inato. O que acontece é que o caráter de aprendizado não é retido pela consciência, ele é de tal forma interiorizado que determinadas atitudes são interpretadas como espontâneas, embora tenham estado presentes no

horizonte de possibilidades a certo tempo, de modo que é quase improvável que não se tenha pensado no assunto¹⁰⁸.

Vimos também a preocupação que “*se as crianças virem homem com homem ficam induzidas*”. Para eles esse fato seria uma ótima justificativa para que homossexuais não namorassem em locais públicos. Embora vivamos numa sociedade que tem por tarefa nos ensinar que a heterossexualidade é a mais natural e até mesmo a única maneira de nos relacionarmos afetiva e sexualmente, vemos que um debate sobre a afirmação da homossexualidade está em curso na sociedade brasileira. Este debate é pautado sobre um clima de crescente liberalização dos costumes associados à estilos de vida alternativos quanto à sexualidade.

3.1.9. A polêmica do aborto entre os (as) adolescentes: “*se o álcool que é uma droga é aceito pela sociedade, porque o aborto não pode ser?*”

Por exemplo, tem muitos amigos meus que, sinceramente, eu não concordo com as atitudes deles até hoje. Descobriu que a namorada tava grávida de três meses, sumiu, caiu no mundo [...]. Ou se não - vai querer um remedinho? Ou senão vai querer chá de maconha, chá de buchinha pra abortar, pílula do dia seguinte e estes negócios. Isso aí é uma coisa que eu não concordo. Depois que tá feito, aí quer voltar atrás... (M)

A amiga da minha namorada uma vez chegou em mim e perguntou: O que você acha em relação ao aborto? Eu cheguei e falei assim que sinceramente eu sou contra, se você fizer eu te levo até a polícia, falei a verdade. (M)

... é, vai lá no bem bom, e dá aquela gozada dentro, e depois é só tomar a pílula do dia seguinte (fala em um tom de reprovação). É, porque é bem aquela coisa, a pílula do dia seguinte nunca é 100% né, em alguns casos é 25%. Depende da pessoa, 75% a criança nasce com defeito e, digamos assim, que 25% a criança pode ser abortada... depende da pessoa. (M)

Isso que eu ia falar, de repente toma esta pílula aí, pode nascer com defeito, não é? (M)

¹⁰⁷ HEILBORN, ([1992] 2004) 2006, p.38.

¹⁰⁸ HEILBORN, 2006, p.38.

Tem uma pessoa que não chega a ser irmã da minha mãe, ela é irmã adotiva da minha mãe, e fez este ato de aborto. Só que ela fez com sucção, primeiro é penetrada uma pinça, e depois é como se fosse um “sugador”, ele suga todo o líquido que tem dentro do útero da mulher e inclusive os restos mortais, ou seja, do feto. (M)

Isso pra mim é um crime, porque do mesmo modo que eu posso tirar uma vida dele e é um crime, é um homicídio [...]. (M)

E a responsabilidade é de ambos os lados, ambos os lados, tanto do médico como do pai e da mãe. (M)

Ambas as partes porque quem não quer... se previne, como eu já havia falado. Mas é que às vezes ele tá ali, e não tá pensando nisso... (M)

Eu acho que é assim ó, a situação. Acontece de você engravidar. Você não tem onde cair morta. Você engravidou [...], você quer fazer um aborto... faz o aborto. Tá errado? Eu não acho que tá errado. Por que você vai colocar essa criança na rua, para ser o quê? Esse moleque ladrão, que fica parado no farol. Vai ser mendigo. Você não vai encontrar uma pessoa para aquecer você... não vai. Por quê? Você não vai ter estrutura nenhuma. Você não tem onde morar, você não tem o que comer. Você vai fazer o que com ele? Vai pedir dinheiro na rua? Vai bater no moleque como eu já vi aí. A mulher puxando o moleque pela camiseta e gritando "moleque do caralho!". Dá um tapão na cara. Imagina esse moleque aí. Que nem, eu tenho um sobrinho, tenho mó amor pelo moleque. Oh, tenho um amor tão grande pelo menino, não tenho coragem de bater no moleque. A mãe aí, empurra o neném, o moleque cai. E ele vai fazer o quê? Esse moleque vai ser o quê, vai ser algo na vida, vai fazer uma faculdade? Ou será que ele vai vender bala no farol... vai ser ladrão. (M)

Mas eu penso assim, Você não tem estabilidade para ter um filho. Se você vai transar com uma pessoa, e você sabendo que não tem uma estabilidade, sabendo que não tem onde cair morta, você vai dar para o cara, você vai deixar o cara gozar dentro?(F)

Ah, mas numa baladinha sem calcinha, pum!(F)

Mas acho que você tem que pensar assim: "Meu, eu não tenho estabilidade". Ela sabe o que é um gozar, isso ela sabe, por que se ela não é mais virgem, ela sabe o que é gozar. Então ela vai falar "eu vou deixar gozar dentro para eu engravidar?" (F)

Sabe o quê que eu acho? Se ela foi mulher e homem de fazer, tem que ser mulher e homem de assumir. Porque a criança não tem culpa, a mãe e o pai que têm. É uma vida? É. Eu não tenho

filho, e não estou nem com planos de ter, mas se um dia eu tiver um filho sozinha eu vou assumir, por que eu sou mulher de fazer e assumir. (F)

[...] A questão da informação, meu, qual é a pessoa no mundo que não sabe que se não usar camisinha, se não tomar uma pílula, vai engravidar? (F)

Pera aí, agora pelo que eu tô vendo, a maioria das mulheres aqui são contra (o aborto).

Primeiro, tem uma frase clássica: se os homens engravidassem, o aborto já seria liberado. (M)

Só complementar. Eu acho que tinha que ser a partir dos três meses. Até os três meses de gravidez, por que o feto não tá formado. Não tá formado? (M)

Tá sim! (F)

Tá formado? (M)

Já. (F)

Eu só sou a favor do aborto por causa de estupro ou de má formação do feto. De resto, oh, cada um tem o que merece, se você fez, você tem que assumir. Eu sou assim. (M)

[...] por que, querendo ou não. Se você pegar para olhar, me fala onde tem mulher como presidente? Querendo ou não, do geral, se você olhar para cima, não tô desmerecendo não, acho que ela tem o mesmo direito... mas 90% do pessoal que manda no Brasil, nos EUA, na Colômbia, em qualquer lugar, é homem. Por que as mulheres lutaram muito pelos direitos dela, e os homens que já estão lá em cima, com certeza iriam favorecer esse aborto. Acho assim, que se os homens engravidassem o aborto já seria legalizado sim. Por que as mulheres não lutaram com força o suficiente para isso, e os homens, e as mulheres conservadoras, lutaram mais forte para segurar isso. Já teve movimento pró-aborto, e mais movimentos ainda contra o aborto. Eu só acho um absurdo levar em consideração dogmas da religião e da sociedade para você poder extinguir uma lei no seu país. Eu vou levar em consideração se Deus falou que é proibido matar, para levar em consideração se eu posso abortar ou não? Sendo que até as três semanas o feto não tem sequer nervo, não tem como ser considerado um ser vivo, não tem capacidade de se reproduzir e falar, não tem sangue dentro dele, não. Não é racional você falar que tá matando uma vida. (M)

Mas você acha certo neste caso. Igual você falou, tudo bem, uma parte da gente concorda, tudo bem. Você sabendo que ela não tem condição, você no lugar dela, você sabendo que ela não tem um chão, não tem um serviço, não tem nada, você iria deixar o cara gozar dentro de você? (F)

Eu tenho que admitir, eu não sei quantas minas já me enganaram, quando as minas estão gozando ou não. E aí? você tá lá com o cara e ele pode dizer "ah, gozei", e você "mas já, assim?". Ele não vai dizer, "quatro, três, dois um". Pode acontecer e pronto. (M)

Eu sei, mas você sabendo que já tá bem quente, que já tá bem perto, que já tá pegando fogo. Todo mundo sabe o sentido que eu quero dizer. Ou você já tem uma camisinha como protetor, ou sei lá, você sai de cima... (M)

Deixa eu só falar um negócio rapidinho. Oh, eu acho assim, tinha que ser liberado o aborto para quem quer abortar. Não obrigatoriamente, se você não tem uma estrutura, você tem que abortar. Não. Você não quer ter um filho, você quer abortar, aí, vai abortar. Se não sabe o que acontece? Ah, o cara vai ter um filho e joga ele no rio... (M)

Se eu fosse presidente do Brasil... Não assim, eu sou a favor do aborto em partes. Seria legal se a pessoa quer abortar, comprova que você não tem uma renda, comprova que você não tem como criar seu filho, comprova que você tem uma mentalidade doida. Comprova isso... (M)

É verdade. Mas sabe o que fica muito mais fácil? Um homem, não é o caso de vocês homens que estão aqui, eu acho que um homem demora mais para amadurecer a cabeça. A mulher não. Depende, tem as suas exceções. Mas fica muito fácil para um homem fazer um filho com uma mulher, uma menina, e cair fora, falar para abortar. Aí ele vai lá com outra e aborta, vai lá com outra e aborta. Entendeu, querendo ou não, se o aborto for liberado, acho que vai virar mania. O que vai ter de bebê dilacerado, no lixo, gente, ninguém sabe. (F)

E o que já não tem de criança abandonada?! (M)

Tudo bem... (F)

Minha mãe, ela tem um amigo que tem um orfanato, tá cheio de criancinha, recém nascido, no orfanato. (M)

Do mesmo jeito que tem mãe que não quer ter filho, tem um monte de família querendo adotar criança. (F)

Numas partes eu penso que o aborto até poderia ser liberado, mas em que caso? Eu já tive caso parecido, com uma menina que é uma amiga minha de muitos anos, que antes de ela ter a menina que ela tem agora, ela já teve que abortar umas duas ou três vezes, e ela não foi no médico para abortar. Ela fez aquele aborto que você toma chá de maconha, de buchinha, para poder abortar. Eu não acho isso certo. Se ela não queria abortar, e eu posso dizer que ela tem

muita informação, por que na casa dela tem televisão e tem rádio, então porque ela não usou camisinha? Essas meninas compram esses remédios, tipo Citotec, que aborta. Mas sabe por quê? Você vai em um lugar que você paga neste remédio duzentos reais. Mas tem muita amiga minha que é enfermeira, [...] e tem amiga minha abortando, até hoje. (F)

Meu namorado trabalha no hospital, e lá tem Citotec e esses psicotrópicos, e um monte de amigas, que vão pedir informação para ele. (F)

A minha amiga abortou numa clínica, no meio da Paulista. Olha só, a minha amiga, ela tava grávida de um cara, e ela sabia que ele não queria; ela tem 25 anos e o cara tem 42 anos. Ele tem uma filha de 18 anos que ele não assumiu. E ela caiu na besteira de ter filho com ele. Aí o que aconteceu? Ficou naquela de três meses, "vou ter ou não vou ter", você vai aceitar ou não vai, os dois são vizinhos, de frente para minha casa. Acabou acontecendo dele encher a cabeça dela para tomar Citotec, são duas doses parece. Ela tomou a primeira e se arrependeu. Foi no médico, o bebê tava perfeito, mas e agora, será que tava perfeito mesmo? Que o médico falou que não ia dar para ver se tinha ou não má formação. Aí ela sentiu muita dor, muita dor e tomou a segunda dose, o organismo não expulsou o feto, por que já tava de quatro meses. Fizeram a correria com um farmacêutico, acharam uma clínica lá na Paulista. O médico cobrou dois mil e quinhentos reais e tiraram o bebê. Ela viu totalmente o bebê, tava com uma má formação, não tinha nem uma massa encefálica, na verdade era um monstrinho. Eu acho que ela se sente culpada, você acha que uma mulher que aborta não tem consciência pesada depois? Tudo que a gente faz, tudo que a gente planta, a gente colhe depois. (F)

Deixa reforçar aquele negócio do Citotec. Eu trabalhava numa empresa de moto-boy, a gente tinha contrato com o hospital M. C., um hospital grande assim da parte do governo, a gente levava morfina, Citotec, esses remédios fortes que são extremamente controlados. Para você tirar um remédio daquele lá, você tem que ter uma receita D2 eu acho, a amarela. Aquela receita é da polícia federal, se você não tiver aquela receita você vai preso. Hoje em dia, tá tão controlado, que se isso aí estoura, dá problema. (M)

Tem uma história de uma conhecida nossa. Ela tava grávida, até teve que ir embora. Segundo filho de um ex-namorado dela, que batia nela e tal. Aí, quando, na segunda gravidez, ela veio atrás da gente, ofereceu dinheiro,... e aconteceu uma vez, aconteceu três e eu falei: "não, não vou fazer parte disso!". Ela até brigou com a gente, não fala mais com a gente, eu era muito

amiga dela, mas por causa disso... Ela já teve neném, tá bem, fiquei sabendo. Mas não é a primeira vez que vem atrás da gente por causa deste remédio. (F)

A pessoa que toma a primeira dose, já acabou. Por que é muito assim, uma oportunidade para o neném com a formação certa é quase impossível. Então tomou a primeira não tem jeito de se arrepender, por que vai nascer com má formação. E a pior culpa é a da mãe. (F)

Por isso que eu acho que devia legalizar o aborto; em parte, porque uma pessoa que toma um remédio desses, se ela soubesse o mal que faz para o seu organismo o que destrói. (F)

É verdade. (F)

[...] você falou dois mil e quinhentos reais? Pelo amor de Deus. Por isso que eu falei que todo o carnaval o cara acaba fazendo sem camisinha. No carnaval passado eu fiz. A mina achou que tava grávida e me disse: "você me dá cem reais? O que é cem reais? Para eu abortar". A mina falou na cara, e eu não tive o menor problema, na lata, sem o menor problema, eu sou totalmente a favor. E outra, você disse que se fosse legalizado iria ter um monte de neném no lixo, mentira. Se fosse legalizado, seria justamente o contrário, não iria ter um monte de menina morrendo por causa do aborto, por que iria ter médico especializado fazendo [...] meu, olha o país que a gente vive, se a mina tiver uma grana ela vai e paga para o médico e aborta. (M)

Você viu aquela clínica que foi desmascarada no interior? [...] E foi à polícia prender os caras, [...] o médico e a auxiliar de enfermeira. Só a mesa de ginecologista que a mina coloca as pernas, só aquela mesa lá, o bagulho todo fudido, e os aparelhos lá. Olha a situação que a mulher passa para fazer um aborto daquele lá, dois mil e não sei quanto também... (M)

Sabe o que acontece, muito aborto de criança já formada, de sete meses, seis meses. Vocês não sabem o que a criança sofre, porque eles colocam uma manguerinha lá dentro e vai dilacerando a criança, e ela sai em pedaços. Às vezes as pessoas falam, "ah, não sofre". Claro que sofre, imagine a dor que a criança sente, é uma vida gente! (F)

Em relação a isso aí eu concordo. Mas é que nem eu disse, três semanas ainda, não tem nem nervo. Eu acho um absurdo seguir dogma de religião e da sociedade e não... (M)

...Mas sabia que é difícil uma mulher saber logo em seguida que está grávida, nas primeiras três semanas? (F)

...Mas o quê que custa, transou sem camisinha, faz um exame. Uma semana depois que o óvulo fertiliza lá, que o óvulo vai parar no ovário, é o suficiente para o exame já pegar. (M)

Deixa falar: a minha amiga que estuda aqui de manhã, ela tava grávida, e a menstruação dela vindo. Ela fez um teste de farmácia e deu positivo, a gente foi num posto, ela desesperada porque tava descendo para ela e ela tava já adiantada. Isso já fazia o quê? Três meses. Fui com ela num posto; simplesmente a faxineira de um posto pegou um copo de café e falou, "você vai lá e urina". Ela foi e aí eles colocaram lá o teste, não era para fazer o teste de urina, era para fazer o exame; aí a mulher olhou e falou que ela não tava grávida. Ela foi para casa e no outro dia foi parar no hospital com aborto. Isso é falta de... (F)

...É negligência médica! (F)

...É totalmente. E o que acontece, você falou que a pessoa sabe que tá grávida depois de três semanas. Não dá para saber, por que tem mulher que mesmo grávida menstrua. E tem bebê que não é gerado no útero. (F)

Tenho uma amiga que tava grávida e menstruou até os cinco meses. (F)

Tenho um amigo, um "broder" mesmo, a gente nunca se separa. A namorada dele ficou com ele, e depois de cinco meses ela tava achando que tava com gases e ela ainda tava menstruando. Ela foi no médico e contou para ele, cinco meses, já não tinha mais como abortar. Os dois são pró-aborto, mas naquelas que eu falei, pró-aborto até um certo estágio. Eu acho que depois disso, tem o filho e dá para a doação. Eu concordo, que depois de tanto tempo, é vida, e vida é assassinato de qualquer jeito. (M)

Mas você concorda comigo? Olha: a pessoa sai com você, eu tô dando um exemplo, ela saiu com você na semana passada. Aí dá uns quatro meses e a menstruação dela tá vindo normal, mas ela fala "péra aí, tem alguma coisa errada". Ela vai no médico e ele fala, "olha você tá grávida", e ela fala "não pode ser por que eu menstruei". Ela chega em você e fala "eu tô grávida de você", você vai acreditar? (F)

Nem curto! Meu sonho é justamente não ter filho, por que eu vi o trauma que é, trauma não, por que tem gente que gosta, minha mãe quer outro e ela que escolhe, mas meu, sei lá eu tô com 18 anos, pode ser que quando tiver 25 eu mude de idéia, mas eu tenho certeza, hoje, na minha convicção, eu não quero ter filho. E naquelas, você sai com uma e quatro meses depois pára de menstruar. Mas um tipo de mulher com um pouco de noção, um pouco de informação, não toma uma pílula depois quando sabe que gozou dentro? (M)

Mas deixa falar uma coisa, independente de gozar dentro ou não, eu sei de uma coisa que meu médico falou para mim. Antes de você iniciar a penetração, a cabeça do homem já tá produzindo

os hormônios, e você sabe que jorra um pouco de esperma sem que você perceba, pode ser que nessa hora você fala "é só um pouquinho lá dentro" e coloca, depois você tira e põe a camisinha. Aí você goza e fala, tá aqui, e você pensa que a mina não pode engravidar de você por que você usou camisinha. (M)

Eu concordo, mas tô falando assim, se você fez metade do sexo sem camisinha, pelo amor de Deus toma pílula no dia seguinte. Tenha um pouco de noção na cabeça. (M)

[...] se direto você tomar, prejudica, pode ser daqui dois anos... vai te prejudicar, faz o efeito contrário. (F)

E agora tem vários tipos de pílula, tinha aquela antiga que você tomava em um dia e depois de não sei quantas horas você toma outra. Agora, tem umas que é uma só... (F)

E tem outra coisa, que nem ela falou que não machuca, lógico que machuca. Até onde eu sei, que minha amiga me explicou, a pílula literalmente faz uma segunda menstruação, uma coisa assim, que ela descasca todo o ovário por dentro e manda o óvulo junto, eu não sei... (M)

O aborto nada mais é, me corrija se eu tiver errada, do que a descamação das paredes do útero, não é? (F)

Então, a pílula faz exatamente esse mesmo efeito, e junto com a descamação vem o óvulo. Então, eu concordo, é um método abortivo, e é aceito pela sociedade, é um aborto e é aceito pela sociedade. Por que você não pode abortar depois? É que nem o álcool que é uma droga que é aceita pela sociedade. Por que o aborto não pode ser?(M)

Eu acho assim mesmo que, eu hoje tenho relação sexual e amanhã eu tomo a pílula, eu acho que eu tô me prevenindo, por que... (F)

Você tá se remediando. (M)

...Tô, mas, eu tô me prevenindo para não ter filho. Agora, uma coisa é eu saber que eu tenho um filho e pagar quinhentos reais pelo Citotec, tem gente que dá quinhentos reais pelo remédio, vai lá e aborta. Eu acho que fica muito mais fácil você gastar quinze reais por mês com anticoncepcional do que você gastar quinhentos. (F)

Tem uma colega minha, ela era minha amiga, e parece que ela tava grávida, e aí ele foi e comprou um remédio que custava quinhentos reais para ela poder abortar. (F)

Sabe o que a irmã da minha amiga fez, ela tomou Citotec, o bebê tava com 4 meses, aí ela foi no banheiro e aí do nada, desceu. Sabe o que ela fez, olhou para o bebê, deu descarga e pronto,

como se nada tivesse acontecido. Eu acho assim, se fosse comigo eu iria ter sérios problemas psicológicos. (M)

Essa minha amiga que tomou o chá também, ela disse que foi no banheiro e saiu. (F)

É que nem ele falou, chá de fita, vodka, álcool zulu, aquele... (F)

Qualquer coisa que a mina não está acostumada, uma mina fraca, qualquer coisa mais forte, uísque, o próprio chá de fita que ele falou, pelo amor de Deus, qualquer tarja preta vai fazer um efeito absurdo. (M)

Eu acho mais fácil você cuidar de uma criança saudável, por que pode muitas vezes acontecer da criança nascer com um problema sério, nascer com um problema sério, e você ficar com uma problemática para o resto da vida, você tinha chance de ter uma criança saudável e por causa de você, você vai ter uma criança com problema para o resto da vida. (F)

A prática do aborto está bem próxima do cotidiano destes adolescentes. Todos pareciam conhecer alguém que já tentou ou praticou aborto. Os casos que foram revelados não se configuravam como gravidez indesejada por violência sexual, mas sim em contexto de namoro. Pareciam bem informados sobre o risco da gravidez indesejada, locais para a compra de remédios abortivos, preços destes remédios, conhecem chás que imaginam provocar aborto, reconhecem que quem tem dinheiro faz aborto seguro em clínicas clandestinas, e quem não tem arrisca a vida. Conhecem clínicas clandestinas e sabem quanto custa para se fazer um aborto clandestino. Ambos os sexos tinham o que dizer sobre o tema.

Os rapazes fizeram diversos comentários sobre aborto, o que pode ser interpretado a partir das suas diversas experiências no início de sua vida sexual. Há diferenças marcantes na iniciação sexual de rapazes e moças: enquanto a trajetória feminina, de modo geral, é marcada por relações afetivas duráveis, o modelo masculino é caracterizado por relacionamentos sem o compromisso do vínculo afetivo. A iniciação sexual das mulheres assinala uma construção tradicional da sexualidade feminina, com representações de feminilidade, acerca da importância da fertilidade, monogamia, ainda que o parceiro mantenha relações com outras moças.

Para um de nossos participantes, aborto é crime, homicídio e caso de polícia. Em pesquisa do Instituto Vox Populi¹⁰⁹, apesar de dar a impressão de ser um tema reprovado pela população, o aborto é aceitável por mais da metade dos brasileiros. Do outro lado, 45% são contrários à prática. É admitido por 76% dos entrevistados em caso de risco para a vida da mãe e 70% se a gravidez for resultado de estupro. Mas por enquanto a população brasileira não se mostra disposta a alterar a legislação do Código Penal de 1940, que prevê que o aborto só pode ser realizado legalmente nos casos de estupro ou risco de morte para a mulher; e nos casos de fetos sem cérebro (anencefalia), a mãe só pode interromper a gravidez com autorização judicial. Neste contexto uma pesquisa Datafolha realizada com 5.700 pessoas, em março de 2007, mostrou que 65% dos entrevistados acham que a lei deve continuar como está, ou seja, não aprovando legalmente o aborto em outros casos além de estupro e risco para a mãe.

Porém a experiência tem mostrado que a visão da sociedade pode mudar quando o debate se torna mais consistente. Foi o que aconteceu em Portugal no ano passado, o aborto nas dez primeiras semanas de gestação foi legalizado no país depois que 59% dos eleitores apoiaram a medida em um plebiscito realizado em fevereiro de 2007. Uma tentativa anterior de legalizar o aborto no país, há nove anos, tinha fracassado. Na ocasião, a consulta não atingiu os 50% de eleitores necessários para que fosse considerada válida¹¹⁰.

A ausência de debates sobre aborto reduz o significado desse evento no início da trajetória reprodutiva, na medida em que não é levado em conta o fato de que a decisão sobre a continuidade de uma gravidez abriga, ainda que de forma não revelada, a eventual possibilidade dos ônus e riscos da opção pelo aborto.

Devemos considerar que algumas adolescentes omitem dos familiares a informação da gravidez, portanto, não é conhecido como o casal adolescente realiza uma escolha, busca recursos para o aborto e o concretiza, o que implica na negociação entre o casal adolescente.

Houve ainda a discussão de onde começa a vida e, de novo, as dúvidas a respeito dos efeitos da pílula do dia seguinte. Ocorrem fatores sociológicos que são determinantes do estado

¹⁰⁹ Pesquisa ecomendada pela Revista Carta Capital/ Bandeirantes, feita pelo Instituto Vox Populi, 2007 apud PACHECO, P. 2007. p.08.

¹¹⁰ SEGATTO, 2008. p.84.

de saúde de mulheres e homens e que podem variar inclusive dentre as próprias mulheres, dadas as diferenças de classe, raça/etnia, geração e religião. Diante disso, as meninas apontaram novamente a “*negligência*” nos serviços de saúde que, em muitas vezes, não dão atenção adequada às adolescentes. Têm consciência que a contracepção de emergência é a saída para o sexo sem proteção, mas se preocupam com a má formação do feto, tanto que no imaginário delas, de uma tentativa de aborto mal sucedida pode nascer um filho com problemas graves de formação.

Cabe ressaltar que o artigo 12 da Convenção CEDAW¹¹¹ sobre saúde, direitos sexuais e direitos reprodutivos, recomenda aos Estados priorizar a prevenção da gravidez não desejada através do planejamento familiar e da educação sexual, bem como de reduzir as taxas de mortalidade materna através de serviços e assistência adequados durante o pré-natal e o parto. E, ainda, os Estados devem modificar a legislação que torne crime o aborto e imponha punições às mulheres que o realizam.

De acordo com Pimentel (2008, p.45), se olharmos não só para o Brasil, esta questão é complexa, pois há vários países que são governados por líderes religiosos, como o Irã, por exemplo. Um governo democrático é um governo eleito por sufrágio universal de seus cidadãos, pois uma democracia pressupõe que todo o poder emana do povo que o exerce por meio de seus representantes, eleitos direta ou indiretamente, e só um Estado Laico tem condições de ser plural e de admitir e respeitar a diversidade, inclusive a religiosa. É fundamental a distinção entre as dimensões da espiritualidade e da cidadania. Crenças e dogmas compõem a primeira, e direitos e deveres a segunda.

No entanto, na América Latina, a ação da Igreja Católica e também dos evangélicos pentecostais, tem se contraposto ao avanço dos direitos humanos na área dos direitos sexuais e reprodutivos e, assim, mesmo o Brasil sendo um país considerado regido por valores democráticos, faz parte de um bloco de países cujas leis sobre o aborto são restritivas.

¹¹¹ Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW/ONU). Baseada em provisões da Carta das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Do ano de 1979, entrou em vigor em 1981. É o primeiro tratado internacional que dispõe amplamente sobre os direitos humanos da mulher. São duas as frentes propostas: promover os direitos das mulheres na busca da igualdade de gênero e reprimir quaisquer discriminações contra a mulher nos Estados – parte. PIMENTEL, 2008.

No Brasil, país tratado ainda como “a maior nação católica do mundo”, o Ministro da Saúde, José Gomes Temporão, foi a primeira autoridade a defender publicamente um plebiscito sobre a legalização do aborto. Fez declarações sobre a possibilidade de incluir o aborto nas discussões sobre saúde pública e provocou uma onda de críticas e protestos por parte de religiosos.

Ao falar sobre o assunto, o Ministro abriu o debate sobre a mais emocional das questões políticas e morais que o Brasil enfrenta hoje. Segundo suas declarações, em 2006 o SUS realizou dois mil abortos legais. O número de mulheres que foram ao serviço público para se submeter às raspagens do útero, um procedimento conhecido como curetagem, necessário depois de abortos, chegou a 220 mil.

Estima-se que cerca de um milhão de abortos clandestinos sejam realizados no país a cada ano¹¹². As dificuldades na mensuração dessa prática mostram-se sobretudo em contextos em que o procedimento é ilegal, embora possivelmente os problemas de sub-relato do evento persistam mesmo com a sua legalização. Isso porque os aspectos morais, éticos e religiosos envolvidos na decisão de interrupção de uma gravidez levam as mulheres a omitir sua declaração¹¹³.

Portanto, torna-se inegável a contribuição dos relatos masculinos nos resultados da investigação e a relevância da incorporação dos homens em pesquisas relativas à reprodução. Suas narrativas elucidam, em parte, as omissões presentes em pesquisas sobre o aborto, além de favorecer a contextualização das negociações relativas às decisões reprodutivas. A sistematização das experiências dos jovens indicou que o aborto como um horizonte de possibilidade, é uma dimensão da reprodução freqüente na iniciação sexual, contribuindo para uma compreensão mais ampla da gravidez na adolescência e das transformações dos valores vinculados à sexualidade e à reprodução¹¹⁴.

Vale lembrar que em 2007, o Papa veio à América e visitou o Brasil, buscando cada vez mais o empenho da igreja em conservar seus dogmas e os seus fiéis. Reforçou a idéia de uma Igreja Católica latino-americana mais alinhada com o Vaticano do que com os movimentos sociais. O catolicismo, que já foi unanimidade nacional, perde fiéis desde os anos 90 e assiste o

¹¹² SEGATO. 2007, p. 08.

¹¹³ HEILBORN. 2006, p.347

¹¹⁴ HEILBORN e PERES, 2006

assombrado crescimento das igrejas evangélicas. Segundo o teólogo Leonardo Boff, expoente da Teologia da Libertação, tendência progressista do Catolicismo, o Papa veio para garantir a hegemonia católica no Brasil e na América Latina, mostrando a imagem de uma Igreja coesa e firme na doutrina ditada por Roma; aponta que os últimos documentos publicados por Bento XVI demonstram como o Vaticano persegue os que se desviam de sua doutrina e condena o divórcio e o segundo casamento, a união gay e o aborto¹¹⁵.

Na busca de explicações em nosso grupo de pesquisa, para a ilegalidade do aborto no Brasil, um deles colocou a questão: “*se os homens pudessem engravidar, o aborto seria liberado em nosso país, com certeza*”. Este também afirma que a descriminalização do aborto seria a saída para evitar os maus tratos de crianças e de mulheres pobres que arriscam a vida cometendo o aborto de risco. Explicou que “*isto acontece porque temos poucas mulheres em espaços políticos, e os homens que ocupam estes espaços, não se preocupam porque nunca engravidaram*”.

Devemos levar em conta, que a gravidez não planejada na adolescência tem levado parte significativa das moças à interrupções não seguras. No Brasil, a 5ª causa de morte entre adolescentes, ou 6% do total de óbitos entre jovens, decorrem de aborto ou complicações no parto. A cada dia, em nosso país, cerca de 140 meninas têm a gravidez interrompida. A cada hora, seis adolescentes entram em processo de aborto. A cada 17 minutos, uma jovem se torna mãe, de acordo com a ANDI (Agência de Notícias do Direito à Infância, 2000)¹¹⁶.

A questão do aborto se apresenta na maior parte das experiências relatadas, o que significa que os adolescentes não aceitam simplesmente uma gestação com naturalidade e há uma expressiva tendência à aceitação do aborto como saída para a gravidez não planejada, apesar da dificuldade de realizá-lo. É verdade que apenas uma pequena parcela de adolescentes e jovens possui condições de viabilizar a tempo a opção de abortar, estes sabem que a gravidez pode ocorrer de fato, e que o aborto é uma alternativa ainda sendo ilegal em nosso país.

É preciso considerar as barreiras que são enfrentadas pelos (as) adolescentes, especialmente num contexto no qual o aborto é ilegal, e onde permanecem as dificuldades no

¹¹⁵ SIQUEIRA, L. 2007, p.08.

¹¹⁶ DOSSIÊ Adolescentes – Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva, 2004, p. 20.

acesso aos serviços de saúde, as desigualdades de oportunidades sociais e as relações de gênero, que contribuem decisivamente para certas decisões tomadas por esse público.

Se faz necessário debater a questão do aborto para buscar soluções emergentes e atender a uma realidade onde vemos, por um lado, mulheres com recursos atendidas para a realização do aborto, por outro lado, mulheres pobres, em situação de vulnerabilidade social são obrigadas a se confrontar com os riscos físicos e o constrangimento moral do aborto clandestino e inseguro.

3.1.10. Virgindade: “acho que é uma coisa que não tem nada a ver”

(sobre a história contada no início da dinâmica) *Ah... os pais dela, vão querer que ela case virgem... os pais dela, não os pais dele, querer que ela entre na igreja virgem, e hoje em dia, isso aí não tem nada a ver... (M)*

Naquela época, a virgindade de mulher, e os pais pensavam na ética familiar, de manter o padrão da família assim, ou seja, os pais procuravam manter aquele padrão. Por exemplo, minha filha vai casar virgem e entrar de branco na igreja; os pais sabendo que a filha deles perdeu a virgindade antes do casamento. Para um pai, para uma mãe, naquela época, era a mesma coisa que a morte. Hoje em dia é tudo mais comum. (M)

Mudou. Hoje em dia pra você achar uma mulher virgem, tem que procurar nas Páginas Amarelas, Primeira Mão, Diário do Grande ABC, JT de domingo e você não acha. (M)

Creio que não seja tão importante a questão da virgindade, mas o respeito, por um lado, que tem que ter um com o outro, porque não é uma virgindade que vai falar o caráter de uma pessoa, se ela tem um caráter bom ou não. [...] é apenas aquela coisa de curiosidade, de querer saber mais cedo, o que uma atração com aquela outra pessoa pode acontecer; como meu pai sempre falou, o fogo com a palha não se dá, sempre acaba pegando fogo. E é verdade vai, vamos supor você põe duas pessoas num quarto sozinhos, sempre vai acabar acontecendo alguma coisa. (M)

...Acho que não tem nada há ver, [...] você que decide a cor do vestido. A menina lá de onde eu trabalho casou de vermelho, ela foi meio que crucificada, porque ela trabalha numa escolinha em que os donos são de uma religião; então eles acham super errado ela casar de vermelho, ela até tava grávida. Mas eu acho que cada um veste a cor que quer, acho que não tem mais nada a ver, esse lance de virgem ou não, acho que não tem nada a ver. Por exemplo, você tem uma filha, mas você não tem um relacionamento aberto com ela. Você não dá um espaço para ela poder

conversar com você, se abrir. Ela perde a virgindade e você nem sabe. E ela tá namorando, e você acha que nunca aconteceu nada. E não quer dizer que nunca aconteceu nada, por que você nunca deu um espaço para ela poder conversar com você, falar sobre o relacionamento dela. Acaba de ela casar de branco e a mãe nunca saber que ela deixou de ser virgem antes do tempo. Então acho que é uma coisa nada a ver. (F)

Perfeito. Acho que não tem nada a ver esse negócio de casar de branco, por que hoje em dia é raro a pessoa casar virgem. Então hoje em dia tá muito mais liberal, muito mais avançado, a mulher tá ganhando sua independência [...]. Então, acho que hoje em dia é muito difícil uma pessoa casar virgem. E também, eu tava vendo uma reportagem, que tem muita menina engravidando logo, agora, por falta de orientação, os pais não orientam, não tá nem aí, não sabe se a filha está menstruando direito no tempo da menstruação, não sabe de nada. Aí, não conhece a menininha, do tempo da infância. (M)

Eu queria voltar numa questão. Você falou na questão da virgindade, de antigamente e tal. Eu acho que antigamente, a mulher, esse lance da virgindade era muito preservado. Hoje não, é 100%. Eu não sou mais virgem, mas se eu pudesse ser virgem ainda, eu gostaria de ser. O fato de eu não ser mais virgem, não quer dizer que eu vou sair com um cara e vou fazer isso. Não sei se é preconceito meu, mas eu não tenho o hábito de sair para a baladinha, para funk. Eu não tenho nada contra, eu já fui muito, já fui muito. Mas assim, é um lugar que fica mais propício para a coisa acontecer. [...] tem cara que te vê no funk, e fala "é a mina, eu vou levar ela para o escurinho e nós vamos". Eu não vejo a situação assim. Eu não sou mais virgem, mas eu não saio com qualquer um. Na primeira vez, jamais! Eu namorei dois anos e quatro meses; eu tive a primeira relação sexual com seis meses de namoro. Me arrependi? Me arrependi. Mas já aconteceu e já foi. Eu tinha 15 anos. (F)

Eu prefiro mulher não virgem. É difícil depois, tem que ter carinho. Eu não gosto de tirar a virgindade de uma mina. (M)

Oh, é muita responsabilidade. (M)

É muita, cara. Eu já tirei de quatro e me arrependi das quatro. (M)

É um conceito. Que nem eu, eu não sou mais virgem. As pessoas não têm mais aquele lance de segurar, entendeu? Se você está nos amassos, é claro, vai acontecer. E a pessoa que não é mais virgem, ela tem experiência, ela já fica mais aberta. A pessoa já sabe o que quer. (F)

Virgem é a pessoa que ainda não teve experiências sexuais. O conceito virgindade é construído pela sociedade, baseado em critérios tanto biológicos quanto sócio-culturais. Desta forma pode variar entre as culturas, sendo muito valorizado em alguns meios sociais ou religiosos, especialmente no que diz respeito à preservação da virgindade antes do casamento. A virgindade é um conceito importante na tradição cristã e ocupa um lugar central no dogma¹¹⁷ cristão católico¹¹⁸.

Nos discursos dos (as) adolescentes não percebemos a valoração da virgindade prolongada. Pesquisas recentes apontam que o total de adolescentes entre 15 a 19 anos que se declararam virgem, caiu de 67,2% em 1996, para 44% em 2006¹¹⁹. O fenômeno resultou no rejuvenecimento do padrão reprodutivo, onde as mulheres passaram a iniciar sua vida sexual cada vez mais cedo.

É importante observar que quando se fala em virgindade a referência é sempre a mulher, pois o homem já é instruído desde criança de que não pode ser virgem, homem que é homem faz sexo assim que atinge a puberdade. Essa pressão como um ponto importante da afirmação da masculinidade nesta fase, pode ser perversa para os meninos, desrespeitando suas individualidades. Assim como a sociedade exige (ou já exigiu) a virgindade das moças, dos rapazes, ela exige exatamente o contrário, ou seja, têm que fazer sexo para provar que são homens de verdade ou “machos”.

É comum os grupos de adolescentes se dividirem em, aqueles que já tiveram a primeira relação e os que não tiveram. O primeiro grupo, normalmente faz sexo de forma precoce e a sociedade valoriza isso, principalmente seus pares. Nesse grupo, a quantidade de experiências sexuais é importante, pois assim ele será vangloriado pelos colegas, independente do risco físico e emocional a que ele está exposto. Entretanto, já vimos que não existe uma idade correta para se iniciar a vida sexual e que tanto os meninos quanto as meninas estarão prontos, quando se sentirem à vontade em experimentar os prazeres do corpo.

¹¹⁷ São verdades absolutas que não permitem a discussão.

¹¹⁸ Vem de Virgem Maria. Seu nome significa: *Senhora da Luz*. Acredita-se que tenha nascido em Jerusalém a partir de 15 a.C., para alguns estudiosos teria nascido em Nazaré. Segundo as Sagradas Escrituras era a mãe de Jesus de Nazaré.

¹¹⁹ REVISTA Carta Capital, 09 de julho de 2008, p. 25.

Portanto, a virgindade é um fator mais social do que físico, e caracteriza a pureza da mulher, essa idéia vem desde épocas mais antigas, indica que a mulher ainda não se entregou a ninguém fisicamente e que seu hímen está intacto. Está associada a valores morais e religiosos, que na verdade nada dizem sobre o caráter de uma pessoa, sobre sua honra ou dignidade. Vimos na fala de uma delas que o fato dela não ser mais virgem não significa que ela vai sair com qualquer um; aliás, elas declararam no grupo que já perderam a virgindade, sem constrangimento algum.

A liberalização dos comportamentos sexuais permitida entre outros, pela contracepção hormonal e a emancipação social das mulheres alterou profundamente a visão da virgindade nas sociedades contemporâneas. Ao mesmo tempo que a contracepção permitiu separar a sexualidade do ato de procriação, a virgindade perdeu o seu papel de garantia de legítima filiação no casal e/ou de representação da pureza da mulher.

Estas mudanças alteraram o papel social da virgindade; no entanto, a expansão de movimentos religiosos mais conservadores e a consciência dos riscos ligados às doenças sexualmente transmissíveis como a Aids têm levado a uma renascença da virgindade como um ideal positivo e desejável. Os (as) adolescentes da presente pesquisa, acham que mesmo que os adultos entendam isto como algo ainda importante, entre eles não é mais um componente valorizado na relação a dois. Uma delas disse que uma menina que não é mais virgem sabe o que quer e está mais aberta. Um deles revelou que tem preferência por uma moça que não é mais virgem, e outro, se queixou da responsabilidade e do cuidado que deve ter quando tira a virgindade de uma menina.

3.1.11. “Hoje em dia, não se encontra fácil uma pessoa pra casar”: o discurso adolescente sobre as diversas maneiras de pensar, se divertir e amar.

[...] Já tive no baile funk do Rio, já tive aqui em São Paulo, já tive em baile funk de Minas... (M)

Aqui todo mundo já foi. (M)

Já fui em baile Funk! Tipo quando eu era moleque, eu ia direto. Eu tinha uns 15, 16 anos quando começou. (M)

Eu já. Na Avenida do Estados, no Status Music Show. (M)

Eu já fiz show. (M)

... igual ele falou, as minas ali é tudo sem vergonha, você tá na sua lá e já chega se esfregando. (M)

Tem mina que vai e quer se divertir vai ela e a amiga dela e não quer que fica agarrando e puxando a blusa dela. Eu trabalho com balada de música eletrônica e faço Rave de mais de dez mil, vinte mil pessoas e, se você for ver, o maior público nosso, querendo ou não, é mulher, e eu aposto que você não vai conseguir catar dez mina numa Rave, porque a mina que vai pra Rave vai pra dançar. Vai com aquele topizinho, calça jeans colada e aquela bota até em cima, e ela vai lá pra dançar... (M)

Rave é balada de música eletrônica e não balada normal, que dura... o mínimo de um festival Rave, uma balada eletrônica, ou seja, de uma Rave é no mínimo 12 horas, o máximo são 24 horas. (M)

Não... são mais. Tem até mais, são até mais em sítios e chácaras, são três dias. Já vi cada coisa lá, passa do lado das cabaninhas pra você ver. (M)

É que mudou a história; antes as mulheres é que tinham mais cabeça, mas agora tem mulher aí que é mô sem noção, sem idéia mesmo, mó cabeça fraca, num pensa em futuramente ter uma família, né. Tem homem que pensa mais na estrutura familiar que a mulher, não pensa se o cara tem um emprego bom... (M)

Tem mulher que bagunça... (M)

Bom, tem muitos homens aí que são galinhas, não sei se todos aqui podem concordar comigo... Mas menina também. Tem muita menina também, não pode ver um menininho na porta da escola com uma moto ou um carro que faz o quê, se abre, entendeu, como tem muito homem também que não pode ver uma mulher de saia que já chega junto. (M)

A mina já se abre toda. (M)

Assim, tem uma frase legal. Tem dois tipos de mulher, as que voam e as que dão. E eu nunca vi nenhuma voar. (M)

Antigamente mulher não ficava em todo lugar; mulher antes ficava em casa, hoje em dia mulher trabalha em firma, em mercado, mulher tá ocupando espaço... Mulher tem que trabalhar, mulher tem que dirigir... (M)

Mulher tem que pilotar fogão... (M)

[...] isso não tem o que falar, é aquele jeito que há 20, 30, 40 anos, a mulher casava e ia pilotar o fogão e o homem pagar contas, ou então iam morar em baixo da ponte... mas elas tiveram atitude de ir para a rua e queimar o sutiã. Cada um buscando o caminho que quer! (M)

Isso é verdade. (M)

Não, acho que mulher tem que fazer tudo que o homem, mas o homem pensa mais que tem que ter uma estrutura familiar, uma estrutura boa para ter um filho. A mulher, muitas, não sei todas, já pensam assim, que se tiver um filho ele vai me sustentar, as mulheres até pensam mais hoje em dia, elas querem curtir entendeu, elas não querem mais ter aquela coisa de relacionamento sério e tal, hoje ela quer ficar e acabou, catar uma pá de menino, e falar eu beijei um monte. (M)

Igual ele falou, elas pensam na motinho, no carrinho e tal, e aí muitas vezes é assim que acontece: você ficou com o cara só porque ele tem uma moto, você tem um filho dele e ele te abandona. (M)

Tem muitas mulheres aí que vão só pela aparência e nunca vão pelo caráter do cara, “aiii nossa, foi maravilhoso”. E depois - ah, tô grávida. E o cara era o quê, um ladrão. Tem muita menina bonita que você vê com bandido, com traficante. (M)

É o que elas mais gostam porque eles ganham dinheiro fácil e compram as coisas pra elas; aí; elas vão. Conheço, conheço várias que são assim. Não posso falar que o cara rouba, rouba alguma coisa, frentinha de carro e a mina já se abriu, ganha mais respeito, sei lá sabe, ninguém vai mais mexer comigo, isso aí é que é. (M)

E elas não querem os Nerds porque pra elas Nerd é um merda. Nerd é um cara que se preocupa mais com a vida e com as coisas, um cara mais responsável, só que tudo se reverte entendeu? Um cara que hoje é ladrão um dia vai ser preso e um cara que se matou e tá estudando... lá na frente ele vai ficar sossegado. (M)

Mas Nerd é um cara desinteressante... tipo estes dois aí. (M) [e aponta para dois garotos na roda, que quase não falaram, mas concordaram com as colocações do colega].

Eu concordo com tudo que eles disseram, da gravidez e tal, do caráter, que tem bastante menininhas que são safadas e umas que são certinhas... eu concordo com tudo. (M)

Elas querem um cara mais popular. Se o cara quer saber de estudar “vixi”, as minas nem olham... Elas só querem quem tem dinheiro ou quem é ladrão, esta é a realidade. (M)

Futuramente estes dois vão se dar bem na vida... (M) [e aponta para os dois moços, que riem da situação].

[sobre os locais onde escolhem para fazer sexo com as moças]

Na passarela, na viela, no Duque de Caxias... [parque público localizado no centro da cidade e aberto 24 horas, hoje denominado Celso Daniel].

No carro, na moto, no mato...

Mas também não são todos que fazem isso.

Aonde tiver um lugar bom e escondido, ali é Gol!

No motel, no drive pra quem tem carro.

Se o cara trampa vai no Motel, se tiver um carro...

Vai de táxi.

Vai a pé e já era.

Ai não dá né.

Pego o carro do meu pai.

Chega pro pai e fala que não tem como sair de lá... É melhor comentar com o pai do que com a mãe.

Lógico que tem.

Ah, vou ter que falar. No lugar público também. Você tem que chegar em casa cedo, tipo umas onze e meia, você não vai no motel. (M)

Eu já fiz isso, eu já fiz. Mas hoje eu não faço. (M)

Mas tem uma parte constrangedora. O pessoal vê e fala: cadê sua mãe, cadê seu pai, quantos anos você tem? (M)

Eu vou falar a real. Eu não sou mais virgem. Mas quando eu namorava eu nunca fiz em lugar público. Mesmo que o fogo tava lá aceso, eu nunca tive coragem. Gente é lugar público [...] tipo ou a gente ia para a casa dele, ou ia no carro, mas em lugar público não. (F)

Meu, no trem, eu e minha mina. O povo desceu em Mauá e a gente foi dali sozinho até Rio Grande da Serra, e foi ali mesmo no trem. Para mim não tem essa, qualquer lugar é lugar. Ainda mais quando você está no começo, e tal. Qualquer lugar é lugar, e dá um lance a mais. Qualquer coisa para você incentivar o relacionamento conta. Correr um risco a mais, é justamente isso que é legal. (M)

É a evolução mesmo, vai evoluindo de pouco a pouco... Ou pra melhorar ou pior. (M)

Eu acho que tá regredindo, [...] a moda agora é namorar pelado. [se referindo a uma música]... ou vai piorar de vez ou então... (M)

[...] depende do jeito da pessoa. Se tá procurando uma pessoa pra casar piorou, não encontra fácil, mas se você quer curtir melhorou e muito, você vai na balada, e nem precisa falar muito com a mina, você ficou com a mina e nem sabe o nome da mina. (M)

Depende do que você tá procurando, se você tá procurando uma coisa séria, entendeu, é difícil de achar. (M)

Que nem traição. Antigamente era a pior coisa que tinha, hoje em dia não. Às vezes você pega sua namorada traindo você vai e cata dez; aí você descontou a raiva da menina. Antigamente a mina era julgada prostituta... Hoje em dia também julgam, mas... (M)

Antes quando uma mulher traia o homem, antigamente, a mulher era julgada como uma prostituta, uma mulher da vida, hoje em dia é porque o homem não deu carinho, o homem é isso... a culpa é do homem. Não é à toa que o homem já tem até clube, o clube dos cornos. Não sei se alguém aqui já ouviu falar que tem lá no Ceará. Tem o clube do Corno, hoje em dia é tudo mais aberto, digamos assim, que é mais moderno, tem comunicação. (M)

... hoje seu pai pergunta, que hoje é assim, se vocês nunca fizeram sexo vocês dois... Na época dos nossos pais, não tava uma coisa depravada que nem hoje em dia... (M)

É verdade! (M)

... de sexta-feira, por exemplo, de sexta-feira tem samba aqui não tem? Tem muitas meninas aí que bebem, não bebem? Opa... vai pro gueto lá pras 11h30min [...] o que quê vocês vão achar ali? Só neguinho usando droga e as meninas trepando com os caras ali no beco.

[...] eu vejo assim, as meninas pequenininhas, de sainha, toda pivetinha, toda bonitinha. A hora que você cola nas menininhas, não vale nada. Só que já tá tipo. (M)

Mas sabe o que acontece, eu não sei se eu aparento à idade que eu tenho. Mas as meninas de 13 anos estão com corpo de mulher de vinte. Então isso ajuda muito, que é uma coisa precoce. (F)

Mas eu prefiro uma mulher de 20 do que de uma 13. (M)

Mas às vezes você está com alguém e nem sabe a idade. (F)

Ultimamente eu nem tô ligando para a aparência, pela beleza. Eu ligo por dentro, tipo de conversar, trocar uma idéia, para sair para jantar. (M)

Hoje em dia, na balada, eu nem fico com ninguém. É raro, eu sair para pegar assim, é raro. Então, eu não pego, sabe por quê? Eu nem sei quem é essa mina, não sei quantos elas beijou.

Olha como eu já fico neurótico. Eu não sei quem ela beijou, eu não sei nem quem é essa mina. Aí eu vou ficar com ela? (M)

Eu conheci um segurança de baile funk e ele falou para mim: você não tem a noção do que acontece dentro de baile funk, eu fico aqui em cima e tenho a visão de tudo, você não tem noção. Ele disse que acontece orgia, swing, meninas novas. Hoje qualquer menina de 13 anos, que tem um corpão, eles não pedem nem RG, você entra. (F)

É a mesma coisa. Meu namorado é promotor e tem um cara que faz baile funk; aí, eu e meu namorado trabalhamos para ele, e as meninas sempre de shortinho de um palmo, sem senso do ridículo. (F)

Eu também acho. (F)

Como um pai deixa uma mina sair com um shortinho daquele tamanho? (F)

Cansei de ver a mina sair de calça cumprida para o pai não ver com o que ela tá saindo. (M)

Eu tenho uma amiga que ela tem uma irmã de 17 anos, ela tem 18, e elas tem uma mãe que depois que se separou, as duas vão para o funk. Vão sem calcinha, de sainha, chega lá ninguém é de ninguém. A mãe fica com o parceiro da filha, a filha fica com o parceiro da mãe. A mina que vai sem calcinha não paga. Eu sabia o que ia fazer... levava a calcinha no bolso. (F)

Eu tenho um amigo que tem um filho... um moleque aí, desvirtuado, locão, mora com a mãe. E a menina, que tem o filho, chama Manuel o filho, e mora com a mãe dela. A mãe dela tem problema mental. Então imagina, como vai ser a criança, como vai ser este menino? A mãe dela tem problema mental, a menina saí na madrugada, imagina. Será que o menino não acorda na madrugada chorando? (M)

E o pai do menino? (F)

Ah, vai para balada. (M)

Filho não tá escrito na testa do homem, fica muito fácil. A mulher cuida do filho, não digo em geral, mas a menina que engravida cedo, aí o que acontece? O pai vai para a balada e a mãe fica cuidando da criança. O pai não quer nem saber da criança. É claro, tem mãe irresponsável também, que fala que não quer nem saber da criança, e sai para a balada mesmo. (F)

(sobre a discussão no grupo)

Ah, eu gostei, acho da hora. Eu gosto desse tipo de debate. Eu gosto de política também, quando tiver um debate de política pode me chamar. (M)

Socialmente existem discursos referindo-se com freqüência a uma evolução negativa dos costumes e salientam um clima de erotização precoce indesejável, irresponsabilidade dos jovens e adolescentes, ignorância, falta de autoridade dos pais e ausência de diálogo entre gerações. O público da pesquisa, sem perceber, em muitas vezes reproduziam estes discursos que formulados a partir de uma visão mais tradicional, definiram, por exemplo, que a gravidez nessa etapa da vida representa um risco psicossocial, dando diagnóstico à imaturidade psicológica dos jovens¹²⁰.

Este quadro remete para a gramática das relações entre grupos e atores sociais que desfrutam de posições que lhes permitem definir o que é adequado e moralmente aceitável, e entre aqueles que dispõem de condições menos favoráveis para sustentar seus pontos de vista, ou escolhas. Percebe-se nitidamente, que mesmo entre os (as) adolescentes existe esta hierarquia, quando pensamos nas diferenças de sexo principalmente. Esse fenômeno só pode ser analisado considerando-se a distribuição desigual de poder entre as diversas leituras dos sistemas socioculturais realizadas por diferentes grupos. Tais leituras, divergentes pela posição dos grupos, estabelecem fronteiras cuja transgressão cria o comportamento desviante (HEILBORN, 2006).

Sendo assim, adolescentes são alvo de tentativas de controle e de rotulação não só da sociedade como um todo, mas entre eles (as). Pois, dentro do grupo de adolescentes existem hierarquias não só de gênero, mas também de cor/raça e de classe. Estes rotulam e julgam seus pares sobre práticas que fazem parte do seu próprio cotidiano adolescente, como conduta indesejável para o bom desenvolvimento de suas vidas e do bem estar coletivo. Fizeram paródia machista sobre o comportamento das meninas, bem como vulgarizaram e condenaram formas delas vivenciarem a sexualidade atualmente. Portanto, estes que se declararam com este tom no debate, assumiram a postura de “empresários morais”¹²¹.

Sobre esse ponto de discussão, os moços se revelaram mais que as moças. Portanto, nesse cenário, muitos deles apareceram como os grandes “empresários morais” das mulheres, e inclusive reclamam que hoje em dia não se encontra mais moças para casar. Boas doses de conservadorismo compõem os valores desses adolescentes.

¹²⁰ HEILBORN, 2006, p.32.

¹²¹ HEILBORN, 2006, p.32.

Mas elas também se revelaram “empresárias morais” delas mesmas. Vale lembrar que uma delas em um dado momento se pronunciou sobre a saia curta da menina: “*ridículo... como que o pai dela deixava sair daquele jeito*”. Além de julgar a menina autorizou o poder ao pai e ainda o criticou pela sua omissão diante da saia curta da filha. E, em outro comentário, uma delas condena a moça que “*vai para a balada e deixa o bebê dormindo*”. O rapaz é esquecido novamente como se a responsabilidade fosse só da menina e em segundo lugar da mãe dela.

Viu-se que as “baladas” freqüentadas por este público são os bailes Funk e também as festas Rave, onde dançam e praticam sexo. Considera-se que a freqüência de adolescentes e jovens em ambientes desinibidos de lazer, em festas e aglomerações, onde há uso de bebidas alcoólicas, facilita contatos e exposições a comportamentos sexuais de risco com relação às DST/Aids e gravidez não planejada. Em pesquisa desenvolvida recentemente em São Paulo, durante o Carnaval de 2006, os resultados apontaram que o álcool se mostrou associado à facilitação de contatos afetivos e sexuais ¹²².

Cavalheiro (1999) ¹²³ já havia apontado a construção das identidades jovens estabelecidas em situações “transitórias” de comportamento que vão além do cotidiano familiar e escolar. Portanto, as situações de festas fazem parte do cotidiano desse público. E com relação à prática sexual, constata-se que esse comportamento de risco se deve ao grau de conhecimento que se tem da outra pessoa, à aparência externa e ao ‘enamoramento’, além das condições que põem o indivíduo “fora de controle”, como o uso de álcool ou outras drogas. Tal situação de risco não se mostra rara, mas típica entre adolescentes e jovens, alterando padrões de comportamento adotados no cotidiano de não – festa e nas parcerias fixas, favorecendo a troca de parceiras e o sexo desprotegido que origina gestações ou aquisições de DST/Aids¹²⁴.

Parker (2000) incorporou a representação entranhada no imaginário coletivo: a de uma sexualidade marcada pelo signo da transgressão. Transgressão que interage com regras públicas de moralidade sexual, que entre quatro paredes são, no entanto, rompidas.

Vimos sinais de mudanças nas falas dos rapazes, onde as regras públicas de moralidade sexual não estão sendo rompidas somente entre quatro paredes, mas também em diversos locais públicos, como praças, vielas, trem, que segundo um deles, disse “*sentir prazer com este desafio*”.

¹²² FIGUEIREDO; BRITTON; CUNHA. 2006, p.13.

¹²³ Apud Idem 2006, p.14.

¹²⁴ Idem 2006.

Heilborn (1999) em pesquisa realizada no Rio de Janeiro, afirma que há um mapa, uma geografia do sexo que se desenha entre os bairros da cidade e, portanto, a partir de um estudo mais aprofundado com este público, seria possível desenhar o mapa erótico de Santo André.

Outra situação que vem ocorrendo é o envolvimento das moças com traficantes e bandidos. Nesse aspecto sabemos que elas buscam estabilidade econômica, proteção e status. Achem “o máximo” se envolver com esses poderosos que, numa inversão de valores, viram o príncipe encantado, o mocinho, aquele que quebra barreiras, o líder ou o salvador que vai ajudá-las a guinar na vida. Buscam uma possível ponte para melhores perspectivas de vida. A própria mídia faz deles heróis, ou seja, parece-nos até que é bom ser mal.

Esse fato aproxima as meninas das drogas proibidas, que acham instigante namorar com traficantes; e o que é mais sério, elas se aproximam do mundo do crime quando escolhem aquele cara: o respeitado. E depois passam a viver os prazeres e o perigo dessa relação, onde a motivação é subir na hierarquia das periferias e virar a primeira dama.

Em matéria da Folha de São Paulo¹²⁵, namorar com um funcionário do Partido dá status e uma delas deu seu depoimento ao jornalista: “*você é sempre respeitada. Ninguém nunca irá tirar você do sério, porque sabe que poderá pagar por isto*”. Segundo a matéria o alvo são as moças que curtem funk, usam roupas justas e rebolam bastante para ganhar ponto com os homens do Partido. Querem também o status de primeira dama que é conferido à mulher; as namoradas conquistam o status de segunda dama, o que é aceitável entre elas. A primeira dama é tratada como uma rainha, e fazem papel de olheiras para avisá-los quando a polícia está entrando na favela e tem orgulho quando engravidam de um traficante.

Se a moça for de classe média e aceitar um bandido ou traficante como seu parceiro, isso pode acontecer por sentir prazer em encarar uma relação proibida, de aventuras ou perigos. Poderá também fazer a escolha se contrapondo à família ou ao meio em que vive. Segundo um Delegado de um Distrito Policial do Rio de Janeiro em pronunciamento numa matéria num fórum da internet¹²⁶, há um número elevado de adolescentes de classe média morando com traficantes do Rio e muitas vezes trabalham para eles. Inclusive, declara que os bailes funk têm sido porta de entrada da classe média para a favela e que estas histórias, muitas vezes tem finais trágicos, como pude ver neste fórum de debates e que não caberia em nossa pesquisa, a não ser em estudos mais

¹²⁵ THOMAZ, C.. Para moças da favela, bom partido é PCC. Caderno Cotidiano. Folha de São Paulo: 02/07/2006.

¹²⁶ MENDES. Taís. Amor Bandido: fim trágico. Fórum Valinor. Acesso em 14 de junho de 2008.

aprofundados. Mas não podemos acreditar que todas as pessoas que freqüentam estes bailes sejam ligadas ao crime.

No contexto da pesquisa, os rapazes não são ligados ao crime e estão assistindo e denunciando tal situação, quando testemunham e revelam que por status, as meninas não querem saber deles e estão cada vez mais, buscando experiências amorosas com traficantes e bandidos. Comentaram ainda sobre os “Nerds”, um grupo que não atrai as moças, segundo eles. Nerds são os que mais se empenham nos estudos e com certeza, conforme um dos rapazes, terão um futuro bem promissor. No grupo masculino havia dois destes, de acordo com revelações entre risos, na roda de conversa.

Conclusão

Esse estudo contribui para a melhor compreensão da sexualidade adolescente, enquanto fenômeno de ordem social e desafio para as políticas de saúde e educação. A abordagem qualitativa buscou aproximar-se da intimidade desses indivíduos, recuperando situações vividas nos diferentes contextos: escola, rua, igreja, espaço doméstico e situações de lazer e festa.

A presente pesquisa teve como questão fundamental analisar como as relações de gênero modulam a sexualidade de adolescentes oriundos de camadas populares, e de que forma as instituições família, escola, serviços de saúde e religião lidam com essa questão atualmente.

No diálogo nos grupos focais, foi revelado que a informação está ao alcance de todos (as), mas dá para notar em muitas falas que não são aprofundadas, portanto, superficiais, advindas do senso comum: “*ouvi dizer...*”; “*minha amiga me disse...*”; “*vi na TV...*”. Ou seja, as informações que adolescentes possuem, em muitas vezes, não são adequadas a ponto deles (as) usufruírem a sexualidade de forma responsável e prazerosa.

Muitas dúvidas sobre sexualidade surgem no universo adolescente, somadas ao receio de demonstrarem o que sentem. Os sentimentos de insegurança, vergonha ou medo de se exporem prevalecem, e desse modo esses adolescentes têm dificuldades de encontrar alguém confiável para buscar ajuda quando necessário. É importante que tenham espaços onde possam trocar idéias, opiniões e informações sobre as práticas sexuais, em que haja acolhimento e compreensão das pessoas da família, ou de profissionais de saúde e educação.

O campo social ainda se encontra fechado para esses assuntos, e em consequência dessa realidade, adolescentes sentem-se solitários (as), para decidirem sobre situações como a gravidez não planejada na adolescência, por exemplo. A falta de informação de qualidade amplia as situações de risco no exercício da sexualidade adolescente.

A experiência individual nessa fase está sempre submetida à avaliação do grupo e à preeminência das considerações sociais. Esta por sua vez, exerce grande influência nos valores e condutas, por meio dos veículos de comunicação de massa, dos meios de entretenimento, das instituições religiosas, e dos sistemas legal e político. Isso dificulta o pensar por conta própria e promove dificuldades para o (a) adolescente no seu convívio grupal.

A família deixa de ser a única referência, seus pares ganha importância. É em seu grupo que encontra seu pertencimento, sente-se fortalecido e apoiado em momentos de fragilidade frente ao amadurecimento nessa fase, em que não é mais criança e nem tão pouco adulto. Em

muitas vezes, despe-se de preferências e opiniões pessoais para se enquadrar nas normas grupais. Mas há que considerar que o grupo não substitui a capacidade reflexiva e individual de cada adolescente.

Serviços de educação e saúde não reconhecem que a sexualidade é parte do desenvolvimento e das relações entre os (as) adolescentes. Os conceitos de amor, sentimentos, emoções, intimidade e desejo não se incluem nas intervenções sobre saúde sexual e reprodutiva. Nessa perspectiva, adolescentes não são reconhecidos socialmente como pessoas sexuadas, livres e autônomas, o que os tem submetido a situações de constrangimento e vulnerabilidade, no plano pessoal, social e institucional.

É difícil para a sociedade de modo geral, admitir, encarar ou considerar que grande parte dos (as) adolescentes tem vida sexual ativa. Esta é considerada uma das causas importantes que impede que esse grupo receba informações suficientes para cuidar da sua saúde sexual.

Ao invés de garantir o acesso dos (as) adolescentes à informação adequada, a sociedade individualiza a problemática do aumento da gravidez e da infecção da Aids nessa fase, culpando-os (as). Isso ocorre quando rotulam esse grupo de impulsivos, promíscuos, ingênuos ou irresponsáveis. É exigido deles (as) a obrigação da prevenção e o saber sobre sexo, sem terem tido a chance de aprenderem adequadamente.

Vimos que sexualidade não é algo inato, e sim um aprendizado oriundo das relações estabelecidas a partir do contexto em que vivem. E ao nascer, meninos e meninas não recebem manual de instruções a respeito do que pode e deve fazer com seu corpo, e com o corpo das outras pessoas, nem quando, como ou com quem. Recebem informações através da cultura, da educação, da religião e da convivência cotidiana.

Nos grupos focais, os risos eram constantes na interação entre os (as) participantes, traços de constrangimento, por se tratar de um assunto de cunho íntimo e ainda pouco debatido socialmente com abertura e seriedade, a não ser em momentos com seus pares e em raríssimas situações, com professores. Segundo eles (as) é raro, e quase inexistente na escola, momentos como aquele da pesquisa, onde podiam falar abertamente sobre sexo.

Com relação à família, não sem dificuldades, os (as) adolescentes buscam diálogos mais abertos sobre sexualidade no espaço doméstico. Foi perceptível mudanças nas relações no âmbito familiar, quando notamos em algumas falas, a presença de conversas sobre sexo entre pais, mães e filhos (as). Vimos também a aceitação das práticas sexuais das meninas por parte da família.

Considerando essas tímidas mudanças, de modo geral, ainda há muita resistência em tratar de fato o assunto em casa, onde o “proibido” não impede as práticas sexuais, presentes nessa fase, colocando meninos, e principalmente as meninas no campo do “fazer escondido”, o que segundo elas, causa insegurança e sentimento de culpa.

A dinâmica inicial que utilizei como estratégia para que os (as) adolescentes entrassem no assunto, propiciou grande interesse. Percebi logo de início, o quanto sentiram prazer em participar da pesquisa. Não houve recusa em momento algum, ao contrário, falaram muito. O que nos leva a afirmar que há facilidade e desejo nessa fase, em se tratar do tema com seriedade e envolvimento.

Foi notável a necessidade que adolescentes têm de serem ouvidos. Apesar de não me conhecerem anteriormente, me senti muito à vontade com o grupo. Cumpri minha função de mediadora, interferindo pouco no diálogo entre eles (as). Só o fato de escutá-los (as) com atenção, de imediato criou-se um clima de cumplicidade, vínculo e respeito mútuo. Tanto que ao finalizar um dos grupos um rapaz me perguntou: *“quando é que volta aqui, professora?”*. E o outro: *“pode me chamar sempre que precisar, gosto disso, inclusive gosto de debater política também”*.

Percebi que estão preocupados (as) com a gravidez não planejada, falaram muito sobre o assunto, que foi bem polêmico entre as meninas. Mas a preocupação demonstrada, não condiz com as suas práticas sexuais sem proteção. Além de confirmar tal realidade através dos relatos nos grupos, vemos números significativos de gravidezes nesse recorte etário, o que confirma que não há sexo seguro nas práticas entre adolescentes.

No entanto, não aceitam uma gestação com naturalidade e recorrem à contracepção de emergência ou às tentativas de aborto. Inclusive, segundo elas, a contracepção de emergência é adquirida facilmente em farmácias, desacompanhada de informação adequada. É utilizada regularmente pelas adolescentes como método anticoncepcional.

A maior parte dos serviços de saúde, segundo as meninas, não orientam e não prescrevem a contracepção de emergência, sem que haja a presença da pessoa responsável. Esse fato priva-as do direito ao sigilo e privacidade garantidos por leis nacionais e tratados internacionais. Tal exigência é um importante obstáculo para o exercício seguro da sexualidade das meninas, pois muitas, por medo, não conseguem nem imaginar, ir ao ginecologista com a mãe ou com o pai, já que socialmente não são consideradas pessoas sexuadas.

Na questão da interrupção da gravidez, opiniões diversas dividiam o grupo que, preocupado, buscava uma solução para a problemática da ilegalidade do aborto no país, discutindo

critérios e princípios éticos. Apontam a incidência da prática clandestina, muito próxima do cotidiano deles (nosso). Uma prática escondida, silenciada, cara e arriscada, onde as moças, em muitos momentos de solidão, de discriminação, de sentimento de culpa, e dependentes economicamente dos rapazes, decidem recorrer ao aborto inseguro.

A descriminalização do aborto em nosso país irá interromper a brutalidade das mortes e da morbidade de muitas mulheres, principalmente as mais pobres, assegurando o direito de elas decidirem. É preciso entender que a descriminalização do aborto, não intervirá nas escolhas individuais quando essas são pautadas por princípios morais e religiosos. Caminhará junto às políticas de orientação sexual e de planejamento familiar para a redução do número de abortamentos, assegurando a atenção necessária às mulheres nos serviços de saúde, e o exercício da sexualidade feminina como um direito reconhecido.

Ao verificarmos mudanças nas práticas sexuais e afetivas, onde as relações sexuais femininas tornaram-se precoces, vimos a exposição das (os) adolescentes aos riscos associados à saúde sexual e reprodutiva, somando-se a curiosidade de quem está se descobrindo e com desejo de experimentar o que se apresenta como novo.

Quanto à questão da Aids, essa não parece entrar no rol das grandes preocupações desse público, salvo raras exceções. Eles e elas dizem ter informação, acesso a preservativos, mas ao mesmo tempo se arriscam quando revelam que em situações de namoro estável ou não, fazem sexo sem camisinha. Comentam abertamente o fato, e uns acham graça e normal que isso aconteça. Preocupam-se mais com a gravidez não planejada, por imaginar que está mais perto da realidade deles (as), e menos com a infecção da Aids, o que parece ainda um problema que atinge “os outros”.

Podemos considerar que no início da epidemia da Aids, por desconhecimento da doença e por preconceito, se difundiu a denominação de “grupos de risco”. Tal denominação incluía os segmentos onde a Aids no princípio se manifestou: os homossexuais e usuários de drogas injetáveis. Rotulações como “grupos de risco”, e depois “comportamentos de risco”, eram acompanhadas por julgamentos morais sobre esses grupos e suas características específicas, reforçando ainda mais o estigma em torno das pessoas.

Por herança das considerações e manifestações no início da epidemia da Aids, até hoje existe a crença que indivíduos heterossexuais, aqueles (as) que não se enquadram nos chamados “grupos de risco”, não têm muito a ver com a transmissão e/ou com a infecção da doença.

Somando isso, com um sentimento muito característico na fase adolescente, de que nada vai acontecer com eles (as), e mais, com a dificuldade das moças em negociarem com os rapazes, a utilização do preservativo, por uma questão característica das relações de gênero, a Aids está mais perto da realidade adolescente do que possamos imaginar. E em nome da empolgação, da paixão, do amor e na crença da fidelidade, os moços, e principalmente as moças, que praticam relações heterossexuais, estáveis ou não, estão se infectando cada vez mais.

Vimos que nas “baladas” freqüentadas por esse público, principalmente os bailes Funk e as festas Rave, muitos (as) adolescentes dançam e praticam sexo. Devemos considerar que nesses ambientes de festas e aglomerações, há uso de bebidas alcoólicas e a descontração gerada facilita o sexo sem proteção.

O álcool é um poderoso instrumento que facilita os contatos afetivos e sexuais. E devemos considerar ainda que, sendo uma droga lícita, adolescentes têm acesso fácil às bebidas alcoólicas, que são adquiridas em bares ou em mercados. Os donos desses estabelecimentos, por sua vez, com o interesse no lucro, desrespeitam a lei nacional que proíbe a venda dessas bebidas para menores de 18 anos, e desconsideram os riscos que podem afetar a vida saudável dos (as) adolescentes, aproximando-os do vício e de seus conseqüentes prejuízos.

O uso abusivo de álcool por adolescentes, não só para dependentes, mas para os (as) que fazem o uso eventual, coloca-os (as) em situações de extrema vulnerabilidade. Hoje em dia até em festa junina é possível ver adolescentes bêbados, largados, sem documentos, passando mal, sem conseguir falar e nem andar pelo excesso da bebida.

E geralmente quando ingerem uma boa dose de álcool nas “baladas” dançantes, não conseguem pensar no que estão fazendo, e nesse estado alterado da consciência, desejos e impulsos tomam conta de toda a situação. Esse fato numa relação sexual compromete os cuidados necessários para a prevenção das DST/Aids e da gravidez não planejada nessa fase.

Com relação à religião, esta tem um papel importante em nossa sociedade e a fé ajuda a fortalecer as pessoas. Seus códigos religiosos podem ampliar ou diminuir as situações de risco no exercício da sexualidade adolescente. Quanto à igreja, vimos que participantes de nossa pesquisa são críticos ao seu papel. Adolescentes reconhecem que suas tentativas de converter, proibir ou pregar obrigações, não se aplicam na realidade atual.

Para esse grupo, acreditar em Deus é mais importante que qualquer religião. Poucos freqüentam igrejas, e esses demonstram capacidade de discernir o que é bom para eles (as) do que

é imposto pelos líderes religiosos. Muitos não freqüentam por acharem que acreditar em Deus, não significa ter que participar de rituais e obedecer às obrigações impostas pela igreja: *“a fé não está na perna que depila”*. Estão problematizando o discurso da igreja.

Não concordam e nem obedecem, por exemplo, quando querem determinar maneiras de se vestir ou modos de vida. Não atendem os apelos de algumas igrejas, em impor a abstinência sexual antes do casamento. As tendências religiosas que defendem essa idéia, no sentido de impedir o início das práticas sexuais na adolescência para contornar a gravidez nessa fase, são inadequadas. Com a queda do valor moral da virgindade feminina estamos diante de um contexto onde meninas e moças praticam como os rapazes atividade sexual independente do casamento.

Contraditoriamente à realidade contemporânea, muitas tendências religiosas, através dos rituais da igreja, continuam se empenhando em criar normas e valores para controlar o corpo e a sexualidade das pessoas de modo geral. Passam a idéia de sexo como algo proibido, sujo e só aceito para a procriação, jamais como prática prazerosa. Surge daí o sentimento de culpa e de pecado presentes no exercício da sexualidade.

A presença da igreja não deve ser de conversão. Torna-se necessário hoje mais do que nunca, reconhecer que a sexualidade está intimamente ligada à vida. Essa instituição deve atuar mais no seu papel de contribuir com que os indivíduos adquiram uma visão mais crítica e inteligente da realidade. Resgatar sua função como um dos meios que facilita a relação com Deus e com a fé. Atuar de forma a dar significado à vida real, aos sentimentos, as ações, as relações com as pessoas e com o mundo, de forma a valorizar a diversidade humana e respeitar definitivamente as individualidades.

Embora vivamos numa sociedade que tem por tarefa nos ensinar que a heterossexualidade é a mais natural, e até mesmo a única maneira de nos relacionarmos afetiva e sexualmente, vemos que um debate sobre a afirmação da homossexualidade está em curso na sociedade brasileira, e se alimenta de um clima crescente de liberalização dos costumes relacionados à sexualidade.

Sobre o tema homossexualidade as moças pareciam ter uma compreensão maior sobre essa questão, e se pronunciaram menos que os moços, demonstrando certa tranqüilidade em lidar com o assunto. Com necessidade de afirmar a masculinidade, os rapazes com aparente ansiedade, diziam não ter preconceito, mas que não tinham coragem de andar ao lado de um homossexual, preocupados com o que as pessoas iriam pensar deles.

A discriminação e o preconceito com base na orientação sexual, atingem indivíduos que não se enquadram em padrões de comportamentos heterossexuais. Isso chega a se manifestar em diversas formas de violência, que por meio de uma dinâmica perversa e silenciosa, engloba além da humilhação, da exclusão, das agressões físicas, o assassinato de homossexuais.

Movimentos GLBT têm denunciado a violência homofóbica, e pesquisadores têm procurado produzir dados de qualidade sobre essa situação que privam homossexuais e bissexuais, de exercerem livremente sua sexualidade. Ainda há muita dificuldade na investigação e efetivação de punição das práticas de violência e discriminação que atingem gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais. Só a partir de uma grande articulação entre governo e sociedade, pode-se reafirmar que a garantia dos direitos humanos incluem o combate de todas as formas de discriminação e de violência.

Sendo a adolescência um dos períodos mais intensos da vida, pelos desafios, descobertas, mudanças e oportunidades que surgem, torna-se difícil para esse grupo organizar tantas novidades, descobrir quem são e encontrar seu lugar no mundo. Esse percurso é pessoal e se confronta com o que trazem dentro deles com o que irão conhecer do mundo.

Do mundo irão conhecer que existe o sexo biológico; a identidade de gênero masculina ou feminina, conforme os atributos e papéis estabelecidos para cada sexo; e por último a heterossexualidade, como a orientação sexual aceitável socialmente.

Vimos que tanto o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual, são manifestações da sexualidade. Socialmente culmina na naturalização do coito genital entre homens e mulheres, para formar a família e reproduzir a espécie humana. Daí decorre concepções igualmente naturalizadas a respeito do comportamento ideal masculino e feminino e do que é legítimo em termos de desejos, sentimentos e relacionamentos. Saindo desse “padrão de normalidade”, as pessoas são consideradas desajustadas, de comportamentos desviantes, inadequadas, sujas, e marginalizadas socialmente.

Esse é o mundo que os (as) adolescentes conhecem. Para os meninos e meninas que não se enquadram nesse modelo, torna-se difícil e confuso descobrir quem são de fato, e qual o seu lugar nesse contexto. Esse percurso pessoal se confronta o tempo todo com o que é imposto socialmente como certo ou errado. Os (as) adolescentes que não obedecem a esse modelo são violentados e estigmatizados, encontrando grandes obstáculos em lidar com as novidades das

descobertas do corpo e do desejo, numa sociedade que não valoriza as diferenças e nem tão pouco respeita a diversidade sexual.

Foi possível verificar que falar de sexualidade está se tornando menos constrangedor. Mas faltam diálogos mais abertos, sem hipocrisia, e que questione as tentativas de imposição das igrejas, principalmente nas conversas dentro da família e no ambiente social. Na escola, por exemplo, a educação sexual não faz parte do currículo e não é tratada como um tema importante na formação para a cidadania e consciência corporal.

Mais do que mostrar as funções dos órgãos sexuais e reprodutivos, é preciso utilizar uma linguagem aberta e simples sobre sexo, e ajudá-los nas tomadas de decisões mais conscientes frente à sexualidade. Deve-se garantir a escuta sem julgamentos, valorizar os temas relevantes da vida dos (as) adolescentes e quebrar o silêncio e a invisibilidade desse segmento excluído socialmente.

Na prática não há soluções mágicas, mas se não obtivermos ações em políticas de saúde e educação que valorizem a educação sexual pautada num processo de emancipação do sujeito, não vislumbraremos mudanças nas práticas sexuais entre adolescentes. Considerar a educação e emancipação como instrumentos de mudança, poderá fazer com que a proteção nas relações sexuais se integre na vida dos (as) adolescentes.

Vimos que em todos os temas levantados, a questão de gênero parece conter importantes determinações específicas, indiferentes às mudanças sociais. Pode-se visualizar sua forte presença em diversas situações, como nas relações familiares, entre amigos (as), entre os serviços disponíveis (saúde e educação), nas instituições religiosas, nas práticas sexuais, reprodutivas e afetivas, nas opiniões e valores apresentados.

A família, a escola e a sociedade de modo geral, ainda estão ensinando aos meninos e às meninas as velhas formas “naturais” de ser homem e mulher. Eles (as) aprendem e repetem os ideais de masculinidade e feminilidade. As características da feminilidade como a passividade, a afetividade, a fragilidade, a tolerância, a emotividade e a receptividade fazem com que elas prefiram mais as relações estáveis, e fazem de tudo para eles gostarem delas.

Já as características atribuídas à masculinidade, como a força, a agressividade, a objetividade, a racionalidade e a competitividade, faz com que eles persigam o maior número possível de experiências sexuais. Eles se empenham em “transar”, e o “ficar”, só é considerado normal quando é praticado pelos moços. As normas impostas para manter o ideal de masculinidade

fazem com que os adolescentes encontrem dificuldades em demonstrar o que sentem no campo social e afetivo.

Esse modelo pronto de ser homem e mulher interfere na vivência da sexualidade adolescente. Os estereótipos dificultam a sua verdadeira expressão tanto para elas quanto para eles. Não só o comportamento, mas também os sentimentos masculinos e femininos são moldados pela cultura de gênero, que organiza socialmente e sexualmente os sexos.

As relações de poder, hierarquia e submissão são presentes nas relações entre homens e mulheres, onde a mulher, historicamente, encontra-se em desvantagem. Portanto, é fundamental colocar os (as) adolescentes em contato com as suas reais emoções, desejos e sonhos, para vislumbrarem diferentes possibilidades de expressões de ser homem e de ser mulher na sociedade.

Contudo buscamos colocar em pauta o que ainda hoje se mostra em silêncio e proibido. Não discutir sexualidade abertamente é permanecer indiferente diante das mudanças do comportamento sexual na adolescência. É não encarar de fato que as relações sexuais nessa fase mudaram e constitui um direito. O silêncio contribui para reforçar os valores e as atitudes mais tradicionais do padrão de gênero.

A construção de elementos que irão ao encontro das necessidades do público adolescente e, mais especificamente, de meios para a prevenção da Aids e da gravidez não planejada, não só dependem da ampliação do acesso dos indivíduos à informação e aos recursos para se protegerem, mas principalmente de transformações sociais: valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de vivenciar a sexualidade.

A vivência dos (as) adolescentes ocorre em diversas condições trazidas pelas desigualdades de gênero quando elas encontram dificuldade em negociar a utilização do preservativo na relação sexual; ou quando, no caso de uma gravidez não planejada, limitam-se as oportunidades das meninas e os meninos são esquecidos de sua participação nesse processo; ou quando eles sofrem pressão social para se enquadrarem no ideal de masculinidade, interferindo na sua legítima expressão da sexualidade.

Outra condição que influencia a vivência no exercício da sexualidade adolescente é a questão sócio-econômica, quando adolescentes se esbarram em limitações de oportunidades ocasionadas pela desigualdade social e de renda. Também a condição racial¹²⁷, quando

¹²⁷ Tema não explorado neste estudo, dada sua especificidade.

adolescentes vivem o preconceito da cor da pele que colocam negros e negras em situação de desvantagem no acesso aos bens e serviços.

E vale aqui ressaltar a importância da influência das relações de poder entre gerações na vivência da sexualidade adolescente. Adultos, homens e mulheres, de todas as instâncias sociais, não respeitam a cidadania e os direitos dos (as) adolescentes. Eles (as) não têm voz ativa na sociedade e sua opinião não é valorizada.

Num sistema onde gente grande fala e adolescente escuta, adultos abusam do autoritarismo para impor “verdades” absolutas. Em todas as redes sociais, é comum, adultos tratem grotescamente adolescentes, como jamais tratariam outro adulto.

A relação de poder entre as gerações é um instrumento perverso de privação dos direitos e promoção da violência. E é nessa fase que adolescentes começam a perceber a contradição do que o adulto fala em confronto com o que faz. É no processo da adolescência, que as relações com adultos podem se consolidar, ao se pautar no respeito mútuo, ou se desestabilizar para o resto da vida, caso não haja diálogo aberto, compreensão, limite e valorização dos (as) adolescentes.

É importante reafirmar que não só essas diversas desigualdades afetam a vida de adolescentes, em particular em relação à sexualidade, mas também as posições de algumas tendências religiosas, que acabam representando um entrave para o reconhecimento jurídico dos direitos sexuais e reprodutivos nessa fase. Diversas igrejas visam assegurar uma moralidade sexual e um modelo de família na contramão de nossa realidade quando determinam a abstinência sexual, consideram a homossexualidade um ato imoral e criminalizam o aborto.

Como vimos, nossa sociedade é permeada por relações de poder. Tais relações se exercem em pontos diferentes da rede social. Neste contexto, os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado. Essa relativa independência das redes de micro-poder, nos faz compreender que as transformações sociais não estão necessariamente ligadas às mudanças ocorridas no âmbito do Estado. Vemos a existência de formas de exercício de poder diferentes do Estado, articuladas de maneiras variadas.

Devemos considerar que não estamos presos no interior dessa hierarquia, onde iremos aceitar para sempre tal condição. Temos a possibilidade de mudar a situação. Essa possibilidade existe sempre, mas em nenhum lugar estamos livres das relações de poder. Esse fato não é algo

natural, sendo assim, é possível provocar mudanças, quando valorizamos mais o “poder de”, e desvalorizamos o “poder sobre”.

Valorizar mais no exercício da sexualidade: o “poder de” garantir os direitos sexuais e reprodutivos na adolescência; o “poder de” buscar ajuda quando necessário; o “poder de” fazer valer os reais desejos de meninos e meninas; o “poder de” negociar o uso de preservativos com o parceiro; o “poder de” encontrar gente para discutir abertamente assuntos sobre sexo, sem receios.

E desvalorizar no exercício da sexualidade: o poder dos homens “sobre” as mulheres; o poder dos adultos “sobre” os (as) adolescentes; o poder dos brancos “sobre” os negros; dos ricos “sobre” os pobres; o poder da igreja “sobre” o corpo das mulheres; o poder dos professores (as) “sobre” seus alunos (as); e o poder dos (as) profissionais da saúde “sobre” o público adolescente.

As nossas análises trouxeram elementos concretos para subsidiar a afirmação de que a sexualidade é resultante de um complexo processo de socialização, aprendizado e modelação cultural, sujeito as mudanças históricas.

Podemos afirmar que as condições sociais e culturais pautadas nas redes de micro-poder, colocam os (as) adolescentes em situações de vulnerabilidades no campo da saúde sexual e reprodutiva quando priva-os (as) de seu direito de exercerem livremente a sua sexualidade. E nesse caso, não existem instâncias de denúncias quando os direitos sexuais e reprodutivos não são respeitados.

Para a garantia dos direitos dos (as) adolescentes frente ao exercício da sexualidade, as redes sociais devem promover as condições para que meninos e meninas tomem decisões, sem medo, sem culpa e sem constrangimento, com maior autonomia. Os temas sexo e reprodução devem se deslocar do controle da natalidade e do planejamento familiar, por se tratar de uma questão de cidadania e de direitos humanos.

Só assim é possível garantir o que chamamos de direitos sexuais e reprodutivos na adolescência, que implica a decisão livre e com responsabilidade sobre a reprodução, o acesso à informação adequada e o direito de exercer sem discriminação ou coerção, a sua sexualidade.

Responsabilizar individualmente os (as) adolescentes, para a prevenção de práticas consideradas inconvenientes às lentes adultas, não cabe para a realidade atual. É preciso superar a moralidade que impede toda a rede social de adotar uma ampla e aberta discussão sobre assuntos que envolvem a sexualidade.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, HELENA W. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, set/out/nov/dez 1997. n.5 e, n.6: Juventude e Contemporaneidade. ANPED/PUC, p.25-36.

_____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.W; BRANCO, P.P. (Org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005, p. 73-86.

_____. FREITAS, M.V.; SPOSITO, M. P. (Org) – Juventude em Debate. São Paulo: Cortez. Ed. 2000. Ação Educativa.

_____.; LEÓN, Oscar D. In: FREITAS Maria V. (Org.) Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ADORNO R. de C. F.; ALVARENGA A. T. de; VASCONCELLOS C.P. M. da P. C. (Org.) Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos. São Paulo: Edusp, 2005.

AUGUSTO, M. H. O.; MARTINS, H. H. T. S. (Org.) . Revista Tempo Social - Juventude(s) e transições. 17. ed. São Paulo: Departamento de Sociologia da USP, v. 1. p. 404; 2005.

_____. Retomada de um legado intelectual. In: Marialice Foracchi e a Sociologia da Juventude. São Paulo, Revista Tempo Social: 2005, v. 17, n. 2, p. 11-33.

_____. O presente e a juventude. In: BRUNI, J. C.; MENNA-BARRETO L.; MARQUES N. (Org.). Decifrando o tempo presente. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2007. p. 45-68.

ARAÚJO, M.J.; MENEZES, G.M.S. “Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais”. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2003. 19 v. Supl.2, p.377.

ARAÚJO T.W.; CALAZANS G. Adolescência, vulnerabilidade e Sexualidade. São Paulo: Secretaria Estadual de Saúde. São Paulo: 2006, p. 05, 06 e 07. Brochura 01

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2ª ed. LTC. Rio de Janeiro: 1981. 279 p.

AYRES, J.R. de C.M.; CALAZANS, G.J.; SALETTI FILHO, H.C.; FRANÇA JÚNIOR I. Risco, vulnerabilidades e práticas e promoção da saúde. In: CAMPOS, G.W.S.; MINAYO, M.C.S.; ACKERMAN, M.; CARVALHO, Y. (Orgs.) Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 353 a 395.

_____. FRANÇA JUNIOR, I. Saúde do adolescente. In: SCHRAIBER, L.B., NEMES, M.I.B., MENDES, R.B.G. Prática programática e saúde do adulto: ações na unidade básica. São Paulo: Hucitec. [s.d.]. Programa Editorial da Faculdade de Medicina da USDP, v. 4.

_____. Masculinidade e Vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais. (4 supl.) São Paulo: REVISTA de Saúde Pública, 2002. 36. p. 50-60.

BERER, Marge. Condom, sim! “Abstinência, não”. In: Questões de Saúde Reprodutiva. n. 2, Rio de Janeiro: RHM Editorial Office, 2007. Abrasco – Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – GT Gênero e Saúde, 2 v. 10-22p.

BERQUÓ, E. (Coord.). Pesquisa sobre comportamento sexual e percepções da população brasileira sobre HIV/AIDS – 1998 e 2005. (Relatório de Pesquisa). São Paulo: CEBRAP/MS – SPS-CNDST/HIV/AIDS, 2005.

_____.; CAVENAGHI, S. Fecundidade em Declínio. Revista Novos estudos. Mar 2006, p.11-15.

BLAY, Eva A. (Org.). Igualdade de oportunidades para as mulheres. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

_____. Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres. São Paulo: REVISTA USP, 2001, n. 49, p. 82-97.

BORGES, V.L.A.; SCHOR, N.. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo. In: Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2005. 21 (2): 499 – 507.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Terceira edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOZON, M. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

_____. HEILBORN M. L. As carícias e as palavras: Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. Novos estudos CEBRAP 2001; n. 59: 111-35.

BRANDÃO, E.R. “Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil”. In: HEILBORN, M.L. (org.). Família e sexualidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

CABRAL, C.S. “Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 2003, 19 v. (supl.2), p.283.

CASTRO, M. G.; ABAMOVAY M.; SILVA, L. B. da. (Org) - Juventudes e Sexualidade. Brasília: UNESCO, 2004.

DESSER, Nanete Á. Adolescência, sexualidade e culpa. Fundação Universidade de Brasília. Brasília: Rosa dos Tempos, 1993.

DEVAL, Juan . El Desarrollo Humano. Madrid. Siglo XXI, 1998.

DINIZ, Simone C. G.. Gênero e prevenção das DST/AIDS. Artigo eletrônico — site Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. São Paulo, 2002.

_____.S.C.G. Cuidando do prazer: do planejamento familiar à contracepção, e da autonomia das mulheres à responsabilidade compartilhada. In: ARAÚJO M. J. de; DINIZ, S.C.G. (Org.) Aborto, o direito. Rio de Janeiro: Rede da Defesa da Espécie Humana, 1992.

_____. Direitos reprodutivos e maternidade. In: BARBOSA R. M.; VILLELA W. V.; BRITO N.; PARKER R. (Orgs.). Caderno do Seminário sobre Direitos Reprodutivos, Exclusão Social e AIDS. São Paulo: 1998.

DUQUE – ARRAZOLA, Laura S. O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 343-402.

FARAH, Marta F.S.. Gênero e Políticas Públicas. Iniciativas de Governos Subnacionais no Brasil. São Paulo: NPP/FGV, 2002. (relatório de pesquisa n. 10/2002).

FERREIRA, Aurélio B. de H. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Revista Ampliada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. 2. Edição.

FIGUEIREDO, R.; BRITTON, M. Mc; CUNHA, T.. Juventude e Vulnerabilidade Sexual em Situações de Lazer – Festa. In: Boletim do Instituto de Saúde. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Saúde. Coordenadoria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos de Saúde. Instituto de Saúde. São Paulo: 2006, n. 40.

FORACCHI, Marialice M. A juventude na sociedade Moderna. São Paulo: Ed. Pioneira, 1972.

_____. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. [s.l.] Companhia Editora Nacional, 1965.

FOUCAULT Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. An Interview With Stephen Riggins (“Une interview de Michel Foucault par Stephen Riggins). Versão original em inglês, realizada em Toronto, 22 de junho de 1982. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dit’s et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. IV, p. 525 por Wanderson Flor do Nascimento.

FREITAS Maria V. (Org.) Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

GATTI, Angelina B. Grupo Focal em Ciências Sociais e Humanas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GOODE J.W.; HATT K. P. Métodos em Pesquisa Social. 4ª edição. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1973. V. 3.

GOOFMAN, E. Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: 1975. Zahar Editores. 3ª edição.

GROPPO, Luiz. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Ditel, 2000. (Coleção Enfoques. Sociologia).

GIL, Antônio C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Carmem D.. A Aids no feminino. Por que a cada dia mais mulheres contraem Aids no Brasil? Rio de Janeiro: UFRJ – ED. 2001.

_____. “Mas eu conheço ele!”: Um método de prevenção do HIV/AIDS”. In: HEILBORN, M. L.; Construção de si, gênero e sexualidade. In: Heilborn ML. (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1999. p. 40-58.

GUZMÁN Virgínia. A equidade de gênero como tema de debate e de políticas públicas – n. 27 da revista Ediciones de La Mujeres – Santiago do Chile: dez. 1998, p.55-70.

HEILBORN Maria L.; AQUINO Estela M.L.; BOZON M., KNAUTH Daniela R. (Org). O Aprendizado da Sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz - Garamond Universitária, 2006.

_____. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 291-342.

_____. “Gravidez na adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social”. In: VIEIRA, Elizabeth M., FERNANDES, Maria E., BAYLEI, Patrícia; McKAY, Arlene. (Orgs.). Publicação do Seminário Gravidez na Adolescência. Saúde do

Adolescente – Rio de Janeiro: [s.n.] Ministério da Saúde, Projeto de Estudos da Mulher/Family Health Internacional, Associação Saúde da Família, 1998.

_____. et alii. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, 2002. 8 v., n. 17.

_____.; PERES, Simone O. Cogitação e prática do aborto entre jovens em contexto de interdição legal: o avesso da gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, jul, 2006. 22(7): 1411-1420.

_____. Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. “A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas”. Rio de Janeiro: Revista Estudos Feministas, 1998. 6 v. (Supl.2), p.394-405.

_____. “Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social” In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.

_____. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, G. (Org.). Antropologia Urbana. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p.93-102.

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. São Paulo Cadernos Pagu (22) 2004. p. 201 – 246.

LAVINAS, Lena. Gênero, cidadania e adolescência. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 11 - 43.

LEAL, O.F.; FACHEL, J. “Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais”. In: HEILBORN, M.L.; BRANDÃO, E. (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LOURO, Guacira L. Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MADEIRA, Felícia R. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 45-134.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCI, Marialice M. (Org). Educação e Sociedade. São Paulo: Nacional, 1964, p. 91-97.

MATTAR, Laura Davis. Desafios e Importância do Reconhecimento dos Direitos Sexuais Frente aos Direitos Reprodutivos. [s.l.] Artigo, 2007.

MATTEO M.; TAPIA R. B. J. São Paulo: Cadernos de Pesquisa CEBRAP n. 08 – mar. 2003

MEYER, Dagmar E.E.. Saúde da Mulher: Indagações sobre a produção do gênero. São Paulo: Revista O Mundo da Saúde, 1999 – ano 23, v. 23 n.2 de mar/abr. p: 113/119.

MONTEIRO, S. Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

NASCIMENTO, Dinalva M. do. Metodologia do Trabalho Científico – teoria e prática. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2002.

PAIVA, Vera. Sexualidade e gênero num trabalho com adolescentes para prevenção do HIV/AIDS. In: PARKER, R., BASTOS, C.GALVÃO, J., PEDROSA, J.S. (Orgs.). A AIDS no Brasil (1982-1992). Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994. p. 231-50.

_____. Beyond Magical Solutions: prevention and Aids and process of psychosocial emancipation. Interface. [s.l.] Comunic., Saúde, Educ. 2002. v. 6, n.11, p.25-38.

_____. Cenas Sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In: BARBOSA, R.; PARKER, R. (Orgs.). Sexualidades pelo avesso. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 248.

_____. Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

_____.; GALVÃO, J. (Orgs.). Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

PARKER, R.; BARBOSA, R. (Orgs.). Sexualidades pelo avesso. São Paulo: Editora 34, 2000.

PEREIRA, Irotilde G.; ROSADO – NUNES, Maria José; JURKEWICZ, Regina S.; PIMENTEL, Sílvia; PANDJIARJIAN, Valéria; FRIGÉRIO, Valentin; SALZO, Ivan; GOLLOP, Thomaz R.; SIPPEL, Serra; ARAÚJO, Maria José de O.; DREZETT Jefferson; MELO, Jacira; KYRIAKOS Norma; FIORINI, Eliana; FAGÚNDES, Aníbal; RODRIGUES José H. T.; SANCHEZ Wagner L.. Aborto Legal: implicações éticas e religiosas. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2002.

PIMENTEL, Silvia. Experiências e Desafios: Comitê sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW/ONU). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. 92p. (série documentos).

RODRIGUES. A. F. Como elaborar e apresentar monografias. São Paulo: 2006. Humanitas. 2ª edição.

SCOTT, J. W. A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Revista Educação e Realidade, 1995, v.20, n.2.

_____. Prefácio a Gender and the politics of History. Cadernos Pagu. Campinas, 1994, n.3.

SIMÕES, J. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 415-447.

_____. “Estudos de sexualidade, gênero e corporalidade”. Material Didático para a Disciplina. São Paulo: FFLCH – Curso de Pós-graduação. Universidade de São Paulo, 2007.

SPOSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.W; BRANCO, P.P. (Org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005, p. 87-127.

_____. Estudos sobre juventude e educação. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 1997, p. 37 a 52.

TRAVERSO – YÉPEZ, Martha. PINHEIRO, Verônica de S.. Socialização de Gênero e Adolescência. Florianópolis: Artigo Estudos Feministas, 2005, 13(1): 216, p. 147.

TALIB, Rosângela; CITELI, Maria Teresa. DOSSIÊ Serviços de Aborto Legal em Hospitais Públicos Brasileiros (1989 – 2004). Cadernos Católicas pelo Direito de Decidir, 2005, n. 13.

VAITSMAN, Jeni. Hierarquia de gênero e iniquidade em saúde. [s.l.] Physis – Revista de Saúde Coletiva, 1994, v. 04, n. 01, p. 07-22.

VENTURA, M. Sexualidade e Reprodução na Adolescência: uma questão de direitos. In: ADORNO R. de C. F.; ALVARENGA T. de A.; VASCONCELLOS M. da P. C. (Orgs.). Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos. São Paulo: Edusp. FAPESP, 2005. p. 31.

WHITEHEAD T. L. Urban low – income African American men, HIV/AIDS, and gender identity. Med Anthropol Q 1997; 11: 411-47.

XAVIER, Dulce; CAVALCANTE, Alcilene. (Org.). Em defesa da vida: aborto e direitos humanos. São Paulo: Católicas Pelos Direitos de Decidir, 2006.

Trabalhos Acadêmicos

ALMEIDA, Elmir de. Política Pública para a Juventude: proposta para uma “moderna condição juvenil”. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

ABRAMO, Helena W. – Grupos Juvenis dos anos 80 em São Paulo: um estilo de atuação social. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo.

CALAZANS, Gabriela. O discurso acadêmico sobre gravidez na adolescência: uma reprodução ideológica? São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em psicologia social) - Faculdade de Psicologia, Pontífica Universidade Católica.

LEMONS, Marilda de O. Entre nós. Um estudo sobre a Casa Abrigo do ABC para mulheres em situação de violência. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul – IMES.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Jovens em Transição: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. “Ser jovem e ser adulto”: identidades, representações e trajetórias. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo.

PUCCIA, Maria Inês Rosselli. Violência por parceiros íntimos de usuárias dos serviços de atenção primária à saúde em Santo André. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Saúde) - Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo.

SOUZA, Alberto Alves. A Progressão escolar de alunos com deficiência em classes comuns: a experiência de Santo André. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Pontífica Universidade Católica.

UNBEHAUM, Sandra G. Experiência Masculina da Paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo.

Publicação Institucional

BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria de Atenção à Saúde - Departamento de Ações Programáticas - Estratégicas – Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Saúde Integral de Adolescentes e Jovens – Orientações para Organização de Serviços de Saúde. Brasília. DF, 2005.

_____. Ministério da Saúde - Secretaria de Atenção à Saúde - Departamento de Ações Programáticas - Estratégicas - Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco Teórico e Referencial de Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens. Versão Preliminar - Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília. DF, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS - Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Painel de Indicadores do SUS. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS - Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Boletim Epidemiológico 2006. Brasília, 2007.

_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem – Marco Teórico e Referencial de Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens. Brasília: 2006.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem - Marco Legal: Saúde um direito de adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

_____. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. Brasília: 2005

_____. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. Brasília: 2008.

_____. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Ministério da Saúde. Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. Presidência da República. Brasília: 2004.

CATÓLICAS Pelo Direito de Decidir. Boletim CDD 3. São Paulo, de mai/jun/jul/ago 2004

DOSSIÊ. Adolescentes – Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. Minas Gerais - BH: Rede Feminista de Saúde, 2004.

_____. Violência de Gênero Contra Meninas. Porto Alegre. Regional Rio Grande do Sul: Rede Feminista de Saúde, 2005.

FUNDAÇÃO Perseu Abramo. Pesquisa “Juventude: cultura e cidadania”. São Paulo: Núcleo de Opinião Pública (NOP), 2001.

INSTITUTO de Cidadania - Projeto Juventude – Documento de Conclusão. Versão inicial para discussão, complementação e ajustes. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004. MANDRÁGORA – Gênero, religião e Modernidade. São Bernardo do Campo, SP: NETMAL/UMESP, Ano IX, nº 10. – 94p.

MENDONÇA, Silvana. M. Diagnóstico da Gravidez na Adolescência no município de Santo André. Prefeitura de Santo André – Secretaria de Saúde - Documento do Departamento de Assistência à Saúde. 2006.

SANTO ANDRÉ. Secretaria de Inclusão Social. Texto preliminar da pré-conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente do município de Santo André. Organizada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Tema: Sexualidade e Reprodução na Adolescência: questão de direitos – Desenhando uma proposta de ação. São Paulo, 2007.

_____. Prefeitura de Santo André. Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo. Departamento de Indicadores Sociais e Econômicos – DISE - Sumário de Dados 2006 – Ano base: 2005. São Paulo, 2006.

_____. Prefeitura de Santo André. Secretaria de Saúde. Evoluindo de Problema para Solução – Juventude em Destaque – relato das experiências do Projeto Jovens Multiplicadores e de Informação em Saúde do Município de Santo André. São Paulo, 2001.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Saúde. Coordenadoria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos de Saúde. Instituto de Saúde. Boletim do Instituto de Saúde n.40 – Dez. de 2006.

_____. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina da USP. Mapa da Juventude de Santo André. SOARES, C. B.; CAMPOS, C. M. S.(Coord.). 2007.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Young Peoples Health: a challenge for society. Relatório do Grupo de Trabalho sobre Jovens e Saúde para Todos no Ano 2000. OMS, Série de Relatórios Técnicos, 731, Genebra, 1986.

OIT - Manual de Capacitação e informação sobre Gênero, Raça, Pobreza e Emprego: Tendências, problemas e enfoques: um panorama geral – Módulo 1 - OIT; 2005.

UNESCO. Juventude e Sexualidade. Unesco. Brasília, 2004.

UNICEF. A infância brasileira nos anos 90. Brasília, 1998. 170p.

_____. Situação da juventude Brasileira, Brasília, 2002.

Versão (abreviada) Manifesto. Campanha pela Convenção dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos. Olea, C.; Roque, C.; Jurkewicz, R. (Coord.). Brasil: 2008. Edições Loyola.

Jornais e periódicos

CORREA, Isis M. Cai 36% número de grávidas jovens. Matéria de Capa, Caderno Sete Cidades, Diário do Grande ABC, SP, 12/9/2007.

DIÁRIO Regional. Santo André ganha prêmio internacional, 21 de novembro de 2002.

MENDES, T. Amor Bandido: fim trágico. Fórum virtual de discussão Valinor.

PACHECO, Paula. Quo vadis, Bento XVI? Capa: De costas para o futuro. Revista Carta Capital, maio de 2007. p.08.

SEGATO, Cristiane. Aborto Sim ou não? Capa: Sim ou não? Está aberta a discussão do aborto – um dos temas mais controversos para a sociedade brasileira. Revista Época. Editora Globo. Abril de 2007. p. 82.

SIQUEIRA, Leandro. A fé que move Roma. Capa: Roma Contra – Ataca. Revista do Brasil, abril de 2007. p. 08.

TAKIUTI, Albertina D. Gravidez na Adolescência. Diário do Grande ABC, SP, 21/9/2007.

THOMAZ, K. Para moças da favela, bom partido é PCC. Caderno Cotidiano. Folha de São Paulo, 02/07/2006.

Sites consultados

www.redesaude.org.br - acesso em 03 de junho de 2006.

www.abiaids.org.br - acesso em 04 de junho de 2006.

www.unicef.org/brazil - acesso em 11 de janeiro de 2007.

www.seade.gov.br - acesso em 08 de setembro de 2007.

www.projetojuventude.org.br - acesso em 13 de setembro de 2007.

www.ibge.gov.br - acesso em 18 de outubro de 2007.

www.andi.org.br - acesso em 12 de maio 2007.

www.fpabramo.org.br - acesso em 2 de novembro de 2007.

www.mulheres.org.br - acesso 28 de agosto de 2007.

www.juventude.gov.br – acesso em 01 de junho de 2008.
www.catholicasonline.org.br - acesso em 08 de junho 2008.
www.usp.br/nemge/feminismo - acesso em 08 de junho 2008.
www.saude.gov.br/editora - acesso em 05 de junho 2008.
www.ecos.org.br/contrcepcao/marcoreferencial - acesso em 04 de junho de 2008.
www.juventude.gov.pt - acesso em 04 de junho de 2008.
www.fsp.usp.br/rsp - acesso em 02 de junho de 2008.
www.mulheres.org.br/fiqueamigadela - DINIZ S.G. Cartilha com Dicas para entender a linguagem de suas partes mimosas. São Paulo: Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde, 2002. Acesso em 28 de maio 2008.
www.unesco.org.br - acesso em 23 de março de 2008.
www.spmulheres.gov.br - acesso em 12 de junho de 2008.
www.isaude.sp.gov.br – acesso em outubro de 2007.
www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano – acesso em 14 de junho de 2008.
<http://forum.valinor.com.br> – acesso em 14 de junho de 2008.
<http://portal.saude.gov.br/saude> - acesso em 24 de junho de 2008.
<http://www.saude.gov.br/editora> - acesso em 24 de junho de 2008.
www.convencio.org.uy – acesso em 16 de julho de 2008.
www.projovem.gov.br/2008 - acesso em 18 de julho de 2008.
www.mds.gov.br/servicos - acesso em 19 de julho de 2008

Anexos

I. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome do (a) Participante:	Documento de identidade:
Sexo:	Data de nascimento:
Endereço:	Telefone:
Nome do Responsável Legal:	Grau de parentesco:
Data de Nascimento:	Sexo:
Endereço:	Telefone:

Pesquisa: *Masculino e Feminino: a primeira vez – A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência.*

A pesquisa tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre os aspectos sociais, demográficos e de saúde sexual e reprodutiva na adolescência. Analisar como as questões de gênero modulam a sexualidade entre adolescentes e ainda verificar como as instituições sociais lidam atualmente com essa questão.

Sua participação é totalmente voluntária, ou seja, você tem o direito de recusar e desistir de participar a qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Se você concordar de participar deste estudo, você ficará conosco em torno de duas horas e participará de uma roda de conversa sobre o tema referente à sexualidade. Não haverá nenhum risco em sua participação nesse estudo.

Sua identidade será mantida em sigilo, sob a responsabilidade do pesquisador, e somente ele vai ter acesso a essas informações. Você não será identificado pelo nome em nenhuma publicação dos resultados da pesquisa.

Não haverá benefício direto ao participar deste estudo, porém as informações fornecidas poderão contribuir para uma análise melhor do contexto social em que vivem os (as) adolescentes atualmente, ajudará na organização de estudos diagnósticos e formulações de políticas para jovens. Não haverá nenhum custo na participação deste estudo.

Você poderá esclarecer qualquer dúvida a respeito deste estudo e de sua participação com o pesquisador que apresentou esse TCLE. Poderá também procurar por Silmara Conchão pelo telefone 9983 1844 ou 4433 3055. Ou ainda pelo Comitê de Ética em Pesquisa, situado no Prédio do Executivo Municipal, Secretaria Municipal de Saúde – telefone: 4433 0360 – Santo André – SP. Ou acessar www.santoandre.sp.gov.br/linkCEP.

II. Consentimento

Eu li e entendi os propósitos deste estudo e concordo em participar do mesmo. As dúvidas que tive foram esclarecidas pelo pesquisador (a). Estou ciente de que minha participação é totalmente voluntária e de que posso desistir de participar em qualquer momento do processo.

Data ____/____/____

Nome do (a) participante voluntário (a) _____

Assinatura do (a) participante voluntário (a) _____

Eu, abaixo assinado, expliquei ao (à) participante voluntário (a), o procedimento a ser utilizado no estudo e seus benefícios. Estará garantido o sigilo e privacidade dos (as) participantes.

Data ____/____/____

Nome do (a) Pesquisador (a) _____

Cargo/função ou curso: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a) _____

III. Roteiro para o Grupo Focal com adolescentes – 1º semestre de 2008¹²⁸

Orientações:

Informamos que não é necessário explicitar nomes durante a roda de conversa. Sinta-se à vontade em dizer o que sente o que faz ou fez, e o que pensa em relação aos temas sugeridos.

Objetivo:

Esta técnica tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre a sexualidade, o que servirá de subsídio para a pesquisa em sociologia.

1. Qual parte desse relato que mais chama a atenção de vocês?
2. Acham que existe uma idade ideal para iniciar as práticas sexuais?
3. Como a escola lida com essas questões do corpo, do namoro, da “transa”?
4. Vocês vêem a interferência da religião nessa história que eu contei? Como é isto hoje?
5. Como seria a reação da família atualmente diante de flagrante desse?
6. Já foram ao médico para receber orientação sexual ou no posto de saúde?
7. Método anticoncepcional. Comentem.
8. O casamento com véu e grinalda, é importante isso pra vocês?
9. E casar virgem?
10. O que acham do sexo antes do casamento?
11. Acham que existe uma idade ideal para ter o 1º filho (a)?
12. De quem é a responsabilidade da anticoncepção?
13. Dizem que garotos têm mais parceiras sexuais do que as garotas, como vêem isto?
14. Porque existem pessoas que não fazem sexo seguro, ou seja, transam sem proteção alguma?
15. Conhecem alguma adolescente grávida? Comentem.
16. O que uma gravidez não planejada pode ocasionar na vida de uma adolescente?
17. E de um adolescente?

¹²⁸ Vale ressaltar esse roteiro quase não foi utilizado na mediação da técnica. A história que contei no início, despertou interesse pelo tema e os assuntos foram abordados no desenrolar do diálogo nos grupos focais.

18. O que pensam sobre o aborto?
19. Conhecem alguém que já fez aborto?
20. O que acham de homens que transam com homens?
21. O que acham de mulheres que transam com mulheres?

V. Transcrição dos grupos focais

Grupo dos garotos
Américo Brasiliense, março de 2008

Apresentação:

Eu me apresentei, sou Silmara, eu gostaria que vocês falassem o nome e se vocês fossem para uma ilha o que levariam?

Mulher... rrsrs

Vixi você ia ter uma porrada de filho heim meu... olha.

O que mais, além de mulher, camisinhas... o que mais?

Médico.

A bíblia, não é só bagunça tem que pensar em agradecer também...

Ah, tem que lembrar de agradecer a Deus também...

Cerveja.

Leva geladeira então também.

Cerveja... algo mais ou tá bom?

Mulher, anticoncepcional...

Comida.

Primeiramente eu levaria ### depois eu pensaria na área de preservação, ou seja, saco plástico para tá preservando a ilha, porque pô, é uma ilha, eu vou lá saber o que tem lá dentro. Depois eu levaria camisinha, vai que tem índia lá, não vou querer ficar espalhando filho pelo mundo.

Começam a rir.

Também gostaria de levar um aparelho de som e não vou levar uma televisão pra uma ilha, não vai ter tomada também.

Gerador.

Aonde que eu vou carregar um gerador num barco, o cara vai me largar lá e eu vou carregar um gerador como?

E quem ainda não falou, o quê que pensa assim, tá faltando alguma coisa ou está bom?

Ta faltando...

Tem cerveja. Mulher, tá faltando mais o que?

Uma coisa importante que ninguém falou?

Comida.

Eu falei.

Ah tá, então ele reforçou. Concordam que tá bom assim? Então tá bom, falem seus nomes.

CE – 19 anos

A – 18 anos

B – 19 anos

L – 19 anos

R – 18 anos

I – 18 anos

L – 18 anos

D – 19 anos

R – 18 anos

. _____ Depois de contar a história...
eu descobri.

O quê que você descobriu?

Eu falei pra ele e ele já sabe.

Pode falar.

O L. sabe o que é.

É verídico.

É verídico, tanto que no final dela eu falo: Não é uma ficção, ou seja, é um fato real.

Ele aqui conhece a pessoa.

Risos

Todo mundo aqui conhece

Pois é, eu acho que assim, foi uma fase, uma “partizinha” da minha história que vocês acho que perceberam... em que momento vocês perceberam isso?

Não.

Como não perceberam? Então quem vocês estão achando que é.

Eu não acho nada.

Risos

Então tá, se vocês não acham nada então vamos conversar. É uma parte da minha história quando eu tinha 16, 17, 18 e 19 anos... então assim, é a gente tá em uma roda de conversa, um lugar para a gente conversar assim, abertamente, porque que a gente não conversa abertamente sobre estas questões né? Mas a vontade, sem ter aquele constrangimento, e é um pouco isso, eu me senti a vontade em contar para vocês porque acho que a gente tá em uma roda de conversa e a gente tem uma confiança a partir de agora, um clima de confiança, ai eu queria que vocês falassem um pouco, qual parte deste relato que mais chamou a atenção de vocês?

Ah os pais delas, vai querer que ela “casasse” virgem... os pais dela não os pais dele, querer entrar na igreja virgem, e hoje em dia isso ai não tem nada a ver...

Naquela época a virgindade de mulher e os pais pensavam nisso da ética familiar, de manter o padrão da família assim, ou seja, os pais procuravam manter aquele padrão por exemplo, minha filha vai casar virgem e entrar de branco na igreja, os pais sabendo que a filha deles perdeu a virgindade antes do casamento, para um pai, para uma mãe, naquela época, era a mesma coisa que a morte. Hoje em dia é tudo mais comum é tudo mais normal, hoje em dia tem muita escola

particular, inclusive no estado de São Paulo que tem até mesmo uma máquinha de camisinha dentro das escolas.

Tudo legalizado

risos

Tá tudo legalizado é, esta é a palavra certa?

Então veja bem, ele disse que esta parte da virgindade pegou forte na história, e todo mundo concorda que hoje não?

Mudou, hoje em dia pra você achar uma mulher virgem certo, você tem que procurar nas Páginas Amarelas, Primeira Mão, diário do Grande ABC, JT de domingo e você não acha.

E vocês acham que isso é importante hoje?

Olha, creio que não seja tão importante mas o respeito por um lado que tem que ter um com o outro, porque não é uma virgindade que vai falar o caráter de uma pessoa, se ela tem um caráter bom ou não. A virgindade é apenas aquela coisa de curiosidade, de querer saber mais cedo, o que uma atração com aquela outra pessoa pode acontecer, como meu pai sempre falou, fogo com a palha não se dá, sempre acaba pegando fogo. E é verdade vai, vamos supor você põe duas pessoas num quarto sozinhos, sempre vai acabar acontecendo alguma coisa.

Todo mundo concorda com ele na questão da virgindade, gostaria de falar alguma coisa, gostaria de completar?

A é normal isso aí, há um tempo atrás seus pais não ia chegar e aí vocês nunca deram uma não...

Risos e começam a falar ao mesmo tempo

Como é isso que você falou, a relação com o pai e com a mãe, não entendi repete...

Só vou pedir a colaborar com as risadas que é legal mas eu tenho medo de depois não ouvir o que vocês estão falando...

Do beijo falam e hoje seu pai pergunta que hoje é assim, se vocês nunca fizeram sexo vocês dois...

Na época dos nossos pais, na época dos nossos pais não tava uma coisa digamos assim, depravada que nem hoje em dia...

É verdade

... de sexta-feira por exemplo, de sexta-feira tem samba aqui não tem? Tem muitas meninas aí eu bebem não bebem?

Opa.

... vai pro gueto lá pras 11:30 e ½ noite, o que quê vocês vão achar ali? Só neguinho usando droga e as meninas trepando com os caras ali no beco

o que você tinha falado?

Tipo antes não tinha tanta divulgação de sexo na TV, antes não podia nem falar bunda na TV que a pessoa já era processada, porque eu já vi pela Internet, e hoje em dia novela o que mais incentiva é o cara conhecer, fazer coisas novas e tal.

Vocês concordam com ele na questão da mídia, da TV?

Internet também...

Até estas lojas de sex shop aí.

Tem muitas, vocês vêem muitas?

Ele falou uma coisa importante, a escola dá camisinha de graça, mas tem um diálogo franco com vocês.

Tem escola que sim.

Sobre orientação sexual, a escola tem discutido estas questões com vocês?

Discuti nada não...

A gente começa a falar de sexo na sala, tem muito aluno aqui que foram alunos da Fátima Borges, eu não tive o ...

Privilégio

... não vou dizer privilégio porque digamos assim, sorte minha que eu não tive aula com ela, porque eu sou uma pessoa que tenho a minha opinião e ela tem a dela, e hoje em dia é tudo muito aberto, tá tudo liberado, você vê muitas prostitutas em praça, nas ruas, até mesmo á luz do dia, como dizia muitas pessoas por ai, fazendo hora extra, porque há alguns anos atrás não tinha esta depravação, gente na rua, digamos que hoje em dia aquelas pessoas que “não se cuida” em termos de DST, AIDS a pessoa que não se cuida ou porque a pessoa é burra ou porque ela não assistiu televisão ou porque sinceramente não tem semacol algum ...

Também tem gente que não pensa no momento, se vai acontecer vai, tá lá no bem bom pá, ai esquece e na hora que acontece não pensa nem na camisinha pá.

Sem caminha é melhor...

Na hora de...

Então é assim que acontece? Assim como vocês estão contando é que acontece de verdade?

Vocês acham que existe uma idade ideal...

Na hora que você vai tá lá no baguiô...

A sim, então vamos continuar esta história da AIDS que vocês estavam falando do anticoncepcional tudo... Hoje vocês falarão que tem vocês recebem no posto de saúde, tem acesso a camisinha as vezes na escola e tudo mas mesmo na hora do “vamo vê” transa sem camisinha, mesmo com a consciência né?

O que é que acontece, o que acaba acontecendo, muitos jovens hoje em dia eles acabam nunca pensando com a cabeça de cima e sim com a cabeça de baixo, por isso que muitas vezes: puta que burrada que eu fiz a minha namorada tá grávida. Muitos pulam fora, alguém aqui, falem francamente vai, quem não pularia fora em uma situação como esta? Então, por exemplo...

(um outro garoto tenta falar mas é corato)

... sua namorada tá grávida, sua namora tá grávida, seus pais são contra o seu namoro, certo?! E você ainda tá desempregado.

Estilo eu?

Novamente alguém tenta falar e ele corta.

Por exemplo, tem muitos amigos meus que sinceramente eu não concordo com as atitudes deles ate hoje, descobriu que a namorada tava grávida de três meses, sumiu, caiu no mundo, um tá na Bahia e o outro tá lá pros lados de Jundiaí.

Ou se não vai querer dar remedinho...

Corte

Ou se não vai querer dar chá de maconha, chá de buchinha pra abortar...

Pírula do dia seguinte e estes negócios...

Isso ai é uma coisa que eu não concordo.

Depois que tá feito ai quer voltar atrás...

A amiga da minha namorada uma vez chegou em mim e perguntou: O que você acha em relação ao aborto? Eu cheguei e falei assim que sinceramente eu sou contra, se você fizer eu te levo até a polícia, falei a verdade.

Vocês conhecem alguém que já fez aborto?

Eu conheço.

Também conheço...

Conhece, que conhece levanta a mão, vamos ver... um, dois três quatro cinco... um dois três quatro... Tá, pode abaixar.

Você falou da pírula do dia seguinte também...

Foi, é vai lá no bem bom lá e dá aquela gozada dentro e depois é só tomar a pírula do dia seguinte (fala em um tom de reprovação).

É porque é bem aquela coisa a pírula do dia seguinte nunca é 100% né, em alguns casos é 25%...

Começam a falar ao mesmo tempo...

Depende da pessoa...

... 75% a criança nasce com defeito e digamos assim que 25% a criança pode ser abortada.

...depende da pessoa...

Isso que eu ia falar, de repente toma esta pírula ai e pode nascer com ...defeito não né.

Tem uma pessoa que ela não chega a ser irmã da minha mãe, ela é irmã adotiva da minha mãe e ela fez este ato de aborto só que ela fez com sucção, primeiro é penetrado uma pinça né, e depois é como se fosse um “sugor”, ele suga todo o líquido que tem dentro do útero da mulher e inclusive os restos mortais, ou seja, do feto.

E isso pra você...?

É errado.

E isso pra mim é um crime, porque do mesmo modo que eu posso tirar uma vida dele e é um crime, é um homicídio, é do mesmo jeito que eu vou tá... é o mesmo modo que o médico fez com a criança e a mãe, que alguém irracional fez com o bebê.

E a responsabilidade é de quem na opinião de vocês?

Dos dois.

De ambos os lados, ambos os lados, tanto do médico como do pai e da mãe.

Todo mundo concorda com ele?

Concordo.

E a responsabilidade da utilização do método da anticoncepção, como que rola isso assim vocês acham que é mais o homem, é mais a mulher?

Ambas as partes porque quem não quer, quem não quer se previne, como eu já havia falado, quem não quer se prevenir ou ele...

Mas às vezes ele tá ali e não tá pensando nisso...

é cortado.

...Mas todos os médicos orientam, não carrega a camisinha na carteira porque pode tá abafando a camisinha ou o que o lubrificante lubrificante que tem na camisinha...

Pode estourar.

...Ai na penetração pode acontecer o que, pode estourar, romper a camisinha e enfim, pode vir um neném por ai.

E se vir uma gravidez na vida de uma garota, o quê que rola, se vir uma gravidez, o que uma gravidez não planejada pode ocasionar na vida de uma garota adolescente? Como vocês vêem isso no cotidiano de vocês?

Ela perde as coisas dela porque, por causa de meia hora, sendo que, na boa, vai ter que cuidar do filho, cuidar de casa, lavar roupa...

Mas tem muitas meninas que tem também o apoio do pai e da mãe, hoje pode dizer que a maioria tem apoio do pai e da mãe.

Às vezes porque o pai e a mãe sabem que com 16 anos não vai saber cuidar um filho.

Oi, desculpa, repete.

Por às vezes o pai e a mãe sabem que por ser menor e ter 16 anos não vai saber cuidar de um filho, sem experiência sem nada, ai acaba ajudando a filha e a mãe e o pai acaba criando o filho.

Mas isso pode ser meio psicológico entendeu?! Pô, isso é o que a gente acaba vendo hoje em dia, uma menina que vai ter um filho cedo ela se fecha naquilo, que se eu tiver um filho é só isso, eu vou virar dona de casa e só isso, e não é isso. Você pode fazer sua faculdade e ter seu filho, eu conheço uma menina que é assim, teve filho cedo só que ela cuida da filha sozinha, trabalha, faz faculdade e tá aí, fazendo suas coisas por isso que é meio psicológico entendeu, então o que vai garantir e da vida da pessoa.

Então vocês falaram na vida da adolescente em uma gravidez não planejada e na vida do adolescente, porque ela não teve esta gravidez sozinha...

Tem que ter responsabilidade...

Do adolescente, como é que isso acontece na vida do adolescente?

Ai ele vai saber que ele tem que trabalhar para sustentar ele e a família, porque mesmo se ele não casar o filho é dele.

Isso é como deveria acontecer ou isso ocorre ou como é que é isso?

Deveria acontecer mas como ele falou tem situação que o cara vai embora...

É eu posso citar um fato que aconteceu isso comigo há mais ou menos uns quatro anos atrás eu descobri que uma ex-namorada minha de dois anos e meio tava grávida, meu é um choque que você nem imagina o quanto... eu vou ser pai agora?! Eu tinha acabado de ingressar na carreira militar e isso acabou afetando nos meus estudos, no meu trabalho, na minha carreira militar, eu acabei sofrendo um acidente, sofri um acidente na Anchieta devido ao impacto. Ah mas pô isso vai ter a ver com o acidente? Isso aí acaba mexendo com o psicológico do homem,...

Você fica abalado.

... você fica muito abalado. Na hora você sente uma emoção tão grande tipo pô vou ser pai legal, beleza, o tempo vai passando e a responsabilidade vai caindo porque vai chegando e a atenção vai ter que ser total em cima da mulher, o carro que você vai ter precisando para poder levar ela no médico, o acompanhamento em médico, os pais de um lado vai tá cobrando e muito... entendeu? Então tudo isso daí envolve o homem, digamos assim a mulher vai perder algumas coisas? Vai. Ela vai perder, ela vai perder o que? Ela vai ficar um pouco mais vaidosa, entendeu? Ela vai ficar bem mais carente, tudo isso que vai pedir o auxílio do outro homem entendeu? E o quê que acontece, o homem ele acaba se sobrecarregando entendeu, vai chegar uma hora em que o homem e vai falar: Pô, chega, não agüento mais... Só que infelizmente comigo, não vou falar que eu não queria, nem também que eu queria, mas já que veio ao mundo foi Deus que deu então vamo abraçar, então abracei aí com os dois braços, a mão, o pé, só que infelizmente aí quando chegou aos quatro meses ela perdeu o bebê, acabou perdendo o bebê e enfim, continuamos a nossa vida foi quando eu voltei e pedi baixa com dois anos e meio de Minas (Minas Gerais) que eu tava no serviço militar lá em Minas pedi baixa de lá e vim pra cá para esfriar um pouco a cabeça, terminamos o namoro né, hoje estamos grandes amigos e às vezes a gente se encontra e começa a comentar o assunto passa algumas cenas na nossa cabeça que a gente tá comentando e a gente pára pra pensar e assim, será que seria de outro jeito? A gente não sabe e a gente não quer saber.

Interessante. Vocês acham assim que, seguindo esta história que ele também relatou para a gente em uma demonstração de confiança no grupo, vocês acham que tem uma idade ideal para inicial as relações sexuais, para ter o primeiro filho, vocês acham que isso existe, uma idade ideal para isso?

Antigamente tinha hoje não.

Não existe uma idade ideal mas sim uma condição, formar uma estabilidade e depois pensar nisso. ..

Hoje em dia...

Então você tá dizendo que não é idade e sim uma condição ideal, e uma condição ideal assim o que seria?

Ter uma casa, um carro, um convenio médico que é necessário, emprego bom também né...

Risos.

Hoje em dia ter um emprego bom tá difícil, uma situação financeira boa tá difícil se for pensar você só vai ter isso com uns 40 anos.

Hoje em dia, não desfazendo do que vocês estão falando, além participando aqui do patê papo, a gente não vou tá discordando também do que vocês falaram mais além de ter casa, carro, convenio, uma boa estabilidade a pessoa principalmente precisa ter um caráter, não adianta ter um filho, tá sustentando com a mulher dentro de casa e ser um tremendo de um galinha, ir no “puteiro” a noite, sair como muitos amigos que eu tenho que são P.M., são G.C.M. e são civil e são um tremendo de um lixo, as mulheres são realmente, são realmente empencáveis, dão dinheiro para elas e não faltam nada na casa dos caras, só que em compensação...

Nesta linha que ele tá trazendo este assunto, dizem que também os garotos têm mais parceiras sexuais que as garotas. Realmente isso acontece?

Hoje em dia não...

Dizem que tem até umas pesquisas tal que dizem que os garotos têm mais parceiras sexuais que as garotas...

O que acontece é que muitas pessoas olham o superficial né, olham aqui nas ruas. Nos bailes funk tem muitos homens ficam assim meio de lado, meio constrangido, mulher não.

Vocês já foram em baile funk?

Já, já tive no baile funk do rio, já tive aqui em São Paulo, já tive em baile funk de Minas...

Alguém mais já teve em baile funk?

Todo mundo já foi.

Eu já.

Na Avenida do Estados (se referindo ao Status)

Status music Show (casa de show em Santo André)

Eu já fiz show.

E ali rola baile funk?

Lógico que rola, e é igual ele falou as minas ali é tudo sem vergonha, você tá na sua lá e já chega se esfregando...

O que pode acontecer com alguns homens e algumas mulheres é que tem uns homens que são mais assim abertos, escancarados e algumas mulheres que ~soa meio que reservadas ... não tanto. É que mudou a história, antes tipo as mulheres é que tinham mais cabeça, mas agora tem mulher ai que é mô sem noção, sem idéia mesmo, mô cabeça fraca., num pensa em futuramente ter uma família né.

Tem homem que pensa mais na estrutura familiar que a mulher, não pensa se o cara tem um emprego bom...

Ai ô, mô nerds...

Tem mulher... /

Tem mulher que bagunça...rsrs

Todo mundo acha isso? A gente não precisa concordar viu gente. Quem não concordar, a gente não tá procurando consenso, não tem certo e errado, isso que é importante a gente perceber, pode rebater, olha concordo em parte, não concordo, gostaria dar minha opinião, né?!

Bom, tem muitos homens ai que são galinhas, não sei se todos aqui podem concordar comigo...

Menina também...

... tem muita menina também, não pode ver um menininho na porta da escola com uma moto ou um carro que faz o que, se abre entendeu, como tem muito homem também que não pode ver uma mulher de saia que já chega junto.

A mina já se abre toda.

Então vocês estão dizendo que a galinhagem rola dos dois lado, é isso?

Dos dois lados.

Ambos os lados, não tem como a gente puxar sardinha só para o nosso lado.

Hoje em dia a mídia mostra mais o homem e mostra as mulheres.

Mostra mais as mulheres...

Mais?

Mais se vergonha na cara...rsrs...

É pior.

Pior assim em que sentido?

Tipo antigamente mulher não ficava em todo lugar, mulher antes ficava em casa, hoje em dia mulher trabalha em firma, em mercado, mulher tá ocupando espaço... Mulher tem que trabalhar, mulher tem que dirigir,

Mulher tem que pilotar fogão...

Isso é verdade.

Começam a rir

Espera ai um pouquinho, é brincadeira ou você acha isso mesmo que mulher tem que pilotar fogão?

Não, acho que mulher tem que fazer tudo que o homem tem, mas o homem pensa mais que tem que ter uma estrutura familiar, uma estrutura boa para ter um filho, a mulher, muitas, não sei todas, já pensam assim que se tiver um filho ele vai me sustentar, as mulher até pensa mais hoje me dia elas que curtir entendeu, elas não quer mas ter aquela coisa de relacionamento sério e tal, hoje ela quer ficar e acabou, catar “uma pá de menino” e falar eu beijei um monte.

Igual ele falou assim, elas pensam na motinho, no carrinho e tal, e ai muitas vezes é assim que acontece você ficou com o car só porque ele tem uma moto, ai você tem um filho dele e ele pega e te abandona.

Tem muitas mulheres ai que vão só pela aparência e nunca vão pelo caráter do cara, ai nossa foi maravilhoso e depois - ah, tô grávida. E o cara era o que, um ladrão.

Tem muita menina bonita que você vê com...

Bandido

... com traficante.

É o que elas mais gostam porque eles ganham dinheiro fácil e compra as coisas pra elas, ai elas vão.

Vocês conhecem esta realidade de perto?

Conheço, conheço várias que são assim.

Não pode falar que o cara rouba, rouba sei lá rouba alguma coisa, frentinha de carro e a mina já se abriu já, ganha mais respeito, sei lá sabe ninguém vai mas mexer comigo, isso ai é que é.

E elas não quer os Nerds porque pra elas os Nerds é um merda.

O que é um Nerds?

É um cara que se preocupa mais com a vida e com as coisas um cara mais responsável, só que tudo se reverte entendeu? Um cara que hoje é ladrão um dia vai ser preso e um cara que se matou e tá estudando lá na frente ele vai ficar sossegado.

Como ele é visto este Nerds pelas meninas?

É um cara desinteressante... tipo estes dois ai (e aponta para dois garotos na roda).

Ah tá, um cara que não chama a atenção.

Elas querem um cara que são mais popular.

Se o cara quer saber de estudar vixi as minas nem olham...

Elas só querem quem tem dinheiro ou quem é ladrão, esta é a realidade.

Você que está quietinho tá concordando? (pergunta para um dos que foi indicado como Nerds)

Sim.

Futuramente estes dois vão se dar bem na vida...rsrs

Todos começam a rir.

O que você ia falar.

Ah, eu não sei o que falar, sei lá.

Tem alguma coisa que você não concorda?

Eu concordo com tudo que eles disseram, da gravidez e tal, do caráter, que tem bastante meninas que são safadas e umas que são certinhas... eu concordo com tudo.

Eu posso perguntar uma coisa pra vocês, uma curiosidade, lá atrás eu conto para vocês que a gente tava na garagem e aproveitava pra ficar sozinho, como acontece isso hoje, para os que já estão transando, porque é super normal a pessoa ainda não ter começado a transar, cada um tem seu tempo... ?

Na passarela, na viela, no Duque de Caxias...rsrs

O que mais?

No carro, n moto, no mato...

Mas também não são todos que fazem isso.

Aonde tiver um lugar bom e escondido ali, é Gol!

No motel, no drive pra quem tem carro.

Se o cara trampa vai no Motel, se tiver um carro.

Vai de táxi.

Ai vai de a pé e já era.

Ai não dá né.

Pego o carro do meu pai.

Começam a falar ao mesmo tempo.

Oh mãe, me leva ai no motel...

Chega pro pai e fala não tem como sair lá... É melhor comentar com o pai do que com a mãe.

E quem tem esta conversa franca com os pais em casa levanta a mão. Estamos em dez né, então deixa eu ver quem tem esta conversa franca em casa... um, dois, três, quatro, cinco, seis. Os outros não trocam estas idéias em casa?

Depende, eu às vezes tento falar com a minha mãe mas ela fala larga de ser bobo menino, você vai ficar falando isso daí pra mim. Eu falo: não mãe e daí, trocar idéia.

Minha mãe acha que é brincadeira.

É, acha que é brincadeira, ai leva na esportiva. Ai já emenda que foi brincadeira mesmo e nem toca no assunto de novo.

E porque você acha que tem esta dificuldade e leva na brincadeira?

Porque quem leva mais este psicológico é seu pai, mas na verdade não é tudo.

Eu prefiro falar destas coisas com meus tios dá pra falar mais aberto e tal.

Isso que eu ia perguntar, com quem vocês gostam de conversar sobre estas coisas assim ou nunca conversam?

Amigos né.

É amigos.

Na escola é que mais...

Com primo.

É com os meus primos também e tal.

E com as amigas também? Vocês não tem amigas?

Lógico que tem.

E troca idéia também sobre estes assuntos?

As minas é que puxam o assunto, hoje em dia elas puxam o assunto meu.

A religião é importante pra vocês?

Claro sem deus eu não sou ninguém.

Sem Deus ou sem uma religião?

Oi?

Sem Deus ou sem uma religião?

Tem muita gente que não tem religião e acredita em Deus.

Tem mais tem a religião mas sem Deus você vai ser quem?

Tá então tá falando sem Deus.

Independente, porque sem Deus é você ir lá e ficar se sabe que lá você pode...

Porque a religião serve pra que para você ir lá e ter um investimento, crer em Deus é todo mundo crê, na hora do apelo lá, eu bati o carro do meu pai ai é: Ai meu Deus. Você crê em que? Em Deus. Entendeu? A religião ela serve pra que? Pra você ter apenas um revestimento entendeu? A religião é que vai te mostrar um caminho. Um caminho pra onde? Pro bem, Deus te guia à religião é o seu caminho.

E quando a igreja católica diz pra gente assim, defende que a gente não deve transar antes do casamento ou que a gente deve transar...

Isso é qualquer religião não é só a denominação católica, crente, evangélica, quadrangular...

A igreja fala que sexo com camisinha, sexo é pra se reproduzir e se não é assim é pecado, tem um cara que trabalha comigo que ele fala que sexo com camisinha é pecado porque não é pra reproduzir é...

Em questão é isso desculpa mas eu vou ser obrigada a discordar, porque vai, uma pessoa que vai eu não quero engravidar minha esposa agora porque ela tá estudando e eu tô trabalhando então eu não vou usar camisinha ou então eu vou usar camisinha porque eu não quero engravidar ela. Isso daí é independente, isso daí porque na bíblia não fala isso.

Ai depende da religião.

Ele falou pra mim e eu não sei, ele é evangélico.

Fui evangélico já.

E outra, o pastor...

Na boa, na hora lá você não vai pensar na religião.

É isso que eu ia perguntar, na prática é seguido o que a igreja tá dizendo, qualquer igreja, não importa qual?

Se é seguido?

Na prática é seguido, neste aspecto.

Depende.

Eu acho que na hora do desespero mesmo não pensa.

O uso da camisinha, no sexo antes do casamento, na prática é seguido isso?

Na igreja evangélica que eu vou, não pode transar e ter um relacionamento com a pessoa, quando você é batizado, tipo assim, você, vamos dizer assim, você une seu corpo junto a Cristo, não tô achando a palavra certa, você une seu corpo junto a Cristo entendeu?

Ou seja, quando você veste as águas você morre pro mundo e renasce pra Cristo, então você tá numa nova vida, uma vida sem pecados, enfim, ou seja, o que na bíblia fala que o nosso corpo é o reino de cristo, ou seja, a eu vou catar e vou sair por ai comendo todas, não é nem por ai, o que na bíblia explica é que somente após o casamento, não detalha se é com camisinha de morango ou sem morango, se é com ou sem o com preservativo, com vasectomia, não, isso daí é um detalhe.

De menta, com lubrificante...

Vaselina.

Mas as testemunhas de Jeová?

Não, no caso das testemunhas de Jeová não é considerado uma religião, é uma seita.

Porque não é considerado uma religião? Quero saber o porque ela não é considerado uma religião?

O fato não é religião.

Se até Ateu é considerado uma religião?

Se eles fala que é crente, fala que é crente e vai lá e reza lá na frente e tem o pastor...

Ele não é pastor é pregador né?!

Só que tem muita coisa que o pregador fala o que tem na bíblia mas não consegue seguir. E também porque 50% dos que estão lá na igreja não conseguem seguir, e até o padre falou que você vai lá pra redimir seus pecados e não pra ir lá e seguir os mandamentos...

Começam a falar ao mesmo tempo e a rir.

Então vamos avançar só mais um pouquinho. Como que isso passa na cabeça de vocês. Vocês já receberam orientação sexual no posto de saúde? Já conversaram com um médico sobre as relações sexuais? Quem já conversou levanta a mão...

Um., nunca buscou orientação no posto de saúde?

Eu nunca fui buscar ajuda mas pra ter noção com o médico.

já fui lá pra saber sobre as doenças lá e assim, pra saber e ele falou isso ai é... como é que é o nome mesmo?

Gonorréia...rs

Começam a rir.

Deixa ele falar gente se não eu não vou conseguir ouvir.

Mas quando foi ver não era doença e tal, porque começou a incha e ter um bolha e depois quando foi ver não era, era só puxar pra frente e porque ficou muito tempo e tal e quando foi ver não era nada...

Entendi. E te atenderam bem?

Atenderam sim.

Legal, e quem já foi para buscar orientação sexual?

Eu também já fui.

Oi?

Eu já fui pra fazer exame da HIV.

Ótimo, depois a gente vai falar disso. Só mais uma coisa pra terminar, vocês já falaram quase tudo que a gente precisava, o que vocês acham que homens que transam com homens?

Começam a falar ao mesmo tempo.

Não me lava a mal não mas eu vou me retirar...rsr...

Ah, eu não ligo.

Oi?

Ah, eu não ligo, não sendo comigo...

Ah, agora neste assunto você fala né?! Rsrs.

Espera ai, acho importante ele colocar isso.
É que ele não tem preconceito entendeu? Não tá afetando ele.
Cada um tem um ponto de vista né.

Num mexendo comigo mano.

Cada um tem um ponto de vista né. Bom, se o cara que dá o que é dele, ele num vindo me encher o saco tá ótimo. Quem nem muitos aqui quem que o veado já não olhou, já não mexeu? Quem gosta? Ninguém gosta. Do mesmo modo também que eu não vou mexer com ele, ele lá e eu cá.

Mas eu já tenho um ponto de vista diferente tá. Porque hoje em dia a sociedade coloca que você é preconceito se você não aceitar, é preconceituoso homem transar com homem, mulher com mulher... que hoje em dia eles fazem campanha pra liberar gay pra liberar transexual e outras coisas, só que a igreja condena, então são pontos de vista diferentes entendeu...

Engraçado,

... a sociedade luta. Luta assim, entre aspas, pra deixar isso como se fosse normal, que nem, nos estados unidos isso já é normal, os gays já andam de mão dada, já teve votação pra ver se homem pode casar na igreja, entendeu?

Adotar um filho.

... normal, mas cada um tem preconceito na verdade, só que a igreja...

vou falar a verdade pra vocês tudo aqui porque se o car é viado rola um preconceito, coisa de educação, você tá passando com sua filha com sua família lá com seus amigos e tal e um casal de gays beijando na boca, uma coisa que eu vi estes dias e tal ...

Vocês estão dizendo que rola um preconceito então?

É porque se eu tô andando na rua e vejo um cara beijando na boca de outro eu vou me sentir mal, não vou ficar xingando mas também não vou ficar a vontade. Porque eu trabalho em telemarketing e tem muito lá, num vou ficar xingando mas também não foi ficar lá do lado do cara.

Então é natural que deixa de ser amigo se você descobre que o cara é gay?

Com certeza.

Uma porque a mídia fala que se você tá do lado de um gay você também é. Porque se você tá do lado de um gay né, a mídia coloca assim que você é um gay também né, você é julgado pelas suas companhias, mesma coisa se você tá do lado de um traficante...

E assim vai, anda com bandido é bandido, anda com traficante é traficante... e assim vai, você anda com noia você é noia.

E a coisa tá tão assim que é engraçado, nos estados unidos tá liberado né, tanto casamento de cachorro quanto casamento de casal gays, lá é normal, por exemplo lá em Tóquio tem uma galeria que você passa e são mulheres nuas em vidros e você chega e escolhe eu quero aquela, dá o dinheiro pro cara e sai. Que nem esta porcaria de lei que eles colocaram agora, estenderam este código penal do usuário, ou seja, o usuário de drogas se ele andar com menos de 200 gramas é legal e acima de 200 ele não vai mas assinar como usuário ele já vai assinar tráfico, ou seja, o Brasil ele tem que tá proibindo algumas coisas, tem que tá sendo mas rígido com algumas coisas certo? E tá controlando algumas coisas se não onde este mundo vai parar?

Controlando a homossexualidade no caso?

Por exemplo, a homossexualidade também porque aonde já se viu, em pleno domingo de manhã vai passear lá pelo lado da liberdade e dois casal gay se beijando no trem e no metro.

Verdade, ou se não você vai ali pros lados de são Caetano e a industrial e os “veadão” com o negocio de fora lá balançando...

Risos.

Agora um casal gay se beijar na frente das pessoas isso é crime porque tem criança só que o governo e a sociedade impõe que é preconceito da nossa parte entendeu.

Por isso que o Brasil...

Sei, desculpa, então você tá falando que o governo tá colocando atualmente que a gente discriminar gay é preconceito?

Só que é complicado porque é como se você estivesse induzindo crianças...

Ai vocês acham que eles têm que namorar escondido, é isso?

Eu acho que não deveria nem namorar...

Eu acho porque é uma coisa de educação, ai você tá lá com sua filha, seu filho, sua família ou alguém e ai você vai lá...um casal de gay dá mô beijão na boca, sei lá, tem até um “baguio” que eu vi estes dias porque eu trabalho com informática e a gente salva todos os arquivos quando a gente vai mexer na máquina né e a gente acabou salvando as fotos de um cliente nosso e ele vai pra praia de nudismo e a gente começou a ver e dar risada só que criancinha e elas vê tudo isso e isso induz a pessoa também

Lógico, e a criança não vai ter a visão que você teve também.

Tem um fato da escola...

Um fato da escola?!

... ai eu fiquei aqui na escola de inspetor manhã. Oh, tinhas umas aqui que meu uma agarrando a outra, e uma banca de mina do lado de fora pra catar a outra...

É isso que eu ia perguntar pra vocês, vocês falaram de homem que transam com homem e mulher com mulher como é que vocês vêem isso?

Eu sou a favor.

A favor porque?

Totalmente a favor.

Lógico.

Hoje em dia homem vê duas mulher se beijando acha mô bonito.

É.

Seria excitante.

Mas na verdade não é né porque é tudo sapata.

Começam a rir.

O que vocês acham de mulher transando com outra mulher?

Excitante.

Agora eu não sei se as mulheres acham de homem transando com outro homem?

Ai é patifaria.

Depois eu conto pra vocês.

Já é palhaçada já né.

O que?

Homem transando com homem. Mulher é normal, agora homem com homem...

Antigamente isso ai não era mostrado na T.V., depois que começou a mostrar na T.V. mulher com mulher e homem com homem, ai os caras começou a se rebelar e mostrar na rua um com o outro.

Parada gay meu.

Putz, quer coisa pior que parada gay, o cara tá lá e é mô domingo, o cara tá lá cansado, ai vai ver um jogo, muda de canal e tá lá Parada Gay... mas que patifaria meu, para, só incentivando os outros lá se rebelando.

E se fosse uma Parada gay só de mina você ia ficar assistindo?

Ai é diferente.

Uma parada GLS por exemplo?

Eu faço promoção de eventos e já trabalhei com público GLS...

Hot boy?

... eu conheço um projeto da “Fun House” aqui perto, bom, eu conheço o pessoal de lá também porque eu já cheguei a fazer evento lá, meu o lugar onde tem mais GLS do mundo é a cidade de São Paulo você as festas lotado, se você for ver não é mais a maioria de homem, se você for ver pelo menos onde eu fui tocar é mulher. Eu fiquei caramba meu quanto mulher e querendo ou não quem é gay te respeita, não falaram nada comigo, não passaram a mão, fui lá, fiz meu trabalho, toquei e fui embora.

Em termos de balada, em questão, falei pra você da “Hot Boys”, eu já fui várias vezes na “Hot Boys” e nem sou gay, vai eu e minha namorada, a tia da minha namorada e o namorado da tia dela, a gente vai pra que? Pra dançar. Conheço, você olha pessoas na fila, pessoa de terno e gravata social e você não fala: Pô aquele cara é gay, pô aquela mina ali é gay, entra lá dentro e é outra coisa porque o espaço é fechado pra eles, tem claro gays e lésbicas mais depravados? Tem e também tem os mais reservados....

É a minoria.

... tem quem sabe se soltar em lugares mais apropriados a isso.

Tem mina que vai e quer se divertir, vai ela e a amiga dela e não quer que fica agarrando e puxando a blusa dela principalmente que eu trabalho com balada de música eletrônica e faço Rave de mais de 10.000, 20.000 pessoas e se você for ver o maior público nosso querendo ou não é mulher e eu aposto que você não vai conseguir catar 10 mina numa Rave porque a mina que vai pra Rave vai pra dançar. Vai com aquele topizinho, calça jeans colada e aquela bota até em cima e ela vai lá pra dançar...

O que é rave? desculpa.

Rave é balada de música eletrônica e não balada normal que dura...

O mínimo de um festival rave, uma balada eletrônica, ou seja, de uma Rave é no mínimo 12 horas o máximo são 24 horas.

Não, são mais.

Tem até mais, são até mais em sítios e chácaras, são três dias.

Já vi cada coisa lá, você passa do lado das cabaninhas pra você ver.

Tem mais uma coisa, vocês falaram em vários momentos : ah, antigamente e hoje em dia. Mudou pra melhor?

Pra melhor.

Pra pior.

Digamos que ficou melhor em termos assim, quando tava uma coisa muito fechada muitas pessoas o que faziam escondido, hoje como tá uma coisa mais aberto todo mundo vê e todo mundo sabe, ou seja, aquele que não quer ter informação não quer porque não quer mesmo, porque não quer chegar até a pessoa porque informação do jeito de hoje – jornal, revista, televisão, áudio, chega, ou seja, a pessoa que não tem informação é porque a pessoa não quer. E naquele tempo como era tudo mundo fechado e reservado o pai e a mãe em casa então a pessoa ia lá pra descobrir e ia ver pra crer, hoje em dia não a gente vê e escuta na televisão e etc.

Que mais?

Depende do jeito da pessoa se tá procurando uma pessoa pra casar piorou, não encontra fácil, mas se você quer curtir melhorou e muito, você vai na balada ai e você nem precisa falar muito com a mina, você ficou com a mina e nem sabe o nome da mina.

Depende do que você tá procurando, se você tá procurando uma coisa séria entendeu é difícil de achar.

Que nem traição, antigamente era a pior coisa que tinha, hoje em dia não.

Às vezes você pega sua namorada traindo você ai você pega e vai e cata dez, ai você descontou a raiva da menina.

E antigamente vocês acham que acontecia como a traição?

A mina era julgada prostituta...

E hoje em dia?

... Hoje em dia também julgam mas...

Antes quando uma mulher traia o homem, antigamente, a mulher era julgada como uma prostituta, uma mulher da vida, hoje em dia é porque o homem não deu carinho, o homem é isso... a culpa é do homem. Não é àtoa que o homem já tem até clube, o clube dos cornos. Não sei se alguém aqui já ouviu falar que tem lá no Ceará...

Risos.

Tem o clube do Corno, hoje em dia é tudo mais aberto digamos assim que é mais moderno, tem comunicação.

Alguém queria comentar mais alguma coisa?

É a evolução mesmo, vai evoluindo de pouco a pouco...

Ou pra melhorar ou pior.

Eu acho que tá regredindo, porque antes...

Não é àtoa que a moda agora é namorar pelado. (se referindo a uma música).

...ou vai piorar de vez ou então...

Começam a falar ao mesmo tempo.

Então na idade que vocês têm, última questão, então pra fechar, o que é ser adulto?

Vocês são jovens, final da adolescência, o que é ser adulto?

O que é ser adulto?

É ter sua própria opinião. Você ter sua própria opinião.

Responder pelos seus atos.

Digamos que ser homem não é só ter barba na cara e pelo no saco né, a pessoa tem que ter vergonha na cara para assumir seus atos, saber que errou e assumir, ser honesto e saber respeitar o máximo que é possível ai o sexo oposto, o sexo feminino, e saber respeitar a opinião das outras pessoas.

Fazer papel de homem.

É o respeito, tá certo, primeiramente tem que ter o respeito.

Porque a gente respeitando e tendo o respeito a gente também obtém o respeito.

Porque ai a gente pode cobrar o respeito.

A gente dando também pode cobrar o respeito em todos os lados.

E isso é muito diferente de ser jovem?

Digamos que o jovem hoje em dia ele não tem tanta opinião após tomar a maioridade, que fala assim que você só é homem a partir dos seus 18 anos, você só é homem quando você tiver pêlo no saco.

Mas tem muita gente que tem idade e não tem cabeça, tem 14 anos lá ou tem 25 e não tem a mesma cabeça que ele.

Tem muitos jovens hoje em dia que tem menos que 18 e tem muito mais cabeça e tem vamos dizer assim, mas responsabilidade que ele.

Tudo depende da forma que foi criado.

Depende da forma que?

Foi criado.

Então a gente queria agradecer vocês de coração...

Grupo das garotas
Américo Brasiliense, 12 de março de 2008

Apresentação:

Se vocês fossem para uma ilha o que levariam? Seu nome e o que você levaria.

M. e eu não sei o que eu levaria falando de imediato assim...

Meu nome é G. e eu levaria um livro.

Um livro.

Meu nome é C. e eu levaria ... um colchão, pra dormir.

É legal vocês falarem a idade também.

18 anos.

Meu nome é M., tenho 19 anos e eu levaria (...)

A eu levaria... não sei o que eu levaria.

Pensa...

Meu nome é S. tenho 19 anos e eu levaria comida.

Quem mais...

N, 19 anos e eu levaria comida também.

P., 19 anos e eu levaria comida também.

D. 19 anos e eu levaria meu namorado.

Karla, 26 e levaria o Pcguinho...

Quem?

Meu namorado.

U. 18 anos e levaria comida também...

Eu levaria um colchão mesmo assim eu poderia dormir confortável, já pensou ter que dormir naquela areia...rsrs...

Alguém falou aqui também que levaria o Douglas

Não, não...rs

Foi impressão, foi expressão minha... Então vou contar uma história pra vocês.

Depois de contar a história.

Então já vou começar, o que vocês acharam da história, qual parte chamou mais atenção?

A parte que pegaram de surpresa...

Posso falar? A minha chamou a atenção à parte que o pai do rapaz achando que eles tinham cometido um crime, e o fato dela querer perder a virgindade com ele

Mas também tem que ver de acordo com o ano, naquela época...não é igual hoje.

Hoje você pega uma coisa dessas...hahaha... é normal.

Ainda se fosse os pais dela né...

Por ser justamente naquela época.

Se é meu pai que pega um negócio desses eu não sei quem ele mata primeiro...rs

Então a gente tá percebendo ai que algumas coisas mudaram e outras não, é isso?

Ah, Isso vai de acordo com cada pessoa, cada formação...

Vai da educação também que os pais dão, se você é uma pessoa que o pai e a mãe criaram na liberdade, não na liberdade total né, mas liberdade de sair, dormir na casa de amigo tal, tal, acontece uma coisa dessas vocês vai ter liberdade maior de chegar no seu pai e na sua mãe e conversar, se você tem uma, uma educação saudável desde pequena, agora se uma mãe e um pai que: ah mãe deixa eu ir ali? Não, não pode. [...] Imagina, nunca, jamais que se acontece uma coisa dessas isso acontece *com ela, a menina e o namorado dela* que ela vai contar pro pai dela, não vai consolar ela, e o quê que vai acontecer?

Com certeza.

É que hoje em dia, o que tem de errado é isso, sabe que o pai compreende... compreende assim, por cima, aquela orientação porque depois fica perdido.

é, o máximo que pode acontecer, é tipo assim...

Fala, fala, fala, depois quando acontece é aquele drama.

Ah, porque minha filha!?

É!

E não sei o que, e não sei o que lá...

A filha dos outros ele até entende mas quando é a dele mesmo...

A minha até chorou quando eu falei pra ela.

O meu foi pior, porque eu tava na casa do meu namorado e minha mãe chegou, e eu tava onde?

No quarto ...rsrs... *e porque você fez isso, porque não me contou* [imitando a mãe] Mas mãe, você não ia deixar, eu falei pra você, e ela: O que?! Ai e ela falou: Diego eu não esperava isso de você [Diego é o namorado da garota] e não foi ele quem quis fui eu. Ai a gente foi pra casa... [imitando a mãe] *Vai no médico. Já fui. Então vai tomar remédio. Já tomo. Nossa tá espertinha heim...rs*

Mas a minha mãe já é mais [...] agora meu pai é embaçado.

A meu pai já – olha a filha que eu tenho – ele já – em um grupo de amigos que a gente viaja sempre, quando a gente vai... [imitando a voz do namorado] A P, vai falar pra sua mãe que você vai dormir lá em casa, até parece que ela não sabe o que você faz, e não sei o que... ai minha mãe: é ela acha que eu sou boba, ai eu olho pra trás meu pai – é, ela acha que eu sou idiota também – ai eu lá, mô sem graça. Mas agora minha mãe conversa.

A mas a mãe é sempre mais amiga.

Meu pai já é mais...

Guarda um pouquinho que a gente quer ouvir você também.

Meu pai já é mais assim, eu tinha uma namorado que morava em Curitiba e ele passava alguns dias assim na minha casa e a gente dormia no mesmo quarto, e não tinha aquela coisa assim. Ai minha mãe falou que ele [o pai] falou assim: Você não acha muito estranho não dois namoradinhos ficar dormindo no mesmo quarto? Ai falou assim: você quer o que, que eu coloque o moleque no nosso meio? E começou a brincar, mas ele é meio ciumentão, não é muito... minha mãe não, minha mãe já é mais amiga...e não sei o que, mas meu pai...

Fala um pouquinho mais alto, por favor, se não nos não vamos conseguir escrever o que você tá falando.

Minha mãe também é um pouco mais amiga agora meu pai é muito...

Agora minha mãe não é muito não, mas a mãe do Diego, vou te falar, oh, uma vez tipo, a casa do Diego é bem grande, a gente tava na parte de cima, ai tava lá em cima né, que é onde a gente ficava, ai de repente, a porta abre, ai a gente ficou debaixo do edredom e a mãe dele: Ah, peguei vocês... e nós lá né – tipo, tá mas quem é você. E ela falou: sua mãe sabe? Eu falei: sabe. Mas ela

falou: a mas eu vou ter que falar com ela... ai não sei o que... e eu falei com ela... [Imitando a sogra] a porque é normal na idade de vocês só que ao mesmo tempo que é constrangedor. Ah mas nem bateu na porta!

E quando acontece de transar, a você ia falar uma coisa.

Não, nada...rs

E quando é chegado este ponto, onde vocês costumam transar assim, vocês viram né, eu falei a coisa da garagem, da casa dele da casa minha, e como que rola isso hoje?

No motel.

Hum?

No motel.

O que mais, alguém tem mais alguma coisa pra falar, ela já falou, ela já colocou na experiência dela [aponta para a P]

Mais de uma garota respondem ao mesmo tempo

Meu ex namorado, ele ia sempre na minha casa, e aconteceu assim, minha mãe as vezes nem desconfiava né, ai teve uma vez... assim ele ia de madrugada, ele era DJ né, então de madrugada a gente voltava pra minha casa, porque a balada era perto da minha casa, a gente voltava a pé, ai teve uma vez que ele dormiu na minha casa, a primeira vez foi tranqüilo né, aconteceu tal, foi na minha casa e ele foi embora, ai a gente foi fazendo isso de novo, e de novo, e ai uma vez minha mãe pegou né. O que quê ele tá fazendo ai? E o que não sei o que...[imitando a voz da mãe] . ai passou um tempo e ela, tudo bem C..., eu já sabia, mas também já estava na hora de você me contar né?!

Sempre assim...

Sempre assim.

Você falou de cozinha? Alguma coisa assim...

Todas dão risada.

Esta daí ...

Não, não...rsrs

E vocês acham assim, porque as vezes nem começou a transar, vocês acham que tem uma idade ideal assim?

Não, pra mim acontece em qualquer idade, tem um caso de uma amiga da minha irmã, ela tem 14 anos, ela fez 15 agora, mas ela engravidou com 14 anos...

E o que você acha disso, esta gravidez com 14 anos?

Ah, eu acho assim, ela sabe as conseqüências, cada um faz o que quer, mas eu acho que estragou a vida da menina. A mãe dela pos ela pra fora de casa, ai ela foi morar na Bahia com o menino mas depois voltou, agora a mãe já perdoou ela e ela tá assim com aquele nenenzinho lá e é tão desproporcional, e ela é tão miudinha com aquele nenenzinho, não sei.

Eu acho que não é questão de conseqüência né, também é questão de informação, porque se a menina não tem certas informações ela pode não saber o que está acontecendo. CORTE

Mas oh, a escola que eu estudava lá, sempre tinha palestras assim, DSTs, no Celso Gama ali, não sei se você conhece o Celso Gama, sempre tem palestra falando sobre sexualidade, DST, tudo, tudo tudo...

Ah, hoje em dia o assunto tá bem, bem divulgado. Vai falar ah, não sabia... Não sabia o caramba, todo mundo sai dando ai,.

Todas falam ao mesmo tempo.

A camisinha estourou!

Oi?

A camisinha estourou, é a desculpa mais esfarrapada que eu já escutei.

Ah, também acho.

Tem a pírua do dia seguinte meu.

Mas toda vez que a camisinha estoura ou acontece alguma coisa vai tomar a pírua do dia seguinte?

Não.

Voltam a falar todas ao mesmo tempo.

Quando eu comecei a transar com o meu namorado, não era sempre, não era com frequência, a gente transava com camisinha, a gente não tomava remédio nenhum mas eu achava que tava grávida,

Nossa, igualzinho.

Começam a rir.

Não, *pera* ai.

O que quê aconteceu, a gente usou camisinha, no dia seguinte tomei a pírua, ai depois de duas semanas a mesma coisa, e depois de duas semanas a mesma coisa, eu contei pra minha ginecologista e ela disse: você está ficando louca. È um abordo, é praticamente um aborto se você toma pírua do dia seguinte e além disso você pode ficar anêmica, então assim, é uma vez, duas vezes ao ano, você não pode ficar tomando pírua do dia seguinte porque é muito perigoso, muito perigosos mesmo. Mesmo usando camisinha, tava tudo certo, mas eu tomava a pírua do dia seguinte e minha menstruação foi desregulando.

Quando mais você fica com isso na cabeça mais atrasa a menstruação.

Atrasa um dia e você já tá...

Eu nunca tomei.

Quanto mais você pensa ah tô grávida, vai desregular. Você nunca tomou nada deste tipo e esta pírua é uma bomba de hormônio que você vai ingerir então com certeza vai desregular.

Ah, tô grávida então tipo assim, há, vai da consciência de cada um...

Ah, acho que desde a 5ª serie já começa a ensinar isso daí.

Ah, com certeza mas você tem que lembrar que a pírua do dia seguinte é um aborto e você tem todas as informações possíveis pra saber o que você pode fazer e o que você não pode fazer e se você ainda vai tomar a pírua do dia seguinte, poxa, quer dizer, eu sabia de tudo e ainda fui tomar a pírua do dia seguinte, você tem que pensar em muita coisa, muita coisa...

E tem gente que toma que nem água, ai pu – tomei, ai pu – tomei, não adianta, não vai adiantar nada.

Mas eu acho que falta mais informações pras pessoas, eu por exemplo, já estudei em colégio particular, eles mandam muito assim, informação, aqui também muita informação, mas pra umas meninas falta um pouco isso, por exemplo eu, não sabia nada desta pírua do dia seguinte, já tomei várias vezes, tomar isso direto uns dois ou três meses, eu poderia ter um *piripaque, quero ver como ia acabar isso*.

Mas não adianta só os adolescentes saberem, tem que saber os pais também, porque tem pai que – CORTE.

Tem pai que vive na época da pedra.

Meu pai.

...Por que assim, tem pai que para admitir que a sua filha, que seu bebezinho cresceu e que virou mulher, é diferente, é uma coisa assim que não entra na cabeça, sou filha única no meio de dois homens, você imagina como não é. Com o mais velho, quando *a gente era pequeno*, eu não podia nem sair na rua, não podia falar com ninguém, agora é diferente, mô unido nós dois, hoje em dia é diferente, com tem alguma coisa os dois vão juntos... meu pai compra o anticoncepcional, é ele que compra, ele vai na ginecologista comigo, ele vai e entra, a minha ginecologista é folha da ginecologista da minha mãe. A primeira vez que eu contei, por mais que não pareça, foi pro meu pai, primeiro que pra minha mãe, porque assim, eu tenho mais amizade com o meu pai, pra mim chegar e falar alguma coisa pro meu pai é mais fácil eu chegar e contar pra minha mãe, porque tipo assim, ele sentou com o meu namorado na época, a gente sentou e conversou, depois a gente foi no médico, meu pai foi no médico com ele. Acho que assim, a informação não vem só da escola, não vem só de um amigo, tem que vir de casa, porque se não partir de casa, do seu pai, da sua mãe ou de um irmão que seja, você nunca vai aprender, você sempre vai ser aquela menina insegura, sabe, “*matuta*” né, como se dizem... se você não vem de casa, se você não carrega isso da sua casa, do seu pai e da sua mãe...

E o que se vê é assim, o pai que deixou seus filhos serem mais livres, sai pra onde quer é muito mais tranquilo, agora os pais que prendem e falam não você não vai sair...

Eu acho pior.

... na hora que tiver a oportunidade de sair e ver como é que é, ai vai fazer tudo de uma vez, às vezes faz até errado, e depois tem várias conseqüências assim.

[com a voz em outro tom] Ah, vivia dentro de casa, fazia tudo direito...ai...

começam a rir

É sério meu, teve uma amiga minha que ficou grávida, a mãe dela foi fazer café e eles foram lá e ela ficou grávida.

Começam a rir novamente...

Vocês acham que... eu tô sentindo em vocês, tem esta preocupação, com a questão da informação, com a questão da anticoncepção, vamos falar um pouco dos rapazes, eles também estão preocupados com esta história da anticoncepção, como é que rola?

Eles são menos por fazer, eles tem preocupação mas nem tanto quanto a gente, depende também do menino, eu tenho amigo que fala que não gosta de fazer com camisinha, que não é a mesma coisa, ai eu falo que se não gosta de fazer com camisinha então espera 9 meses para ver se vai ser papai ou se não vai ser, depende muito da pessoa, não é só os meninos ou só as meninas, as meninas não tem mas assim um padrão de pensamento, e nem os meninos, vai de cada um, vai do pai, vai de tudo que acontece com ele... acho que não é só assim, os meninos ou as meninas, as meninas podem ter feito e os meninos ter, depende muito.

Meu namorado a gente sempre fez, sempre, sempre, fez com camisinha, ele sempre respeitou, mesmo tomando o anticoncepcional, ficar grávida aos 16 anos... uma vez ou outra a gente vez sem mas você toma e se acontecer alguma coisa eu não vou te deixar na mão mas... Eu tenho um amigo que fala que sem camisinha é horrível mas trouxa, vai ser pai. Entendeu?! Se é com a pessoa que você gosta não importa se é com camisinha, vai ser gostoso do mesmo jeito, imagina você namora hoje e você ama, imagina depois você não ama mais e tem um filho dele, entendeu. Não é assim.

Tinha uma menina que namorava há três anos, o cara falou para de tomar remédio e vamos fazer sem camisinha, ela confiava nele, ai, depois de 9 meses ela engravidou e ele chutou a bunda dela e chamou ela de burra.

Elas começam a rir.

Coitada da menina

Ah mas com todo o respeito, ele fala para ela parar e ela pára. Inteligente ela não é.

Aquelas famosas palavras que quando eu for gozar eu tiro.

É.

É.

O médico tira na hora né?! Falou né... Mas ele fala assim que só o esperma final é que ...

Todas falam ao mesmo tempo.

Só que ninguém vê que o liquido que sai antes do esperma ele também engravida.

Ah engravida. *É ai não, não, vamos fazer sem que quando tiver lá na hora de eu gozar ai você pega ai "thum" ... ai tira e beleza (imitando os garotos)*

Ai a mina fica grávida na escola e ai começa: Também mô vaca,

ai tem que pensar em tudo, tem que ter um pouco de estabilidade pra criar um filho neste momento, nas coisas que você vai enfrentar porque o preconceito é muito na nossa idade, tudo que te zoam, tudo que te alopram,

também é vai ter um cara pro resto da sua vida.

Tipo assim, fala um pro outro: Aquela mina é mô bonita.

Então ela tem um filho.

Credo meu, sai fora mano, enrosco.

E por outro lado, a gente pode pegar um homem com filho, mulheres não pode.

É porque mulher já pega muito estas coisas, porque se geralmente o homem tem filho mora com a mulher, não mora com ele, agora mulher não, o cara vai ter que assumir a mulher e o filho.

E outra, o preconceito quanto à mulher fica grávida não vem nem tanto dos moleques, vem mais das meninas.

É porque as meninas adoram difamar as outras, quando não conhece, nem conhece mas nossa, ela é chata heim, olha a cara da menina...

Voltam a falar ao mesmo tempo

Desculpa, só para ver se eu entendi. As meninas têm preconceito com as meninas grávidas é isso?

Anrã (concorda).

É a maioria tem.

A maioria.

É o preconceito nem tanto dos meninos, mas das meninas, que nem, elas falam assim: Aquela menina ali tá grávida.

Também, ela dá pra todo mundo, fica com a escola inteira... (imitando outra garota falando).

Começam a rir.

Mas não é só neste assunto, é em todos, se tem uma sala cheia de mulher e outra cheia de homem, a do homem é a mil maravilhas a da mulher é uma...

A porque ela não sei o que, porque aquele cabelo, olha como ela se veste...

Proque primeiro assim, porque eu te amo e vai ser eterna a nossa amizade e não se o que... mal sabe ela, mal sabe ela... Por isso que amizade é com a minha prima e só.

E ai quando você começa a andar com os meninos as meninas vem falar da gente.

Ah, é verdade, ai as meninas começam a falar da gente, aconteceu comigo, eu sou aluna nova, eu tentei me aproximar de todas as meninas, as meninas não querem falar comigo, me acham mô patricinha, ficam achando isso e achando aquilo, não me conhecem, não sabem qual é a minha personalidade, ai eu vou falar com os meninos...

Olha só, por incrível que pareça, por incrível que pareça, tava trocando idéia eu e ela e falando porque as minas não gostam de você e eu falei mano as minas nem conhecem ela e tão falando mal da mina, ela falou: Meu eu nem conheço mas se fosse tão chata os meninos não iam olhar na cara dela porque gostam de maldade É mas é diferente... então?!

Ai falam poxa porque você fala com os moleques? Porque as meninas não querem falar comigo, vou falar com quem quer falar comigo, vou ficar excluída por causa de meninas?

Mas também nem todos vai, tem meninos que falam ela é mô vaca, mas meu amigo é amigo entendeu...

Agora tem gente que não acredita em amizade de homem e mulher, não acredita, isso não existe. Eles sempre falam assim né, de relação sexual assim né, eu tenho muita amizade assim com menino e eles falam R. a mina era virgem ai que dá mais vontade de estragar e não sei o que... meu, a mina falou vai de vagar ai é que eu fui mesmo...

Elas começam a rir.

Ai eu falei, nossa como você é malvado meu, ele falou que malvado o que, a mina era virgem, ela veio toda de *nhe nhe nhem* pra mim, ela ficou ... ai, ai, ai... ai eu peguei e fui e quebrei mesmo, estraguei ela.

Vcs acham que esta questão da virgindade ainda é muito valorizada hoje em dia?

Oh, qui nem, quando eu ando com os meninos eles sempre falam, aquela ali é mô facinho, é só bater lá na casa dela que ela dá e não sei o que, agora as que são virgens eles valorizam, eles falam oh, aquela ali é firmeza, você vai trocar idéia com ela mas não vai chegando no ponto não por ali é mô firmeza e não sei o que, sempre falam assim né mas eles consideram as virgens ainda, pelo menos lá é assim né, agora aqui eu não converso muito...

Também dependo do menino, porque eu comecei a namorar um menino e foi indo, normal, quando a gente namorou uns três meses, três a quatro meses, normal, sem fazer nada, e quando foi à primeira vez que ele descobriu que eu não era mas o moleque entrou numa depressão...

Decepcionou.

Decepcionou.

Ai que besta.

Ele falou - Não mas eu pensei que você é... Mas você já me perguntou alguma coisa? Você nunca me perguntou nada.

Tem uns que tem preconceito têm outros que não.

Ai ele virou a cara, falou que achava que eu era uma coisa que eu não era, mas assim, ai ele foi concordando com a idéia, depois eu fiquei mais três anos com ele mas qualquer briguinha ele jogava na minha cara, toda vez que a gente brigava ele falava: é, você sempre falou pra mim que era uma coisa que não era. Eu falei, não. Não falei nada, você que tinha uma imagem que eu não era.

Agora tem menino que acha que até melhor uma mina que não é porque ai eu não vou carregar esta responsabilidade nas minhas costas pro resto da minha vida, da menina se apaixonar por mim e eu não vou poder corresponder e ela ficar correndo atrás.

Eu acho assim varia de cada um.

Eu acho assim, que a questão, da virgindade, da menina ser virgem ou não ser depende muito porque tem muitos meninos que pensam eu quero transar e se ela é virgem ou se ela não é...

Olha um detalhe que aconteceu aqui na escola mesmo, foi até ontem, já tinha acontecido antes mas eu não tinha me tocado ainda, a mina passou e ele falou: nossa, meu. E eu falei: o quê que é isso.

Meu eu pego esta magrela, eu tô psico pra pegar esta magrela. E eu falei: Porque? Ele meu eu quebro ela.

Eu entorto ela, credo.

É não foi?! Não é nem por pegar a pessoa mas é olhar a pessoa e pelo fato dela ser magrela e tá destruindo ela ai...

A magreza.

Ele falou: nossa eu envergo ela.

É, nossa, eu envergo ela, eu entorto...

Mas tem umas que dá por dá.

Oi?

Tem umas que dá por dá mesmo.

É, tem umas que dá por dá mesmo.

Às vezes é assim, tipo o moleque não quer saber se a menina é virgem, ele quer só aproveitar dela, tem cara que é assim...

Tem cara que é assim.

... ele vai lá todo apaixonado e quer da aliança e depois ela falou que não quer, ele vai lá e te dá um pé na bunda e ...não adianta espernear porque ele queria namorar se eu fosse dar pra ele, se não quis não sou nada, aconteceu isso comigo.

Ai ele ainda sai falando de você.

Claro.

Mas quando eu tinha meus 14 anos assim, um tempinho atrás assim, eu lembro que minha mãe falava assim: Filha, quando você for tirar a virgindade né, vê direito com quem você tá tirando a primeira vez assim é especial e vai ficar marcada pra você, não vai tirando com qualquer um né, porque se não você não vai tem uma lembrança assim da sua primeira vez, não vai ser especial pra você. Mas daí né, você vai indo daqui e da li...

Que nem quando eu tinha 15 anos e tem este menino da praia que eu ficava assim né, teve um dia assim que a gente se pegou né, é, foi pegando fogo, ai ele falou assim: você tá pronta? Ai eu falei pra ele: eu posso falar uma coisa? Ele disse: Pode. Ai eu falei assim: eu sou virgem, tipo assim... você quer? Ele falou assim: você tem certeza e eu falei tenho. Então ele falou assim tudo bem, eu respeito. Tem uns que respeita agora tem uns ...

É tem uns...

Tem uns que fica, vai...vai... Agora tem uns que é tipo te pressionando, que faz isso e faz aquilo até a menina ceder e falar: Ah, eu vou, entendeu.

Tem muitos meninos que é assim pensa na maldade e têm uns que não, têm uns que respeita.

É, quando eu tinha 15 anos eu ficava com o X. e ele falou assim, vãos lá P. ai eu valei tá bom, vamos. Ai tava lá e tal quando eu olhei não foi uma, foi três pacotes de camisinha, ai eu falei assim: aonde você vai com isso?! Não é que se a gente precisar... A tá, mas quem disse que eu quero perder com você... ai ele falou então vamos ficar, se rolar rolou... ai ele começou a me beijar e ficamos lá e tal, ai ele Então?! Ai eu falei então nada, não vou não. Ai ele: você tem certeza? Eu falei: Tenho. Ai ele: Tá bom então vai... e depois ele falou assim: Aff mano você é mô difícil. Ele bem espertinho bem que queria.

É então depois ele ia falar que você é mô vaca se você deu pra ele.

Ai tá lá e você fala não o cara fica puto e não quer mais ficar com você, começa... a não dá, tenho que ir embora se não sei quem vai chegar na minha casa tenho que ir embora logo. Vamô aê, vamô aê (imitando o garoto). Não vamos ficar mais um pouquinho? Não, vamô aê, vamô aê. Ai você faz o que? Você tava aqui até agora...

Ainda tem os mais cara de pau de quando pega a menina a pampa ainda chega na roda e fala: Catei, comi, fiz isso e tal e tal e tal... vai lá meu, esta é firmeza.

Oh, e é assim mesmo, onde eu estudava era assim mesmo, tipo tinha uma banquinha, se você é popular é que você foi com ele e tipo se você não ficava, e eu ficava mesmo...rsrs... Ai, e eu não vou fazer, tipo se eu não estou preparada não vou fazer com nenhum deles, quero só dar beijo na boca e já era, e queria me guardar mesmo. E um idiota: Você vai querer guardar para a terra comer mesmo? E não vou. E tinha um namorado na escola, que tipo é o menino que é meu namorado até hoje, a gente namorou 9 meses até eu falar agora eu quero, eu falei vamos?

Ai assim.

Ai falavam, nossa, nove meses, não vai dar certo, você não vai conseguir nada ali, e vai tentando, vai tentando... e foram nove meses e eu falei: Hoje eu quero amor, e não é porque minhas amigas falam que eu tenho que fazer, não é assim, minhas amigas se minhas amigas se jogarem eu vou me jogar também? Claro que não.

Tinha uma menina na escola que eu estudava que o nome dela era B., mas desde a 4ª série ela já começou a ter relação assim, as pessoas contavam...

Aqui em Santo André?

É, no Celso Gama. Ai ela chegava e *nossa hoje eu fui com quatro meu*, ai eu falava: Nossa Bninha, logo de manhã já rolou um *vuco vuco*. (imitando a menina respondendo) Logo de manhã, com quatro... um aqui, outro aqui... outro aqui... outro atrás... Eu falei: Nossa Bninha. Ela contava tudo.

E é real?

É real.

É real porque eles falava...

Voltam a falar ao mesmo tempo.

E era assim, tinha o G e o Tguinho que falavam não tinha coragem, não tinha. Era bem assim, ela nem ligava sabe.

E era sexo desprotegido que rolava, sem camisinha?

Ela nem pensava assim, ela nunca usou nada, mas assim, pra ela era normal chegar e aqui assim pra todo mundo na sala e nossa meninas fui com quatro e não sei o que e não sei o que... Todo dia ela tinha alguma coisa pra contar.

E ela era tipo *zuada, zuada* na escola, e ela ainda passava assim, se achando...

Oh, assim, na maioria das vezes a menina é assim, eu vou perder a virgindade com ele porque gosta dele, agora os caras não tipo, que nem, eu convivo com uma pá de menino e eles falam: Ah, eu fiz naquela ali, ai tem um, tem lá lá que era virgem né, ai ficava mô pressão... Ah, você é virgem, você é otário porque as minas, e não sei o que, ai o que ele fez, foi, catou a mina e nem gostava dela, ele foi por pressão, ela gostando dele mas tipo ele não gostava dela, foi por pressão, acabou se ferrando, que os dois eram virgem e a menina ficou grávida.

E ai como que foi esta gravidez, ela... hoje ela é mãe?

A mina não é daqui, ela veio passar o carnaval aqui, sei lá, faz tempo já. Tipo, todo mundo lá já não era mais virgem e só falavam do menino, e não sei o que e não sei o que, ficava uma pressão em cima dele, ai ele acabou fazendo bosta, a menina foi embora e sei lá que fim que deu.

O que acontece geralmente nas vida de uma menina adolescente grávida?

Perde a adolescência inteira, perde os amigos, ela tem que sustentar um filho, tem que cuidar de um filho, ela tem que ver como ela vai fazer para sustentar uma família, e o pai não dá apoio, isso se o pai não abandona, se o pai não assume, ai tem que vir mãe, pai ajudar...

É.

Mas é muito difícil os meninos hoje em dia assumir né.

É isso que eu ia perguntar.

Eles não querem nem saber, eles não querem se prender, porque se você for ver hoje em dia casamento...

Não vale a pena mas nada, hoje em dia é só se juntar ai já era.

Agora vocês acham que eles também se assustam, que eles também sofrem com isso...

Ah, eu acho que não.

Eu acho que com certeza quando você falar pra ele que você tá grávida um sustinho ele vai tomar...

É sempre a mesma coisa. Meu? Meu filho?

Eles falam você dá pra todo mundo...

Eu conheço uma menina que tava um cara que era mô galinha, galinha mesmo, e ela só ficava com ele, um dia os moleques chegaram pra ele e falaram parabéns. Ele perguntou: Parabéns porque? É que você vai ser pai. Mas zoando, na brincadeira, ela nem sabia, ai um belo dia ele falou: Meu, que meu esta menina é mô vaca, esta menina ai dá pra todo mundo.

Ah, meninos tem uns que são diferentes mas tem uns que são assim tão idiotas, porque assim, na hora que tá comendo, pegando e beijando é a mil maravilhas...

É a mulher da minha vida.

... ai surgiu uma fofoca ou a menina vez alguma coisa assim pra ele, ah, ai *gospa* no prato que comeu, ai fala que a menina é isso, fala que a menina é aquilo, fala um monte da menina, torna a menina na pior pessoa que se tem na face da Terra.

E faz que acaba que os outros pensem a mesma coisa.

Antes de começar a namorar este menino eles falavam a com a P. eu não fico porque não dá, ela já ficou com todo mundo e não sei o que, tipo, ai o moleque chegou em mim e falou: você não via me zoar né? Não, não vou te zoar, tô querendo ficar com você e é sério. Ai até tipo mas ainda falavam: Olha, cuidado viu. Ele falava: Tem certeza?! Ai tipo é assim, e eu vou pra escola, estudo a noite, até hoje em dia ele estuda à noite, faz faculdade, a faculdade é aqui na frente, e a gente vive brigando porque a gente tem que vir junto e não tem nada a ver, tipo, não quero e “cabou”. Tipo faz três anos que a gente namora e todo mundo fala você tá perdendo tempo da sua vida, você tá perdendo sua adolescência e não sei o que, e eu também acho, porque hoje em dia eu penso porque não eu não faço isso porque eu namora, eu não saia, era só eu e ele, eu e ele, só que hoje eu tento terminar e não consigo, porque ele não deixa, ele não me dá tempo, a gente termina e ai dá 5 minutos e ele já fica: Não, por favor... ele não me dá um dia...

Ele não da tempo.

...porque ele não dá tempo, ele quer que eu vou embora com ele, ele fica aqui na frente, ele quer me trazer, ele quer me esperar... Eu não agüento mais...

Pior que ela já falou D. eu tô afim de outro, Tô ficando com outro, mas ele não se toca...

Falam ao mesmo tempo.

Ai você divide todas as coisas com a pessoa que você não...

Tinha o meu primeiro namorado, eu namorei com ele um ano e dois meses mais ou menos, é assim, você se prende por causa do seu namorado, mas eu vou te falar uma coisa, quando você terminar com o seu namorado você vai parar e pensar – meu, o quê que eu fiz, meu eu sou burra, eu parei de viver porque eu fazia com ele o que ele queria que eu fizesse. Porque? Porque eles não param, eles não param...

Voltam a falar ao mesmo tempo.

É porque a gente viaja com a turma que é a turma dele, eu falei pra ele quero terminar porque eu quero viajar , ele falou: mas porque a gente viaja todo mês, todo ano a gente viaja, a gente sai toda sexta, sábado e domingo. Ma é com seus amigos, se eu quero sair com ela (aponta a prima que está sentada ao lado) se eu quero viajar com a minha prima ele fala tá loca, vai viajar com a sua prima.

Ele fala que eu não sou boa companhia.

É tipo ele fala que ela ao é boa companhia...

----- toca o sinal de saída da escola -----

e eu namorei um menino por um ano, mas ai eu sempre dava uns perdidos, falava não vamos ficar em casa, com a minha mãe, mas mentira, eu ia pra outros lugares...

falam ao mesmo tempo.

Só mais um minutinho, eu preciso que vocês peguem a caneta e preencham os nomes de vocês...

Grupo misto.

Américo Brasiliense, 12 de março de 2008.

Nunca?

Você pode não acreditar, mas eu te garanto que não.

O quê que você achou?

Ela tem que ter coragem mano, é, vou te falar tá tudo ali. Claro, do jeito que a gente é capitalista, a mulher casa e vai pilotar o fogão e o homem é quem paga a conta, se não vai todo mundo para de baixo da ponte, mais elas tiveram atitude de ir para a rua queimar o sutiã na rua. Cada um buscado o caminho que quer.

Teria alguma parte que chamou a atenção de vocês?

A mãe do rapaz, o que ela fez tipo o pai dele tirou a roupa, tudo bem... O meu pai quando pegou, eu tava com a mina lá no quarto e ele abriu a porta e pegou né. Tipo assim, minha casa é na frente e meu quarto é no fundo, então ele chegou e pá, ele não falou nada, abriu a porta e ficou quieto e minha mãe assim com os olhos arregalados e falou "O que tá acontecendo aqui?" e fechou a porta. A mina entrou em choque e ficou perguntando: E agora o que vai acontecer? Eu falei nada,

fica calma né meu. Aí minha mãe chegou: "O quê que é isso? Essa vagabunda! Quem é essa menina aí? Você não tem respeito com a sua casa, com a sua grana! Não sei o que. Aí eu falei para minha mãe: Calma Magali, ela chama Magali, relaxa, sabe o que aconteceu? Se não sabe que eu tô com a mina? Então eu tinha usado, então oh, tipo não tem, o que aconteceu". Aí foi isso, ela falou "vai lá trabalhar, cuidar da sua mulher aqui ó". Aí ela saiu para comprar chocolate, que até hoje ela faz chocolate, voltou e me chamou para trabalhar e aí ficou tipo tudo normal. Aí outro dia teve uma conversa, um diálogo né, aí foi sério, ela perguntou quem era a menina e tal, ela perguntou se eu usei camisinha, tipo minha família sempre teve um contato pessoal, meu pai sempre foi bem aberto.

Então, eu achei errado essa posição que o pai dele tomou e a mãe, que acho que é uma coisa meio constrangedora para você né, tipo a moça já tava funcionando, tipo tinha de ficar andando de ceroula, aquela humilhação, acho embaçado. E essa parte aí também da escolha que você teve, acho que a maioria das pessoas também tem, tipo chega num ponto que ela tem que escolher ou uma coisa ou outra, ela não pode ficar em cima do muro. Não é verdade?

Sim.

Acho que vai chegar um certo tempo que você vai ter que tomar um rumo na sua vida, ou você segue aquele caminho, com aquela pessoa, ou você vai estudar, fazer alguma coisa, ou o outro vai junto né.

Alguém já viveu alguma situação parecida como eu ou como ele?

Não assim, mas mais ou menos. Na verdade meu pai sempre foi muito fechado para essas coisas. Depois que eu comecei a namorar, depois de três meses eu comecei a dormir na casa do meu namorado, mas ele sempre foi contra o sexo, ela também dizia para poder ficar ali numa boa ela dizia para ficar, que eu não precisava ir embora para casa.

Faz tempo isso? Quantos anos?

Faz 2 anos e meio dia 19. Aí ela sempre me chama de amiga. Ai ela falava "*pô pessoalmente você tá dormindo no quarto da Jéssica*". Aí teve uma vez que eu falei para minha mãe, que assim logo quando a gente fez 6 meses de namoro minha sogra comprou uma cama nova para ela e me deu a dela, aí eu comentei com minha mãe e ela foi lá e comentou com meu pai. Aí quando foi à noite, eu tava na casa dele e tocou o telefone, ele atende e ele volta e me fala "teu pai me ligou agora, falou um monte pra mim que você tava dormindo comigo e disse que é para você dormir no quarto da Jéssica". Eu fiquei morrendo de vergonha que meu pai ligou lá sendo que ele não tinha nem intimidade com a família. Aí depois, eu vou para lá de sexta-feira e volto de segunda de manhã, acordo e o dia inteiro... A gente tá até querendo engravidar, mas meu pai tá super convencido. No começo do mês passado nós até fomos no médico também parar de tomar o remédio. Meu pai até perguntou como que foi no médico e "aí quando que o médico falou que vai dá para você conseguir engravidar". Mas eu to super feliz com isso, mas meu pai já passou por muita dificuldade. A gente tá comprando uma casa agora, vamos começar a pagar. Compramos um carro, a gente tá pagando e assim que a gente terminar de pagar o carro à gente vai... Meu pai tá super feliz, mas ele tá sentindo um pouco de... ta me tratando com um pouco de desprezo.

Minha avó sempre foi à mulher mais bonita que eu já vi na vida. Isso é por mim e por um outro filho dela, então é o filho mais velho e o neto mais novo. E mulher tem uma... No casamento do meu tio, aí eu entro com ela no carro, minha mãe ficou doida né, minha mãe correu para baixo e minha avó dá a volta no carro, no banco de traz e eu não parei, nunca vou parar ... e depois de uns cinco ou seis dias veio um da minha família conversar comigo. "ah mais é..." Pera aí, mas eu... Foi quando eu fiquei uma semana fora de casa ,aí minha avó ligou para mim. Foi bem assim, eu saí de casa e ela me ligou. E é isso, ou eu tenho minha individualidade ou não tenho como voltar

para casa. Minha liberdade é primordial para mim. Tanto que eu quero uma coisa certa, não é minha cara ficar amarrado, ficar preso e ter que ficar dando satisfação para minha avó ou para mim. Aí depois a gente conversou, conseguimos ir para casa. Minha mãe e meu pai sempre foram extremamente abertos com relação à gravidez, DST, mas eu não conseguia muito falar com eles, sempre fui de falar bastante com meus amigos, com os médicos, sem o menor problema. Mas o único problema que eu tenho mesmo é a pegada da minha avó, tirando isso.

E você ficou a onde?

Meu pai morava em uma pensão, aí eu fiquei com ele.

Quando você vai no médico você vai sozinha também?

A vou, eu vou sozinha. Quando meu namorado não vai comigo eu vou sozinha, não tenho problema nenhum.

Já aconteceu uma situação parecida com a sua comigo, mas foi extremamente mais desconfortável. A família do meu namorado, eu namorava há três anos, eles foram viajar, e eu por causa dessa situação eu passava muito mal, muito mal mesmo. E o que acontece, eu tava com febre, e meu ex-namorado, quando eu falei que tava com febre, ele me falou "vai para debaixo do chuveiro". Aí o que aconteceu, eu fui e tomei banho. Eu tava tão mal, tão mal, vomitando e tal, e ele me falou, "quer que eu te ajudo?". Aí o que acontece, eu esqueci a porta aberta do banheiro, e a hora que eu tava me vestindo, a mãe dele chegou de viagem. A irmã dele abriu a porta e viu, e deu um grito. Aí a mãe dele foi lá e abriu, e perguntou quem tava. Aí o meu ex-namorado falou para a mãe dele "ela tá passando mal". A gente pensou que falando que eu tava passando mal de verdade, pensou que iria amenizar a situação, mas não. Aí ela passou mal pensando que eu tava passando mal por que eu tava grávida. Aí foi um escândalo total, aí eu fui e me arrumei e peguei a mala, aí ela sentou e conversou. "O que tá acontecendo, eu não quero que você tenha muita intimidade *como você tem com teu irmão*". Ela me explicou uma "pá de coisa" assim sabe. Mas foi constrangedor, por que eu tava muito mal e ela achou que eu tava fazendo alguma coisa dentro do banheiro. Não deu outra, eu morri de vergonha. Para ele não foi tanto, por que ele é o homem. Mas ele achou o máximo, né, a mãe dele ficar em cima de mim. Ela falou "olha, eu só não quero que vocês fiquem trancados". Que tenho, eu tinha esse costume de viajar com eles, de dormir às vezes na casa dele. Era totalmente aberto, mas a mãe dele era totalmente contra, ela sempre falou: se ela pudesse dormir entre a gente ela dormia, não deixava agente sozinho, ficava entre nós dois. Mas enfim...

Alguém mais quer comentar?

Bom, eu contei esta história para a gente analisar um pouquinho hoje como isso acontece.

Por que assim, vocês viram o valor que dá essa história do ser virgem, da menina virgem, de casar de branco. Como que é hoje, como vocês percebem isso hoje?

Nossa. Acho que não tem nada há ver. Por que tantas pessoas que não são mais virgem casam de vermelho. Então acho que é você que decide a cor do vestido. A menina lá de onde eu trabalho casou de vermelho. Igual, ele foi meio que crucificada, por que ela trabalha numa escolinha que os donos são de uma religião, então eles acham super errado ela casar de vermelho, ela até tava grávida já. Mas eu acho que cada um veste a cor que quer, acho que não tem mais nada há ver, esse lance de virgem ou não, acho que não tem nada a ver. Por exemplo, você tem uma filha mas você não tem um relacionamento aberto com ela. Você não dá um espaço para ela poder conversar com você, se abrir. E acaba de ela perder a virgindade com uma pessoa tal, e você nem sabe. E ela tá lá namorando, e você acha que nunca aconteceu nada, tal. E não quer dizer que nunca aconteceu nada, por que você nunca deu um espaço para ela poder conversar com você, falar sobre o relacionamento dela. Acaba de ela casar de branco e a mãe nunca saber que ela deixou de ser virgem antes do tempo. Então acho que é uma coisa nada a ver.

Perfeito. Acho que não tem nada a ver esse negócio de casar de branco, por que hoje em dia é raro a pessoa casar virgem, hoje em dia. Então ... Por que, hoje em dia tá muito mais liberal, muito mais avançado, a mulher tá ganhando sua independência, hoje em dia o negócio tá, tipo, a mulher tá tendo sua própria independência. Então acho que hoje em dia é muito difícil uma pessoa casar virgem. E também, eu tava vendo uma reportagem, que tem muita menina engravidando logo, agora, por falta de orientação, os pais não orientam, não tá nem aí, não sabe se a filha está menstruando direito no tempo da menstruação, não sabe de nada. Aí não conhece a menininha, do tempo da infância. Tipo isso acontece e tipo...

Igual uma reportagem falando que uma menina de 17 anos tá com, os seis dela e ao total parece que são cinco filhos, por que na primeira gravidez ela ficou grávida de gêmeos e depois a segunda foi de tri-gêmeo.

Passou onde, no fantástico?

Eu não cheguei a assistir, mas a menina da escolinha tava me falando. Então uma menina dessa idade, com 17 anos, ela teve alguma orientação? Acho que não, por que se ela não iria ter engravidado agora novamente sabendo que ela já teve três.

Eu vejo que oh. Eu tenho uma visão muito por onde eu moro. Onde eu moro as menininha, tipo 17 anos, já tá grávida. Tem uma que tá de gêmeos, tá grávida. Não tem uma condição. Eu vou falar para você, hoje em dia o alto índice de criminalidade tá aumentado mas por que? Mas por quê? A pessoa não tem estrutura para ter um filho. Igual você, tá pensando em ter um filho, mas já tem uma estrutura, tá comprando um carro, tá construindo uma casa, tipo vai dar uma estrutura para o seu filho. Mas e essas meninas aí? Mora na favela, não tem nem onde cair morta, não tem o que comer. Como meu camarada que tem um filho, não tem o que comer, o moleque não tem fralda, não tem dinheiro nem para comprar uma fralda. Me fala uma coisa, como esse moleque vai ter uma estrutura? Para ele conseguir ritmo legal.

Por que hoje em dia só pelo governo já não tem uma estrutura, que as escolas são extremamente ruins. Pode ver, dá creche. Como uma pessoa dá creche? Que já... Por isso é que tipo, eu acho que deia ser mais dialogado. Tipo remédio, camisinha, esses negócios, agente não tem essa tipo muita coisa. Agora tá entrando, agora tá começando. Se eu quero fazer um planejamento, tão dando aula na escola. Querendo dizer que você tem que ter uma estrutura para você criar teu filho, para dar certo.

Planejar!

É planejar certinho por que hoje em dia ninguém tem planejamento de nada...

Mas eu acho assim, que a gente vive hoje num mundo que tem muita informação, onde praticamente só engravida quem quer, por que camisinha tem no posto. Remédio, a pílula eles dão, você não tem condição de comprar, eles tão dando. Aonde qualquer lugar que você vá, tem orientação sexual. Eu acho que é bonito e é sagrado, sabe, você engravidar com 15, 13 anos, por que a gente vive num mundo que nada mais é escondido. Igual antigamente, hoje a gente tem muito mais informação, muita, muita mesmo.

Eu acho assim, a gente tem informação sim, mas eu tô vendo pela gente, foi mal se eu to julgando errado e tal, mas pela roupa e tudo mais aqui, para ninguém falta pão. Então, todo mundo aqui tem um certo grau de informação. Todo mundo aqui pode ver TV, pode tentar ler um jornal se quiser, todo mundo pode conversar com as amigas. A gente, a gente em especial (os meninos), não tem que se preocupar 24 horas, de manhã, de tarde e de noite, em juntar dinheiro para levar para casa. Com certeza quem trabalha ajuda em casa, mas garanto que sem isso o pai, na maior parte, salva e tal. E isso atrapalha muito. Porque se a pessoa não tem dinheiro para ela, como que ela vai comer, como que ela querer gastar dinheiro para se informar direito sobre isso aí?

Eu acho uma coisa. Deixa eu falar rapidinho. Eu acho que, o que adianta você tem todo o tipo de informação, globalizado, com a informação tudo, só que você não tem um diálogo com sua mãe. Principalmente menina, que é mais, o homem tem carro e tal. Não tem um diálogo pra dizer "oh mão eu to tendo uma relação sexual com meu namorado e tal". Não tem mano...

Mas mãe por mais que ela tente não ver, a mãe ela sempre sabe.

Sabe, tem uma noção. Mas só que a menina, ela tem uma vergonha de dizer para a mão tipo "quero tomar anticoncepcional". Que eu acho que tem um monte de pessoa que tem esse problema. Porque tem mãe só que trabalha, hoje em dia tá assim. Aí só trabalha, não sei o que não sei o que. Aí a menina precisa ir no ginecologista, é raro uma menina novinha ir no ginecologista. Imagina uma menina de 16 anos no ginecologista, de vez em quando.

Deixa eu falar, a menina quando menstrua ela tem que ir no ginecologista. Minha mãe sempre foi assim oh, eu menstruei com 9 anos, aí minha mãe falou assim "a gente vai no médico". Aí, o que aconteceu? Eu fui no médico, o médico me deu todas as informações, meu médico até hoje é o mesmo. Eu acho que deveria ser feito assim, em questão de ter gente que não tem dinheiro para se informar, a informação, gente, tá no posto. Não custa nada. Tá com dúvida? Vai lá pergunta, pega a camisinha. Tá namorando? Começou a namorar, não quer ter filho? Já começa a tomar remédio.

E por exemplo, tá no posto. Mas será que, em todo o posto, se a garota for sozinha, ela é atendida?

É, sim. Eu acho que sim

Não! Só uma coisa, desculpa atrapalhar mesmo. Em casa eu tenho uma irmã que é mais nova do que eu, e realmente é impossível ela conversar com alguém em casa. Minha mãe até tenta, ela tenta ser a melhor amiga da minha irmã e minha. Mas é mãe, é impossível de contar para a minha mãe. Meu pai não tá mais em casa, ele fica sempre trabalhando na pensão. E tem minha avó, mas se minha irmã falar para minha avó "me dá uma camisinha", minha avó dá um tapa na cara da minha irmã. Aí eu dou graças a deus que minha irmã fala comigo, minha irmã fala quando ela precisa fala: "ah, tá assim, assim, ele tá querendo fazer isso". Ela começa a falar, eu começo a ajudar ela. Graças a Deus que ela tem essa confiança por mim, e vou saber se ela já tava grávida, não sei.

E eu falo que não, porque ela já foi no posto de casa, pediu camisinha, e não deram. Falaram que ela era de menor e que não podiam dar para menor de idade.

Mas isso eu acho errado por que oh, que dizer. O menino que faz filho com 16 anos... Eu vi um caso de uma mulher, que ela tem mais de 40 filhos e o último que ela teve é com um menino de 16 anos. Engraçado que ele não pode registrar o filho. E por quê que ele não pode registrar, por que ele tem 16 anos? Se ele pôde fazer um filho, ele pode registrar sim.

Quer dizer que uma menina de menor não tem a possibilidade de fazer um filho? Que é o que mais acontece ultimamente.

O negócio é a sociedade. Vai falar isso para o governo que paga, que é o governo que paga o posto de saúde. Reclama para o governo, para o governo olhar por nós. E ninguém aqui fala que eu tô errado.

Mas é a mesma coisa. Quantas vezes já aconteceu comigo de eu ter que vim aqui, passando mal, até por mesmo por uma gripe ou por uma coisa né, e eu não podia passar por ser de menor. Era só quando a minha mãe, ou a minha tia. Por que tem que ser da família. E eu tava passando muito mal, e meu namorado veio comigo, e a mulher não deixou eu passar. Meu namorado teve que ir atrás da minha mãe para poder, e minha mãe chegar aqui, por que se não ela iria chamar o conselho tutelar. E olha que eu tava com gripe, tava com muita gripe, tava muito mal. E a mulher não quis deixar eu passar, porque se não ia chamar o conselho tutelar, que eu tinha que estar com

a minha mãe e porque eu era de menor, que não sei o que não sei o que. Por que quando eu morava perto do Vila Luzita eu passava lá direto, eu não precisava estar com a minha mãe. Por que muitas vezes, como minha mãe trabalha, então quando eu ficava ruim eu ia lá. Eu pegava meu cartão do SUS e eles passavam. É uma frescura do caramba.

Eu acho que se isso acontece, acho que é um descaso. por que hoje eu me questiono muito, por que tanta gravidez na adolescência. Por causa disto, talvez, entendeu. Por que uma pessoa que não tem dinheiro, eu graças a Deus eu tenho dinheiro para comprar meu anticoncepcional, tenho dinheiro para comprar minha camisinha. Agora, a pessoa que não tem, de menor, por que com certeza deve ter menina de 9 anos grávida por aí, e às vezes nem mãe nem pai tem e querem pegar camisinha no posto e não podem. Eu acho que, pouco não, muito sim. Descaso.

Uma coisa que ele falou. Eu até peguei a minha carteirinha. Pegaram, uma vez eu num tava, em vez eu tava com a minha, não sei se era em São Mateus, eu não lembro o lugar que era, mas como não era na minha cidade né, eu peguei e mostrei o meu cartão do SUS e a mina foi lá e falou "você é de outra cidade, você não pode passar aqui". E seu eu trabalho do lado? Eu vou ter que ou voltar para a minha cidade, ou...

Hoje em dia tá muito assim, hoje em dia. Para qualquer coisa, independente de sexo ou não. Se você for no posto de saúde, esse aqui do centro, perto da prefeitura de Santo André. Sabe? Fui lá, tava doente, tava com febre, tipo, tava trabalhando. Ela falou assim "tem comprovante de residência que você mora em Santo André?". Eu falei "não tenho", e ela respondeu "então não vou poder te atender aqui". Olha as idéias, e se eu tivesse morrendo aqui? Ou não sei se ela tava me tirano, não sei o quê que foi.

E o que eu queria lembrar também, que é importante, é o homem também ir direto no urologista, tipo se cuidar também. Que às vezes a pessoa nem sabe que tá com uma doença. Que hoje em dia meu, você tá numa baladinha punk.

Por que tem a coisa da gravidez e a coisa da doença. Né?

Você entendeu? Por que assim oh, o cara não está nem aí, o cara tá lá e pam, mas ele não sabe se ele tá tendo uma doença. Por que, tipo, eu vou direto no urologista, e ele fala para mim assim "nas preliminares, já tá exposto, por que você não sabe se ela tem doença, por que não é somente introduzindo, nas preliminares já pega". Tipo, você tem que tomar muito cuidado, se você colocar seu órgão sexual no órgão sexual dela já pega já.

Onde vocês transam? Além da casa da namorada, do namorado, onde vocês transam?

Eu? Na minha casa. Ah, no drive-in.

No drive-in, no motel? Que mais?

Ah, vou ter que falar. No lugar público também.

Você tem que chegar em casa cedo, tipo umas onze e meia, você não vai no motel.

Eu já fiz isso, eu já fiz. Mas hoje eu não faço.

Eu vou falar a real. Eu, eu não sou mais virgem. Mas assim, quando eu namorava eu nunca fiz em lugar público. Mesmo que o fogo tava lá aceso, eu nunca tive coragem. Gente é lugar público. eu sempre fui, tipo ou a gente ia para a casa dele, ou ia no carro, mas em lugar público não.

Meu, no trem, eu e minha mina. O povo desceu em Mauá e a gente foi dali sozinho até Rio Grande da Serra, e foi ali mesmo no trem. Para mim não tem essa, qualquer lugar é lugar. Ainda mais quando você está no começo, e tal. Qualquer lugar é lugar, e dá um lance a mais. Qualquer coisa para você incentivar o relacionamento conta. Correr um risco a mais, é justamente isso que é legal.

Mas tem uma parte constrangedora. O pessoal e fala: cadê sua mãe, cadê seu pai, quantos anos você tem?

Mas, no trem, deu tempo de colocar a camisinha?

Claro.

Você que tem namoro estável, vocês usam camisinha?

Não, nós usamos durante um tempo. Depois quando a gente resolveu lagar à camisinha. Ele fez exame, eu sempre fiz exames, de seis em seis meses. Desde que minha mãe me levou lá, eu sempre fiz. Aí depois que saiu o resultado, eu comecei a tomar o remédio e estou até o mês passado.

Em relação à camisinha, eu acho assim, que no carnaval, que é uma época que querendo ou não incentiva muito o sexo, essa é a hora que todo mundo tá entregando camisinha, como se fosse o único momento no ano que todo mundo decidisse fazer sexo, tudo ao mesmo tempo. E já não é bem assim que acontece. Então eles podem, ele usam bem mesmo, no carnaval. E o carnaval incentiva muito. Eu acho que o povo pensa assim: carnaval, ninguém é de ninguém, então vamos é nois, e pronto.

Eu vou ter que concordar com ela que é bem assim mesmo. Só que, funciona. Eu só uso camisinha no carnaval.

Aí, que horror - risos

Eu sei que tem esse lance de AIDS, eu tenho medo também. Mas é assim, por que, você está, você foi à primeira, você só tem duas camisinhas, aí depois vem à segunda, aí você vai para a terceira, aí você não tem mais camisinha. Você sai andando e pronto.

Eu queria voltar numa questão. Você falou na questão da virgindade, de antigamente e tal. Eu acho que antigamente, a mulher, esse lance da virgindade, era muito preservado. Hoje não é 100 %. Eu não sou mais virgem, mas se eu pudesse ser virgem ainda eu gostaria de ser. O fato de eu não ser mais virgem, não quer dizer que eu vou sair com um cara e já saiu com ele e vou fazer isso. Não sei se é preconceito meu, mas eu não tenho o hábito de sair para a baladinha, para funk. Eu não tenho nada contra, eu já fui muito, já fui muito. Mas assim, é um lugar que fica mais propício para a coisa está acontecendo. Eu mesma assim, tem cara que te vê no funk, e fala "é a mina, eu vou levar ela para o escurinho e nós vamos".

Eu não vejo a situação assim. Eu não sou mais virgem, mas eu não saio com qualquer um. Na primeira vez, já mais! Eu namorei doze anos e quatro meses, eu tive a primeira relação sexual com seis meses de namoro. Me arrependi? Me arrependi. Mas já aconteceu e já foi.

Quantos anos você tinha?

Eu tinha 15, faz seis anos.

Eu prefiro mulher não virgem. É difícil depois, tem que ter carinho. Eu não gosto de tirar a virgindade de uma mina.

Mas oh, é muita responsabilidade.

É muita, cara. Eu já tirei de quatro e me arrependi das quatro.

É um conceito. Que nem eu, eu não sou mais virgem. As pessoas não tem mais aquele lance de segurar entendeu. Se você está nos amassos, é claro, vai acontecer. E a pessoa que não é mais virgem, ela tem experiência, ela já fica mais aberta. A pessoa já sabe o que quer.

Você colocou no meio dessa conversa toda, muito legal o que vocês estão colocando, vocês são especiais. Você colocou que as mulheres estão ficando independentes....

É o que acho. Eu vejo assim, tipo, as meninas pequenininhas, de sainha, toda pivetinha, toda bonitinha. A hora que você cola nas menininhas, não vale nada. Só que já tá tipo.

Mas sabe o que acontece, eu não sei se eu apareço à idade que eu tenho. Mas as meninas hoje de 13 anos estão com corpo de mulher de vinte. Então isso ajuda muito, que é uma coisa precoce.

Mas eu prefiro uma mulher de 20 do que de uma 13.

Mas às vezes você está com alguém e nem sabe a idade.

Ultimamente eu nem to ligando para a aparência, pela beleza. Eu ligo por dentro, tipo de conversar, trocar uma idéia, para sair para jantar.

E baile funk você já foi?

Já! Tipo quando eu era moleque eu ia direto. Eu tinha uns 15, 16 anos quando começou.

E onde rolava esse baile funk?

Todos falam ao mesmo tempo.

Você já foi já?

Já.

Não curtiu?

Assim, tem uma frase legal. Tem dois tipos de mulher, as que voam e as que dão. E eu nunca vi nenhuma voa.

Eu conheci um segurança de um baile funk e ele falou para mim: você não tem a noção do que acontece dentro de baile funk, eu fico aqui em cima eu tenho a visão de tudo, você não tem noção. Ele disse que acontece orgia, swing, meninas novas. hoje qualquer menina de 13 anos, que tem um corpão, eles não pedem nem RG, você entra. Então a posição... que é muito falsa.

Hoje em dia, na balada, eu nem fico com ninguém. É raro, eu sair para pegar assim, é raro. Então, eu não pego, sabe por quê? Eu nem sei quem essa mina, não sei quanto elas beijou. Olha como eu já fico neurótico. Eu não sei quem ela beijou, eu não sei nem quem é essa mina. Aí eu vou ficar com ela?

É a mesma coisa. Meu namorado é promotor e tem um cara que faz baile funk, aí eu e meu namorado trabalhamos para ele. É umas menina sempre de shortinho de um palmo, sem senso do ridículo.

Eu também acho.

Como um pai deixa uma mina sair com um shortinho daquele tamanho?

Cansei de ver a mina sair de calça cumprida para o pai não ver com o que ela tá saindo.

Eu tenho uma amiga que ela tem uma irmã de 17 anos, ela tem 18, e elas tem uma mãe que depois que se separou, as duas vão para o funk. Vão sem calcinha, de sainha, chega lá ninguém é de ninguém. A mãe fica com o parceiro da filha, a filha fica com o parceiro da mãe.

E transa no baile, a mãe? É por isso que vai sem calcinha?

A mina que vai sem calcinha não paga. Eu sabia o que iria fazer, levar a calcinha no bolso.

Eu tenho um amigo que tem um filho. esse moleque aí, é desvirtuado, locão, mora com a mãe. E a menina, que tem o filho, chama Manuel o filho, e mora com a mãe dela. A mãe dela tem problema mental. Então imagina, como vai ser a criança, como vai ser este menino? A mãe dela tem problema mental, a menina saí na madrugada, imagina. Será que o menino não acorda na madrugada chorando?

E o pai do menino?

Ah, vai para balada.

Filho não tá escrito na testa do homem, fica muito fácil. A mulher cuida do filho, não digo em geral, mas a menina que engravida cedo, aí o que acontece? O pai vai para a balada e a mãe fica cuidando da criança. O pai não quer nem sabe da criança. É claro tem mãe irresponsável, que fala que não quer nem saber da criança, e saí para a balada mesmo.

E tem outros casos que a gravidez não é planejada, e aí as mulheres jovens faz o aborto.

Todos falam ao mesmo tempo.

Um de cada vez, todo mundo vai falar.

Posso falar primeiro?

Vai fala.

Eu acho que é assim oh, a situação. Acontece de você engravidar. Você não tem onde cair morta. Você engravidou e quer fazer, aí você quer fazer um aborto. Aí você faz o aborto. Tá errado? Eu não acho que tá errado. Por que você vai colocar essa criança na rua, para ser o que? Esse moleque ladrão, que fica parado no farol. Vai ser mendigo. Você não vai encontrar uma pessoa para aquecer você. Você não vai. Por quê? Você não vai ter estrutura nenhuma. Você não tem onde morar, você não tem o que comer. Você vai fazer o que com ele? Vai pedir dinheiro na rua? Vai bater no moleque como eu já vi aí. A mulher puxando o moleque pela camiseta e gritando "moleque do caralho!". Dá um tapão na cara. Imagina esse moleque aí.

Que nem, eu tenho um sobrinho, tenho mó amor pelo moleque. Oh tenho um amor tão grande pelo menino, não tenho coragem de bater no moleque. As mãe aí, empurra o neném, o moleque caí. E ele vai fazer o que? Esse moleque vai ser o que, vai ser algo na vida, vai fazer uma faculdade? Ou será que ele vai vender bala no farol, vai ser ladrão.

Mas eu penso assim, Você não tem estabilidade para ter um filho. Se você vai transar com uma pessoa, e você sabendo que você não tem uma estabilidade, sabendo que não tem não onde cair morta, você vai dar para o cara, você vai deixar o cara gozar dentro?

Ah, mas uma baladinha sem calcinha, pum!

Mas acho que você tem que pensar assim: "Meu eu não tenho estabilidade". Ela sabe o que é um gozar, isso ela sabe, por que se ela não é mais virgem, ela sabe o que é gozar. Então ela vai falar "eu vou deixar ele gozar dentro para eu engravidar."

Sabe o quê que eu acho? Se ela foi mulher e homem de fazer, tem que ser mulher e homem de assumir. Porque a criança não tem culpa da mãe e do pai que tem. É uma vida? É. Eu não tenho filho, e não estou nem com planos de ter. Mas se um dia eu tiver um filho sozinha eu vou assumir, por que eu sou mulher de fazer e assumir.

E quantas mulher não larga?

Não, tudo bem. A questão da informação, meu, qual é a pessoa no mundo que não sabe que se não usar camisinha, se não tomar uma pílula, vai engravidar. é só uma conta.

Pera aí, agora pelo que eu to vendo, a maioria das mulheres aqui são contra. Primeiro, tem uma frase clássica: se os homens que engravidassem, o aborto já seria liberado.

Só complementar. Eu acho que tinha que ser a partir dos três meses. Até os três meses de gravidez, por que o feto não tá formado. Não tá formado?

Tá sim!

Tá formado?

Já.

Eu só sou a favor do aborto por caso de estupro ou de má formação do feto. De resto, oh, cada um tem o que merece, se você fez, você tem que assumir. Eu sou assim

Mas uma coisa...

Explica melhor aquela frase.

Por que, querendo ou não. Se você pegar para olhar, me fala onde tem mulher como presidente? Querendo ou não, do geral, se você olhar para cima, não to desmerecendo não, acho que ela tem o mesmo direito não. Mas 90% do pessoal que manda no Brasil, nos EUA, na Colômbia, em qualquer lugar, é homem. Por que as mulheres lutaram muito pelos direitos dela, e os homens que já estão lá em cima, com certeza iriam favorecer esse aborto. acho assim, que se os homens engravidassem o aborto já seria legalizado sim. Por que as mulheres não lutaram com força o suficiente para isso. e os homens, e as mulheres conservadoras, lutaram mais forte para segurar isso. Já teve movimento pró-aborto, e mais movimentos ainda contra o aborto. Eu só acho um absurdo levar em consideração dogmas da religião e da sociedade para você poder extinguir uma

lei no seu pai. Eu vou levar em consideração se Deus falou que é proibido matar para levar em consideração se eu posso abortar ou não? Sendo que até as três semanas o feto não tem sequer nervo, não tem como ser considerado um ser vivo, não tem capacidade de se reproduzir e falar, não tem sangue dentro dele, não. Não é racional você falar que você tá matando uma vida.

Mas você acha certo neste caso. Igual você falou, tudo bem, uma parte da gente concorda, tudo bem. Você sabendo que ela não tem condição, você no lugar dela, você sabendo que ela não tem um chão, vai entre aspas, não tem um serviço, não tem nada: você iria deixar o cara gozar dentro de você?

Eu tenho que admitir, eu não sei quantas minas já me enganaram, quando as minas estão gozando ou não. E aí? você tá lá com o cara e ele pode dizer "ah gozei", e você "ms já assim?". Ele não vai dizer, "quatro, três, dois um". Pode acontecer e pronto.

Eu sei, mas você sabendo que já tá bem quente, que já tá bem perto, que já tá pegando fogo. Todo mundo sabe o sentido que eu quero dizer. Ou você já tem uma camisinha com protetor, ou sei lá, você sai de cima...

Deixa eu só falar um negócio rapidinho. Oh, eu acho assim, tinha que ser liberado o aborto para quem quer abortar. Não obrigatoriamente, se você não tem uma estrutura você tem que abortar. Não. Você não quer ter um filho, você quer abortar, aí vai abortar. Se não sabe o que acontece? Ah, o cara vai ter um filho e joga ele no rio....

Se eu fosse presidente do Brasil. Não assim, eu sou a favor do aborto em partes. Seria legal se a pessoa quer abortar, comprova que você não tem uma renda, comprova que você não tem como criar seu filho, comprova que você tem uma mentalidade doida. Comprova isso...

É verdade. Mas sabe o que fica muito mais fácil: um homem, não é o que é o caso de vocês homens que estão aqui, eu acho que um homem demora mais para amadurecer a cabeça. A mulher não. Depende, tem as suas exceções. Mas fica muito fácil para um homem fazer um filho com uma mulher, uma menina, e cair fora, falar para abortar. Aí ele vai lá com outra e aborta, vai lá com outra e aborta. Entendeu, querendo ou não, se o aborto for liberado, vai acho que vai virar mania. O que vai ter de bebê dilacerado, no lixo, gente ninguém sabe.

E o que já não tem de criança abandonada?!

Tudo bem...

Minha mãe, ela tem um amigo que tem um orfanato, tá cheio de criancinha, recém nascido no orfanato.

Do mesmo jeito que tem mãe que não quer ter filho, tem um monte de família querendo adotar criança.

Numas partes eu penso que o aborto até poderia ser liberado, mas em que caso? Igual, eu já tive caso parecido, com uma menina que é uma amiga minha de muitos anos, que antes de ela ter a menina que ela tem agora, ela já teve que abortar umas duas ou três vezes, e ela não foi no médico para abortar. Ela fez aquele aborto que você toma chá de maconha, de buchinha, para poder ir e abortar. eu não acho isso certo.

Se ela não queria abortar, ela eu posso dizer que ela tem muita informação, por que na casa dela tem televisão, tem rádio. Então porque ela não usou camisinha?

Essas meninas, elas compram esses remédios, tipo citotec, que aborta. Mas sabe por quê? Você vai em um lugar que você paga neste remédio R\$ 200,00. Mas tem muita amiga minha que é enfermeira, eu tenho prima que tudo tem acesso, tem amiga minha abortando, até hoje.

Meu namorado, ele trabalha no hospital, e lá tem citotec e esses psicotrópicos, e um monte de gente, amigas, que vai pedir para informação para ele.

A minha amiga abortou numa clínica, no meio da Paulista. Olha só, a minha amiga, ela tava grávida de um cara, que ela sabia que ele não queria, ela tem 25 anos e o cara tem 42 anos. Ele

tem uma filha de 18 anos que ele não assumiu, E ela caiu na besteira de ter filho com ele. Aí o que acontece? Ficou naquela três meses, "vou ter ou não vou ter", você vai aceitar ou não vai, os dois são vizinhos, de frente para minha casa. Acabou acontecendo dele encher a cabeça dela para tomar citotec, são duas doses parece, ela tomou a primeira e se arrependeu. Foi no médico, o bebê tava perfeito, mas e agora, será que tava perfeito mesmo? Que o médico falou que não iria dar para ver se tinha ou não má formação. Aí ela sentiu muita dor, muita dor e tomou a segunda dose, o organismo não expulsou o feto, por que já tava de quatro meses. Fizeram a correria com um farmacêutico, acharam uma clínica lá na Paulista. O médico cobrou R\$ 2500, e tiraram o bebê. Ela viu totalmente o bebê, tava com uma má formação, não tinha nem uma massa cefálica, na verdade era um monstrinho. Eu acho que ela se sente culpada, se acha que uma mulher que aborta ela não tem consciência pesada depois, a gente tudo que a gente faz, tudo que a gente planta a gente colhe depois.

Deixa eu reforçar aquele negócio do citotec. Eu trabalhava numa empresa de moto-boy, a gente tinha contrato com o hospital Mário Covas, com hospital grande assim da parte do governo, a gente levava morfina, citotec, esses remédios forte que são extremamente controlado. Para você tirar um remédio daquele lá, você tem que ter uma receita D2 eu acho, a amarela. Aquela receita é da polícia federal, se você não tiver aquela receita você vai preso. Hoje em dia, tá tão controlado, que se isso aí estoura, dá problema.

Tem uma história de uma conhecida nossa. Ela tava grávida, até teve que ir embora. Segundo filho de um ex-namorado dela, que batia nela e tal. Aí quando, na segunda gravidez, ela veio atrás da gente, ofereceu dinheiro para ele, e aconteceu uma vez, aconteceu três e eu falei: "não! Não vou fazer parte disso". Ela até brigou com a gente, não fala mais com a gente, eu era muito amiga dela, mas por causa disso. Ela já teve neném, tá bem, fiquei sabendo. Mas não é a primeira vez que vem atrás da gente por causa deste remédio.

A pessoa que toma a primeira dose, já acabou. Por que é muito assim, uma oportunidade para o neném com a formação certa é quase impossível. Então tomou a primeira não tem jeito de se arrepender, por que vai nascer com má formação. E a pior culpa é a da mãe.

Por isso que eu acho que devia legalizar o aborto, em parte. Por que uma pessoa ela toma o remédio desses, se ela soubesse o mal que faz para o seu organismo um remédio desses, o que destrói.

É verdade.

Um monte de coisa, a primeira. Você falou R\$ 2500, pelo amor de Deus. Por isso que eu falei que todo o carnaval o cara acaba fazendo sem camisinha. No carnaval passado eu fiz. A mina achou que tava grávida e me disse: "você me dá R\$100,00 que é R\$100,00 para eu abortar", a mina falou na cara, e eu não tive o menor problema, na lata, sem o menor problema, eu sou totalmente a favor. E outra, você disse que se fosse legalizado iria ter um monte de neném no lixo, mentira. Se fosse legalizado, seria justamente o contrário, não iria ter um monte de menina morrendo por causa do aborto, por que iria ter médico especializado fazendo. E se for fazer como você falou, para quem não tiver condição pode abortar. Meu olha o país que a gente vive, se a mina tiver uma grana ela vai e paga para o médico e aborta.

Você viu aquela clínica que foi desmascarada no interior? A mina de ginecologista, o médico, tinha lá. E foi a polícia prender os caras, dez mil reais, o médico e a auxiliar de enfermeira. Só a mesa de ginecologista que a mina coloca as pernas, só aquela mesa lá, o bagulho todo fudido, e os aparelhos lá. Olha a situação que a mulher passa para fazer um aborto daquele lá, dois mil e não sei quanto também...

Sabe o que acontece, muito abordo de criança já formada, de sete meses, seis meses. Vocês não sabem o que a criança sofre, por que eles colocam uma manguerinha lá dentro e vai dilacerando

a criança, e ela sai em pedaços. às vezes as pessoas falam, "ah não sofre". Claro que sofre, imagine a dor que a criança sente, é uma vida gente!

Em relação a isso aí eu concordo. Mas é que nem eu disse, três semanas ainda, não tem nem nervo. Eu acho um absurdo seguir dogma de religião e da sociedade e não...

Mas sabia que é difícil uma mulher saber logo em seguida que está grávida, nas primeiras três semanas?

...Mas o quê que custa, transou sem camisinha, faz um exame. Um a semana depois que o óvulo fertiliza lá, que o óvulo vai parar no ovário, é o suficiente para o exame já pegar.

Deixa eu falar, a minha amiga, Aline, que estuda aqui de manhã. Ela tava grávida, e a menstruação dela vindo. Ela fez um teste de farmácia e deu positivo, a gente foi num posto, ela desesperada porque tava descendo para ela e ela tava já adiantada. Isso já fazia o que? Três meses. Fui com ela num posto, simplesmente a faxineira de um posto pegou um copo de café e falou, "você vai lá e urina" , ela foi e aí eles colocaram lá o teste, não era para fazer o teste de urina, era para fazer o exame, aí a mulher olhou e falou que ela não tava grávida. Ela foi para casa e no outro dia ela foi parar no hospital com aborto. Isso é falta de...

É negligência médica!

...É, totalmente. E o que acontece, você falou que a pessoa sabe que tá grávida depois de três semanas. Não dá para saber, por que tem mulher que mesmo grávida menstrua. E tem bebê que não é gerado no útero.

Tenho uma amiga que ela tava grávida e menstruou até os 5 meses.

Tenho um amigo, um "broder" mesmo, a gente nunca se separa. A namorada dele, ficou com ele, e depois de cinco meses ela tava achando que tava com gases e ela ainda tava menstruando. Ela foi no médico e contou para ele, cinco meses, já não tinha mais como abortar. Os dois são pró-aborto, mas naquelas que eu falei, pró-aborto até uma certa estágio. Eu acho que depois disso, tem o filho e dá para a doação. Eu concordo, que depois de tanto tempo, é vida, e vida é assassinato de qualquer jeito.

Mas você concorda comigo? Olha: a pessoa sai com você, eu to dando um exemplo, ela saiu com você à semana passada. Aí da uns quatro meses e a menstruação dela tá vindo normal, mas ela fala "pera aí, tem alguma coisa errada". Ela vai no médico e ele fala, "olha você tá grávida", e ela fala "não pode ser por que eu menstruei". Ela chega em você e fala "eu tô grávida de você", você vai acreditar?

Nem curto! Meu sonho é justamente não ter filho, por que eu vi o trauma que é, trauma não por que tem gente que gosta, minha mãe quer outro e ela que escolhe, mas meu, sei lá eu tô com 18 anos, pode ser que eu quando tiver 25 eu mude de idéia, mas eu tenho certeza, hoje na minha convicção eu não quero ter filho.

E naquelas, você sai com uma e quatro meses depois para de menstruar. Mas um tipo de mulher com um pouco de noção, um pouco de informação, não toma uma pílula depois quando sabe que gozou dentro? Que tipo de cara?

Mas deixa eu falar uma coisa, independente de gozar dentro ou não, eu sei de uma coisa que meu médico falou para mim. Antes de você iniciar a penetração, a cabeça do homem já tá produzindo os hormônios, e você sabe que chorra um pouco de esperma sem que você perceba, pode ser que nessa hora você fala "é só um pouquinho lá dentro" e coloca, depois você tira e põe a camisinha. Aí você goza e fala, tá aqui, e você pensa que a mina não pode engravidar de você por que você usou camisinha.

Eu concordo, mas tô falando assim, se você fez metade do sexo sem camisinha, pelo amor de Deus toma pílula no dia seguinte. Tenha um pouco de noção na cabeça.

Mas a pílula é isso ou também é a mulher, hein?

É verdade, igual à menina falou, se direto você tomar, prejudica, pode ser daqui dois anos, mas vai te prejudicar, faz o efeito contrário.

Eu comprei quatro vezes a pílula do dia seguinte.

Você encontrou fácil? Como foi, foi no posto?

Na farmácia.

Na farmácia. No posto eu acho que eles não dão.

Uma coisa que eu acho...

E agora tem várias tipo de pílula, tinha aquela antiga que você tomava em um dia e depois de não sei quantas horas você toma outra. Agora, tem umas que é uma só...

E tem outra coisa, que nem ela falou que não machuca, lógico que machuca. Até onde eu sei, que minha amiga me explicou, a pílula elfa literalmente faz uma segunda menstruação, uma coisa assim, que ela descasca todo o ovário por dentro e manda o óvulo junto, eu não sei...

O aborto nada mais é, me corrija se eu tiver errada, do que a descamação do que as paredes do útero, não é?

Então, a pílula faz exatamente esse mesmo efeito, e junto com a descamação vem o óvulo. Então, eu concordo, é um método abortivo, e é aceito pela sociedade, é um aborto e é aceito pela sociedade. Por que você não pode abortar depois? É que nem o álcool que é uma droga que é aceita pela sociedade. Por que o aborto não pode ser?

Eu acho assim mesmo que, eu hoje tenho relação sexual e amanhã eu tomo a pílula, eu acho que eu tô me prevenindo, por que...

Você tá se remediando.

...Tô, mas eu tô me prevenindo para não ter filho. Agora, uma coisa é eu saber que eu tenho um filho e pagar R\$ 500 pelo citotec, tem gente que dá R\$500 pelo remédio, vai lá e aborta. Eu acho que fica muito mais fácil você gastar quinze reais por mês com anticoncepcional do que você gastar quinhentos.

Tem uma colega minha, ela era minha amiga, e parece que ela tava grávida, e aí ele foi e comprou um remédio que custava R\$ 500 para ela poder abortar.

Sabe o que a irmã da minha amiga fez, ela tomou citotec, o bebê tava com 4 meses, aí ela foi no banheiro e aí do nada desceu. Sabe o que ela fez, olhou para o bebê, deu descarga e pronto, como se nada tivesse acontecido. Eu acho assim, se fosse comigo eu iria ter sérios problemas psicológicos.

Essa minha amiga que tomou o chá também, ela disse que foi no banheiro e saiu.

É que nem ele falou, chá de fita, vodka, álcool zulu, aquele...

Qualquer coisa que a mina não está acostumada, uma mina fraca, qualquer coisa mais forte, whisky, o próprio chá de fita que ele falou, pelo amor de Deus, qualquer tarja preta vai fazer um efeito absurdo.

Eu acho mais fácil você cuidar de uma criança saudável, por que pode muitas vezes acontecer da criança nascer com um problema sério, nascer com um problema sério, e você ficar com um problemática para o resto da vida, você tinha chance de ter uma criança saudável e por causa de você, você vai ter uma criança com problema para o resto da vida.

Eu quero fazer uma pergunta para vocês. Acho que essa coisa foi bem interessante, avançamos bem nessa idéia polêmica, foi muito legal.

Fizemos um debate que na sala a gente não consegue fazer.

Eu ia perguntar, essas coisas que vocês estavam falando, onde vocês têm oportunidade de conversar?

Eu em casa, com minha mãe. Na escola, qualquer um que me perguntar eu falo a mesma coisa. É que falta interesse dos professores, dos diretores.

Na escola rola? Com os professores?

Rola às vezes, entre meninas quando uma fala "ah minha amiga está querendo abortar", aí rola.

Entre?

Entre as mulheres, ou homens, se tiver no caso.

Eu tenho que falar que só vi duas vezes. É a terceira escola que eu estou estudando. Uma foi no "Fioravante", onde, como eu disse, eu sempre fui bem aberto com meu pai e com minha mãe, aí a gente ficou no canto da sala e eles perguntando e eu falando, e quem sabia também falava. E a outra, foi com meu professor de filosofia no Celso Gama, na terceira vez que eu tava fazendo o segundo ano, meu professor puxou o assunto e a sala começou a debater e a sala ficou bem assim, bem meio a meio, e era em relação à anticoncepcional e aborto. Tinha uma menina que defendia o uso do sexo sem camisinha, por que camisinha é o método que atrapalhava.

Mas fazer sexo sem camisinha é muito melhor.

É igual chupar bala com papel...

É ridículo isso velho...

Mas olha, em relação a fazer sexo com camisinha ou sem camisinha, é minha opinião, falar assim "olha não tem diferença", é mentira, tem sim diferença, mas é melhor usar camisinha do que pegar uma doença tipo a AIDS.

Não precisa nem ser a AIDS, você pode pegar um monte de coisa por aí.

Esse mesmo cara que agora é pai ele me disse "desencana, a primeira gonorréia a gente nunca esquece". Ai que horror. Por que mano, você sai com a menina, aí de repente você começa a ter uma coceira uns dias depois. Você não tem o que fazer, ou você se mata ou você vai ter mó vida sem graça. Por que você sabe o que é errado para você, você é o culpado. Ela por não ter falado assim "eu tenho gonorréia"...

Só no corrimento da mina você pega já.

É se você não tiver com o protetor, né.

Vocês acham que tem uma idade certa para transar?

Não.

Eu acho que não.

Se tiver gostando.

A partir dos 16 anos, que já tá formado, já está sendo uma mulher.

Não. Assim, a menina que, igual eu menstrui com 9 anos, a partir do momento que menstruou para mim já é mulher. Pode não ser na cabeça mas, o corpo é desenvolvido igual mulher.

Se liga, pede a Deus, formado é onze, wisk é doze, devagar é treze, de quatorze para cima eu tô pegando.

Quando, assim, você gosta da pessoa, se você acha que não vai se arrepender, acho que não tem limite de idade.

Mas me fala uma coisa agora, você sentiria prazer?

Eu sentiria prazer com um homem, não com mulher.

Um orgasmo? Com 16 anos?

Você não sabe nem o que fazer, diferente de um homem.

É verdade.

Por que tem muito moleque por aí...

Mas quanto moleques que sabem fazer? Tem quantos moleques por aí que nem sabe fazer?

Não, mas tem muito homem que se sente homem por que já catou um monte de menina, e de repente só penetrou e já sai falando "eu sou homem". Não, eu acho que a mulher procura muito um cara que satisfaça ela muito. Então no caso acho que seria mais homem e não moleque.

Mas isso não tem há ver com mentalidade.

A minha foi quando eu tive meu primeiro namorado e tive meu primeiro tudo, e eu estou com ele até hoje. E eu tinha o que? Eu conheci ele faltava um mês para fazer 15, foi quando tudo aconteceu. E a gente vai fazendo coisas novas, e vai mudando...

Eu falo para você, tem muita diferença. Eu só fui com duas pessoas, com meu ex-namorado, e com um cara que eu falei "eu tenho curiosidade e eu vou". Meu namorado é super moleção, e aquele cara, um homem, já tinha 24 anos. Ai eu fale "eu quero saber se tem diferença e quem vai me mostrar é você". E tem diferença sim.

Eu acho que tudo bem, você deu a sorte de pegar um cara de 24 que sabe fazer e um cara de 17 que não sabe. Mas não da pra generalizar, dizer que todo moleque de 17 não sabe fazer.

Meu ex-namorado tinha 28 anos, eu fiquei com ele acho que quase um ano, ele nunca me fez sentir prazer. Meu namorado tem 23, ele foi o primeiro cara que me fez sentir prazer. É uma coisa muito psicológica, é quando você sente confiança, quando você tem intimidade, é quando você pode se abrir com aquela pessoa, que você não sente vergonha. Tem que ter intimidade.

É verdade. Por isso que eu não vou num primeiro encontro com o cara. Eu quero, eu ainda eu tive mó decepção com meu primeiro namorado, foi meu primeiro tudo. mas o primeiro amor não quer dizer que foi o último. E ainda sou mais assim, procurar alguém que me passa confiança, para ficar, por que eu não sairia com qualquer um, eu não tenho coragem. Tipo aquele lance de rolezinho, ah o cara tá querendo, eu ainda quero encontrar alguém que eu possa falar "esse é o cara".

Ah eu já encontrei.

Eu ainda não, infelizmente.

Eu nunca encontrei esse cara.

Todos riem.

É isso que eu ia perguntar, para fechar. A gente falou de relação afetiva, sexual, mas heterossexual, do cara com a mina, da mina com o cara. O que vocês acham da questão dessa questão do homem que transa com outro homem? O que vocês pensam?

todos falam ao mesmo tempo.

Vamos começar por aqui.

Vocês falaram que tem 18, 18, 19, 18, né? acho que todo mundo aqui já tem capacidade e maturidade para saber que o que tá aqui fica aqui. Eu não tenho o menor problema de falar para os meus amigos que eu já fiquei com um cara, menor problema. Só tô falando de ficar por aqui por que na escola eu tenho medo dos outros saberem. Eu nunca transei com um cara, eu não tenho a menor vontade de fazer isso, mas essa de você ficar de besteira de "ah é diferente". É diferente nada, mulher também tem rabo. Foi mal o jeito de falar, mas é do jeito que a gente fala. Tipo, mulher também tem, mulher tem referências melhores que o homem. Você falou homem de 24, homem de 25, uma mulher de 17 tá tranqüila, por que uma mulher de 17 tem um único caso nela. Agora homem é mais difícil, eu concordo. Homem com homem é a mesma história, um cara de 17 que curte, vai sentir mais prazer mais com um cara de 17 do que com uma mina. Cada um... essa de heterossexual, homossexual, eu boto fé.

Você acha que mais por um conhecer o lado do outro, você acha isso? Tipo, por saber o que o outro que por ser homem também?

Isso, e por ter as mesmas sensações. Eu falando por mim, por que eu só sinto o que eu sinto né? Mas eu acho que nem todo o homem deve ter um senso geral do que o cara gosta. Eu não sei se tem ou não. Eu sou assim com a minha namorada, só faço o que ela gosta.

Mas você concorda assim que, assim...

Mudou geral.

...Eu acho que ninguém, tem pessoas que gostam de homem, eu não tenho nada contra, eu acho que cada um tem que buscar a felicidade, se a felicidade é ficar com homem, se você quer ficar com homem, eu não tenho nada contra. Eu sou a favor da felicidade. Mas em relação ao sexo, tem que ter os mesmos cuidados. Os mesmos, por que, eu acredito assim, Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem. Eu vou falar a real, a maioria dos homens, vocês são mulheres vão entender o que eu vou falar, o homem sempre quer sexo anal. Só que eu acho assim, a pessoa que faz sexo anal, gente vocês me desculpem mas eu acho, é minha opinião e eu vou expressar, eu acho que o cara que quer sexo anal ele é mais propício a gostar de homem depois. Se a mulher tem a frente na mulher por quê que o cara quer atrás? Isso é coisa praticamente de homem que gosta de homem.

E por que você vai vasa seu sexo de acordo com o dogma que a igreja põe na sua cabeça?

Não, eu não sou crente, eu não sou nada. Esse é um ponto que eu defendo, é minha opinião. Sabe por que eu falo isso? Por que o sexo anal, gente vocês não sabem, à medida que você vai tendo penetração atrás, o médico tava falando, o nervo vai estourando, fora que vai ficando largo à medida que você vai, né? Vai estourando e fica muito mais imune para você pegar uma doença. E você não sabe.

Eu concordo. Uma coisa que eu sei, com o sexo anal o canal anelar vai abrindo mesmo, isso é sem dúvida, mas não que você fique arrombado, vai arrombar se você fizer assim.

A questão não só de abrir, é que conforme você vai penetrando, vai abrindo, os nervinhos que a gente tem vai estourando. E aí o que acontece? Fica mais imune de agente pegar uma doença, é que nem uma menina menstruada.

Mas eu acho que é da hora ter né? Entendeu, uma coisa nova. Eu acho que tipo é legal. Mas, voltando àquela questão de homem com homem. Eu não tenho nada contra, nunca tive relações com um homem, não sei, mas tipo eu não tenho nada contra, cada um tem a sua vida independente, o cara não tá fazendo mal pra ninguém, nada contra, o problema é dele...

E se tiver do lado da gente. Pegando assim, um casal?

Eu não posso falar nada por que eu conheço, é que agora este mês eles não estão juntos, mas no meu aniversário eles estavam, tavam meio brigado. Eu tirei foto deles se beijando, se beijando na minha frente, é uma opinião que eu tenho. Mas se tem muita mulher que pode, para falar o português claro, tem muita mulher que dar o cú, por que o homem também não pode? Se ele gosta.

É uma forma de sentir prazer.

E menina com menina?

Eu acho assim, mulher pode sentir prazer de estar se beijando, de estar se agarrando com outra pessoa, mas eu acho que mulher não tem o mesmo prazer que um homem, por que o homem está colocando, e a mulher que não tem o que por?

Deixa eu falar uma coisa que é interessante.

Espera só um pouquinho que ele estava na fila.

Independente, que seja, se ta sentindo prazer sexual, isso é problema dele. Isso não vai influenciar o caráter da pessoa, por que tem muita gente que é homossexual, que você nem desconfia que o maluco é homossexual, e você nem sabe.

Quem vai falar aqui?

Quem vai falar. Independente, tipo em quatro paredes, independente de qual é o objetivo sexual dele, o que ele quer alcançar. Isso não vai mudar o caráter da pessoa, o trabalho, só por que ele é homossexual ele não serve para fazer aquela função. Então, esqueci o que eu ia falar...

Deixa eu falar uma coisa muito interessante?

Espera só um pouquinho. Você ia falar alguma coisa?

Não

Parece que você tinha comentado alguma coisa.

Nada, pode continuar aí...

Vai ser bem difícil achar um comentário preconceituoso ainda mais aqui no Américo. Onde tem lésbicas e gay para tudo quanto é lado, eles se movem sem o menor problema.

Não são agredidos será?

Nunca.

Vocês já perguntaram para eles, já?

Eu tenho vários amigos, eu vejo como é que é a situação.

Mas vocês já perguntaram para eles? Por que às vezes eles sentem e a gente não percebe.

É só você andar pela escola que você vai ver.

Só um olhar você já sente a pressão.

Gente, deixa eu falar uma coisa para vocês, oh. Na minha rua tem uma coisa muito interessante. De cem por cento dos homens que tem na minha rua, 65% são gays. Eu tenho muita amizade, eu tenho muito carinho por eles. Igual ele falou, eles trabalham, ele tem as coisas dele, eles falam "a gente não mexe com ninguém". Em relação a sexo, é claro que um homem vai procurar a trás em outro homem, por que não tem outro meio de fazer sexo, que outro meio ele vai fazer?

Eu acho uma coisa também. Eu acho assim: que um homem, a pessoa que é homossexual, ela já nasceu com um certo dom de homossexualismo. Sabe por quê? Meu primo quando era moleque, ele era terrível, eu era pivetinho e eu ficava só observando, ele ia, ia, sempre fazendo confusão. Um monte de moleque iam para dentro do ônibus. Até que um certo dia o pai dele... imagina como deve ser a dor gente? Você vai olhar o busão e uma par de moleque comendo seu filho. Certo? Tudo bem o moleque é homossexual, o pai e a mãe aceitou. Eu não converso com ele, não tenho amizade. Não critico, não sou preconceituoso, não tenho nada. Mas eu não converso, ele vai na casa da minha avó e eu não tenho diálogo nenhum com ele.

Por quê?

Por que eu não tenho. Eu não tenho a intimidade que eu tenho com meu tio, de ir tomar uma breja, com meu pai. A situação dele é isso aqui, tipo, sentar lá, que nem mulher mesmo, cruza as pernas, conversa não sei o que. Por que já tem, nasceu para aquilo.

É verdade, concordo com ele.

E você, se você tivesse um filho homossexual?

Eu iria aceitar numa boa, por que quem sou eu para falar o que ele vai ser? Não sou ninguém. Eu acho que tem que ser a pessoa que ela quer ser. Eu acho que tudo tem que se assim, você tem que procurar ao máximo ser feliz. Eu acho que é isso.

Você também acha isso?

Eu iria fazer de tudo para ele não ser.

Eu não aceito aquilo.

Se ele me tratasse assim, se eu percebesse, meio mulherzinha.

Você tem amigos homossexuais?

Uma coisa que ele falou. Mesmo que já fiquei com outro cara, eu tenho preconceito com bicha. É diferente do que com homossexual.

É verdade, com traveco é verdade. (não dá para identificar qual foi a menina que falou).

Não traveco não. Acho que é muito diferente você estar aqui comigo, por exemplo, meu você não consegue nem imaginar. Você está conversando comigo e eu saio daqui conversando de boa. Até

por que eu conheço ele há um ano, e você já imaginou alguma coisa? Nunca. Mano, agora, você está com....

Alguém interrompe a entrevista entrando gritando na sala.

Por isso que eu acho que esta questão de ser homossexual nasce. Aí as pessoas falam: aí virou. Ninguém vira, a pessoa nasce e se descobre. Os meus amigos, eu admiro muito eles, eles são gays, por que, assim.. Bruna eu não mexo com quem eu sei que não é do babado. Por exemplo, se eu sei que ele não gosta de homem, eu vou mexer com ele? Eu não vou. Por que eu sei que eu vou levar xingo. E isso mexe muito com o psicológico deles. Assim, teve o Hopy-Hari fechado só para gays e lésbicas, e eles foram na maior galera, mas voltaram todo mundo bêbado, todos chorando. Então eles são pessoas deprimidas, já deprimidas pela natureza deles.

Sabe por que também, ao mesmo tempo independe do pai e da mãe. A pessoa é homossexual, mas assim, independente, a pessoa é homossexual, mas a mãe não sabe, nem o pai. Ele chega na casa dele assim "oi, tudo bem? OI mãe, oi pai", aí ele sai e chora. Por quê? Não tem um diálogo.

Eu tenho um broder, um amigo meu, que ele, eu ainda estou meio assim, eu estou tendo que pensar neste modelo por que ele está apaixonado. Vou colocar desse jeito. Aí, ele sempre pensou em como iria ser para os pais quando eles descobrissem. Aí, ele chegou em casas chorando e o pai dele começou a brigar com ele por causa de louça, um bagulho assim, aí ele gritou com o pai dele "ah, ninguém me ama nesse mundo mesmo, afinal, já briguei com meu namorado, quê que dá brigar com meu pai?" (imita com voz fina). Aí o pai dele se tocou e foi falar com ele. E mãe dele foi um pouco indiferente, por que ele tava na saída da escola e a mãe dele foi buscar ele e, por coincidência, a mãe dele foi até lá naquele dia. Pensa, fez, tá lá e ...

Igual me tio mano, catou o moleque e vários malucos. Tipo no busão, em baixo do busão tem uma entrada. Vixi, catou o moleque lá, o moleque de quatro. Mas olha só qual que é o moleque desde pequeno. Tipo assim, minha prima ia brincar, eu não brincava com ela, ele já brincava de casinha, de bonequinha.

Eu tenho um amigo que ele é gay, ele brincava de elástico desde pequeno, era brincadeira de arrumar cabelo. Eu tive um tio gay que por falta de informação na época, ele morreu de AIDS. Porque? Assim, não sei se foi falta de informação, por que quando ele morreu eu tinha seis meses, mas minha mãe disse que não tinha nem coquetel na época.

E esse negócio de AIDS também é uma coisa muito preconceituosa.

Eu também acho.

Por que você acha?

Por que assim, a seguinte situação: a pessoa tem AIDS, tipo o Boi tem AIDS, aí só por que ele tem AIDS eu não vou sentar perto dele. Por que, nossa ele tem AIDS. Entendeu? Vou me afastar dele por que ele tem AIDS. Como ele tem AIDS, eu não vou beber no copo dele só por que ele tem AIDS. Só que a AIDS não é assim que pega. Não é pelo copo, pelo contato se você apartar a mão, não é assim.

Olha só, não é falta de informação. É as pessoas não quererem ver que é preconceito e não querer saber da informação.

É preconceito, o brasileiro é muito preconceituoso. No geral. Ah, de homossexualismo, de tudo. O brasileiro é muito preconceituoso.

Uma coisa, ela disse assim, acho que todo mundo, que já nasce com o gen do veado. eu não boto fé. Eu nunca brinquei de boneca com minha irmã, nunca fiz nada disso. Sempre fui de jogar bola.

Deixa eu fazer uma pergunta?

Eu acho que é mais uma curiosidade, acho que é mais uma fase. Na minha opinião.

Escuta, deixa eu te fazer uma pergunta: você se considera gay?

Bissexual.

Ah tá.

Mas não é uma coisa onde você vai ficar tipo "ah!!"...

Na real, pensa. O único cara que eu fiquei foi unicamente para fazer para poder fazer ciúmes para as minhas amigas. Pensa no que é isso. No Galeão ainda. Aí eu estou lá, a mina passa, sai um moleque para falar comigo, e todas as minas passam e olham para ele, "ah ele não quer ficar comigo, mas as meninas da escola inteira querem ficar com ele". Aí eu tirei ele de canto e fiquei com ele. Mas foi por curiosidade, eu achei ridículo, sei lá foi muito ruim. Mas depois, deu uma curiosidade, aí eu fiquei de novo e gostei. Eu não acho que é como ele falou, que não bate o tesão. Na hora mano, bate, é bom.

Eu acho que a pessoa que já é curiosa, ela já está se descobrindo. Por que igual eu, eu tenho amigas lésbicas, mas eu nunca tive interesse nenhum de ficar com elas. Mas não é por que eu, é por que tipo, não é para mim. Eu respeito, assim, a opinião delas, dos meus amigos gays, mas desde que eles respeitem a minha opinião também.

Uma coisa que eu sempre escuto, e é a maior mentira que eu vejo, é que parada GLS não tem discriminação, ou então que parada GLS todo mundo tem respeito. Respeito nada, mano é ridículo, os caras chegam te tacam na parede e não querem saber se você tem nome não. Te arremessam e pronto e acabou, você tem que empurrar mesmo. Sabe aquelas baladas de punk que os caras chegam "e aí tem jeito?", a mesma coisa. Acho que é um preconceito, é a mesma coisa que colocar aquelas cotas na faculdade. É ridículo, é preconceito, por que meu, você vai julgar a sociedade homossexual por causa que você foi num lugar e te fizeram assim. Você tá aqui em São Paulo, você vê que os gays vão na cara, aí você vai para Santa Catarina e vê que os gays são mais de boa, vai para Alagoas e vê que não tem veado, ou pelo menos você não consegue ver eles. Assim, eu acho que...

Por que em Alagoas a coisa é mais assim, igual, em Fortaleza, esse gay que eu conheço é lá de Fortaleza, então lá eles são assim se eles souberem que tem um gay eles matam. Então lá eles não podem, como posso dizer, demonstrar. Por que, o meu amigo, ele até vai no salão onde minha mãe trabalha, ele fala que eles são mais reservados, que a balada deles é bem mais reservada, por que se sabem que ele é gay, vai lá e matam ele. Que lá em Fortaleza ainda tem muito preconceito, é por isso.

Sabe o que eu acho? Eu acho que se você é gay, você tem que ser o que é e se aceitar, acima de qualquer coisa.

O negócio não é você se aceitar, já escutou falar em Ku Klux Klan, ele não tava nem aí se você gostava de ser preto, ele te matava. É a mesma coisa que eu falo, que a família do meu pai é totalmente a favor...

Mas o que eu falo é quando a pessoa que é gay não admite para si mesmo que é gay. O preconceito está com ela mesma. Eu acho assim, eu sou gay, eu vou admitir para mim que eu sou gay.

Mas é igual, a mesma coisa, se você está lá na cidade onde ele mora. Você vai se admitir? Ser gay na frente de todo mundo sabendo que você pode morrer por que você é uma coisa.

Por isso que eu falo, o brasileiro é extremamente preconceituoso.

Nós vamos ter que fechar, que nós temos intervalo. Mas termina, fala.

O brasileiro é extremamente preconceituoso, de todas as partes, é o que eu acho. Se você é favela, se você é preto, se você tem uma doença, tudo, drogado, religião principalmente.

Uma coisa que me impede de eu falar para todo mundo que eu sou bissexual, é por que uma coisa que eu assumi a três quatro anos atrás é que eu sou ateu.

Mano do céu. O que é para quem é ateu! Você veio como? Da terra? Da semente, da cegonha?

E o que te leva a acreditar em Deus? A minha pergunta é essa, e cara, eu estudei anos para debater isso, eu posso debater com você de boa.

Todos falam ao mesmo tempo.

Mas pera aí, o preconceito que eu estou falando é o seguinte, eu sofri muito por admitir que eu sou ateu, em especial em casa. Meus amigos me aceitaram, foi uma beleza, meus colegas aceitaram, gente que não é especial, foi tranquilo. Mas em casa é uma tristeza, minha avó até hoje não admite. Então isso me impede, assim, de admitir que eu já fiquei com outro cara. Não é uma coisa que eu corro atrás, acontece.

E você fala de dogmas religiosos, dessa coisas da igreja, do que ela fala como sendo a verdade. Na prática as pessoas obedecem o que as igreja fala?

Nunca. Você pode ver o próprio pessoal...

Vocês acham também?

Eu não sou de religião nenhuma, mas eu acredito em Deus. Eu já não sou de religião nenhuma por que tem um monte de coisa da igreja evangélica que eu acho errado, e da católica então nem se fala. É uma coisa minha eu posso estar errada, mas eu acho errado adorar santo, esse tipo de coisa eu acho errado. Então eu acredito que Deus é só um e eu acredito que ele existe. e independente, como eu estava falando, independente de qualquer coisa, eu acho que as pessoas têm que respeitar a opinião dele, de se ateu.

É lógico, cada um tem a sua vida, sua opinião. Eu acho o seguinte, nesse fato da religião, eu sou uma pessoa católica, graças a Deus. Já fui muito louco já, já dei minhas cabeçadas. Já fui muito locão já. E, tipo, o que me ajudou e está me ajudando é a igreja. Não sou uma pessoa de dizer, que tipo eu vou lá, mas quando eu chego lá tem os bancos de oração, os moleques já vem lá embaixo todo mundo, tipo, dão uma ajuda para você.

Aí não vira mais um grupo de ajuda do que uma religião?

Não, eu acredito muito em Deus meu filho.

Até por que sua religião, a católica, ele prega o sexo só depois do casamento, contra o uso de preservativo.

Mas eu vou lá para ouvir a palavra de Deus que serve para mim. Não para acatar o que eles estão falando.

Então você separa o que é bom para você e o que não é da própria igreja. Por que se fosse assim, de acordo com o que sua religião diz, foi Deus quem... Deus disse para um cara e esse cara escreveu na própria Bíblia. Então cada palavra que está lá, você tem que ser coerente a ela no que você falar...

Velho, vou falar uma coisa, você que é ateu você deve entender, como que os profetas, os cara lá, escreveram a Bíblia, você acha que está tudo certo?

Lógico que não, nunca.

Você acha que Deus botou a mão assim por cima do profeta e disse "você vai escrever isso, isso e isso"?

Nunca.

Por isso que eu falo, você tem que adquirir o que é bom para você o que vai fazer um bem estar para você.

É o que você acredita. Igual ele acredita que não existe Deus, eu acredito que existe, mas eu não sou adepta de nenhuma religião.

Eu também não sou adepta de nenhuma religião, tipo eu vou à igreja, eu creio muito em Deus. Mas é igual esse caso que aconteceu na novela, como eu tava falando aqui, aquilo que aconteceu na novela mostra muito os crentes que são assim. Por que? Tem muito crente que usa a palavra de

Deus, para impor muita coisa. Igual esse pessoal que fala assim: Ah, eu sou de tal igreja, eu não posso cortar o cabelo que Deus disse que eu não posso cortar o cabelo.

Deixa eu falar uma coisa.

O que aconteceu na novela?

A menina com preconceito pelo gay.

Ah.

Aí a menina fala assim "eu não posso usar saía por que Deus falou". É igual à filha da minha madrinha falou, está escrito na Bíblia, foi o que me falaram por que eu não sou de ler Bíblia, que deus falou que você tem que ir conforme os tempos. Então eu penso assim, todo mundo coloca coisas como se fosse Deus quem falou, tipo assim, ai você não pode usar preto por que Deus falou...

Deixa eu falar, sabe o quê que eu acho, que tudo que está errado é a igreja, e a fé não está na perna que depila, não está na axila que você depila, não está na maquiagem que você fala.

Mas eu vou falar uma coisa, infelizmente o mundão está perdido e é ai que está o lance.

Mas olha o que aconteceu, eu estava na Perimetral e tinha aquelas mulheres pregando, sabe? Aí a mulher passou assim, eu estava passando, eu estava todo de preto, todo roqueiro mesmo, aí uma mulher passou do meu lado e disse "você, Deus vai te encaminhar". Eu respondi para ela que eu não acredito em Deus. "Não acredita? Deus não te ama, Deus me ama por que eu estou crente por ele." Aí depois de eu escutar isto eu fui e dei uma resposta do tipo "desculpa, Deus te ama, mas ninguém te como fia". O quê que eu vou fazer. Ah meu, acho que é preconceito demais.

O quê que vocês acharam dessa conversa toda hein?

Muito legal. Eu posso contar para o meu pai também?

O quê que é isso o responsável legal? Precisa?

Quando que a gente vai pegar uma cópia disso?

Não, não precisa. Responsável lega é só em caso de menor de idade. Como vocês se sentiram?

Quando que a gente vai conseguir uma cópia disso?

Documento de identidade.

Ah, eu gostei, acho da hora. Eu gosto desse tipo de debate. Eu gosto de política também, quando tiver um debate de política pode me chamar.

Eu só vou saber depois, quando, tipo, isso sair daqui ou não para escola. Aí eu vou saber como eu me senti.

V – Aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Santo André.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ
Secretaria de Saúde
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Parecer 44/2008

Santo André, 12 de março de 2008.

Prezada Senhora

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde de Santo André **APROVOU**, de acordo com a resolução 196/96, o protocolo de pesquisa “**Masculino e Feminino: a primeira vez - a análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência**”, registro 44/2008 – CEP/SSSA, de autoria da pesquisadora: **Silmara Conchão**.

Salientamos os seguintes aspectos a serem considerados pela pesquisadora:

- 1) O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Res. CNS 196/96).
- 2) A pesquisadora deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.
- 3) O relatório final da pesquisa deve ser apresentado ao CEP, logo que o estudo estiver concluído.

Atenciosamente

Dr. Nivaldo Carneiro Junior
Coordenador do CEP - SSSA

VI - Diário do Grande ABC, setembro de 2007: “*Santo André quer que meninas solicitem prescrição ao médico*”

Santo André quer que meninas solicitem prescrição ao médico

▼ Há diversos programas de orientação sexual e prevenção de gravidez na adolescência implantados na região.

Em Santo André, a administração pretende dar autonomia às adolescentes para que, por conta própria, possam solicitar ao médico a prescrição de anticoncepcionais.

Uma comissão de especialistas está preparando um documento baseado nos direitos sexuais e reprodutivos das adolescentes.

“Hoje, o médico tem receio de prescrever um medicamento para garotas de 12 a 18 anos. Esse protocolo visa orientá-lo e estabelecer um respaldo legal para que esse procedimento possa vir a acontecer”, explica coordenadora do Programa de Saúde da Juventude da Secretaria de Saúde de Santo André,

Silmara Conchão.

Em São Bernardo, o coordenador do Caism (Centro de Atendimento Integral à Saúde da Mulher) Rodolfo Strufaldi explica que no Ambulatório Infanto-Puberal as jovens recebem tratamento diferenciado. “Além da queixa que elas trazem, os ginecologistas tratam de métodos contraceptivos e isso favorece a queda nos índices de gravidez”, diz Strufaldi.

Em São Caetano, meninas que dão à luz pela primeira vez saem da maternidade com um implante contraceptivo cuja duração é de três anos.

Em Ribeirão Pires, há um projeto piloto de capacitação de jovens para que passem informação à comunidade. Diadema fornece métodos anticoncepcionais em todas as unidades básicas de Saúde.. **IMC**

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)